**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**Conectores de causa e condição
em fóruns de discussão na
Internet**

KARIN GUTZ INGLEZ

São Paulo

2007

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**Conectores de causa e condição em fóruns de
discussão na Internet**

KARIN GUTZ INGLEZ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: PROFA. DRA. MARIA LÚCIA DA
CUNHA VICTÓRIO DE OLIVEIRA ANDRADE.

Co-orientador: PROF. DR. HARDARIK
BLÜHDORN.

São Paulo

2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Inglez, Karin Gutz

Conectores de causa e condição em fóruns de discussão na Internet / Karin Gutz Inglez; orientadora Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade; co-orientador Prof. Dr. Hardarik Blühdorn.

-- São Paulo, 2007.

379 f. : fig.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Área de Concentração:) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Conectores textuais.
2. Gênero discursivo.
3. Fórum eletrônico.
4. Orkut.

À Camila, ao Marcelo e a meus pais

Esta tese é fruto da colaboração de muitas pessoas, gostaria de agradecer especialmente:

A meus dois orientadores, Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade e Prof. Dr. Hardarik Blühdorn, pela orientação e pela amizade ao longo de todos esses anos.

Aos professores Dra. Maria Aparecida Torres e Dr. Waldemar Ferreira Netto, pelas sugestões durante o exame de qualificação.

À pequena Camila, por me ensinar o sentido da vida, alegrando e iluminando essa difícil trajetória.

Ao querido Marcelo, pelo amor, paciência e dedicação com que me acompanhou nesta etapa.

A meus pais, pelo carinho, apoio e estímulo que tornaram este trabalho possível.

A meu irmão, pelo incentivo e companheirismo de sempre.

À Alessandra Sevilla Gonçalves e à Eliane Otani, pela ajuda com a revisão da tese e, principalmente, pela amizade.

Agradeço ainda à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro sob a forma de bolsa de doutorado.

RESUMO

O propósito desta tese é estudar os conectores de causa e condição em fóruns eletrônicos de comunidades do Orkut. Esta pesquisa integra o projeto *Gramática contrastiva alemão-português: conectores*, realizado no Institut für Deutsche Sprache (IDS), em Mannheim (Alemanha), e apresenta os primeiros resultados da aplicação do modelo teórico que fundamenta as investigações para a constituição dessa gramática em um *corpus* inteiramente em língua portuguesa. A natureza argumentativa do fórum eletrônico propicia uma grande incidência de conectores de causa e condição e viabilizou a aplicação do modelo para a investigação desses recursos. Além disso, ao analisar os conectores textuais presentes em fóruns eletrônicos do Orkut, esta tese procura contribuir com os trabalhos destinados à caracterização da versão digital do gênero discursivo fórum de discussão e intensificar os estudos sobre as interações virtuais realizadas na rede de relacionamentos Orkut. Dessa forma, este estudo vincula-se também a um segundo projeto de pesquisa: *Oralidade e escrita: características e usos dos gêneros midiáticos*, desenvolvido no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP).

Os resultados encontrados a partir da análise dos dados demonstram a aplicabilidade do modelo teórico adotado para estudos em língua portuguesa e as contribuições que pode oferecer para a compreensão do funcionamento sintático, semântico e discursivo dos conectores de causa e condição. Em relação ao gênero discursivo fórum eletrônico, a análise evidencia que algumas características já identificadas por outros pesquisadores, como a argumentatividade e a escolha do registro informal em interações virtuais, também podem ser observadas nos fóruns eletrônicos do Orkut. No entanto, a característica essencial dos fóruns de promover a discussão em torno de uma questão social controversa em busca de uma solução coletiva (cf. Xavier e Santos, 2005) parece estar mais rarefeita nos fóruns que se realizam nessa rede de relacionamentos.

Palavras-chave: Conectores textuais. Gênero discursivo. Fórum eletrônico. Orkut.

ABSTRACT

The main purpose of this thesis was to investigate the cause and conditional connectors in e-forums within the Orkut social network service, under the frame of the project *German-Portuguese Contrastive Grammar: connectors*, carried out at the Institut für Deutsche Sprache (IDS), in Mannheim (Germany). It presents the first results of the application of the theoretical model of this grammar to a *corpus* entirely in Portuguese language. The argumentative nature of the e-forum provides a great incidence of cause and condition connectors, particularly attractive for the investigation of the resources and limitations of the model under evaluation. Moreover, by analyzing the textual connectors in Orkut's e-forums, this thesis aims to contribute to the recent investigation trend on the characterization of the electronic version of discussion forums and to intensify the studies of virtual interactions carried out in Orkut. Therefore, this research fits also to a second research project: *Orality and writing: characteristics and uses of media genres*, developed at the Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP).

Data analysis demonstrates the applicability of the model under evaluation to studies on the Portuguese language and the contribution that it can offer to the understanding of the syntactic, semantic and discursive functions of the cause and condition connectors. Regarding the e-forum genre, some characteristics which have already been identified by other researchers, such as the argumentativeness and informality of the texts, were observed in Orkut's e-forums as well. However, the forums essential characteristic of promoting a discussion around a controversial social issue in search of a collective solution to a given problem (Xavier e Santos, 2005) seems to be dissipated in the forums of this particular social network service.

Keywords: Textual connectors. Discourse genre. E-Forum. Orkut.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1 Os conectores textuais.....	15
1.1 Conectores textuais como recursos de coesão e coerência.....	15
1.2 O modelo para estudo dos conectores	32
1.2.1 Classificação sintática	33
1.2.1.1 Traço i.....	34
1.2.1.2 Traço ii	36
1.2.1.3 Traço iii	37
1.2.1.4 Traço iv	42
1.2.1.5 Exemplificação.....	43
1.2.2 Comportamento semântico	46
1.2.2.1 Categoria dos objetos relacionados pelo conector	47
1.2.2.1.1 Entidades de primeira ordem	47
1.2.2.1.2 Entidades de segunda ordem	47
1.2.2.1.3 Entidades de terceira ordem.....	48
1.2.2.1.4 Entidades de quarta ordem	49
1.2.2.1.5 Os domínios e os recursos da língua	51
1.2.2.1.6 Conexões	54
1.2.2.1.7 Identificação do domínio.....	57
1.2.2.2 Tipos de conexão.....	66
1.2.2.2.1 Relações de similaridade.....	67
1.2.2.2.2 Relações de situamento	67
1.2.2.2.3 Relações condicionais	68

1.2.2.2.4	Relações causais	73
1.2.2.3	Sistema das relações semânticas.....	74
1.2.2.4	Valor modal.....	79
1.2.3	Categorias de conectores.....	91
1.2.4	Distribuição dos <i>relata</i> intra ou interturno	111
1.2.5	Diálogo com outros modelos	113
2	Caracterização do <i>corpus</i>	147
2.1	Linhas de estudo dos gêneros discursivos	147
2.2	Gêneros eletrônicos.....	163
2.3	Orkut.....	171
2.3.1	Dados estatísticos	171
2.3.2	Características gerais do Orkut.....	178
2.3.3	Fóruns eletrônicos em comunidades do Orkut.....	185
2.3.4	Fóruns eletrônicos que compõem o <i>corpus</i>	194
3	Análise do <i>corpus</i>	203
3.1	Compilação dos dados	203
3.2	Exposição dos resultados	205
3.3	Resultados da análise sob a perspectiva dos conectores	206
3.3.1	Conectores <i>versus</i> classificação sintática	206
3.3.2	Conectores <i>versus</i> domínio semântico	214
3.3.3	Classe sintática <i>versus</i> domínio semântico.....	226
3.3.4	Conectores <i>versus</i> tipo de relação	230
3.3.5	Classes sintáticas <i>versus</i> tipo de relação.....	234
3.3.6	Categorias de conectores.....	237
3.3.7	Classe sintática <i>versus</i> categorias	263

3.3.8	Valor modal	265
3.3.9	Disposição dos <i>relata</i>	273
3.4	Resultados da análise sob a perspectiva do gênero fórum eletrônico.....	285
3.4.1	Variedade de conectores.....	285
3.4.2	Estrutura composicional dos textos	293
3.4.3	Causalidade <i>versus</i> condicionalidade	304
3.4.4	Conexões intra <i>versus</i> interturno.....	310
	Considerações Finais	320
	Referências Bibliográficas	326
	Anexo A (Fóruns de Discussão)	I
	Fórum Orkut 1.....	II
	Fórum Orkut 2.....	VI
	Fórum Orkut 3.....	XI
	Fórum Orkut 4.....	XV
	Fórum Orkut 5.....	XIX
	Fórum Orkut 6.....	XXIII
	Fórum Orkut 7.....	XXVII
	Fórum Orkut 8.....	XXXI
	Fórum Orkut 9.....	XXXVI
	Fórum Orkut 10.....	XXXX

INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado insere-se em dois projetos de pesquisa. O primeiro é o projeto *Gramática contrastiva alemão-português: conectores*¹, que faz parte do *Forschungsschwerpunkt Konnektoren* (Núcleo de pesquisa sobre conectores) do Institut für Deutsche Sprache (IDS), em Mannheim (Alemanha). Coordenada pelo Prof. Dr. Hardarik Blühdorn, co-orientador desta tese, a pesquisa contrastiva sobre conectores no IDS tem o objetivo principal de estudar a sintaxe e a semântica dos conectores de língua alemã e de língua portuguesa (sobretudo do português do Brasil).

Os métodos utilizados nesse projeto são descritivos e fundamentam-se em dados empíricos. Os dados analisados são provenientes dos *corpora* do IDS², para o alemão, e, para o português brasileiro, do NURC (Norma Urbana Culta) e do COMET (*Corpus* Multilíngüe para Ensino e Tradução), ambos organizados por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP). Além desses *corpora*, são também utilizados dados coletados na Internet, como no caso desta tese, que tem por *corpus* exclusivamente dados dessa fonte.

Com base nos dados dos *corpora*, os pesquisadores do projeto vêm realizando um levantamento dos conectores das duas línguas, uma apuração das características sintático-semânticas desses elementos e a documentação do uso desses recursos no discurso (oral e escrito).

O modelo teórico que fundamenta o estudo dos conectores no projeto foi elaborado por Blühdorn (2001, 2003, 2006a, 2006b, 2007) e apóia-se principalmente

¹ Mais informações sobre esse projeto de pesquisa podem ser obtidas no *site*: http://www.ids-mannheim.de/gra/sprachvergleich_port.html.

² Informações sobre esses *corpora* podem ser encontradas no *site*: <http://www.ids-mannheim.de/cosmas2/>.

em trabalhos de Pasch et al. (2003), Lyons (1977), Langacker (1987), Sweetser (1990), Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993).

A escola de estudos de conectores de Mannheim originou-se nos anos de 1990 com o projeto de pesquisa *Handbuch der deutschen Konnektoren*³, coordenado por Renate Pasch e, desde 2004, por Eva Breindl. A primeira etapa do projeto resultou na publicação do primeiro volume da obra *Handbuch der deutschen Konnektoren* (2003). A segunda etapa, ainda em andamento, procura elaborar uma teoria semântica dos conectores. Os primeiros resultados dessa pesquisa foram publicados por Blühdorn, Breindl e Waßner (2004) na obra *Brücken schlagen Grundlagen der Konnektorenssemantik*. Atualmente, os estudos semânticos da escola de Mannheim são conduzidos por dois grupos separados. O primeiro, composto por Breindl e Waßner, dá continuidade ao projeto *Handbuch der deutschen Konnektoren*. O segundo, coordenado por Blühdorn, realiza pesquisas para a constituição da gramática contrastiva alemão-português.

Esta tese segue o modelo teórico adotado no projeto de Blühdorn e apresenta os primeiros resultados da aplicação desse modelo a um *corpus* inteiramente em língua portuguesa. Ao aplicá-lo, procura-se apontar algumas contribuições que o modelo traz para a compreensão do funcionamento dos conectores de causa e condição em língua portuguesa.

Para realizar este estudo, o modelo adotado foi empregado na análise de conectores de causa e condição presentes em fóruns eletrônicos de comunidades do Orkut. A natureza argumentativa do fórum eletrônico propicia uma grande incidência de conectores de causa e condição, viabilizando a aplicação do modelo desenvolvido por Blühdorn para a investigação desses recursos.

³ Mais informações sobre esse projeto de pesquisa podem ser encontradas no *site*: <http://www.ids-mannheim.de/gra/konnektoren/>.

Outra motivação para a escolha desse *corpus* foi o fato de, paralelamente, esta tese também se inserir em um segundo projeto de pesquisa. Trata-se do projeto *Oralidade e escrita: características e usos dos gêneros midiáticos*, que se iniciou em março de 2004. Esse projeto é coordenado pela orientadora desta tese, Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (USP-SP), e pela Profa. Dra. Leonor Lopes Fávero (USP e PUC-SP) e tem por objetivo investigar as práticas discursivas em língua portuguesa, identificando seus processos de construção textual nos discursos veiculados na mídia impressa, digital, televisiva e radiofônica. As bases teóricas que orientam os estudos nesse projeto são a Lingüística Textual, a Análise da Conversação, a Análise Crítica do Discurso e as Teorias da Enunciação (dentre elas, o estudo dos gêneros discursivos de Bakhtin).

Algumas publicações recentes de destaque desse projeto são: *O ensaio jornalístico e a representação da ideologia* (Andrade, 2005b), *Textos construídos na internet: oralidade ou escrita?* (Andrade, 2005a), *Cartas do editor em revistas brasileiras: marcas de envolvimento* (Andrade, 2007), *Diálogos na mídia: o debate televisivo* (Aquino, 2005), *Reflexões sobre a argumentação no discurso político* (Aquino, 2005), *Crônica de Lima Barreto: dialogismo fala/escrita* (Fávero, 2005) e *A linguagem radiofônica: a interação locutor/ouvinte* (Fávero, 2007). Dentre os temas de pesquisa do projeto mais relacionados a esta tese, estão: *Orkut: o hipertexto da socialização* (Toscano, 2007), *A influência da linguagem dos chats em bilhetes trocados por alunos em sala de aula* (Batista, 2005), *A construção do discurso no gênero entrevista com convidados na Internet* (Carvalho, 2005) e *Discussões on-line – estratégias de argumentação* (Carvalho, 2005).

Ao analisar os conectores textuais presentes em fóruns eletrônicos do Orkut, procura-se contribuir com as investigações recentes destinadas a caracterizar

a versão digital do gênero fórum de discussão. Além disso, a escolha de fóruns realizados especificamente no Orkut se deu em razão de haver ainda raros estudos sobre as interações virtuais que se realizam nessa rede de relacionamentos, embora se trate do *site* mais acessado no Brasil na atualidade⁴.

Dessa forma, pretende-se colaborar com o segundo projeto de pesquisa no qual esta tese se insere, apresentando considerações sobre o funcionamento de um dos novos gêneros discursivos existentes na mídia eletrônica.

Para cumprir com esses propósitos, esta tese foi organizada em três grandes capítulos. No primeiro capítulo, são descritos os principais fundamentos sintáticos e semânticos do modelo para estudo dos conectores desenvolvido por Blühdorn, com as adaptações necessárias para a sua aplicação nesta tese. De modo a facilitar a compreensão do modelo, o capítulo também conta com uma breve exposição das correlações que podem ser feitas entre o modelo adotado e outros estudos de destaque sobre o funcionamento dos conectores, sobretudo em relação àqueles que se detêm à análise desses recursos no português brasileiro.

No segundo capítulo, é feita uma caracterização do *corpus* desta pesquisa. Inicialmente, procura-se situar a análise do gênero fórum eletrônico no contexto dos estudos sobre gêneros discursivos e, mais especificamente, sobre gêneros discursivos na Internet. Na segunda parte do Capítulo 2, são descritas algumas características da rede de relacionamentos Orkut e, principalmente, dos fóruns eletrônicos que se realizam em suas comunidades e que compõem o *corpus* desta tese.

No terceiro capítulo, são realizadas a análise e a interpretação dos resultados encontrados. Na primeira parte do capítulo, os resultados são

⁴ Conferir levantamento realizado pela companhia internacional de comunicações alexa.com, apresentado no item 2.3.1.

apresentados sob a perspectiva dos conectores e são discutidas as regularidades que o modelo permite observar no funcionamento sintático, semântico e discursivo desses recursos. Na segunda parte, a partir do comportamento dos conectores, são identificadas algumas características do gênero fórum eletrônico em sua manifestação no Orkut.

Por fim, é apresentada uma breve avaliação desse primeiro emprego do modelo de Blühdorn para análises em língua portuguesa e das especificidades que puderam ser detectadas no gênero fórum eletrônico.

1. Os conectores textuais

1.1 Conectores textuais como recursos de coesão e coerência

Os conectores textuais inserem-se numa complexa rede de recursos que estabelecem a coesão e a coerência textuais. Os princípios de coesão e coerência têm sido discutidos desde os estudos pioneiros da Lingüística de Texto, na década de 1960⁵. A seguir, apresenta-se um breve levantamento de como esses conceitos vêm sendo abordados por alguns estudiosos representativos desse campo de investigação, procurando descrever a maneira como os conectores contribuem para a construção da textualidade.

Um dos clássicos estudos sobre coesão textual é a obra *Cohesion in English*, de Halliday e Hasan (1976). Esses autores definem a coesão textual em termos semânticos. Para eles, o texto é “uma unidade de língua em uso” (p.1). Trata-se de uma unidade semântica de significados e não de formas. A textualidade, por sua vez, expressa a propriedade de um bloco de idéias ser efetivamente um texto e resulta da associação de duas configurações: o registro e a coesão.

O registro corresponde às configurações semânticas associadas a certos contextos situacionais e que definem a substância do texto: o que ele significa em termos sociais, expressivos, comunicativos e representacionais (cf. Halliday e Hasan, 1976, p.26). A coesão é o conjunto de relações de sentido presente em todos os tipos de texto e que caracteriza o texto como tal. Veja-se a afirmação dos referidos autores:

The concept of cohesion is a semantic one; it refers to relations of meaning that exist within the text, and define it as a text. Cohesion occurs where the

⁵ O percurso histórico da Lingüística de Texto inicia-se nos anos de 1960 com a gramática de texto e estende-se, nas décadas de 1970 e 1980, para a semântica e a pragmática do texto (cf. Heinemann e Viehweger, 1991).

interpretation of some element in the discourse is dependent on that of another. (Halliday e Hasan, 1976, p.4)

De acordo com Halliday e Hasan (1976), a coesão é parte do sistema da língua e realiza-se por intermédio do seu sistema léxico-gramatical. Embora esses autores definam a coesão em termos semânticos, verificam o seu funcionamento com base, principalmente, em recursos formais. Os autores postulam a existência de cinco formas de coesão: a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical.

De especial interesse para a presente pesquisa é a caracterização dos conectores como um recurso coesivo. Para Halliday e Hasan (1976), os conectores possuem uma natureza distinta dos outros recursos coesivos, por não representarem simplesmente uma relação anafórica. Eles não são recursos primários ligados às informações posteriores ou anteriores no texto, expressam relações que pressupõem a presença de outros componentes no discurso. Dessa forma, são considerados elementos coesivos não por si, mas indiretamente, em virtude de seu significado específico (cf. Halliday e Hasan, 1976, p.226).

Diferentemente da referência, que indica como um elemento deve ser interpretado em seu contexto – por exemplo, a marcação de que um determinado item já é identificável por ter sido pré-mencionado –, no caso dos conectores, os autores sugerem que a relação semântica não seria uma busca por essa instrução, mas sim uma especificação do modo como o que se segue está sistematicamente conectado com o que está antes. Ao descrever os conectores como recursos coesivos, o foco torna-se o potencial semântico de relacionar elementos lingüísticos que se sucedem na cadeia textual e que não se relacionam por outro meio estrutural (cf. Halliday e Hasan, 1976, p.227).

A obra de Halliday e Hasan fundamentou inúmeros trabalhos sobre coesão textual; no entanto, esses autores não propuseram uma distinção nítida entre os conceitos de coesão e coerência.

Em seus estudos, Charolles (2002) também não faz distinção entre os dois conceitos, pois os considera imbricados. No estado atual das pesquisas, o autor considera impossível realizar uma partição rigorosa entre as regras de abrangência textual e as de abrangência discursiva. Segundo Charolles (2002, p.49), as gramáticas de texto

(...) rompem com as fronteiras admitidas entre semântica e pragmática, entre o imanente e o situacional; daí, em nossa opinião, a inutilidade presente de uma distinção coesão-coerência que alguns propõem, baseando-se justamente em uma delimitação precisa desses dois territórios.

Uma das principais contribuições de Charolles foi explicitar um sistema de regras (ou metarregras, como o autor as nomeia) constitutivas de coerência, relacionando elementos semânticos e formais do texto. Na concepção de Charolles (2002), a coerência depende da situação comunicativa, ela não está no texto, é processada na situação de interlocução.

A primeira metaregra apresentada pelo autor relaciona-se à repetição. Para que um texto seja micro e/ou macroestruturalmente coerente, é necessário que haja elementos de recorrência estrita no seu desenvolvimento linear. Essa regra reflete a necessidade de uma unidade temática no texto. A unidade temática está associada à coerência macroestrutural e é construída microestruturalmente por intermédio de elementos como retomadas pronominais, uso de artigos definidos, substituições lexicais, repetições e paráfrase. Trata-se de uma série de recursos

considerados responsáveis pelo estabelecimento da coesão textual por vários estudiosos.

A segunda metarregra refere-se à progressão textual. Para um texto ser micro e/ou macroestruturalmente coerente, faz-se necessária uma “contribuição semântica constantemente renovada” (Charolles, 2002, p.58). A progressão textual relaciona-se ao desenvolvimento do texto. Alguns estudos sobre o texto falado e escrito têm discutido essa regra em termos de progressão temática e remática, tendo em vista que o texto pode se desenvolver pelo acréscimo de novos temas (ou subtemas) ou pela inclusão de novos remas (inserção de comentários, declarações) relacionados aos temas já introduzidos.

A terceira metarregra associa-se à não-contradição semântica. Para um texto ser micro e/ou macroestruturalmente coerente, é necessário que, no seu desenvolvimento, nenhum elemento semântico contradiga o conteúdo exposto anteriormente (seja ele explícito ou dedutível). Essa regra relaciona-se ao que Giora (1983) nomeia de consistência textual. De acordo com esse princípio, todos os enunciados de um texto devem ser não-contraditórios. Para Costa Val (1999), essa metarregra diz respeito, inicialmente, à lógica interna do texto, mas pode ser expandida para a relação entre texto e contexto, considerando-se que a aceitação de um texto como coerente depende de o interlocutor encontrar compatibilidade entre o “mundo textual” e o seu conhecimento de mundo. As duas dimensões dessa metarregra são constantemente ativadas pelos usuários, seja para verificar a lógica interna do texto, seja para avaliar a verossimilhança de relatos e argumentos presentes.

Em termos microestruturais, essa metarregra manifesta-se por intermédio de marcas lingüísticas que situam os enunciados temporal e espacialmente, quanto

às pessoas do discurso e definem as modalidades. Para tanto, são utilizados recursos como dêiticos, pronomes, advérbios, tempos e modos verbais, modalizadores e operadores argumentativos (cf. Charolles, 2002; Costa Val, 1999).

A última metarregra proposta por Charolles é a da relação. Para que um texto seja considerado coerente, é preciso que os fatos representados no “mundo textual” estejam relacionados. Essa metarregra é particularmente importante para o presente estudo na medida em que, em termos microestruturais, ela se manifesta por meio do uso de conectores e articuladores que estabelecem as relações semânticas entre orações e outras partes do texto. Dessa forma, evidencia-se ao interlocutor a organização espacial, temporal, epistêmica e deôntica concebidas pelo locutor. Essa regra combina-se com a anterior, revelando que as relações expressas no texto precisam ser não-contraditórias e compatíveis com o “mundo textual”.

A importância do estudo de Charolles é devida à tentativa do autor de descrever as regras implícitas de coerência que permeiam a produção textual. Embora não seja apresentada uma diferenciação nítida entre os conceitos de coesão e coerência, é possível relacionar a coerência mais ao âmbito macroestrutural e reconhecer operações que outros autores nomeiam de coesivas no nível microestrutural.

A diferenciação entre coesão e coerência torna-se mais evidente nos estudos de Beaugrande e Dressler (1981). Esses autores consideram o texto uma ocorrência comunicativa e procuram compreender o seu funcionamento na interação humana. Retomam os conceitos de registro e coesão apresentados por Halliday e Hasan (1976) e os reorganizam entre os sete princípios que consideram constitutivos da textualidade. A coesão relaciona-se às conexões formais e é definida da seguinte maneira:

Cohesion subsumes the procedures whereby surface elements appear as progressive occurrences such that their sequential connectivity is maintained and made recoverable. The means of cohesion include the grammatical formatting of phrases, clauses and sentences, and such devices as recurrence, pro-forms, and articles, co-reference, elipsis and junction. (Beaugrande e Dressler, 1981, p.17)

Já a coerência diz respeito à conexidade semântico-conceitual:

Coherence subsumes the procedures whereby elements of knowledge are activated such that their conceptual connectivity is maintained and made recoverable. The means of coherence include: (1) logical relations such as causality and class inclusion; (2) knowledge of how events, actions, objects, and situations are organized; and (3) the striving for continuity in human experience. Cohesion is upheld by continual interaction of text-presented knowledge with prior knowledge of the world. (Beaugrande e Dressler, 1981, p.17)

Além da coesão e da coerência, os outros princípios de textualidade considerados pelos autores são: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

A intencionalidade e a aceitabilidade referem-se às atitudes, às intenções e às expectativas do produtor do texto e de seu interlocutor. A intencionalidade relaciona-se à intenção do locutor de produzir um texto coeso e coerente para atingir seus objetivos. A aceitabilidade, por sua vez, refere-se à contraparte do interlocutor de colaborar com o produtor, considerando seu texto coeso e coerente.

A situacionalidade corresponde aos princípios que tornam o texto relevante para uma determinada situação comunicativa (cf. Beaugrande e Dressler 1981). De acordo com Koch (2004), trata-se de determinar em que medida a situação comunicativa e todo o contexto sócio-político-cultural envolvido na interação influenciam a produção do texto. No entanto, a situacionalidade também tem

implicações inversas, ou seja, o texto também tem reflexos importantes sobre a situação comunicativa.

A informatividade relaciona-se com o grau de novidade e previsibilidade de um texto: quanto mais previsível, menos informativo. Para Beaugrande e Dressler (1981), um grau mediano de informatividade seria o mais “confortável”, pois possibilita ao interlocutor apoiar-se no conhecido para processar o novo. Todo texto possui pelo menos um grau mínimo de informatividade, o que opõe sua ocorrência à sua não-ocorrência.

O último princípio apresentado por Beaugrande e Dressler (1981) é a intertextualidade. Trata-se da relação entre um determinado texto e os outros textos a ele relacionados, isto é, em que medida a produção/recepção de um texto depende do conhecimento prévio de outros textos pelos interlocutores.

De acordo com Beaugrande e Dressler (1981), a coesão e a coerência são mais orientadas para o texto; a intencionalidade e a aceitabilidade, para critérios psicológicos; a situacionalidade e a intertextualidade, para aspectos sociais e, por fim, a informatividade é mais computacional. Segundo os autores, nenhum desses critérios pode ser avaliado sem se considerar os quatro fatores: língua, mente, sociedade e processamento (cf. Beaugrande e Dressler, 1981).

Os sete princípios de textualidade descritos pelos autores funcionam integradamente com três princípios reguladores: eficiência, eficácia e adequação. A eficiência refere-se à possibilidade de comunicar com o mínimo esforço e o maior retorno por parte do produtor e de seu interlocutor. A eficácia relaciona-se ao impacto do texto nos interlocutores e à capacidade de criar condições para a consecução dos objetivos do locutor. Por fim, a adequação diz respeito à proporção

entre as necessidades comunicativas da situação e o grau de sustentação dos princípios de textualidade.

Tendo em vista as interpretações inadequadas que a primeira postulação do conceito de textualidade recebeu, Beaugrande (1997, p.15) menciona que os sete princípios de textualidade designam as mais importantes formas de conectividade e não os fatores lingüísticos do “texto-artefato”, nem as fronteiras entre “texto” e “não-texto”. Trata-se de princípios que orientam o processamento do texto, por intermédio dos quais se atribui textualidade a um artefato. Assim, cada vez que um usuário interpreta um artefato como texto é porque conseguiu aplicar, com sucesso, os princípios de textualidade.

Ao discutir os princípios de textualidade apresentados por Beaugrande e Dressler (1981), Koch (2004, p.43) faz algumas críticas. A autora afirma que a relação de princípios apresentada pelos autores não é exaustiva. Para ela, considerando-se uma perspectiva pragmático-cognitiva de estudos, não se justifica uma subdivisão em princípios centrados no texto e princípios voltados para o usuário, já que todos se relacionam à situação comunicativa, envolvendo texto e usuários simultaneamente.

A distinção entre coesão e coerência também é reconhecida pela autora. No entanto, para ela, a diferenciação entre os dois conceitos não pode ser radical. Koch (2004, p.35) define a coesão como:

(...) a forma como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também lingüísticos, de modo a formar um “tecido” (tessitura), uma unidade de nível superior ao da frase, que dela difere qualitativamente.

A coerência, por sua vez, não pode ser considerada apenas um dos princípios de textualidade. Para Koch (1999 [1989], p.18-19):

(...) a coerência, responsável pela continuidade de sentidos no texto, não se apresenta como mero traço dos textos, mas como resultado de uma complexa rede de fatores de ordem lingüística, cognitiva e interacional.

Segundo Koch (1999 [1989]), a coerência é uma construção dos usuários em uma dada situação comunicativa, cujo resultado é a confluência dos outros seis princípios de textualidade descritos por Beaugrande e Dressler, além dos descritos por Koch, como fatores de contextualização, consistência e relevância, focalização, conhecimento partilhado e outros processos cognitivos.

Já em 1983, Marcuschi propunha que os fatores de contextualização também fossem considerados princípios de textualidade, pois podem ser decisivos para a interpretação do texto em muitas situações. Esses fatores são responsáveis pela ancoragem do texto em uma situação comunicativa. Para ele, existem dois tipos de fatores de contextualização: os contextualizadores propriamente ditos, como data, local, assinatura, diagramação, entre outros, e os contextualizadores prospectivos, que permitem a criação de expectativas sobre o texto, como título, nome do autor, etc.

A consistência e a relevância textuais também são apontadas como princípios para que um texto possa ser considerado coerente (cf. Giora, 1983; Koch, 2004; Andrade, 2001). A consistência refere-se à qualidade de um texto de que todos os seus enunciados sejam não-contraditórios. O princípio da relevância define que o conjunto de enunciados de um texto deve ser relevante para um mesmo tópico discursivo, ou seja, as seqüências devem predicar algo sobre o mesmo tema.

Com base em estudos de Grosz (1981), Koch e Travaglia (2004 [1990]) também consideram o princípio de focalização importante para um texto ser coerente. A focalização refere-se à concentração dos usuários em apenas uma parte do seu conhecimento no momento da interação verbal. Devido ao princípio de cooperação (cf. Grice, 1975)⁶ que permeia a interação, os usuários procuram ajustar a focalização de forma semelhante, propiciando uma interação harmônica. A focalização permite, por exemplo, determinar o significado de termos homônimos ou polissêmicos no texto, possibilita o uso adequado de certos elementos com valor dêitico e auxilia a escolha de descrições e expressões nominais necessárias para a construção/reconstrução de referentes textuais (cf. Koch, 2004, p.45). A ausência de focalização pode gerar sérios problemas de compreensão.

Koch (2004) também expõe que o conhecimento compartilhado deve estar presente entre os princípios de textualidade. Para o processamento textual, é importante não apenas o conhecimento prévio dos usuários (conhecimento de mundo) mas também o conhecimento compartilhado entre eles, pois é esse conhecimento que determina o que pode ficar implícito no texto e o que precisa ser explicitado. A confluência de todos esses princípios de textualidade resulta na coerência textual e segundo Koch (2004, p.46):

(...) sempre que se faz necessário algum cálculo do sentido, como recurso a elementos contextuais – em particular os de ordem sociocognitiva e interacional –, já nos encontramos no campo da coerência.

⁶ Grice (1975) postula o *princípio cooperativo conversacional*. De acordo com o autor, há quatro máximas conversacionais que orientam a conversação de uma forma geral: qualidade (fale/escreva aquilo que acredita ser verdadeiro); quantidade (fale/escreva na medida certa); modo (fale/escreva com clareza e concisão); relevância (fale/escreva só o que é pertinente sobre o assunto em discussão).

De acordo com Blühdorn (2001), o uso de todos os recursos coesivos clássicos, como os identificados por Halliday e Hasan (1976), envolve algum tipo de cálculo (operações cognitivas) e são, portanto, recursos de coerência. Assim, na concepção do autor, os únicos recursos coesivos puramente formais são os recursos fônicos e gráficos, como rima, aliteração, etc. A partir desse raciocínio, Blühdorn (2001, p.4) formula a seguinte tese:

A coerência abrange qualquer tipo de conexidade que possa ser percebida no momento da decodificação de um conjunto de signos. A coesão, por sua vez, é um tipo particular de coerência, a saber, a conexidade formal entre os componentes da superfície signica.

Blühdorn considera problemática a explicação da coerência a partir da noção de sentido, uma vez que esta é tão obscura quanto o conceito de coerência. Esse autor define coerência a partir do conceito matemático de uniformidade e afirma que ela é percebida em um sistema como sua relativa uniformidade local, segundo parâmetros relevantes para tanto (cf. Blühdorn, 2001, p.9).

Para esse autor, a percepção de coerência em um dado sistema pode variar de acordo com o observador, já que a relevância dos parâmetros é determinada por ele. A coerência manifesta-se em segmentos espaço-temporais em que alguma propriedade do sistema se repete.

Dessa forma, a coerência passa a ser entendida como um fenômeno que pode ocorrer em qualquer tipo de sistema, seja ele discursivo, cognitivo ou lingüístico, e é o observador que define quais parâmetros analisará para avaliar a coerência. Em um sistema discursivo, seus critérios são influenciados por convenções sociais; já em um sistema cognitivo, são os princípios biológicos e psicológicos que interferem na observação.

No sistema discursivo, a coerência manifesta-se, por exemplo, quando um locutor enuncia novamente uma mensagem já enunciada por ele; e a incoerência é observada quando as mensagens enunciadas pelo mesmo locutor deixam de apresentar repetições. A coerência textual também pode ser verificada quando os mesmos elementos voltam a ocorrer com as mesmas funções em um texto, a incoerência manifesta-se quando os mesmos elementos ocorrem com funções diferentes.

Ao explicar a coerência pelo grau de uniformidade, Blühdorn (2001) identifica a incoerência onde a uniformidade é interrompida. Para ele, as interrupções aumentam a informatividade do sistema, ocasionando o seu desenvolvimento. Portanto, o autor conclui que tanto a coerência como a incoerência locais são necessárias e determinantes para a existência e o funcionamento de um sistema natural (discursivo, cognitivo e sócio).

No entanto, a aproximação com a uniformidade também pode se tornar problemática quando se considera a coerência como o fenômeno resultante e não como um dos componentes de uma equação que descreve um sistema. De acordo com esse raciocínio, um sistema necessita de uniformidade e irregularidade para se desenvolver; porém, é o equilíbrio resultante dessas duas forças que se pode chamar de coerência. Assim como na música, é o movimento entre dissonância e consonância que leva à harmonia, é o jogo entre uniformidade e irregularidade que gera a coerência de um sistema e, conforme descrito por Koch (2004), para que essa coerência se estabeleça, contribuem todos os princípios de textualidade já identificados.

Como pode ser observado, embora o conceito de coerência esteja sendo discutido desde a década de 1960, ainda não foi possível chegar a um consenso sobre a melhor maneira de defini-lo.

Há autores que se aproximam de modelos cognitivos para tentar descrevê-lo, outros fazem uso de ferramentas computacionais, ligadas aos objetivos da inteligência artificial (cf. Strohner e Rickheit, 1990; Schade et al., 1991; Rickheit et al., 1995) e há aqueles que utilizam modelos matemáticos. Conforme mencionado anteriormente, é possível até realizar aproximações com a música, considerando a coerência uma espécie de harmonia.

Essa necessidade de buscar ferramentas de outras áreas do conhecimento para auxiliar o entendimento de fenômenos discursivos reflete a tendência atual da Lingüística de Texto de interagir com as demais Ciências para obter uma compreensão mais ampla de seu objeto de estudo. Segundo Antos e Tiez (1997), a Lingüística de Texto tem se transformado em “ciência integrativa” e, para Koch (2004), está se tornando um domínio multi e transdisciplinar, que interage com a Filosofia da Linguagem, a Psicologia Cognitiva, a Neurologia, as Ciências da Computação, a Teoria da Comunicação, entre outras.

Para a presente pesquisa, o importante é partir do pressuposto de que os conectores textuais são recursos coesivos que contribuem para o estabelecimento e a manutenção da coerência e inserem-se, portanto, nessa complexa rede em que atuam fatores de ordem lingüística, cognitiva e interacional.

Quanto à discussão sobre a necessidade ou a suficiência dos recursos coesivos para o estabelecimento da coerência, Marcuschi (1983), avalia que a coesão não é nem necessária nem suficiente para a existência da coerência. Há textos desprovidos de recursos coesivos, mas que podem ser identificados como

coerentes; portanto, a coesão é não-necessária. Por sua vez, há seqüências de enunciados que demonstram possuir uma relação coesiva, mas que são destituídas de coerência, o que torna a coesão não suficiente para se estabelecer a coerência.

Koch (1999 [1989], p.19) considera que:

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõe. Assim, em muitos tipos de texto – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência.

Além disso, a autora menciona que a coesão é uma das grandes responsáveis por dois movimentos fundamentais para a estruturação do texto e a construção da coerência, o movimento de retrospecção e o de prospecção (Koch, 2004, p.46). Ao estudar os recursos coesivos, Koch (1999 [1989], 2004) distingue entre duas grandes modalidades: a coesão remissiva ou referencial e a coesão seqüencial.

A coesão remissiva ou referencial é entendida como a remissão de um componente da superfície do texto a outro elemento do “universo textual” (cf. Koch, 1999 [1989]). Nessa modalidade coesiva, foram incluídas a referência, a substituição e a elipse já estudadas por Halliday e Hasan (1976) e uma grande parcela da coesão lexical. Entre os recursos de ordem gramatical capazes de criar coesão referencial, podem ser mencionados, por exemplo, os pronomes de terceira pessoa (retos e oblíquos), os demais pronomes (possessivos, indefinidos, demonstrativos, interrogativos, relativos), os numerais, o artigo definido e alguns advérbios locativos;

porém Koch (2004) ressalta que esses recursos podem atuar como elementos coesivos, mas nem sempre exercem essa função.

Como elementos de ordem lexical responsáveis pela coesão referencial, há, por exemplo, a repetição do mesmo item lexical, o uso de sinônimos, hiperônimos, hipônimos, nomes genéricos e formas nominais. Outros processos que permitem a retomada de referentes são a elipse e a inferenciação.

Cabe ressaltar que a questão da referência, e conseqüentemente da progressão referencial, é bastante complexa e tem sido tema de diversos estudos recentes, em especial de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Mondada e Dubois (1995) e, no Brasil, de Koch e Marcuschi (Koch, 1999 [1989]; Koch e Marcuschi, 1998). Resumidamente, pode-se dizer que a tendência atual é o reconhecimento dos referentes como objetos-de-discurso altamente dinâmicos que são construídos na interação verbal e reconstruídos, recategorizados e transformados com o decorrer do desenvolvimento das cadeias co-referenciais e da progressão textual.

A coesão seqüencial, por sua vez, é realizada pelos recursos que garantem a continuidade do texto. São procedimentos lingüísticos que criam entre segmentos do texto (enunciados, parágrafos, etc.) relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, permitindo o seu desenvolvimento (cf. Koch, 1999 [1989], p.49 e 2004, p.39). A coesão seqüencial é subdividida por Koch (1999 [1989]) e Koch e Travaglia (2004 [1990]) em coesão seqüencial parafrástica (com procedimentos de recorrência) e coesão seqüencial frástica (sem procedimentos de recorrência).

A coesão seqüencial parafrástica realiza-se por intermédio da recorrência de termos, estruturas, conteúdos semânticos (paráfrase), recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais, além de tempo e aspecto verbal.

A coesão seqüencial frástica se dá por meio de procedimentos que possibilitam a manutenção temática (por exemplo, o uso de termos de um mesmo campo lexical), a progressão temática (articulação tema/rema) e a progressão tópica⁷. Outro processo responsável pela coesão seqüencial frástica são os mecanismos de encadeamento, como a justaposição e a conexão.

Koch (1999 [1989]) considera a existência de encadeamentos por justaposição com e sem o uso de partículas seqüenciadoras. No entanto, conforme a própria autora reconhece, a justaposição sem o uso de partículas foge ao âmbito da coesão e realiza-se por intermédio apenas de processos cognitivos em que o interlocutor cria mentalmente as relações semânticas e/ou discursivas.

A autora diferencia três tipos de encadeamento por justaposição (cf. Koch 1999 [1989], p.61):

- no nível dos enunciados metacomunicativos: esses recursos funcionam como demarcadores ou sumarizadores de porções textuais. São exemplos expressões como: *nessa maneira, em resumo, em virtude de*, etc. Por exemplo: **O trecho acima descrito** expõe minha opinião sobre o assunto.
- marcadores de situação ou ordenação no tempo e no espaço: funcionam como demarcadores ou ordenadores temporais e espaciais, como, por exemplo: **Muitos anos depois**, eles se casaram.
- marcadores conversacionais: têm por principal função assinalar a introdução, a mudança ou a quebra de tópico. Por exemplo: *Encontrei*

⁷ Tópico está sendo entendido como “aquilo sobre o que se está falando” (Brown e Yule, 1983, p.73). Segundo Fávero, Andrade e Aquino (1999), “o tópico discursivo se estabelece num dado contexto em que dois ou mais interlocutores, engajados numa atividade, negociam o assunto de sua conversação” (p.37).

*com a Marcela ontem. **Por falar nisso**, você sabe se ela ainda está namorando?*

Outro mecanismo de encadeamento reconhecido pela autora são as relações de conexão. Koch (1999 [1989]) e Koch e Travaglia (2004 [1990]) adotam a distinção entre conexões estabelecidas por conectores lógico-semânticos e conexões realizadas por operadores discursivo-argumentativos. Essa distinção será discutida no decorrer da exposição do modelo de análise de conectores adotado nesta pesquisa.

Em relação a essa proposta de organização dos diferentes tipos de recursos coesivos apresentada por Koch e também adotada por Travaglia, faz-se necessário mencionar que, com o avanço dos estudos sobre a referência e o processo de referenciação, torna-se cada vez mais difícil diferenciar entre os mecanismos de coesão referencial e os mecanismos de coesão seqüencial. Essa dificuldade deve-se ao fato de que, ao considerar os referentes objetos-de-discurso altamente dinâmicos, que se transformam e agregam novos sentidos com o decorrer da interação verbal, a referenciação também pode ser entendida como um mecanismo de progressão textual que dá seqüencialidade ao texto.

Dessa forma, a distinção inicial entre os elementos coesivos feita por Halliday e Hasan (1976) previa as modalidades: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical; Fávero (1995) distingue entre coesão referencial, recorrencial e seqüencial e Koch (1999 [1989], 2004), conforme descrito, diferencia entre coesão referencial e coesão seqüencial.

Uma outra hipótese seria distinguir apenas dois grupos: as estratégias de progressão, que poderiam incluir as diversas possibilidades de recorrência, as

formas de progressão temática e tópica e também a referenciação; e as estratégias de conexão, que incluiriam os diferentes grupos de conectores e articuladores textuais, agrupando os processos de encadeamento por justaposição e por conexão. Assim, de um lado estariam as “peças” e de outro a “engrenagem” do texto. Essa proposta se aproxima da subdivisão feita por Charolles (2002), que diferencia entre categorias de *coesão* e categorias de *conexão*.

O objeto de estudo desta pesquisa é justamente a “engrenagem” do texto: **os conectores textuais**. Portanto, serão examinados os elementos que propiciam a coesão textual por intermédio de relações de conexão em fóruns eletrônicos do Orkut. Para essa investigação, foi utilizado o modelo de análise de conectores recém-desenvolvido por Blühdorn (2001, 2003, 2006a, 2006b, 2007) no âmbito da escola de estudos de conectores de Mannheim.

1.2 O modelo para estudo dos conectores

Nesta tese, o modelo para estudo de conectores adotado é aplicado pela primeira vez à análise de um *corpus* em língua portuguesa. Por se tratar da aplicação de um modelo teórico para um estudo empírico, foram necessários alguns ajustes e ferramentas adicionais para a análise do *corpus*.

Este capítulo apresenta os fundamentos do modelo e baseia-se principalmente nos textos teóricos de Blühdorn (2001, 2003, 2006a, 2006b, 2007) e nas inúmeras discussões com ele realizadas⁸, visando à exemplificação dos fundamentos em língua portuguesa e à aplicação do modelo à análise do *corpus*.

⁸ Os trechos desta exposição que se fundamentam nas discussões realizadas com Blühdorn não foram referenciados por serem comunicações pessoais.

O modelo subdivide-se em três grandes partes e uma ferramenta adicional. A primeira parte destina-se à classificação sintática dos conectores e expõe os traços distintivos que permitem identificar a qual classe os conectores pertencem. Na segunda parte, são descritos os critérios para a análise semântica dos conectores, dentre os quais se encontram a categorização dos objetos relacionados pelos conectores, a identificação do tipo de conexão realizada e do valor modal da relação estabelecida. A terceira parte define as categorias de conectores tendo por base o seu comportamento sintático e semântico. Por fim, como ferramenta adicional para a descrição dos conectores no *corpus* desta tese, verificou-se a distribuição dos *relata*⁹ de cada um dos conectores em relação ao turno conversacional.

1.2.1 Classificação sintática

O primeiro critério adotado para a análise dos conectores é a sua classificação sintática. Em termos sintáticos, há quatro classes principais de palavras que operam como conectores: as preposições, os advérbios (juntivos), as conjunções subordinativas e as conjunções coordenativas.

De acordo com o modelo adotado, a distinção entre essas classes é feita com base em quatro traços:

- (i) o conector posiciona-se no segundo *relatum*;
- (ii) o conector encontra-se em posição inicial no *relatum*;
- (iii) o conector atribui papel relacional;
- (iv) o conector pede complemento oracional.

⁹ Optou-se por utilizar o termo *relata*, uma vez que muitos conectores podem estabelecer relações tanto no nível microtextual (entre orações e sintagmas nominais) quanto no nível macrotextual (entre seqüências e partes maiores do texto, como parágrafos).

Os três primeiros traços permitem a distinção entre conectores subordinadores (preposições e conjunções subordinativas), advérbios juntivos e conjunções coordenativas. Esses conectores distribuem-se da seguinte maneira em relação aos traços:

- (a) as preposições (*por, a, etc.*) e as conjunções subordinativas (*porque, uma vez que, etc.*): (+/-i), +ii e +iii;
- (b) os advérbios juntivos (*então, portanto, etc.*): +i, (+/-ii), +iii;
- (c) as conjunções coordenativas (*e, mas, etc.*): +i, +ii, (+/-iii).

Em que:

(+/-) = neutro;

(+) = marcação positiva;

(-) = marcação negativa.

O quarto traço permite a distinção entre as duas classes de subordinadores:

- (a) preposições: (+/-iv);
- (b) conjunção subordinativa: +iv.

1.2.1.1 Traço i

O primeiro traço sintático utilizado refere-se a se o conector deve estar obrigatoriamente no segundo *relatum*. As preposições e as conjunções subordinativas não são marcadas quanto a esse traço e podem estar tanto no primeiro como no segundo *relatum*, como pode ser observado em:

(1.1a) *Eu não como ovo nem outros derivados de animais **por** questões simples.*

(Fórum Orkut 5)

(1.1b) ***Por** questões simples, eu não como ovo nem outros derivados de animais.*

(1.2a) *A televisão só nos mostra o outro lado da moeda **porque** sabe que dá mais ibope. (Fórum Orkut 1)*

(1.2b) ***Porque** sabe que dá mais ibope, a televisão só nos mostra o outro lado da moeda.*

Em 1.1, observa-se a possibilidade de mudança de posição dos *relata* conectados pela preposição *e*, em 1.2, a mudança de posição dos *relata* conectados pela conjunção subordinativa.

Os advérbios juntivos possuem marcação positiva para o primeiro traço e estão obrigatoriamente no segundo *relatum* da conexão:

(1.3a) *Sistemas tais como o socialismo e o anarquismo pregam uma organização muito conveniente para resolver os problemas sociais.*

***Contudo** ainda são muito utópicos para o ser humano. (Fórum Orkut 1)*

(1.3b) ****Contudo** ainda são muito utópicos para o ser humano. Sistemas tais como o socialismo e o anarquismo pregam uma organização muito conveniente para resolver os problemas sociais.*

Como se pode observar, a mudança de posicionamento do *relatum* em que se encontra o advérbio juntivo não resulta em uma conexão sintaticamente bem formada.

As conjunções coordenativas também possuem marcação positiva para esse traço e encontram-se obrigatoriamente no segundo *relatum*:

- (1.4a) *Eu quero que meus filhos vivam num mundo melhor, **mas** infelizmente não podemos mudar o mundo mudando apenas nós mesmos.* (Fórum Orkut 1)
- (1.4b) ****Mas** infelizmente não podemos mudar o mundo mudando apenas nós mesmos, eu quero que meus filhos vivam num mundo melhor.*

Observa-se, novamente, que a mudança de posicionamento não resulta em uma conexão sintaticamente bem formada.

1.2.1.2 Traço ii

O segundo traço refere-se à posição do conector no *relatum*. Apenas os advérbios juntivos têm liberdade de posicionamento no interior do *relatum*, os outros conectores encontram-se obrigatoriamente em posição inicial.

O exemplo a seguir demonstra a liberdade de posicionamento dos advérbios juntivos:

- (1.5a) *O MP acredita que tem maior poder de barganha frente às outras polícias. **Entretanto**, trazer para a seara do MP a investigação criminal, ainda que sob o filtro da “relevância” vai 1) abarrotar o sistema.* (Fórum Orkut 2)
- (1.5b) *O MP acredita que tem maior poder de barganha frente às outras polícias. Trazer para a seara do MP a investigação criminal, ainda que sob o filtro da “relevância” vai, **entretanto**, 1) abarrotar o sistema.*

1.2.1.3 Traço iii

O terceiro traço refere-se à atribuição de papel relacional pelo conector a seus *relata*. De acordo com Langacker (1987, p.217):

*In virtually every relational predication, an asymmetry can be observed between the profile participants. One of them, called the **trajector** (tr), has the special status and is characterized as the figure with a relational profile. (...) Other salient entities in a relational predication are referred to as landmarks (lm).*

Neste modelo, os papéis relacionais são tratados como *E* (*objeto situado*)¹⁰ e *R* (*objeto de referência*), correspondendo aos termos *trajector* e *landmark* de Langacker (1987). Para exemplificar esses conceitos, é possível recorrer ao seguinte exemplo:

- (1.6) *Mão (E) **na** parede (R).*

¹⁰ As siglas *E* e *R* foram usadas por Reichenbach (1947) na lógica temporal e, posteriormente, emprestadas por vários lingüistas para formalizar a semântica dos tempos verbais. Neste modelo, as siglas foram utilizadas para demonstrar a semântica de quaisquer relações.

A relação entre os dois sintagmas é estabelecida pela preposição *em*. A preposição tem como complemento o sintagma nominal “a parede”, que funciona como *objeto de referência* (*R*). A preposição tem também uma casa externa, preenchida por outro sintagma nominal (“mão”), que é o *objeto situado* (*E*). O sintagma preposicionado (“na parede”), composto pela preposição e pelo sintagma nominal, tem a função de adjunto adverbial e descreve, nesse caso, o lugar em que se encontra o *objeto situado* (*E*).

Essa mesma relação pode ser observada no exemplo a seguir:

(1.7) *Tomamos um cafezinho* (*E*), **depois que** *terminamos a refeição* (*R*).

Nesse caso, o *objeto situado* (*E*) é o evento “tomamos um cafezinho”. A conjunção subordinativa *depois que* atribui o papel relacional *R* à segunda oração, que é seu complemento sintático e que expressa o *evento de referência*: “terminamos a refeição”. A oração subordinada temporal, composta pela conjunção subordinativa e pela oração que constitui seu complemento, funciona como adjunto adverbial da oração *E* e corresponde, portanto, ao momento em que se dá o *evento situado* (*E*).

A relação entre *E* e *R* também pode ser estabelecida por conectores causais, como em:

(1.8) *Ele tropeçou* (*E*) **porque** *o pacote estava muito pesado* (*R*).

A conjunção subordinativa *porque* atribui papel relacional *R* à segunda oração (“o pacote estava muito pesado”). Essa oração expressa a *situação de*

referência causal (R) e, assim, atribui uma causa à situação mencionada na primeira oração (*relatum-E* = “Ele tropeçou”).

Em relação aos papéis relacionais *E* e *R*, as conjunções subordinativas e as preposições atribuem papel relacional *R* e, portanto, estão sempre no *relatum* de referência:

- (1.9) *Entrementes, o lobby da OAB e dos Delegados de Polícia, bem como de políticos diversos, em cercear a atividade do MP vem sem mostrando tão forte, quanto nebuloso (E), **já que**, com os índices de criminalidade que o país vem apresentando, toda iniciativa que buscasse combater de forma mais eficiente o crime deveria ser louvada (R).* (Fórum Orkut 2)

Nesse exemplo, observa-se a conjunção subordinativa (*já que*) atribuir papel relacional *R* à segunda oração, que funciona como referência para a opinião expressa (*situada*) na oração antecedente. Dessa forma, a configuração sintático-semântica das conjunções subordinativas e das preposições é: **E [conj sub R]** ou **[conj sub R] E** e **E [prep R]** ou **[prep R] E**.

Os advérbios juntivos são anafóricos. Eles contêm um elemento pronominal que remete a um referente a ser recuperado no contexto, normalmente na oração anterior.

- (1.10) *Olhe na **mesa (R)**, o livro **aqui** é seu (E).*

Nesse exemplo, o objeto “o livro” é *situado (E)* em relação ao *objeto de referência (R)* “a mesa”. O advérbio “aqui” retoma o objeto *R* na segunda oração e

funciona como adjunto adverbial da oração que expressa *E*. O mesmo acontece com os advérbios que estabelecem relações causais e condicionais:

- (1.11) *Seguindo a linha de raciocínio de quem pode o mais pode o menos (R), devemos **então** chegar à conclusão de que o juiz, que pode mais que o promotor, ou seja, julgar, também pode o menos: oferecer denúncia... (E).*
(Fórum Orkut 2)

O advérbio *então* encontra-se na *oração situada E* (“devemos chegar à conclusão (...”). A conclusão tem por base em uma evidência (causa) que funciona como referência (*R*). Nesse caso, o advérbio *então* estabelece a conexão entre as duas orações e recupera *R* (“segundo a linha de raciocínio (...”) na oração *E*. Portanto, os conectores adverbiais estabelecem relações semântico-referenciais e encontram-se sintaticamente integrados na oração conectada. Assim, a estrutura sintático-semântica de uma conexão efetuada por um advérbio é: **R [adv E]**.

O paralelismo sintático-semântico entre conjunções subordinativas, preposições e advérbios é completo. As preposições e as conjunções subordinativas têm sempre um *relatum-R* como complemento e são adjuntos adverbiais em relação ao *relatum-E*. Os advérbios são adjuntos adverbiais em relação ao *relatum-E* e remetem anaforicamente ao *relatum-R*.

As conjunções coordenativas, por sua vez, não têm complemento sintático e não são adjuntos adverbiais em relação a outro elemento. Por esse motivo, para analisar a disposição dos *relata E* e *R* no caso desses conectores, é necessário fazer uma comparação com as conjunções subordinativas e com os advérbios, além de considerar a etimologia do conector.

Um exemplo é o conector *mas*:

- (1.12) *Nós podemos não ver a recuperação do mundo, **mas** quem sabe eles sim.* (Fórum Orkut 1)

Nesse exemplo, o *mas* pode ser analisado em comparação com o advérbio *porém*, uma vez que a semântica dos dois conectores é semelhante:

- (1.13) *Nós podemos não ver a recuperação do mundo (R), **porém** quem sabe eles sim (E).*

É possível supor que o *mas*, da mesma forma que o advérbio *porém*, antecede o seu *relatum-E* e sucede seu *relatum-R*. Essa hipótese condiz com a etimologia do *mas*.

Em muitas línguas românicas, a conjunção coordenativa *mas* (fr. *mais*; it. *ma*) tem sua origem não no adversativo latino *sed*, mas no advérbio utilizado para formar o comparativo de superioridade *magis*. A trajetória do advérbio latino *magis* para a conjunção coordenativa *mas* foi descrita por Vogt (1989) em artigo escrito em colaboração com Oswald Ducrot (cf. item 1.2.5).

Nesta pesquisa, parte-se da hipótese de que o advérbio *magis*, com o processo de gramaticalização, foi adquirindo funções de conector e perdendo sua liberdade de posicionamento no interior do *relatum-E*. Gradativamente, ele foi se fixando entre os dois *relata*, passando a ser considerado uma conjunção coordenativa. No entanto, diferentemente de outras conjunções coordenativas, como o *e* e o *ou*, o *mas* ainda não atingiu o estágio em que o papel relacional (e temático)

do primeiro e do segundo *relatum* tornam-se iguais, podendo ter a posição dos *relata* invertida. Na maior parte dos usos, o *mas* ainda possui um *relatum* que funciona como *referência* e outro que é *situado*. No exemplo 1.12, a conclusão “quem sabe eles (nossos filhos) possam ver a recuperação do mundo” é situada em relação à contracausa insuficiente¹¹ “nós podemos não ver a recuperação do mundo”, que funciona como referência.

Com base nas características apresentadas, partiu-se do pressuposto de que a estrutura relacional desse conector é: **[R *mas* E]**, em que o *relatum-R* representa uma contracondição ou contracausa insuficiente e o *relatum-E*, uma consequência.

1.2.1.4 Traço iv

O último traço é empregado para distinguir conjunções subordinativas de preposições. O comportamento desses dois tipos de conectores em relação a todos os outros traços é idêntico, a única diferença entre eles é em relação ao traço iv: as conjunções subordinativas têm sempre complemento oracional, enquanto as preposições permitem como complemento um sintagma nominal.

- (1.14) *Os problemas que há são tudo **por culpa da** natureza humana.* (Fórum Orkut 1)

Observa-se nesse exemplo que a preposição *por culpa de* possui como complemento o sintagma nominal “natureza humana”.

¹¹ As contracausas insuficientes são descritas no item 1.2.2.4.

É importante mencionar que as preposições podem ser regidas, ou seja, selecionadas como complemento por um portador de valência, como um verbo, por exemplo: ***gostar de macarrão, sonhar com o namorado, esperar por uma visita.***

Quando as preposições são regidas, elas não são interpretadas semanticamente, pois formam unidades sintático-semânticas com os complementos verbais por elas introduzidos (cf. Blühdorn, 2006a). Somente quando ocorrem em posições não-regidas, introduzindo adjuntos adverbiais livres, é que as preposições atuam como conectores textuais e foram analisadas nesta pesquisa. Como em: ***correr para chegar cedo.***

As conjunções subordinativas só podem ter como complemento orações, como se observa em:

- (1.15) *Assim, em razão da necessidade e seriedade com que tal questão está sendo tratada pelo MP, deve ser declarada constitucional a investigação pelo MP, visto que sua função precípua é a defesa da sociedade.* (Fórum Orkut 2)

1.2.1.5 Exemplificação

Com base nos quatro traços distintivos apresentados, a classificação sintática dos conectores pode ser realizada, como exemplifica o seguinte trecho:

- (1.16) *Marina obrigada pelas dicas, vc é uma pessoa muito sensível. Sabe que eu estou sendo a pessoa ideal já há três anos. Mas não reclamo. Fiz com eles uma pecinha teatral e ela adorou e participou bem. Que tipo de peça*

*vc me sugere **para que** eu consiga trabalhar seu emocional? Desculpe-me a ignorância, **mas** em quê isso irá ajuda-la? Quanto a orientação sexual eu tenho facilidade com isso, **porém** terá que ser apenas com ela, **pois** não sei se os pais irão se sentir confortáveis com seus filhos de 6 e 7 anos falarem sobre sexo em casa.* (Fórum Orkut 6)

Mas => há duas conexões realizadas pelo conector *mas*. Em ambas, observa-se que ele só pode aparecer no segundo *relatum*. O *mas* também não apresenta liberdade de posicionamento no interior do *relatum* em que se encontra. Esses motivos fazem com que ele seja classificado como conjunção coordenativa. Conforme mencionado, a identificação da distribuição de papel relacional no caso das conjunções coordenativas é feita por comparação com outros conectores e por fatores etimológicos. O conector *mas*, conforme descrito no item 1.2.1.3, apresenta estrutura [R *mas* E], como pode ser observado no seguinte exemplo:

- (1.17a) *Sabe que eu estou sendo a pessoa ideal já há três anos (R). **Mas** não reclamo (E).*
- (1.17b) *Desculpe-me a ignorância (R), **mas** em quê isso irá ajudá-la (E)?*

Para que => no caso da conexão realizada pelo *para que*, é possível inverter a posição dos *relata*. A oração iniciada pelo conector *para que* pode figurar como primeiro *relatum* da conexão:

- (1.18a) *Que tipo de peça vc me sugere **para que** eu consiga trabalhar seu emocional? (Fórum Orkut 6)*

Invertendo a posição dos *relata*:

- (1.18b) ***Para que*** eu consiga trabalhar seu emocional, que tipo de peça vc me sugere?

A possibilidade de figurar como primeiro ou segundo *relatum* da conexão só existe para as conjunções subordinativas e para as preposições. Por esse motivo, a classificação do *para que* já se restringe a essas duas alternativas. Como o complemento do conector é uma oração, esse conector é classificado como conjunção subordinativa.

Porém => o conector *porém* tem de estar obrigatoriamente no segundo *relatum* da conexão. Essa característica é comum aos advérbios e às conjunções coordenativas, restringindo a classificação do *porém* a essas duas possibilidades. O *porém* possui liberdade de posicionamento no interior do segundo *relatum*, permitindo que a oração 1.19a possa ser alterada para a 1.19b.

- (1.19a) Quanto a orientação sexual eu tenho facilidade com isso, ***porém*** terá que ser apenas com ela.
- (1.19b) Quanto a orientação sexual eu tenho facilidade com isso, terá, ***porém***, que ser apenas com ela.

Esse comportamento do conector *porém* faz com que ele seja classificado como advérbio juntivo e sua estrutura relacional compreendida como [R adv E].

Pois => o conector *pois* também possui marcação positiva em relação ao primeiro traço, ou seja, só pode figurar no segundo *relatum* da conexão. Em relação ao segundo traço, o *pois* que ocorre nesse exemplo não apresenta liberdade de posicionamento no interior da oração. Por esse motivo, ele é classificado como conjunção coordenativa. Como se trata de um conector que também possui origem adverbial, sua estrutura relacional é tomada como [R *pois* E].

Considerou-se a existência de duas variantes do conector *pois*, nomeadas pela gramática tradicional como *pois* explicativo e o *pois* conclusivo. Sob o ponto de vista sintático, ambas as variantes situam-se obrigatoriamente no segundo *relatum*. O *pois* explicativo encontra-se em posição inicial obrigatória, o que motivou sua classificação como conjunção coordenativa. O *pois* conclusivo, por sua vez, dada a sua liberdade de posicionamento no interior do segundo *relatum*, foi classificado como advérbio juntivo.

Tendo descrito os critérios para a classificação sintática previstos no modelo, apresentam-se, a seguir, as ferramentas desenvolvidas para a análise do funcionamento semântico dos conectores.

1.2.2 Comportamento semântico

Além de funcionarem de forma distinta sintaticamente, os conectores também estabelecem diferentes tipos de relações semânticas. Para sistematizar essas relações, o modelo faz uso de três critérios: a categoria dos objetos relacionados pelo conector, o tipo de relação estabelecida e o valor modal da conexão.

1.2.2.1 Categoria dos objetos relacionados pelo conector

A partir da categoria dos objetos relacionados pelo conector, pode-se identificar em qual domínio semântico se estabelece a conexão. O modelo propõe que é possível estabelecer conexões entre os três tipos de entidades reconhecidos por Lyons (1977, p.442-446, p.791ss), além de um quarto tipo de entidade (cf. Sweetser, 1990).

1.2.2.1.1 Entidades de primeira ordem

As entidades de primeira ordem são os objetos físicos (pessoas, animais e coisas: *mesa, cachorro, Marcelo*, etc.). A relação entre esses objetos físicos constitui o **domínio do espaço**. Essas entidades ocorrem ou não no contexto de outras entidades de primeira ordem; por esse motivo, considera-se que elas têm valor de ocorrência. É possível se referir a esse tipo de entidade por intermédio dos sintagmas nominais. Por exemplo:

(1.20) *O livro sobre a mesa.*

Nesse exemplo, nota-se a relação entre dois objetos físicos expressos sob a forma de sintagmas nominais.

1.2.2.1.2 Entidades de segunda ordem

As entidades de segunda ordem são estados de coisas e eventos, dinâmicos ou estáticos. A relação entre essas entidades constitui **domínio do**

tempo. Essas entidades podem acontecer ou existir e, por isso, possuem valor de factividade. Os recursos lingüísticos que permitem fazer referência a entidades de segunda ordem são os sintagmas nominais, os sintagmas verbais e as orações. Por exemplo:

(1.21) *Depois do almoço, fomos dormir.*

(1.22) *Minha blusa é amarela.*

Esses dois exemplos são orações cuja interpretação se dá no domínio do tempo. Em 1.21, tem-se a relação entre dois eventos. Já em 1.22, a oração expressa um estado de coisas.

1.2.2.1.3 Entidades de terceira ordem

As entidades de terceira ordem são as proposições em que se acredita e as evidências que as tornam plausível ou implausível (por exemplo: *Eu acho que chove hoje à tarde*). Trata-se de objetos epistêmicos, que têm um determinado grau e escopo de validade e se relacionam com outras proposições, constituindo o **domínio epistêmico**. São exemplos de entidades de terceira ordem: crenças, expectativas e julgamentos (cf. Lyons, 1977, p.445). Essas entidades possuem valor de crença¹²: são ou não consideradas plausíveis no contexto de outras entidades de terceira ordem.

¹² No modelo de Blühdorn, a expressão utilizada é “valor de verdade”. No entanto, tendo em vista a associação feita por Aristóteles da verdade ao campo da ciência e ao raciocínio analítico e da verossimilhança à retórica e ao raciocínio dialético, considerou-se mais adequado, em razão da natureza argumentativa dos textos que compõem o *corpus*, utilizar a expressão “valor de crença”. Essa expressão engloba tanto o valor de verdade relacionado a raciocínios analíticos quanto o valor de verossimilhança associado ao raciocínio dialético.

Ao descrever a modalidade epistêmica, Frawley (1992, p.407) afirma que se trata do modo como a língua expressa os seguintes conceitos: inferências, relatos, deduções, conclusões, opiniões, comprometimentos, especulações, dúvidas, evidências, certezas, entre outros. Para esse autor, a modalidade epistêmica corresponde aos recursos estruturais e semânticos disponíveis ao falante para expressar julgamentos de fatos e probabilidades de estados de coisas. Nesse domínio, são expressas as avaliações do falante ou de um ponto de referência ao qual o falante remete (cf. Evangelista, 2003, p.12).

Os recursos lingüísticos que permitem fazer referência às entidades de terceira ordem são os sintagmas nominais, os sintagmas verbais e as orações. Por exemplo:

(1.23) *Acredito que ele não será capaz de solucionar o problema.*

Esse é um exemplo de uma oração cuja interpretação se dá no domínio epistêmico, uma proposição na qual o falante acredita.

1.2.2.1.4 Entidades de quarta ordem

Conforme proposto por Sweetser (1990), o modelo também reconhece um quarto tipo de entidade: os atos (por exemplo: *Vá para a escola!*). Neste modelo, consideram-se entidades de quarta ordem os objetos de desejabilidade. Os objetos de desejabilidade são atos que fazemos¹³ e os motivos que tornam desejável ou

¹³ Para expressar esse conceito, foi utilizada a primeira pessoa do plural, visto que uma característica determinante para a identificação do domínio deôntico é o envolvimento do locutor. Por exemplo, ao proferir “Sua mãe mandou você ir a escola”, o locutor pode estar relatando uma ordem da mãe, o que faria com que esse exemplo fosse interpretado no domínio temporal. No entanto, o locutor pode estar

indesejável a sua realização, o que constitui o **domínio deôntico**. Os atos de fala são também considerados, já que são feitos propositalmente e com determinadas intenções e objetivos, mas sua avaliação se dá dentro do mesmo contexto ético e normativo no qual se avaliam todos os objetos do desejo.

Frawley (1992, p.419), por exemplo, relaciona ao domínio deôntico: ordens, direitos, desejos, exortações, requisições, permissões, etc. Trata-se de um sistema de recursos lingüísticos e interpretações que se referem a valores e objetos de desejo.

Esses objetos ético-deônticos possuem extensão deôntica, ou seja, têm um determinado grau e escopo de validade normativa e relacionam-se com outros atos no espaço ético-deôntico (servem como instrumento, motivo, objetivo ou finalidade um para o outro).

A totalidade das relações ético-deônticas corresponde ao nosso sistema de normas, valores, intenções, interesses e objetivos. As entidades de quarta ordem possuem valor de desejabilidade, ou seja, elas são ou não consideradas desejáveis no contexto de outras entidades de quarta ordem.

Os recursos lingüísticos que permitem a referência a entidades de quarta ordem são os sintagmas nominais e as orações, com seus modos sentenciais. Por exemplo:

(1.24) *Márcia, tire o seu carro agora!*

Essa oração expressa um desejo do falante, portanto sua interpretação se dá no domínio ético-deôntico.

proferindo essa oração com o objetivo de dar uma ordem (*ato de fala*), nesse caso, há o envolvimento do locutor e a interpretação realiza-se no domínio deôntico.

1.2.2.1.5 Os domínios e os recursos da língua

Diversos recursos da língua permitem interpretações em diferentes domínios, dependendo da relação que estabelecem com os outros recursos lingüísticos.

A variação de interpretação de acordo com o domínio semântico é tradicionalmente estudada nos **verbos modais**. Os usos do verbo “querer”, por exemplo, possibilitam interpretações no domínio temporal e no domínio deôntico, como se observa em:

(1.25) *Eu **quero** fazer xixi.*

Esse exemplo representa um uso temporal do verbo “querer”. Não se trata de um *desejo* de “fazer xixi”, o que levaria a uma interpretação deôntica, mas sim de uma necessidade física do falante, indicando que a interpretação mais adequada é a temporal. Outro exemplo do verbo “querer” é:

(1.26) *Eu **quero** comprar um carro!*

Nesse exemplo, nota-se um uso deôntico do verbo “querer”, em que o falante expressa seu desejo de realizar um ato.

Outro exemplo é o verbo modal “dever”. Ele permite usos no domínio epistêmico e no domínio deôntico. Por exemplo:

(1.27) *O céu está nublado, **deve** chover mais tarde.*

Em 1.27, observa-se um uso epistêmico do verbo modal “dever”. A interpretação mais provável é que o verbo “dever” está sendo usado para expressar uma suposição do falante. As suposições relacionam-se ao domínio epistêmico. Em 1.28, por sua vez, verifica-se um uso deôntico desse verbo modal:

(1.28) *Você **deve** chegar mais cedo amanhã!*

Nesse exemplo, o verbo “dever” é usado para dar uma ordem ou sugestão do falante, manifestando o seu desejo de que seu interlocutor chegue mais cedo. Sua interpretação se dá no domínio ético-deôntico.

Esses três domínios de interpretação também podem ser observados nos **modos sentenciais**. A oração declarativa possui interpretação no domínio temporal quando se trata da narração de eventos ou estados de coisas, como em:

(1.29) *Acordei cedo e fui trabalhar.*

As orações declarativas também podem operar no domínio epistêmico, como no exemplo 1.30, que expressa uma avaliação do falante, relacionando-se ao plano do conhecimento de mundo:

(1.30) *Considero mais sensato irmos embora.*

Há também orações declarativas com interpretação deôntica, como no exemplo 1.31, que expressa uma asserção do falante.

(1.31) *Sim, estou terminando o capítulo.*

O modo sentencial interrogativo, por sua vez, possui interpretações apenas nos domínios epistêmico e deôntico. A interpretação no domínio epistêmico pode se dar quando o questionamento relaciona-se a valores de crença, por exemplo:

(1.32) *Você acha que o Marcos está em casa uma hora dessas?*

Já a interpretação deôntica relaciona-se ao desejo do falante de obter mais informações do destinatário, como em:

(1.33) *Que horas são?*

Os modos sentenciais imperativo, optativo ou exclamativo têm interpretação apenas deôntica, por indicarem diretamente atos de fala:

(1.34) *Querida, cheguei!*

As três possibilidades de interpretação também podem ser observadas nos **advérbios**. Advérbios como, por exemplo, *hoje*, *agora* e *recentemente*, operam no domínio temporal.

Os advérbios que indicam crença e opiniões são interpretados no domínio epistêmico, como *talvez*, *certamente*, *possivelmente*, entre outros. Por fim, quando os advérbios se relacionam ao sistema de normas e interesses do falante e de sua

comunidade, eles atuam no domínio deôntico, como: *necessariamente* e *obrigatoriamente*.

Assim como esses recursos, os conectores também podem operar em diferentes domínios semânticos, como será descrito a seguir.

1.2.2.1.6 Conexões

Os conectores podem ser interpretados nos diferentes domínios semânticos. Para avaliar em qual domínio opera um determinado conector, é necessário verificar as entidades por ele relacionadas. A identificação da ordem das entidades é feita sempre com base na análise do contexto no qual elas se inserem. Por esse motivo, os exemplos expostos a seguir têm apenas caráter ilustrativo e, dependendo do contexto em que forem produzidos, podem receber leituras em outros domínios.

Conexões no domínio espacial

Quando os conectores relacionam entidades de primeira ordem, ou seja, objetos físicos, eles operam no domínio espacial. Como o único recurso que permite fazer referência a uma entidade de primeira ordem é o sintagma nominal, toda conexão espacial é codificada na língua por um conector que relaciona dois sintagmas nominais. As conexões podem ser realizadas por:

- preposições: *o cachorro **na** cadeira*;
- advérbios: *o carro **ali na frente***;
- conjunções coordenativas: *o pão **e** o queijo*.

Conexões no domínio temporal

Os conectores também podem relacionar eventos e estados de coisas. Nesse caso, eles operam no domínio do tempo. As conexões temporais podem ser codificadas por:

- preposições: **Depois do** almoço, fui dormir.
- advérbios: Marcos foi tomar banho, **enquanto isso** Janete saiu de casa.
- conjunção coordenativa: **Entrei e** já fui longo sentando.
- conjunção subordinativa: **Quando** isso acontecer todos nós aqui não estaremos mais vivos para saber... (Fórum Orkut 10)

Conexões no domínio epistêmico

Quando os conectores estabelecem relações entre entidades de terceira ordem, a conexão é interpretada no domínio epistêmico. As conexões epistêmicas podem ser codificadas na língua pelos seguintes conectores:

- preposições: **Por** ser uma vida, não é necessário deixar de comer ovo. (Fórum Orkut 5)
- advérbios: Creio que o post do nosso colega mais acima está equivocado. **Então**, a questão continua única e exclusivamente nas mãos STF. (Fórum Orkut 2)
- conjunções coordenativas: Acredito sim! **Mas** não dá paa se resolver tudo de uma hora pra outra! (Fórum Orkut 1)
- conjunções subordinativas: Diante de tal princípio, mostra-se perfeitamente cabível a realização de investigações criminais pelo MP, **já**

que qualquer pessoa pode averiguar elementos que possam subsidiar uma denúncia. (Fórum Orkut 2)

Conexões no domínio ético-deontico

Os conectores também podem relacionar objetos do desejo, ou seja, entidades de quarta ordem. Nesse caso, a interpretação se dá no domínio ético-deontico. As conexões ético-deonticas são estabelecidas por:

- preposições: *Assim, **em razão da** necessidade e seriedade com que tal questão está sendo tratada pelo MP, deve ser declarada constitucional a investigação pelo MP...* (Fórum Orkut 2)
- advérbios: *... deixo aqui o meu desabafo... eu sei o que ouvi deles... e sei que não tem concerto... **por isso** sou sim a favor da pena de morte!!!* (Fórum Orkut 8)
- conjunções subordinativas: *Falar que eu não acredito mais na recuperação do mundo, não significa que eu num faça ou num tente fazer nada para melhora-lo, e nem que eu estou contribuindo para o fim dele, **porque** acho que tem gente aqui que está pensando isso...* (Fórum Orkut 1)
- conjunção coordenativa: *tem muita gente que quer mudar o mundo, **mas** não pensa em mudar a si próprio, e isso faz muita diferença.* (Fórum Orkut 1)

1.2.2.1.7 Identificação do domínio

A identificação do domínio em que se estabelece a conexão é realizada com base nos tipos de entidades conectadas. No entanto, há situações em que a mesma conexão pode ser interpretada em diferentes domínios (cf. Sweetser, 1991; Neves, 2000), como em:

- (1.35) *Eu realmente acredito que o mundo pode melhorar, é so todas as pessoas como nós tentarmos mudar o modo das pessoas verem o mundo, mostrar que as coisas são belas (E) **apesar de** tanto sofrimento, tanta fome, injustiça (R).* (Fórum Orkut 1)

Essa conexão pode ser interpretada no domínio temporal. Nesse caso, o sofrimento, a fome e a injustiça são contracausas para que as coisas sejam belas, configurando uma conexão entre entidades de segunda ordem. No entanto, também é possível realizar uma leitura no domínio deontico. De acordo com essa interpretação, o sofrimento, a fome e a injustiça são contramotivos para que o falante considere as coisas belas, portanto desejáveis.

O seguinte exemplo também apresenta mais de uma possibilidade de interpretação quanto ao domínio semântico:

- (1.36) *Assim em razão da necessidade e seriedade com que tal questão está sendo tratada pelo MP, deve ser declarada constitucional a investigação pelo MP (E), **visto que** sua função precípua é a defesa da sociedade, guardião da constituição (R).* (Fórum Orkut 2)

A conexão estabelecida por *visto que* pode ser interpretada no domínio epistêmico. Segundo essa interpretação, o *relatum-R* (“sua função precípua é a defesa....”) é uma evidência para que o falante conclua que a investigação do MP deve ser declarada constitucional.

Outra possibilidade é interpretar essa conexão no nível deôntico. Nesse domínio, o *relatum-R* (“sua função...”) pode de ser considerado um motivo para que o falante manifeste seu desejo de que a investigação pelo MP seja declarada constitucional.

No discurso, os usuários têm que descobrir em qual domínio opera cada conector. A identificação do domínio é, em parte, uma questão de interpretação. O mais importante para saber em qual domínio se dá a conexão é observar o contexto no qual ela se insere. A presença de verbos modais, advérbios modais e outros recursos que indicam a modalidade nas proximidades do conector cria um ambiente favorável a interpretações epistêmicas e deônticas. Por outro lado, em ambientes sem marcadores de modalidade, as possibilidades de o conector receber uma interpretação temporal são maiores.

Por exemplo:

- (1.37) ... *enfim já vi muito povo formado em direito que se não passar no concurso da OAB (R) não sabe nem o que vai fazer da vida...* (E) (Fórum Orkut 7)

Esse trecho pertence ao fórum de discussão sobre a possibilidade de se sustentar trabalhando com música erudita. O conector se introduz uma condição (evento) que, se não se realizar, ocasionará a falta de perspectiva do estudante.

Fatos e eventos são entidades de segunda ordem. Por esse motivo, a interpretação mais provável para esse conector é no domínio temporal.

- (1.38) ... **acho** q como disse o Victor, em cidades maiores sim (R), **mas creio** q no interiorzão seja mesmo difícil... (E) (Fórum Orkut 7)

O exemplo 1.38 também pertence à mesma discussão sobre música erudita. O conector *mas* estabelece uma relação entre as crenças/opiniões do locutor, objetos de terceira ordem. A conexão entre entidades desse tipo é interpretada no domínio epistêmico. A presença dos verbos modais “achar” e “crer” nas proximidades do conector também favorece a leitura epistêmica.

- (1.39) **Caros colegas**, o assunto é tormentoso (R), **porém**, me posiciono a favor da investigação do MP no seguinte... (E) (Fórum Orkut 2)

Nesse exemplo, a discussão é sobre o poder investigatório do Ministério Público. O conector *porém* relaciona um contramotivo (“o assunto é tormentoso”) insuficiente à declaração do falante (“me posiciono a favor”). Por se tratar da conexão entre um motivo e um ato de fala, o conector é preferencialmente interpretado no domínio ético-deontológico. A presença do aposto “caros colegas”, remetendo aos interlocutores, também reforça a interpretação nesse domínio.

Resumidamente, pode-se dizer que os conectores nos três domínios se distinguem mais nitidamente por sua interação com os outros recursos linguísticos. Os conectores no domínio temporal interagem com tempos verbais e outros recursos codificadores do tempo. Os conectores no domínio epistêmico interagem com

recursos epistêmicos, como advérbios epistêmicos e os modos verbais indicativo e subjuntivo; por fim, os conectores no domínio deôntico também se relacionam com advérbios e verbos modais deônticos, além do modo verbal imperativo.

As possibilidades de interpretação em mais de um domínio podem ser encontradas em todas as classes de conectores. Para facilitar a identificação e a análise do domínio em que atuam os conectores, Blühdorn (2007) apresenta uma série de hipóteses sobre o comportamento das diferentes classes de conectores da língua alemã em relação aos domínios temporal e epistêmico.

A seguir, são apresentadas algumas das características detectadas pelo autor. Cabe ressaltar que, como o estudo foi realizado com conectores da língua alemã, os exemplos expostos nesta tese correspondem a uma adaptação para o português dos casos analisados pelo autor. Em todos os exemplos, procurou-se utilizar um conector da língua portuguesa que aparentemente apresentasse um comportamento semelhante ao descrito para o conector da língua alemã.

De acordo Blühdorn, a interpretação temporal dos conectores precede a interpretação modal, isso porque, em termos diacrônicos, a interpretação temporal é mais antiga e menos complexa lingüisticamente. A interpretação modal só ocorre quando há condições especiais que a favorecem.

Para o autor, é possível identificar em qual domínio a conexão se realiza com base em condições contextuais. Maior integração sintática e prosódica favorecem interpretações temporais. Já a definitude do *relatum-R* e as marcas epistêmicas nas proximidades do conector propiciam interpretações epistêmicas.

As preposições são exemplo de grande integração sintática. Elas só são interpretadas epistemicamente quando um de seus *relata* é claramente um objeto epistêmico.

(1.40a) ***Por causa do mau tempo*** (R), *Marcos chegou mais cedo* (E).

Nesse exemplo, a interpretação realiza-se no domínio temporal. O “mau tempo” é a razão para Marcos ter chegado cedo. Os *relata* conectados possuem valor de factividade. Para que essa conexão seja interpretada no domínio epistêmico, são necessárias evidências contextuais de um ambiente epistêmico, por exemplo:

(1.40b) ***Por causa do mau tempo*** (R), *eu acho que Marcos chegou mais cedo* (E).

O fato de o segundo *relatum* da conexão ser um objeto epistêmico (o que é reforçado pela presença do verbo modal “achar”) permite que a interpretação da conexão também se dê nesse domínio e o *relatum* “por causa do mau tempo” sirva de evidência para a conclusão apresentada no *relatum-E*.

De acordo com as análises de Blühdorn (2007), a ambigüidade entre interpretações temporais ou epistêmicas é inversamente proporcional à integração sintática e prosódica: quanto menor a integração prosódica e sintática, maior a possibilidade de uma ambigüidade entre leituras temporais e epistêmicas.

Segundo o autor, a desintegração sintática está freqüentemente, quando não necessariamente, associada à desintegração prosódica. Esse fato, exemplificado pelo autor com o uso do conector *weil*, também pode ser observado no uso do conector *porque* do português:

(1.41a) *Aconteceu um acidente* (E) ***porque*** *aqui está um caos* (R).

(1.41b) *Aconteceu um acidente (E) / **porque** aqui está um caos¹⁴ (R).*

Em 1.41a, o fato “estar um caos” ocasionou o acidente. Por relacionar duas entidades de segunda ordem, a conexão é interpretada no domínio temporal. Em 1.41b, por sua vez, a existência de dois grupos prosódicos, indicada pela barra, possibilita, além da leitura temporal, uma leitura epistêmica, de acordo com a qual “o caos” serve como evidência para que se conclua que aconteceu um acidente.

De acordo com Blühdorn (2007), outro fator que favorece interpretações epistêmicas é a definitude do *relatum-R*. Conforme descrito no item 1.2.1.3, em conexões realizadas por preposições e conjunções subordinativas, o *relatum-R* é sempre o complemento do conector. Em conexões realizadas por advérbios, o *relatum-R* encontra-se na oração antecedente ou deve ser localizado no contexto. No caso das conjunções coordenativas, a distribuição de *E* e *R* se faz por comparação com conjunções subordinativas e advérbios e com base em sua etimologia.

Um exemplo de como a definitude do *relatum-R* pode favorecer interpretações epistêmicas é:

(1.42a) ***Porque** a luz ainda está acesa (R) Marcos ainda não foi dormir (E).*

(1.42b) ***Como** a luz ainda está acesa (R), Marcos ainda não foi dormir (E).*

Em 1.42a, a interpretação mais provável é: o fato de a luz estar acesa é a razão para Marcos ainda não ter dormido. Trata-se da relação entre dois estados de coisas (causa e consequência), uma conexão temporal. A interpretação epistêmica

¹⁴ A barra foi usada para indicar final de um grupo prosódico. A noção de grupo prosódico adotada significa que a entonação tem uma curva descendente, que se fecha no ponto em que foi colocada a barra.

dessa conexão é pouco provável, sem que haja um contexto epistêmico no qual ela esteja inserida.

Em 1.42b, por outro lado, a oração pode ser interpretada no domínio temporal, como em 1.42a, mas existe a possibilidade mais nítida de uma interpretação epistêmica. De acordo com essa interpretação, “a luz ainda está acesa” é entendida como uma evidência que permite ao falante concluir que “Marcos ainda não foi dormir”. A diferença entre as duas orações encontra-se justamente no conector. O *como* marca seu *relatum-R* como definido¹⁵.

A definitude está sendo compreendida nos termos de Chafe (1976, p.39) como uma sinalização do falante de que acredita que seu interlocutor pode identificar o referente, pois esse já é conhecido. De acordo com Blühdorn, o referente de uma oração é um estado de coisas (evento), nesse exemplo: “a luz está acesa”. Quando se sabe que o estado de coisas descrito por uma oração é um fato, então se pode inferir que a proposição expressa por essa oração é verdadeira/verossímil. Assim, a definitude marcada pelo conector “como” possibilita a interpretação dos *relata* da conexão como proposições no domínio epistêmico.

Além da definitude, Blühdorn também discute a influência das marcas de modalidade no contexto para uma interpretação epistêmica.

(1.43) *Marcos ainda **deve** estar acordado (E), **porque** a luz está acesa (R).*

Nesse exemplo, a presença do verbo modal “dever” (no sentido de “provavelmente”) no *relatum-E* sinaliza que se trata de uma suposição do falante.

¹⁵ É possível supor que esse comportamento também seja válido para outros conectores do português, como: *visto que*, *uma vez que* e *já que*.

Assim, a oração de referência (*R*) pode ser interpretada como uma evidência que possibilita essa suposição, o que permite a interpretação epistêmica da conexão.

Por fim, o autor apresenta uma investigação sobre a relação entre o posicionamento das diferentes classes de conectores na árvore sintática e a possibilidade de interpretação epistêmica ou temporal. Para ele, conectores que se encontram mais baixos na árvore sintática só podem ser interpretados no domínio temporal. A interpretação epistêmica só é possível quando o conector se situa em posição mais alta. Os conectores que se localizam em posição alta na árvore sintática podem apresentar ambigüidade quanto ao domínio de interpretação. Eles requerem sempre uma interpretação semântica e pragmática, para que se saiba o domínio de conexão.

No caso das preposições, como exemplificado em 1.40a, a interpretação temporal é favorecida. No entanto, condições contextuais podem levar a leituras epistêmicas.

As conjunções subordinativas podem se situar tanto mais baixas como mais altas na estrutura sintática da oração. Para verificar o posicionamento na árvore sintática, Blühdorn emprega o teste do escopo com a negação e com advérbios. A seguir, apresenta-se um exemplo com a negação:

(1.44) *Marcos **não** parou de trabalhar (E) **porque** era meio-dia (R).*

Nesse exemplo, são possíveis duas interpretações:

(1.45a) *O fato de ser meio-dia não fez com que Marcos parasse de trabalhar.*

- (1.45b) *Marcos não parou de trabalhar porque era meio-dia, e sim por outra razão.*

Na interpretação 1.45a, a negação só atua sobre o argumento externo do conector (“Marcos não parou de trabalhar”). Já em 1.45b, o escopo da negação é todo o enunciado. A dupla possibilidade de interpretação só é possível quando o conector se situa mais baixo na árvore sintática. Nesse caso, a conexão é interpretada no domínio temporal.

Quando o conector estabelece uma relação no domínio epistêmico, a negação só atua sobre o argumento externo do conector:

- (1.46) *Marcos não deve ter parado de trabalhar (E) **porque** ainda é meio-dia (R).*

Nesse exemplo, se a oração-*R* (“porque ainda é meio-dia”) for entendida como evidência para a suposição apresentada no *relatum-E*, a única interpretação possível é:

- (1.47) *Eu acho que Marcos não deve ter parado de trabalhar e a evidência que me leva a essa conclusão é o fato de que ainda é meio-dia.*

Quando o conector não pode estar sob escopo da negação, ele se encontra em posição mais alta na árvore sintática. Assim, o posicionamento mais baixo leva a leituras temporais, já a posição mais alta possibilita interpretações epistêmicas. Em linhas gerais, o autor considera a interpretação temporal mais

favorecida nas conexões realizadas por conjunções subordinativas, quando condições contextuais não levam a interpretações epistêmicas.

Os advérbios também podem se situar mais altos ou baixos na estrutura sintática. O posicionamento mais baixo leva a interpretações temporais e o posicionamento mais alto favorece a leitura epistêmica, quando não há fatores contextuais desfavorecendo essa interpretação.

Por fim, as conjunções coordenativas situam-se sempre em posição mais alta na estrutura sintática. Elas não são integradas ao *relatum* com o qual se conectam e também interagem pouco com ele sintaticamente. Por esse motivo, a hipótese do autor é que esses recursos são interpretados preferencialmente como epistêmicos, e, só recebem uma leitura temporal, quando há fatores contextuais para tanto.

1.2.2.2 Tipos de conexão

O segundo critério utilizado para sistematizar a relação semântica dos conectores é o tipo de relação estabelecida entre os *relata*. O modelo distingue entre relações de quatro tipos:

- relações de similaridade;
- relações de situamento;
- relações condicionais;
- relações causais.

1.2.2.2.1 Relações de similaridade

As relações de similaridade são simétricas. Nesse tipo de relação, a seqüência dos *relata* é pouco relevante; ambos os *relata* têm o mesmo papel relacional e a mesma função discursiva. Por esse motivo, podem trocar seus lugares seqüenciais. Essas relações são codificadas na língua prototipicamente pelas conjunções coordenativas *e* e *ou*:

(1.48) *Marcelo e Camila* vs. *Camila e Marcelo*.

(1.49) *Suco ou refrigerante* vs. *refrigerante ou suco*.

De acordo com Blühdorn (2006b), em uma relação de similaridade, os *relata* se inserem na mesma categoria superior, chamada por Ewald Lang (1984) de *common integrator*. “Marcelo” e “Camila” são pessoas e “suco” ou “refrigerante” são bebidas. No interior da categoria superior, os *relata* estão em contraste. Assim, as relações de similaridade englobam tanto a semelhança como o contraste.

1.2.2.2.2 Relações de situamento¹⁶

Diferentemente das relações de similaridade, as relações de situamento são assimétricas. Para tais relações, os *relata* têm papéis relacionais distintos (*E* e *R*), como pode ser observado em:

(1.50) *Depois de jantarmos* (*R*), *comemos sobremesa* (*E*).

¹⁶ O termo “situamento” tem origem nos estudos de Engel (2004 *apud* Blühdorn, 2006b).

Nesse exemplo, o evento “comemos sobremesa” (*E*) é situado no tempo em relação ao evento de referência “depois de jantarmos” (*R*). Os *relata* de uma conexão de situamento podem trocar de lugar, mas essa mudança altera também a relação:

(1.51) *Jantamos* (*E*), **depois** *comemos a sobremesa* (*R*).

Nesse caso, ao invés de situar o evento “comemos a sobremesa” em relação ao “jantamos”, situa-se o “jantamos” em relação à “comemos a sobremesa”. Por esse motivo, a relação de situamento é considerada assimétrica. Nessas relações, um *relatum* não influencia o valor assumido pelo outro, o que faz a relação ser estática.

1.2.2.2.3 Relações condicionais

De acordo com Haiman (1978), não existe uma definição satisfatória nem filosófica, nem lingüística, do conceito de construções condicionais das línguas naturais. Por esse motivo, a identificação dos membros dessa classe é feita tomando a forma superficial *if* em inglês e os correspondentes dessa conjunção nas demais línguas.

Para tentar contornar essa deficiência, este modelo utiliza a oposição entre valor fixo e valor aberto do resultado.

As relações condicionais e causais são consideradas dinâmicas. Nelas, um dos *relata* influencia o valor (de ocorrência/factividade/crença/desejabilidade)

assumido pelo outro. No caso das relações condicionais, o valor de um dos *relata* encontra-se sempre aberto, esse *relatum* é o objeto condicionado. O valor a ser assumido pelo objeto condicionado depende do valor que o objeto condicionante irá assumir. Enquanto esse valor não está definido, o valor do objeto condicionado também permanece aberto. Como pode ser observado em:

(1.52) **Se** *chover* (R), *não vou à sua casa* (E).

Nesse exemplo, o *relatum-R* representa o objeto condicionante e o *relatum-E*, o objeto condicionado. Como a conexão se dá entre estados de coisas, estão sendo relacionados valores de factividade. Nessa conexão, o valor de factividade do *relatum-E* encontra-se aberto, ou seja, não se sabe se o evento tornar-se-á factivo ou não, pois isso depende da satisfação da condição exposta no *relatum-R* (“não chover”). O mesmo pode ser observado em:

(1.53) *Tentarei de todas as formas fazer alguma coisa* (E) **para** *mudar o que está errado* (R). (Fórum Orkut 1)

Em 1.53, o objeto condicionado é expresso pelo *relatum-R* (“mudar o que está errado”) e a condição, pelo *relatum-E* (“tentarei de todas as formas...”). As relações finais serão descritas detalhadamente a seguir; no entanto, já se pode antecipar que uma das leituras desse exemplo é no domínio do tempo. Nesse domínio, o valor de factividade do resultado “mudar o que está errado” encontra-se aberto, pois não se sabe se a mudança tornar-se-á ou não factiva, já que isso depende da satisfação da condição “fazer alguma coisa” (E). Esse exemplo

demonstra a dinamicidade da relação condicional, em que um dos *relata* influencia o valor assumido pelo outro. Como o valor assumido pelo resultado (neste caso, valor de factividade) ainda se encontra aberto, trata-se de uma relação condicional.

A literatura tradicional sobre construções condicionais diferencia entre condicionais factuais/reais, condicionais contrafactuais/irreais e condicionais eventuais/potenciais. Embora essa classificação não seja empregada nesta tese, em todas essas categorias, é possível observar conexões dinâmicas em que o resultado apresenta valor aberto; portanto, condicionais segundo este modelo.

A seguir, são apresentados alguns casos utilizados por Neves (1999b, 2000) para exemplificar essas categorias de construções condicionais. As construções eventuais são definidas pela autora como:

Dizem-se eventuais as construções condicionais cuja prótase repousa sobre a eventualidade; o enunciado da apódose, no caso, é tido como certo, desde que eventualmente satisfeita a condição enunciada. (Neves, 2000, p.842)

Para exemplificar, a autora apresenta:

(1.54) **Se** *Raul deixar* (R), *eu mostro* (E).

Nesse exemplo, tem-se a conexão entre dois eventos, ou seja, ela opera no domínio temporal e estão sendo relacionados valores de factividade. O valor de factividade do efeito (*relatum-E* = “eu mostro”) é apresentado como aberto (ainda pode ou não se tornar factivo) e sua fixação depende da satisfação da condição expressa no *relatum-R* (“Raul deixar”).

As construções condicionais contrafactuais/irreais são definidas pela autora como:

A frase hipotética chamada *contrafactual* ou *irreal* é uma construção que, nos termos de Renzi (1991), comunica uma *falsidade segura*, e repousa sobre a não-realidade, apresentando estados de coisas como não-existentes, tanto na prótase (condição) quanto na apódose (consequência). (Neves, 1999b, p.524)

Como exemplo, Neves (2000, p.840) apresenta:

(1.55) **Se** a pergunta partisse da irmã Flora (R), a resposta teria sido outra (E).

Esse exemplo encontra-se simultaneamente no modo hipotético e no tempo passado. O modo hipotético indica que o valor do resultado não deve ser verificado no momento da fala, e sim projetado para um momento fictício, apenas imaginado. Nesse exemplo, estão sendo relacionadas entidades de segunda ordem (estados de coisas). No momento hipotético construído, o valor de factividade do resultado (receber outra resposta) não teve seu valor fixado, pois havia um fator hipotético do qual a fixação dependia (a pergunta partir da irmã Flora). Nas construções condicionais contrafactuais/irreais, há uma dependência condicional entre dois *relata* no modo hipotético.

As construções condicionais factuais/reais são caracterizadas por Neves (2000, p.837), como:

- a) o elemento se encabeça um fato apresentado como “verificado”: diz-se que esse fato **é** ou **não é**, embora colocando-se a proposição no âmbito do verificador de factualidade se;

- b) o outro segmento que contrabalança a construção constitui outro fato, do qual, em vista do primeiro fato verificado, também se diz que é, ou que não é.

A seguir, a autora apresenta o exemplo:

- (1.56) **Se** *meus antepassados vieram* (R), *é claro que os dele vieram também* (E).

Nesse exemplo, a relação é entre entidades de terceira ordem; portanto, a conexão se realiza no domínio epistêmico. O *relatum-R* é apresentado como uma evidência cuja veracidade influencia a fixação do valor pelo *relatum-E*, isto é, a conclusão “é claro que os dele vieram também”. Esse caso possibilita dupla interpretação, dependendo do contexto em que é produzido.

Em uma das interpretações, o falante não está certo se seus antepassados vieram ou não. Nesse caso, essa evidência ainda apresenta valor aberto (o locutor pode ou não acreditar nela) e a conclusão suscitada, conseqüentemente, também apresenta valor aberto. Segundo essa interpretação, a conclusão só se tornará plausível, com valor fixo, se a evidência tiver seu valor fixado; portanto, trata-se de uma conexão condicional.

A segunda possibilidade de interpretação é mais característica das construções factuais. De acordo com essa possibilidade, o falante está certo de que seus antepassados vieram; portanto, o *relatum-R* possui valor fixo e serve como evidência para a conclusão expressa no *relatum-E*, também com valor fixo. As relações dinâmicas em que o resultado tem valor fixo são consideradas causais,

como será exposto a seguir. Por esse motivo, a segunda possibilidade de interpretação é analisada como uma relação causal.

1.2.2.2.4 Relações causais

Conforme mencionado, as relações causais também são dinâmicas, isto é, um dos *relata* influencia o valor assumido pelo outro. Elas relacionam um objeto causado a um objeto causante. No entanto, diferentemente das relações condicionais, o valor do objeto causado encontra-se sempre fixo. Assim, para este modelo, a diferença entre relações causais e relações condicionais reside no fato de que nas **relações condicionais** o valor do resultado encontra-se **aberto** e nas **relações causais** o valor do resultado **está fixo**. Tomando um exemplo semelhante ao 1.52:

(1.57) *Não fui à sua casa* (E) **porque** *choveu* (R).

Em 1.57, a conexão estabelecida entre eventos é interpretada no domínio do tempo, no qual são relacionados valores de factividade. No entanto, diferentemente do exemplo 1.52, em 1.57, o valor de factividade do resultado encontra-se fixo, ou seja, o falante expõe como consumado o fato de não ter ido à casa de seu interlocutor. Assim, o *relatum-E* representa a conseqüência e o *relatum-R*, a causa.

1.2.2.3 Sistema das relações semânticas

Resumidamente, pode-se dizer que os quatro tipos de relações descritos apresentam as seguintes características:

- relações de similaridade: conexões simétricas;
- relações de situamento: conexões assimétrico-estáticas;
- relações condicionais: conexões assimétrico-dinâmicas com resultado de valor aberto;
- relações causais: conexões assimétrico-dinâmicas com resultado de valor fixo.

Cada um dos quatro tipos de relações pode operar nos quatro domínios semânticos, criando um sistema de conexões possíveis, esquematizado na Tabela 1.1:

Tabela 1.1 Domínio *versus* tipo de conexão.

Tipo de conexão	Domínio espacial	Domínio temporal	Domínio epistêmico	Domínio deontico
Similaridade	1) Similaridade espacial	2) Similaridade temporal	3) Similaridade lógica	4) Similaridade deontica
Situamento	5) Situamento espacial	6) Situamento temporal	7) Situamento lógico	8) Situamento deontico
Condição	9) Condição de existir	10) Condição de acontecer	11) Condição de crença	12) Condição de desejabilidade
Causa	13) Causa da existência	14) Causa do acontecer	15) Causa da crença	16) Causa da desejabilidade

Fonte: adaptado de Blühdorn, 2006b, p.16.

Os conectores podem estabelecer relações em todos os níveis descritos na Tabela 1.1.

A seguir, apresenta-se um exemplo ilustrativo¹⁷ para cada tipo de relação:

- (1) Relação de similaridade entre objetos físicos no domínio do espaço: *Marcelo e Camila.*
- (2) Relação de similaridade entre estados de coisas no domínio do tempo: *Marta foi ao cinema e João foi jantar.*
- (3) Relação de similaridade entre proposições no domínio epistêmico: *Eu concordo com o Pedro e acho melhor sairmos mais cedo.*
- (4) Relação de similaridade entre atos no domínio ético-deontico: *Feche a porta e cale a boca!*
- (5) Relação de situamento entre objetos físicos no domínio espacial: *o cachorro no sofá.* (“O cachorro” é o objeto situado (*E*) em relação ao objeto de referência (*R*) “o sofá”.)
- (6) Relação de situamento entre estados de coisas no domínio temporal: *Depois da refeição, ela tomou um café.* (O evento “ela tomou um café” é situado (*E*) em relação ao evento de referência (*R*) “a refeição”.)
- (7) Relação de situamento entre proposições no domínio epistêmico: *Pelo que eu sei, o Pedro é inteligente.* (A proposição “Pedro é inteligente” é situada em relação à proposição de referência “pelo que eu sei”.)
- (8) Relação de situamento entre atos no domínio deontico: *Por mim, você pode ficar em casa.* (O *relatum-R* implícito é o sistema de valores e objetivos do locutor, que serve de parâmetro para avaliar a desejabilidade de o alocutário ficar em casa.)

¹⁷ Cabe ressaltar que alguns exemplos podem ser interpretados em mais de um domínio.

- (9) Relação condicional entre objetos físicos no domínio espacial: *O carro na sombra não esquentou.* (A “sombra” pode ser interpretada como uma condição espacial que influencia as qualidades térmicas do carro.)
- (10) Relação condicional entre estados de coisas no domínio temporal: *Se tiver muito barulho, eu não trabalho.* (O evento de referência “tiver muito barulho” é uma condição que influencia a factividade do evento situado “eu não trabalho”.)
- (11) Relação condicional entre proposições no domínio epistêmico: *Se tiver muito barulho, deve haver crianças brincando.* (A percepção do barulho é a condição epistêmica (evidência) que influencia as conclusões sobre a presença de crianças brincando.)
- (12) Relação condicional entre atos/objetos do desejo no domínio deôntico: *Vá dormir, se não quiser chegar atrasado amanhã.* (Não desejar chegar atrasado é a condição deôntica (motivo) que faz o falante sugerir a seu interlocutor que vá dormir.)
- (13) Relação causal entre objetos físicos no domínio espacial: *Este é o furo da bala.* (Uma das interpretações desse exemplo é: “o furo” é o objeto causado *E* (o efeito), e “a bala”, a causa do furo (*R*).)
- (14) Relação causal entre estados de coisas no domínio temporal: *Cheguei cedo porque corri.* (O evento “correr” (*relatum-R*) é a causa para se chegar cedo (*relatum-E*).)
- (15) Relação causal entre proposições no domínio epistêmico: *Como todos os planetas são redondos, a Terra também deve ser.* (O fato de todos os planetas serem redondos (*R*) serve de evidência para a suposição de que a Terra também é (*E*)).

- (16) Relação causal entre atos/objetivos no domínio deôntico: *“bom eu sou “vegete” por isso naum como frango carne tals... mais e comer ovo? pq pense o ovo é um pintinho que naum nasceu! Isso é um “crime” contra us franguinhos bebes????* (Fórum Orkut 5). (Nesse caso, o *relatum-R* introduzido pelo conector *porque* (“pq”) apresenta um motivo (causa no domínio deôntico) para o ato de fala apresentado em *E* “mais, e comer ovo”.)

O interesse desta tese volta-se apenas para as conexões assinaladas em vermelho na Tabela 1.1 e que correspondem às conexões 10, 11, 12, 14, 15, 16.

Cabe ressaltar que este modelo não funciona como uma matriz classificadora estanque. Os quatro tipos de relação organizam-se em níveis de complexidade relacional e os domínios, em níveis de complexidade conceitual. Portanto, as relações estabelecidas podem ser reinterpretadas tanto em termos do tipo de relação como quanto ao domínio em que operam. A reinterpretação se dá sempre do nível menos complexo para o mais complexo. Assim, relações de similaridade podem ser reinterpretadas como de situamento, relações de situamento, como condicionais e assim sucessivamente, mas nunca o contrário.

Como exemplo de reinterpretação do tipo de relação, pode-se apontar:

(1.58a) *João apagou a luz e ficou com sono.*

Uma das interpretações de 1.58a é de que se trata de uma enumeração de eventos, portanto, uma relação de similaridade. Outra possibilidade é considerar que o *relatum* “ficou com sono” (*E*) está sendo situado em relação ao evento de referência “João apagou a luz” (*R*), uma relação de situamento que pode ser parafraseada por:

(1.58b) *Quando João apagou a luz (R), ficou com sono (E).*

A mesma conexão também pode ser compreendida no sentido causal, ou seja, apagar a luz ocasionou o ficar com sono.

A reinterpretação em termos de domínio também segue o mesmo sentido: do domínio semântico menos complexo conceitualmente para o mais complexo.

De acordo com Blühdorn (2006b, p.16):

A etimologia dos conectores abunda de exemplos que ilustram essas possibilidades de reinterpretação. A grande maioria dos conectores tem como base uma preposição com sentido espacial (p.ex. *logo* do latim *locus*). No decorrer da sua história, essas preposições foram transferidas metaforicamente para o domínio temporal, dali para o epistêmico e para o deôntico.

1.2.2.4 Valor modal

O último critério utilizado para descrever as características semânticas das relações de causa e condição é o seu valor modal. Em uma relação causal ou condicional, as **conseqüências** podem apresentar os seguintes valores modais:

- (1) possibilidade;
- (2) necessidade;
- (3) impossibilidade;
- (4) contingência (não-necessidade/aleatoriedade).

Esses quatro valores modais e as relações lógicas entre eles são sistematizados por Blühdorn da seguinte maneira:

Figura 1.1 Valores modais da conseqüência e o sistema lógico entre elas.

As equivalências colocadas nas quatro extremidades do losango reformulam cada valor modal mediante a negação de outro valor modal e a negação da proposição q . As equivalências correspondem a implicações mútuas.

A substituição de $\sim q$ por p resulta na seguinte rede de relações:

Figura 1.2 Valores modais da causa/condição e da consequência.

Os exemplos a seguir ilustram as equivalências representadas no losango:

- (i) *Se não é necessário que eu faça outra coisa, então é possível que eu vá ao cinema.* (eixo da possibilidade)
- (ii) *Se não é possível que eu faça outra coisa, então é necessário que eu vá ao cinema.* (eixo da necessidade)
- (iii) *Se é necessário que eu faça outra coisa, então não é possível que eu vá ao cinema.* (eixo da impossibilidade)
- (iv) *Se é possível que eu faça outra coisa, então não é necessário que eu vá ao cinema.* (eixo da aleatoriedade/contingência)

Os valores modais das conseqüências podem ser realizados nos domínios temporal, epistêmico e deôntico, como se observa na Tabela 1.2:

Tabela 1.2 Valor modal da conseqüência nos três domínios.

Valor modal	Domínio temporal	Domínio epistêmico	Domínio deôntico
Possibilidade	Capacidade/viabilidade	Plausibilidade	Permissão/inclinação (desejo)
Necessidade	Necessidade (objetiva)	Certeza	Intenção/ordem
Impossibilidade	Incapacidade/inviabilidade	Exclusão	Proibição/impossibilidade
Contingência	Coincidência/indefinição	Incerteza	Indiferença

Os valores modais da conseqüência no **domínio temporal** podem ser exemplificados por:

- (1) Capacidade/viabilidade inerente de que algo aconteça: *Aqui você pode estacionar porque tem uma vaga.*
- (2) Necessidade inerente (objetiva): *Eu preciso ir ao banheiro.*
- (3) Incapacidade/inviabilidade inerente: *Aqui não se pode estacionar porque não tem estacionamento.*
- (4) Coincidência/indefinição inerente: *Nesta região, no inverno, é possível não nevar.*

No nível epistêmico, os valores modais podem ser exemplificados por:

- (1) Plausibilidade: *Eu acho que ele não está em casa, pois ele não está atendendo o telefone.*
- (2) Certeza: *Ele está dormindo, pois estou ouvindo o seu ronco.*

- (3) Exclusão: *Essa não pode ser minha mãe, porque ela está viajando.*
- (4) Incerteza: *Pode ser que ele não esteja em casa, não sei.*

No nível deôntico:

- (1) Permissão/inclinação: *Você pode ir ao cinema.*
- (2) Intenção, ordem: *Eu quero ir ao cinema. Vá dormir!*
- (3) Proibição/impossibilidade: *Você não pode cochilar agora.*
- (4) Indiferença: *Por mim, faça o que quiser.*

O valor modal assumido pela consequência é decorrente do tipo de condição (ou causa) a ela relacionado. Há doze tipos de condições (ou causas) que resultam na impossibilidade, necessidade, possibilidade ou aleatoriedade da consequência. Os doze tipos descritos inserem-se no sistema lógico conforme demonstrado na Figura 1.3.

A Figura 1.3 descreve os doze tipos de condição, distribuindo-as nas extremidades do losango de acordo com o valor modal da consequência resultante (necessidade, possibilidade, impossibilidade e aleatoriedade). A mesma distribuição descrita para as condições é válida para as causas. A seguir, são exemplificados todos os tipos de condições presentes na figura.

Figura 1.3 Sinopse dos valores modais da condição/causa e da consequência.

1) Condição necessária e suficiente

Para uma condição ser considerada desse tipo, ambas condição e consequência devem estar marcadas como necessárias. Exemplo:

(1.59) *Sou um companheiro muito paciente. **Só** se ela me trair, aí a briga é inevitável.*

Nesse exemplo, o “só” marca a condição como necessária e o “inevitável” marca a consequência como necessária. Ao marcar a consequência como necessária, indica-se que a condição é suficiente, portanto, trata-se de uma condição necessária e suficiente.

2) Condição suficiente

Para uma condição ser considerada suficiente, deve haver marcas de necessidade na consequência, o que indica indiretamente a suficiência da condição. Outra possibilidade é a suficiência ser expressa diretamente, mediante marcas de suficiência na condição. Exemplos:

(1.60) *Para chegar cedo (R), é **suficiente** que eu corra (E).*

Em 1.60, a marca de suficiência na condição indica que a consequência vai necessariamente acontecer quando a condição for realizada.

(1.61) *Para **forçar** que eu chegue cedo (R), é **suficiente** que eu corra (E).*

O exemplo 1.61 é semelhante ao 1.60, com a única diferença de que há duas marcas de suficiência da condição, uma no *relatum-E* (“suficiente”) e outra no *relatum-R* (“forçar”).

(1.62) *Para **forçar** que eu chegue cedo (R), eu corro (E).*

No exemplo 1.62, não há marca de suficiência no *relatum-E*, mas há uma marca de necessidade na consequência, o que indica que a condição é suficiente.

3) Condição necessária

Para ser considerada necessária, a condição tem que tornar possível a consequência e ser a única condição que tem esse efeito. Por exemplo:

(1.63) *Eu fico tonto (E), **só** se bebo muito (R).*

Nesse exemplo, o “só” marca a condição como necessária e indica que é a única condição que possibilita a tontura. Outro exemplo:

(1.64) *Para chegar cedo (R), eu **tenho que** correr (E).*

Nesse exemplo, o *relatum-R* (“para chegar cedo”) expressa o objetivo (a consequência desejada), enquanto o *relatum-E* (“eu tenho que correr”) expressa uma condição para possibilitar esse efeito. A expressão “tenho que” marca a necessidade da condição, indicando que ela possibilita a consequência desejada e, sem ela, a consequência não poderia acontecer.

Além das condições necessárias, suficientes e necessárias e suficientes, há as não-necessárias, as não-suficientes e as não-necessárias e não-suficientes. Essas são definidas mediante a negação do operador de necessidade.

4) Condição não-necessária

Diferentemente da condição necessária, a condição não-necessária não precisa ser marcada, pois a ausência de marcas já é suficiente para que se entenda que a condição é desse tipo. Na grande maioria dos casos não-marcados, a condição possibilita a consequência (se não o fizesse, sua menção seria irrelevante); no entanto, não é necessária, já que a mesma consequência pode ser ocasionada também por outras condições. Por exemplo:

(1.65) *Se eu bebo muito vinho (R), eu posso ficar tonto (E).*

O beber possibilita a tontura, mas a tontura pode também ser consequência de outra condição, como, por exemplo, de baixa pressão, de cansaço ou de muito calor.

5) Condição não-suficiente

Só em casos bem específicos é relevante mencionar esse tipo de condição. Por exemplo:

(1.66) *Se Maria nasceu na Alemanha (R), não necessariamente ela tem passaporte alemão (E).*

Quando é relevante, a insuficiência da condição precisa ser marcada para ser entendida. Se nada for marcado, a interpretação preferencial vai ser de um tipo de condição que possibilita a consequência, mas não é uma condição insuficiente, já que essa tem uma relação aleatória com a consequência. A relevância da condição não-suficiente se dá porque ela contribui para aumentar a probabilidade da consequência. No exemplo 1.66, para acreditar que Maria tem passaporte alemão, não é evidência suficiente saber que ela nasceu na Alemanha, mas esse fato aumenta a probabilidade de que ela tenha passaporte, porque muitos que têm passaporte realmente nasceram na Alemanha.

6) Condição não-necessária e não-suficiente

Esse tipo de condição é bem raro, porque normalmente é irrelevante. Por exemplo:

(1.67) *Se hoje faz sol (R), então não é necessário que seja 24 de julho (E).*

No sentido cotidiano, essa construção nem é considerada uma condição. Essa relação também pode ser expressa sem o uso do *se*, como em:

(1.68) *Faça chuva ou faça sol, com certeza é 24 de julho.*

Como “chuva” e “sol” são tipicamente contrários, indica-se que nenhuma das duas condições é relevante para a consequência. Posta dessa forma, a irrelevância de condições é utilizada no discurso, por exemplo, para expressar discordâncias.

Uma condição também pode constituir um impedimento para uma consequência. Nesse caso, é uma *contracondição*.

7) Contracondição não-necessária e não-suficiente

Esse tipo de condição é menos presente do que a condição não-necessária e não-suficiente e é marcada da mesma maneira.

(1.69) *Sendo inteligente ou não, ele não ganhou o concurso do mesmo jeito.*

Nesse exemplo, ser inteligente é uma *contracondição* para não ganhar o concurso, mas é desnecessária e insuficiente, pois “ele não ganhou o concurso do mesmo jeito”.

8) Contracondição não-suficiente

Esse tipo de condição é bastante presente no discurso. Ela desfavorece, mas não impede a consequência. Por exemplo:

(1.70) *Demorar bastante não é suficiente para impedir que você chegue cedo.*

É também mediante os conectores concessivos que se marcam as contracondições não-suficientes:

(1.71) **Mesmo se** eu estiver cansada (R), não vou dormir(E).

Estar cansada é uma contracondição para não ir dormir, mas é insuficiente, pois o não dormir se realiza.

9) Contracondição não-necessária

Assim como a condição não-necessária, a contracondição não-necessária não precisa ser marcada, pois a ausência de marcas já é suficiente para que se entenda que a condição é desse tipo. Trata-se do caso mais típico não-marcado com negação da consequência.

(1.72) **Se** você come muito (R), não vai emagrecer (E).

Nesse exemplo, comer muito é uma contracondição para emagrecer, pois possibilita o não-emagrecer. No entanto, o não-emagrecer também pode ter outras

causas (falta de exercício, doenças, etc.); por esse motivo, considera-se essa condição não-necessária.

10) Contracondição necessária

Trata-se do mesmo caso da condição necessária, porém nesse caso a consequência é negada.

(1.73) **Só** se você passar a me respeitar, eu não vou mais brigar com você.

O “passar a me respeitar” possibilita a consequência e é a única condição que tem esse efeito. Como a consequência é negada, considera-se esse caso uma contracondição necessária.

11) Contracondição suficiente

Esse tipo de condição é semelhante ao caso da condição suficiente, só que com negação da consequência. Por exemplo:

(1.74) **Se** Maria quer ser eleita (R), então ela obrigatoriamente não pode mais mentir (E).

12) Contracondição suficiente e necessária

Para ser desse tipo, a condição tem que ser duplamente marcada, como no caso da condição necessária e suficiente. Nesse caso, no entanto, a não-consequência é obrigatória. Por exemplo:

(1.75) *Com o Prof. Marcos, é super fácil passar na prova. **Só** se o aluno não comparecer (R), então **não tem mesmo jeito** (E).*

Nesse exemplo, o “não comparecer” é contracondição para o “passar na prova”. Essa contracondição é marcada como necessária pelo “só” e como suficiente pelo “não tem jeito”.

Essa mesma tipologia do valor modal das condições pode ser usada para a análise de causas. A única diferença entre elas é que as condições se relacionam a conseqüências com valor aberto e as causas, com conseqüências com valor fixo. Para concluir, é possível fazer uma escala que vai das condições que tornam a conseqüência obrigatória às que tornam a não-conseqüência obrigatória:

Condição/causa que força a conseqüência

Condição suficiente e necessária => conseqüência necessária

Condição só suficiente => conseqüência necessária

Condição só necessária => conseqüência possível

Condição não-necessária (desnecessária) => conseqüência possível

Condição não-suficiente (insuficiente) => conseqüência não-necessária

Condição não-necessária e não-suficiente => conseqüência não-necessária

Contracondição não-necessária e não-suficiente => não-conseqüência não-necessária

Contracondição não-suficiente => não-conseqüência não-necessária

Contracondição não-necessária => não-conseqüência possível

Contracondição necessária => não-conseqüência possível

Contracondição suficiente => não-conseqüência necessária

Contracondição suficiente e necessária => não-conseqüência necessária

Condição/causa que força a não-conseqüência

Cabe apontar que a análise do valor modal adotada neste modelo difere da abordagem tradicional, que considera como o caso não-marcado a condição/causa suficiente (cf. Mateus, 1983; Sweetser, 1990; Neves, 1999b).

Para o modelo de Blühdorn, quando o locutor apresenta uma condição/causa como não-marcada, ele não especifica se essa é necessária, suficiente, ambas ou nenhuma das duas, trata-se simplesmente de uma condição/causa. Ao mencioná-la, o falante só deixa evidente que a considerou suficientemente relevante para produzi-la. O motivo pelo qual ela é relevante tem que ser inferido a partir do contexto. Só quando há marcas explícitas que caracterizam o valor modal da condição/causa, considera-se possível afirmar que se trata de uma condição/causa necessária, suficiente ou outra.

Por esse motivo, na análise realizada nesta tese, procurou-se distinguir os casos em que há marcas de necessidade e/ou suficiência da condição/causa dos casos não-marcados.

1.2.3 Categorias de conectores

Com base no comportamento sintático e semântico dos conectores, o modelo também procura agrupá-los em diferentes categorias. Antes de expor os critérios da categorização adotada, apresenta-se o modo como as classes tradicionalmente reconhecidas pela gramática distribuem-se nos diferentes domínios e os tipos de relação semântica descritos.

Tabela 1.3 Distribuição das conexões reconhecidas pela gramática tradicional de acordo com o modelo de interpretação semântica de Blühdorn.

	Domínio espacial	Domínio temporal	Domínio epistêmico	Domínio deôntico
Relação de similaridade	Aditiva	Aditiva	Aditiva	Aditiva
	Alternativa	Alternativa	Alternativa	Alternativa
	Adversativa	Adversativa	Adversativa	Adversativa
	Comparativa	Comparativa	Comparativa	Comparativa
	Conformativa	Conformativa	Conformativa	Conformativa
	Proporcional	Proporcional	Proporcional	Proporcional
	De companhia	De companhia		
Relação de situamento	De companhia	De companhia Temporal	Modal	Modal
Relação condicional	Condicional	Condicional	Condicional	Condicional
		Concessiva	Concessiva	Concessiva
		Consecutiva		Instrumental
		Final		Final
Relação causal	Causal	Causal	Causal	Causal
		Instrumental	Explicativa	Instrumental
		Consecutiva	Conclusiva	Explicativa
		Concessiva	Concessiva	Concessiva
		Final		Final

Fonte: adaptado de Blühdorn, 2006b, p.17.

Nesta tese, foram estudadas as conexões de **causa** e **condição** que se realizam no domínio **temporal**, **epistêmico** e **deôntico**. Trata-se das relações assinaladas em vermelho na Tabela 1.3. Resumidamente, é possível descrever essas relações de causa e condição nos três domínios estudados da seguinte maneira:

1. **Domínio temporal:** nesse domínio, relacionam-se estados de coisas. Os estados de coisas têm valor de factividade (de realidade) e são factivos (reais) ou não-factivos (não-reais). Se a relação entre dois estados de coisas é dinâmica, isto é, o valor de factividade de um dos *relata* influencia o valor de factividade do outro, então o *relatum* que influencia o valor do outro tem o papel temático **condição** ou **causa**. Quando, em

uma conexão, o **efeito** tem valor de **factividade fixo**, ou seja, é marcado como **real** ou **não-real**, então aquilo que influenciou a fixação do valor foi uma **causa**. Por exemplo: *Eu voltei para casa porque eu estava cansado*. Se eu voltei mesmo para casa (valor de factividade fixo: factivo) e se o cansaço influenciou a fixação desse valor, então o cansaço foi uma **causa**. A relação **causal** depende do **valor fixo do efeito**. Já no exemplo *Vou voltar para casa, quando estiver cansado*, como o **efeito** (“voltar para casa”) ainda **não tem valor fixo** (ainda pode ou não se tornar factivo), então o cansaço é uma **condição** que influencia a fixação do valor do voltar.

2. **Domínio epistêmico:** no domínio epistêmico, relacionam-se proposições. As proposições têm valor de crença: são verossímeis/verdadeiras/plausíveis ou não-verossímeis/não-verdadeiras/não-plausíveis. Se a relação entre duas proposições é dinâmica, isto é, o valor de uma proposição influencia o valor da outra, então a proposição que influencia o valor da outra tem o papel temático de **evidência** (sob a forma de condição ou de causa). Quando, em uma conexão, o **efeito** tem **valor de verdade/verossimilhança fixo**, ou seja, é marcado como verossímil/verdadeiro ou não, como plausível ou implausível, então aquilo que influenciou a fixação desse valor foi uma **causa epistêmica** (evidência). Por exemplo: *Acho que Pedro voltou para casa, já que ele estava cansado*. Se eu acredito que Pedro voltou para casa (valor de crença: plausível) e se o saber do cansaço dele influenciou a fixação desse valor, então o saber foi uma **causa (evidência)**. A relação **causal** depende do

valor fixo do efeito. Outro exemplo: *Se estava cansado, o Pedro deve ter voltado para casa.* Como o **efeito** (a hipótese de que o Pedro voltou para casa) ainda **não tem valor de crença fixo** (ainda pode ou não ser considerado verdadeiro/verossímil/plausível), então o saber do cansaço é uma **condição** que influencia (com mais ou menos peso) a fixação do valor da hipótese.

3. **Domínio deôntico:** no domínio deôntico, relacionam-se os atos/desejos, os quais têm valor de desejabilidade. Se a relação entre dois atos/desejos é dinâmica, isto é, o valor de desejabilidade de um ato/desejo influencia o valor de desejabilidade do outro, então o ato/desejo que influencia o valor do outro tem o papel temático de **condição** ou **causa deôntica**. Quando, em um exemplo concreto, o **efeito** tem **valor de desejabilidade fixo**, ou seja, é marcado como desejável ou não-desejável, então o que influenciou a fixação desse valor foi uma **causa deôntica (motivo)**. Por exemplo: *Pedro, vai na faculdade! Porque não agüento você em casa.* Se eu desejo que Pedro vá na faculdade (valor de desejabilidade: desejável), e se o não agüentá-lo em casa influenciou a fixação desse valor, então o não agüentar foi uma **causa deôntica (motivo)**. A relação **causal** depende do **valor fixo do efeito**. Outro exemplo: *Se não for incomodar, você poderia me dizer que horas são*¹⁸? Como o **efeito** (o ato de questionar as horas) ainda **não tem valor fixo** (o ato ainda pode ou não

¹⁸ Cabe ressaltar que a discussão sobre a condicionalidade ou não desse tipo de conexão está bastante presente na literatura sobre as construções condicionais. Sweetser (1990) menciona que o *status* pragmático desse tipo de construção é nebuloso e que é possível considerar que “*these speech acts ‘purport’ to be conditional*” (p.118). Nesta tese, considerou-se que o ato de fala é condicional, pois, seguindo o princípio desse tipo de relação, seu valor (= desejável) ainda se encontra aberto.

ser considerado desejável), o ato de fala “se não for incomodar” é considerado uma **condição** (motivo) que influencia a fixação do seu valor.

A análise do funcionamento das classes de conexões adverbiais reconhecidas tradicionalmente pela gramática evidencia que o nome adotado para descrever a conexão representa normalmente o papel temático do *relatum-R*. Por exemplo:

(1.76) *Cheguei atrasada* (E) **porque** *peguei trânsito* (R).

Nessa conexão causal, o papel temático do *relatum-E* é consequência e do *relatum-R*, **causa**. A relação é classificada como **causal**. O mesmo acontece no exemplo seguinte:

(1.77) **Se** *chover muito* (R), *alagará a praça* (E).

Em 1.77, o papel temático do *relatum-R* é **condição** e o papel temático do *relatum-E*, consequência. A relação é classificada como **condicional**.

(1.78) *Vamos correr bastante* (E) **de modo que** *cheguemos cedo* (R).

Nesse exemplo, o papel temático do *relatum-E* é causa, e o do *relatum-R*, **consequência**. A conexão é classificada como **consecutiva**.

No entanto, a nomenclatura adotada pela tradição gramatical para classificar as conexões adverbiais não é uniforme, o que se observa, por exemplo, nas conexões classificadas como conclusivas:

(1.79) *Ele chegou cedo (R); **portanto**, deve estar gripado (E).*

Essa conexão é tradicionalmente classificada como conclusiva. No entanto, a análise do papel relacional e do papel temático atribuídos pelo conector *portanto* revela que o papel temático do *relatum-R* é evidência e não conclusão. Nesse exemplo, a conclusão corresponde ao papel temático do *relatum-E*.

Para que a nomenclatura fosse uniformizada, o modelo adotado nesta tese propõe categorizar todas as conexões em função do papel temático do *relatum-R*.

As relações condicionais e causais aparecem em duas configurações. Em uma delas, o papel temático do *relatum-R* é causa ou condição; na outra configuração, a causa ou condição é o papel temático do *relatum-E*.

Nesta tese, as sete categorias identificadas originalmente no modelo de Blühdorn foram ampliadas para poder dar conta das diferentes possibilidades de combinação de papéis temáticos nos três domínios, nos dois tipos de relação (causal e condicional) e nas duas configurações identificadas (padrão e invertida). A Tabela 1.4 expõe as categorias de conexões condicionais e causais analisadas nesta tese.

Tabela 1.4 Categorias de relações causais e condicionais.

Relação	Categoria	Papel temático do <i>relatum</i> -R	Papel temático do <i>relatum</i> -E	Domínio
Condicional	1) Condicional <i>stricto sensu</i>	Condição	Conseqüência	Temporal
	2) Evidencial	Evidência	Conclusão	Epistêmico
	3) Motivacional	Motivo	Intenção	Deôntico
	4) Concessiva	Contracondição não-suficiente	Conseqüência	Temporal
	5) Concessiva	Contra-evidência não-suficiente	Conclusão	Epistêmico
	6) Concessiva	Contramotivo não-suficiente	Intenção	Deôntico
	7) Instrumental	Instrumento	Finalidade	Temporal
Condicional invertida	1) Consecutiva	Conseqüência	Condição	Temporal
Causal	1) Causal <i>stricto sensu</i>	Causa	Conseqüência	Temporal
	2) Evidencial	Evidência	Conclusão	Epistêmico
	3) Motivacional	Motivo	Intenção	Deôntico
	4) Concessiva	Contracausa não-suficiente	Conseqüência	Temporal
	5) Concessiva	Contra-evidência não-suficiente	Conclusão	Epistêmico
	6) Concessiva	Contramotivo não-suficiente	Intenção	Deôntico
	7) Instrumental	Instrumento	Finalidade	Temporal
Causal invertida	1) Consecutiva	Conseqüência	Causa	Temporal
	2) Conclusiva	Conclusão	Evidência	Epistêmico
	3) Intencional	Intenção	Motivo	Deôntico
Condicional/causal- (final)	Consecutiva/motivacional	Conseqüência/motivo	Condição/intenção	Temporal/deôntico

Inicialmente, faz-se necessário mencionar que essa tabela não é exaustiva. Teoricamente, todas as categorias de conexões causais poderiam existir também para conexões condicionais. No entanto, algumas das categorias causais, como conclusiva e intencional, não puderam ser identificadas como construções condicionais no *corpus* e, por esse motivo, não foram incluídas nessa exemplificação.

As primeiras três categorias de relação condicional correspondem às conexões tradicionalmente classificadas como condicionais. Elas foram subdivididas de acordo com o domínio em que operam: temporal, epistêmico e deôntico.

A categoria condicional 1 corresponde à relação condicional *stricto sensu*: entre uma condição e uma conseqüência. Ela se dá entre estados de coisas

(eventos); portanto, no domínio temporal. O *relatum-R* possui papel temático de condição e o *relatum-E*, de consequência. Por exemplo:

- (1.80) *No sistema social precedente ao capitalismo, se uma pessoa nascesse pobre (R), morreria pobre sem jamais ganhar nada na vida (E).* (Fórum Orkut 1)

A categoria condicional 2 corresponde à relação condicional no domínio epistêmico, uma conexão entre proposições. O *relatum-R* possui papel temático de evidência (a condição epistêmica) e o *relatum-E*, de conclusão (a consequência epistêmica). Por exemplo:

- (1.81) *... de qualquer maneira se isso for verdade (R), estaremos comentando um “crime” pela metade (E)... o que já é um avanço para aqueles que ainda não conseguiram se desvinciliar totalmente...* (Fórum Orkut 5)

Como o *relatum-R* possui papel temático de evidência, essa relação foi chamada de condicional evidencial.

A categoria condicional 3 refere-se à relação condicional no domínio deontico, uma conexão entre atos (motivos e desejos). O *relatum-R* possui papel temático de motivo (condição deontica) e o *relatum-E*, de desejo (consequência deontica). Por exemplo:

- (1.82) *... se queremos uma melhora no mundo (R), nos devemos ser a melhora (E). É tudo uma questão de consciência mundial... de amor pela vida!*

Nesse exemplo, o *relatum-R* é o motivo para o ato de fala (*relatum-E*), no qual o falante incita seu interlocutor a batalhar pela melhora. Como o *relatum-R* possui papel temático de motivo, a relação é classificada como condicional motivacional.

Da mesma forma que na relação condicional, as primeiras três categorias de relação causal correspondem à relação causal no domínio temporal, epistêmico e deôntico.

A categoria causal 1 é a relação causal *stricto sensu*, em que se tem uma causa e uma consequência como entidades de segunda ordem; trata-se da relação entre estados de coisas. Por exemplo:

- (1.83) *A injustiça às vezes existe (E), **porque** não fazemos nada para mudar (R)... (Fórum Orkut 1)*

Como o *relatum-R* tem papel temático de causa e o *relatum-E* de consequência, a conexão é classificada como causal *stricto sensu*.

A categoria causal 2 corresponde à relação causal no domínio epistêmico, uma conexão entre proposições. O *relatum-R* possui papel temático de evidência (a causa epistêmica) e o *relatum-E*, de conclusão (a consequência no domínio epistêmico). Por exemplo:

- (1.84) *Sistemas tais como o Socialismo e o Anarquismo pregam uma organização social muito conveniente para resolver os problemas sociais. Contudo ainda são muito utópicos para o ser humano (E), **uma vez que** o*

Capitalismo se instalou de forma natural, enquanto o Socialismo foi "pregado" (R). (Fórum Orkut 1)

Em 1.84, o *relatum-R* corresponde a uma evidência para a conclusão do falante, expressa pelo *relatum-E*. Como o *relatum-R* possui papel temático de evidência, essa relação é classificada como causal evidencial.

A categoria causal 3 corresponde à conexão causal no domínio deôntico. Trata-se da relação entre atos:

(1.85) *Falar que eu não acredito mais na recuperação do mundo, não significa que eu num faça ou num tente fazer nada para melhora-lo, e nem que eu estou contribuindo para o fim dele (E), **pq** acho que tem gente aqui que está pensando isso... (R). (Fórum Orkut 1)*

Nesse exemplo, o *relatum-R* é o motivo para o ato expresso no *relatum-E*. Como o *relatum-R* possui papel temático de motivo, essa relação é chamada de causal motivacional.

As categorias condicionais e causais 4, 5 e 6 correspondem à relação concessiva. Para Neves, a relação entre as construções concessivas e as causais e condicionais é evidente (cf. Neves, 1999c, p.547). De acordo com a autora, é possível dizer que nas construções concessivas uma causa (ou condição) é expressa na oração concessiva, mas o que dela se pode esperar é negado na oração nuclear.

No modelo adotado nesta tese, as conexões concessivas são consideradas categorias da relação condicional ou causal (dependendo do valor do

resultado). A conexão concessiva é interpretada como a relação entre uma contracondição (ou contracausa) insuficiente e uma consequência (ou efeito) (cf. item 1.2.2.4):

(1.86) **Embora** eu esteja cansado (R), vou correr mais um pouco (E).

Nesse exemplo, o *relatum-R* é uma contracausa para o *relatum-E*, ou seja, o estar cansado levaria à consequência natural não correr, mas o que se tem como resultado é o correr; por isso, considera-se a contracausa insuficiente. Como *R* tem papel temático de contracausa insuficiente, a relação é classificada como concessiva.

A relação concessiva pode se estabelecer nos três domínios semânticos (temporal, epistêmico e deôntico), tanto na relação condicional como na causal. A relação condicional concessiva no domínio temporal pode ser exemplificada por:

(1.87) **Mesmo se** você me comprasse uma moto (R), eu não andaria (E).

Nesse exemplo, o *relatum-R* possui papel temático de contracondição insuficiente e o *relatum-E*, de consequência. No momento hipotético para o qual a conexão é projetada, comprar uma moto é uma contracondição insuficiente para não andar nela.

A relação condicional concessiva no domínio epistêmico pode ser observada em:

- (1.88) **Mesmo se** o assaltante não estivesse no local do crime (R), estaria certo de que ele tinha participado do assassinato (E).

Em 1.88, o *relatum-R* pode ser interpretado como uma contra-evidência insuficiente para a conclusão expressa em *E*. No momento hipotético para o qual a conexão é projetada, o fato de o assaltante não estar no local do crime é uma contra-evidência (condicional) insuficiente para que o falante conclua que participou do assassinato.

Por fim, a relação condicional concessiva também pode ser interpretada no domínio deôntico, como em:

- (1.89) *Vá descansar* (E), **mesmo se** não estiver cansado (R).

Nesse exemplo, o *relatum-R* é um contramotivo insuficiente para o ato expresso no *relatum-E*.

A conexão concessiva também é uma categoria das relações causais. No domínio temporal, a relação causal concessiva pode ser exemplificada por:

- (1.90) **Embora** esteja chovendo (R), *consegui chegar mais cedo* (E).

Em 1.90, estar chovendo (R) é uma contracausa insuficiente para chegar mais cedo (E). O *relatum-E* é factível; portanto, trata-se de uma conexão causal entre eventos, no domínio temporal.

Conexões causais concessivas também podem se realizar no domínio epistêmico, como em:

- (1.91) *Sem dúvida, a influencia maior é da rua (R), **mas** alguma coisa sua fica (E). Quanto a alfabetização, de repente, mesclar temas ou palavras geradoras de interesse não só da turma, mas dela.* (Fórum Orkut 6)

A conexão estabelecida pelo conector *mas* nesse exemplo realiza-se entre proposições. No domínio epistêmico, o *relatum-R* (“a influência maior é da rua”) é interpretado como uma contra-evidência insuficiente para a conclusão expressa no *relatum-E* (“alguma coisa sua fica”); portanto, trata-se de uma conexão concessiva causal no domínio epistêmico.

A relação causal concessiva também pode ser interpretada no domínio deôntico, como pode ser observado em:

- (1.92) *Não entendo muito disso (R), **mas** será que a pessoa que emprestou a conta de luz não seria um bom canal (E)?* (Fórum Orkut 6)

Nesse exemplo, o *relatum-R* representa um contramotivo insuficiente para o falante manifestar sua sugestão ao interlocutor no *relatum-E*.

Como pôde ser observado, neste modelo, o conector *mas* é considerado um conector concessivo.

Acerca da distinção entre as relações concessivas e adversativas, Blühdorn propõe que ambas as relações existem tanto na subordinação quanto na coordenação. A diferença entre elas está no tipo de conexão realizada.

A conexão adversativa estabelece uma relação de similaridade entre os *relata*. A conexão concessiva, por sua vez, cria uma relação implicativa de causa ou condição entre os *relata*. Um exemplo de relação adversativa é:

- (1.93) *O Pedro fuma cigarros, **enquanto** o Marco fuma charutos.*

Em 1.93, há um par de *relata* que estão numa relação de similaridade. São apresentados dois fumantes que estão em contraste em relação ao objeto que usam para fumar. Entre os dois *relata*, não há relação de causalidade ou de condicionalidade. Um dos *relata* não influencia o valor assumido pelo outro, ou seja, o fato de um deles fumar cigarros não é condição ou causa para o outro fumar charutos. As relações adversativas também podem ser invertidas sem mudança de sentido:

- (1.94) *O Marco fuma charutos, **enquanto** o Pedro fuma cigarros.*

Como exemplo de relação concessiva, pode-se mencionar:

- (1.95) *O Pedro fuma cigarros (E), **embora** o médico o tenha proibido de fumar (R).*

Nesse exemplo, o *relatum-R* (proibição do médico) deveria levar à consequência de que Pedro parasse de fumar, mas ele não parou. Portanto, o *relatum-R* é interpretado como uma contracausa insuficiente para a consequência expressa no *relatum-E*. O mesmo tipo de relação pode ser observado nas conexões com o *mas* e, por esse motivo, ele é considerado um conector concessivo.

- (1.96) *Não tenho tempo (R), **mas** quero ir ao cinema (E).*

Em 1.96, o primeiro *relatum* (“não tenho tempo”) favorece não desejar ir ao cinema, portanto o contrário do que é expresso no *relatum-E* (não-*E*). No entanto, o motivo é insuficiente e o não-*E* não se realiza, o que se realiza é *E* (o falante deseja ir ao cinema).

Dessa forma, de acordo com este modelo, o conector *mas* apresenta a seguinte distribuição de papéis temáticos:

=> contracondição (ou contracausa) insuficiente ***mas*** conseqüência

Essa hipótese de distribuição de papéis temáticos condiz com a etimologia desse conector. Considera-se que ele se originou do advérbio latino *magis*, como descrito no item 1.2.1.3. *Magis* marcava o segundo *relatum* como maior, o mais poderoso e, conseqüentemente, o primeiro como menor. Visto que, em uma relação concessiva, um dos *relata* é contracondição (contracausa) insuficiente e o outro, conseqüência, a contracondição (ou contracausa) insuficiente deve ser o *relatum-R* (o primeiro *relatum*) e a conseqüência, o *relatum-E* (o segundo *relatum*).

No modelo adotado, considera-se que o *mas* estabelece uma relação adversativa apenas quando pode ser transposto para a estrutura “não... mas sim”, como em:

(1.97) *Na minha opinião, essa criança-estrela significa q o homem **não** está sozinho no universo, **mas sim** está em constante integração com ele.*

(Fórum Orkut 4)

Nesse caso, a oposição entre “não” e “sim” faz com que a relação de similaridade se sobreponha à relação implicativa (causal ou condicional) que se dá quando o *mas* está sozinho. Faz-se necessário mencionar que, em alguns casos, a estrutura “não... mas sim” é expressa apenas por “não... mas”, como pode ser observado em:

(1.98a) *Ela **não** é corredora, **mas** nadadora.*

É possível transpor esse exemplo para a estrutura:

(1.98b) *Ela não é corredora, **mas sim** nadadora.*

No entanto, cabe destacar que a simples presença da negação no primeiro *relatum* não é suficiente para gerar uma interpretação adversativa. Apenas quando não for possível perceber uma relação implicativa de causa ou condição entre os *relata* e a conexão puder ser transposta para estrutura “não... mas sim”, tem-se uma relação de similaridade sobrepondo-se à implicativa, em que a interpretação adversativa pode ser adotada.

A categoria 7 da relação condicional e causal corresponde à conexão instrumental. A seguir, apresenta-se um exemplo de uma relação condicional instrumental:

(1.99) *Caramba, Emilia, três anos!!!!!! Vc realmente tem algo a trocar com ela. Interessante. Bom, falando do teatro, **por meio dele** (R), ela poderá*

externar as emoções (E), aprender a lidar com as dela e vivenciar diferentes papéis. (Fórum Orkut 6)

Nesse exemplo, o papel temático do *relatum-R* foi interpretado como instrumento para a consequência expressa no *relatum-E*. Trata-se de uma conexão entre estados de coisas em que o valor do resultado (factível) ainda está aberto, portanto uma conexão condicional instrumental.

Essa mesma categoria de conexões instrumentais está presente nas relações causais e pode ser exemplificada por:

(1.100) ***Por intermédio de seu médico (R), ele foi internado no hospital Santa Catarina (E).***

Em 1.100, o *relatum-R* possui papel temático de instrumento e o *relatum-E*, de consequência. Como o valor do resultado encontra-se fixo (factível), a conexão é considerada causal instrumental.

Além da configuração-padrão, em que o *relatum-R* tem papel temático de causa/condição, também foi considerada a configuração invertida, em que causa ou condição é o papel temático do *relatum-E*.

A configuração invertida só foi identificada como relação condicional no domínio temporal (categoria condicional invertida 1). Por exemplo:

(1.101) ***Tem sempre uma multidão sofrendo (E) para dar boa vida a poucos (R).***
(Fórum Orkut 1)

Nesse exemplo, o sofrimento da multidão foi interpretado como a condição para “dar boa vida a poucos”. De acordo com essa interpretação, o papel temático do *relatum-R* é consequência e o papel temático do *relatum-E*, condição. Por esse motivo, a conexão é considerada condicional invertida consecutiva.

Nas relações causais, a configuração invertida pode ser observada nos três domínios (categorias causais invertidas 1, 2 e 3).

No domínio temporal, a relação causal invertida pode ser observada em:

- (1.102) *o monolito desenvolveu a inteligência de bowman, elevando-o ao nível das entidades que o construíram (na verdade o monolito é o 'corpo' dessas entidades) (E), **de modo que** bowman não estaria mais preso a espaço ou tempo... (R).* (Fórum Orkut 4)

Nesse exemplo, o *relatum-E* é uma causa (“elevando-o ao nível das entidades que o construíram...” para o *relatum-R* (“bowman não estaria mais preso a espaço ou tempo”), a consequência; portanto, a conexão é considerada causal invertida consecutiva. Outro exemplo de conexão consecutiva é:

- (1.103) *Ela tem 12 anos, não está alfabetizada (R), **pois**, segundo a mãe e ela mesma, nunca foi a escola!?! (...)* (E). (Fórum Orkut 6)

Em 1.103, há uma conexão no domínio temporal, ou seja, uma relação entre dois estados de coisas (eventos). O *relatum-R* é a consequência (“não está alfabetizada”) e o *relatum-E*, a causa (“nunca foi à escola”). Como o papel temático do *relatum-R* é consequência, a relação é classificada como consecutiva.

A relação causal invertida também pode se realizar no domínio epistêmico. Trata-se da conexão entre uma evidência e uma conclusão, como pode ser observado em:

- (1.104) ... *acho q o gover poderia sim cobrar taxas de certos produtos importados* (R), **afinal** *ricos tem dinheiro para pagar imposto* (E). (Fórum Orkut 3)

Esse exemplo pode ser interpretado como uma conexão entre duas proposições. O *relatum-R* (“acho q o governo...”)

 possui papel temático de conclusão (conseqüência no domínio epistêmico) e o *relatum-E* (“afinal ricos tem dinheiro...”), papel temático de evidência (causa no domínio epistêmico). Como o *relatum-R* é a conclusão, a conexão é classificada como causal invertida conclusiva.

No domínio deôntico, também podem se realizar conexões causais invertidas. Trata-se da relação entre um motivo e um desejo/ato (intenção). Por exemplo:

- (1.105) *Nós temos que acolhê-la* (R), **pois** *o fato dela procurar a escola pode ser uma luz no fim desse túnel tão escuro e cruel no qual ela vive* (E). (Fórum Orkut 6)

Em 1.105, o *relatum-E* (“o fato dela...”)

 possui papel temático de motivo para o falante realizar o ato de fala (“nós temos que acolhê-la”), manifestando a sua intenção. Como o *relatum-R* possui papel temático de intenção, a conexão é classificada como causal invertida intencional.

A última categoria considerada nesta tese são as conexões condicionais e causais finais. Trata-se de um tipo especial de relação causal/condicional. Neste modelo, elas são descritas como uma relação dupla, em que coexiste uma interpretação temporal com uma deôntica.

A leitura temporal pode ser exemplificada por:

(1.106a) ... *tentarei, de todas as formas, fazer alguma coisa* (E) **para** *mudar oq está errado* (R). (Fórum Orkut 1)

Nessa leitura, o *relatum-E* (“tentarei, de todas as formas ...”) possui papel temático de condição para o *relatum-R* (“mudar oq está errado”), o objetivo. Como a mudança, no momento relevante (da fala), ainda não se tornou factível (tem valor aberto), a relação é considerada condicional. No domínio temporal, a conexão é considerada condicional consecutiva.

Sentido da interpretação temporal: E (condição/causa) $\Rightarrow R$ (conseqüência)

No entanto, na relação final, coexiste também uma interpretação no domínio deôntico. A relação deôntica é estabelecida no sentido inverso ao da relação temporal:

(1.106b) ... *tentarei, de todas as formas, fazer alguma coisa* (E) **para** *mudar oq está errado* (R). (Fórum Orkut 1)

Sentido da interpretação deôntica: E (desejo) $\leq R$ (motivo)

No domínio deôntico, o *relatum-R* (“mudar oq está errado”) é um motivo para a realização do ato de fala expresso pelo *relatum-E* (“tentarei, de todas as formas...”). Como o *relatum-R* possui papel temático de motivo (causa deôntica) e o *relatum-E*, de conseqüência (o desejo relacionado), a relação é considerada motivacional.

Assim, a conexão final é considerada composta por uma relação consecutiva e uma motivacional.

1.2.4 Distribuição dos *relata* intra ou interturno

Nesta tese, os conectores de causa e condição são investigados em um *corpus* composto por fóruns eletrônicos do Orkut. Os fóruns têm por natureza a participação de vários interlocutores, que deixam suas contribuições à discussão em pauta.

Esse tipo de fórum ainda é um gênero discursivo pouco caracterizado e não se sabe ao certo se as participações dos interlocutores apenas se somam às anteriores, formando uma lista de opiniões, ou se é possível perceber debates entre os participantes.

Em termos coesivos, pode-se supor que a existência de interação entre os participantes transparece textualmente na retomada de referentes introduzidos por outros interlocutores, na repetição e paráfrase de estruturas e argumentos propostos por outros participantes, além de outros recursos. Mais especificamente

em relação aos conectores, considerou-se possível observar se eles desempenham funções coesivas entre as intervenções, verificando em que medida seus *relata* se encontram no mesmo turno conversacional ou em turnos diferentes.

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (1999, p.35), o turno conversacional é definido como:

(...) a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio. Na conversação, ocorre a alternância dos participantes, isto é, os interlocutores revezam-se nos papéis de falante e ouvinte. Nessa perspectiva, pode-se caracterizar a conversação como uma sucessão de turnos, entendendo-se por turno qualquer intervenção dos participantes (tanto as intervenções de caráter informativo, quanto breves sinais de monitoramento, como: *ahn,ahn;sei;certo*) durante a interação.

Partindo do conceito de turno conversacional apresentado pelas autoras, cada participação dos usuários nas discussões foi considerada um turno conversacional. Dessa forma, foram identificadas duas modalidades de conectores: aqueles que relacionam *relata* no interior do turno conversacional (**intraturno**) e os que possuem *relata* que se encontram em turnos conversacionais diferentes (**interturno**).

A seguir, observa-se um exemplo de uma conexão intraturno.

(1.107) **Schummy, sem dúvida.** *Dá para questionar? 7 títulos mundiais, melhor média de corridas/vitórias da F1, 85 vitórias (acho que é isso (R) pois já perdi a conta (E)) e por aí vai.* (Fórum Orkut 10)

Nesse exemplo, o conector *pois* relaciona o *relatum-R* “acho que é isso” ao *relatum-E* “já perdi a conta”, ambos no mesmo turno conversacional. Em 1.108, observa-se uma conexão interturno.

(1.108) **Henrique:** *Só uma observação. Olhei o texto final da EC n. 45/2004 e NÃO encontrei qualquer vedação aos poderes investigatórios do MP. Creio que o post do nosso colega mais acima está equivocado. Então, a questão continua única e exclusivamente nas mãos do STF.*

Plínio: resposta ao henrique 12/15/2004 7:08 PM

a fonte da informação esta em:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=162335&tid=4164538>

desculpe a demora.

Henrique: *Plínio, a questão continua em aberto, **então** (E).* (Fórum Orkut 2)

Nota-se, nesse exemplo, que o conector *então* está no *relatum-E*, que possui papel temático de conclusão. A conclusão tem por base a evidência fornecida por outro interlocutor (Plínio); portanto, o *relatum-R*, embora não explícito textualmente, foi fornecido por outro interlocutor. Por esse motivo, o conector *então* é classificado como *interturno*. Nota-se que esse tipo de conector revela haver interação entre os participantes.

1.2.5 Diálogo com outros modelos

Todos os critérios previstos no modelo foram aplicados na investigação dos conectores do *corpus* desta tese. O modelo adotado não se insere em nenhuma

escola ou teoria lingüística específica. Essa particularidade lhe traz a desvantagem de permanecer à margem de investigações feitas em cada uma das escolas, porém apresenta como ponto positivo o fato de permitir o diálogo com várias áreas de pesquisa lingüística e possibilitar o uso de contribuições provenientes de modelos teóricos diversos.

O modelo revela em sua constituição a presença de contribuições de diversas escolas. A classificação sintática, por exemplo, faz uso de classes reconhecidas pela gramática tradicional, mas acrescenta traços distintivos para a sua diferenciação. Um dos importantes traços utilizados fundamenta-se na atribuição de papel relacional. A atribuição de papel relacional *R* e *E* pelos conectores tem por base os conceitos de *trajector* e *landmark* provenientes dos estudos de gramática cognitiva de Ronald Langacker (1987). A análise semântica, por sua vez, parte dos tipos de entidades relacionadas pelos conectores para identificar o domínio em que operam. Os diferentes tipos de entidades são descritos nos estudos semânticos de Lyons (1977) e também nas análises semântico-pragmáticas dos conectores feitas por Sweetser (1990). A distribuição dos *relata* em termos de intervenção baseia-se em um importante conceito da análise da conversação: o turno conversacional. Por fim, o emprego do modelo para a análise propriamente dita considera sempre o contexto de uso do conector, reconhecendo-o como operante em uma rede de recursos que criam a textualidade. Dessa forma, o modelo utilizado alia as contribuições de diversas escolas lingüísticas em prol de uma caracterização sintática, semântica e pragmática dos conectores.

Como o modelo utilizado não se vincula a nenhuma corrente de estudos específica, considerou-se relevante realizar uma breve apresentação dos pontos em

que o modelo se aproxima ou se distancia de alguns estudos de grande influência nas pesquisas sobre os conectores do português brasileiro.

A existência de diferentes tipos de entidades que constituem os respectivos domínios semânticos é reconhecida por vários autores. No entanto, há variações na terminologia empregada e nas segmentações propostas. Vendler (1967) já distinguia entre as entidades de segunda ordem (eventos) e as entidades de terceira ordem (fatos). Dik (1989) e Hengeveld (1989) postulam uma análise lingüística em níveis ou camadas. Para Dik (1989), as entidades de segunda ordem se relacionam no nível da predicação, as entidades de terceira ordem, no nível da proposição e, por fim, os autores também reconhecem um último nível, no qual se relacionam os atos de fala.

Ao analisar as quatro categorias de conjunção (aditiva, adversativa, causal e temporal), Halliday e Hasan (1976) apontam uma distinção geral que pode ser observada nessas quatro categorias de conjunção. As conexões podem ser interpretadas em termos da função experiencial (ideacional) ou interpessoal da linguagem. A relação entre significados em termos de representações de conteúdos ou experiências da realidade externa deve ser interpretada como função experiencial. Já a relação entre significados como representações das impressões do falante acerca da situação, suas escolhas discursivas e seus julgamentos, deve ser interpretada em termos da função interpessoal da linguagem. Como exemplo, pode-se apontar:

(1.109a) *Ela não estava feliz aqui **então** está indo embora.*

(1.109b) L1: *Ela estaria melhor em outro lugar.*

L2: **Então** *está indo embora?*¹⁹

Em 1.109a, o conector *então* estabelece uma relação causal entre dois estados de coisas: o fato de estar infeliz ocasionou a ida. Já em 1.109b, também há uma relação causal, mas no processo comunicativo. O fato de L1 ter mencionado que ela estaria melhor em outro lugar leva L2 a concluir que ela está indo embora. Com base nesse tipo de análise, os autores diferenciam entre os dois tipos de conexões: as que existem como relações entre fenômenos externos e as que são internas à situação comunicativa.

É possível estabelecer um paralelo entre os níveis externo e interno descritos por Halliday e Hasan (1976) e os domínios de interpretação presentes no modelo adotado nesta pesquisa. As conexões externas assemelham-se à relação entre entidades de segunda ordem, enquanto as conexões internas podem ser comparadas à relação entre entidades de terceira e quarta ordem.

O estudo que mais se aproxima do modelo adotado nesta tese no que se refere aos domínios de interpretação semântica dos conectores foi realizado por Sweetser (1990). A autora considera que as conexões podem se realizar em três domínios: do conteúdo, epistêmico e dos atos de fala. No domínio do conteúdo, relacionam-se os eventos do mundo real, e, portanto, esse domínio pode ser considerado equiparável ao domínio do tempo desta tese. No domínio epistêmico, relacionam-se as verdades, crenças e conclusões e é equivalente ao domínio epistêmico do modelo adotado. Por fim, no domínio dos atos de fala, como o próprio nome deixa claro, relacionam-se os atos de fala. O domínio dos atos de fala pode

Cf. Halliday e Hasan, 1976, p.241.

ser considerado uma parte do domínio deôntico, na medida em que os atos de fala são também considerados objetos de desejo.

Segundo Sweetser (1990), uma análise dos conectores como simples operadores lógicos mostra-se muito fraca para explicar as complexidades em seus usos, ou para dar conta do fato de as ambigüidades entre domínios serem observadas igualmente em conjunções simples ou complexas. De acordo com a autora, não deve ser feita apenas uma análise léxico-semântica mais profunda mas também a contribuição das conjunções para a semântica sentencial deve ser analisada em um contexto polifuncional, reconhecendo-as como portadora de conteúdo, como uma entidade lógica e como um instrumento de um ato de fala.

Dessa forma, Sweetser (1990) considera que a semântica do campo lexical de alguns conectores é estruturada por uma compreensão cultural estratificada da linguagem e do pensamento. Assim, da mesma maneira que a compreensão de processos lógicos e de pensamento é modelada com base na compreensão do mundo físico e social, a expressão lingüística é modelada como descrição (modelo de mundo), como ação (ato no mundo descrito) e como entidade epistêmica (premissa ou conclusão do mundo argumentativo).

A obra de Sweetser é particularmente importante, pois a autora realiza uma análise do funcionamento das conjunções coordenativas e subordinativas e da relação condicional nos três domínios e, por esse motivo, foi tomada como referência em vários momentos da análise.

As influências dos estudos de Sweetser podem ser notadas em várias pesquisas sobre o funcionamento dos conectores do português. Dentre elas, é possível mencionar os trabalhos de Camacho (1999), Pezatti (2001, 2002) e Neves (1999a, b e c, 2000).

Os estudos de Neves e de Pezatti relacionam-se mais diretamente a esta tese por abordarem o funcionamento das construções de causa, condição e concessão (Neves, 1999a, b e c) e consequência (Pezatti, 2002).

Da mesma forma que Sweetser (1990), essas autoras consideram que o estudo das relações causais e condicionais deve abrigar a investigação dos domínios envolvidos na produção dos enunciados.

Para Neves (1999a), a relação causal em sentido estrito diz respeito à conexão causa-consequência ou causa-efeito entre dois eventos, indicando causa real, efetiva ou eficiente. Essas relações ocorrem entre predicções (estados de coisas), ou seja, se estabelecem no domínio do conteúdo para Sweetser (1990) e no domínio temporal, de acordo com o modelo adotado neste estudo. No entanto, conforme ressaltado pela autora, as expressões lingüísticas de ligação causal não se restringem à causalidade efetiva entre conteúdos:

(...) a questão não é dois estados de coisas serem relacionados quanto à causa, mas é o falante propô-los como tal. Desse modo, considerando-se que a causalidade é *enunciada*, e não (cientificamente) comprovada, ela deve ser entendida como referente a qualquer zona que se situe no amplo espectro que vai, por exemplo, da causa eficiente à justificação, passando por relações como razão, motivo e explicação. (Neves, 1999a, p.488)

Como se pode observar, a autora reconhece que as construções causais podem relacionar conhecimentos, crenças ou julgamentos do falante e se realizar entre proposições; portanto, no domínio epistêmico tanto para o modelo de Sweetser como para o modelo adotado nesta tese. Por fim, a autora também considera que as relações causais podem se dar entre um ato de fala e a expressão de causa que motivou esse ato lingüístico, ou seja, se realizar no domínio dos atos de fala ou deôntico.

De acordo com Neves (2000), as conexões realizadas no domínio dos atos de fala são consideradas relações de coordenação pela gramática tradicional, o que, para a autora, se justifica pelo fato de não se articularem apenas orações, mas períodos, representando atos de fala distintos. No entanto, conforme ressalta Pezatti (2001), não é possível estabelecer uma correspondência direta entre coordenação e subordinação de um lado e relações no nível do *dictum* e no nível do *modus*, isto é, em termos de conteúdo e de processamento textual.

Segundo Neves (2000), a relação no domínio dos atos de fala possui caráter mais frouxo, pois não se trata de uma causalidade real ou efetiva e também não há uma causalidade emanada da visão do falante, mas sim um elo causal que se aproxima de uma explicação, a qual pode ser considerada um motivo, razão ou justificativa. Essa frouxidão da relação reflete-se em termos entonacionais. Dessa forma, as conexões entre atos de fala apresentam duas curvas entonacionais, cada uma referente a um dos atos, que se separam por uma pausa na língua oral e por um sinal de pontuação na língua escrita (cf. Neves, 2000, p.806).

Da mesma forma que nas relações causais, Neves (1999b e c) também verifica o funcionamento das conexões condicionais e concessivas nos três domínios. No domínio do conteúdo (ou temporal, para esta tese), a autora avalia a relação de condição mais concreta e direta existente entre dois estados de coisas, desvinculada de uma relação puramente lógica. A relação concessiva nesse domínio se dá entre situações ou eventos do mundo. Nesse caso, um evento/situação é apresentado(a) como obstáculo a outro(a) expresso(a) na oração principal, porém trata-se de um obstáculo insuficiente para impedir a realização ou existência de determinado(a) situação/evento.

As relações condicionais e concessivas também se realizam no domínio epistêmico. Nesse domínio, relacionam-se proposições. Na relação condicional, o que está expresso na apódose é uma conclusão a que levou aquilo que está expresso na prótase. Para a autora, as relações condicionais no domínio epistêmico são as que melhor refletem as relações lógicas do tipo “se... então”.

Quanto à relação concessiva, quando ela demonstra passar pelo julgamento do falante, pode ser interpretada no domínio epistêmico. Nesse nível, fica implicado que a oração principal contraria a possível conclusão a que se poderia chegar com base no que é expresso na oração concessiva.

Além desses dois domínios, a autora também considera que as construções condicionais e concessivas podem conectar atos de fala.

Neves (2000) ressalta que, por vezes, as relações causais, condicionais e concessivas podem permitir leituras em mais de um domínio, mas essa ambigüidade se resolve normalmente com análise do contexto lingüístico e situacional.

Uma outra linha de estudos do funcionamento dos conectores do português tem se desenvolvido sob a influência dos trabalhos de Ducrot, Anscombre e Vogt. Esses autores analisam os conectores sob a perspectiva da Semântica Argumentativa e têm especial interesse pelo valor argumentativo desses recursos. Para eles, a noção de argumentação pode ser entendida como:

Um locutor faz uma argumentação quando apresenta um enunciado E_1 (ou um conjunto de enunciados) destinado a *fazer admitir* um outro (ou um conjunto de outros) E_2 . Nossa tese é que existem coerções na língua que regem esta apresentação. (Ducrot, 1983 *apud* Maingueneau, 1997 [1987], p.161)

Segundo esses autores, a argumentatividade é intrínseca à língua, ou seja, o uso da linguagem é inteiramente argumentativo. Dessa forma, haveria um valor retórico na própria gramática da língua.

Os autores consideram como traço constitutivo dos enunciados o fato de orientarem a seqüência do discurso em uma certa direção; portanto, há enunciados que são empregados com a pretensão de orientar o interlocutor a certos tipos de conclusão. Por orientação argumentativa, os estudiosos entendem que é apresentar A como uma razão para se crer em C, ou seja, o locutor apresenta A como capaz de conduzir seu interlocutor a concluir C.

Entre os fenômenos que restringem os encadeamentos argumentativos, os autores distinguem os *conectores*²⁰ e os *operadores*. Os conectores (*mas, pois, etc.*) servem para ligar dois ou vários enunciados, destinando a cada um deles um papel específico, em uma estratégia argumentativa única. Os operadores (*não, quase, etc.*), por sua vez, aplicam-se a um enunciado único, ao qual atribuem um potencial argumentativo específico (cf. Ducrot *apud* Maingueneau, 1997 [1987], p.162).

De acordo com os autores, os conectores lógicos incidem sobre duas proposições explícitas e delimitadas. Já os conectores da língua não conectam obrigatoriamente os enunciados que os precedem ou seguem, eles podem colocar em jogo todo um movimento discursivo com fronteiras indefinidas.

De acordo com Ducrot, a significação possui *instruções* que orientam o leitor quanto às estratégias a serem usadas para a sua decodificação. Dessa forma, compreender uma seqüência de enunciados onde figura um conector consiste em

²⁰ Na versão em português de *Nouvelles Tendances en Analyse du Discours*, utiliza-se o termo “conectivos”.

aplicar um certo número de instruções ligadas ao seu emprego para reconstruir o sentido do enunciado.

Para um exame do funcionamento dos conectores, esses autores fazem uso do conceito de escala e classe argumentativa. Segundo esse conceito, dois ou mais argumentos orientados para a mesma conclusão constituem uma classe argumentativa. Quando há uma escala graduada de argumentos em que alguns apontam com maior ou menor força para a mesma conclusão, tem-se uma escala argumentativa.

Com base nesses pressupostos, esses autores analisam o comportamento de diversos conectores, como *mais, bien que, car, parce que, puisque, donc, alors, ainsi, finalement, de tout façon, d'ailleurs*. Embora o modelo adotado nesta tese não faça uso dos conceitos de classe e escala argumentativa, algumas considerações sobre o funcionamento dos conectores do francês apresentadas por esses autores auxiliaram a interpretação dos resultados encontrados nesta tese.

As pesquisas de Anscombre e Ducrot influenciaram muitos trabalhos sobre os conectores do português. De especial interesse para esta pesquisa é o aprofundado estudo do funcionamento de alguns conectores feito por Guimarães (1987).

O autor realizou uma análise dos enunciados articulados pelas conjunções *logo, pois, já que, e, além disso, não só... mas também, ou... ou, mas, embora, para que, quando e que*. O trabalho de Guimarães insere-se na linha da Semântica da Enunciação e dialoga com a Análise do Discurso, a Linguística Textual e a Semântica Formal.

Como muitos dos conectores analisados nesta tese foram estudados por esse autor, considerou-se relevante identificar em que medida algumas reflexões realizadas por Guimarães aproximam-se ou distanciam-se dos fundamentos do modelo de Blühdorn, pois, embora as categorizações adotadas pelos dois modelos sejam diferentes, o comportamento dos conectores a ser explicado é o mesmo.

Antes de iniciar a discussão sobre os resultados encontrados por Guimarães, faz-se necessário mencionar que esse autor considera a existência de dois tipos de *mas*: *mas_{SN}* e o *mas_{PA}*. Essa distinção também está presente nos estudos de Anscombre e Ducrot (1977) e Vogt e Ducrot (1989).

De acordo com esses autores, o *mas_{SN}* teria função opositiva, mas não argumentativa. Ele viria sempre depois de um enunciado negativo, com função de “correção de algo suposta ou realmente dito antes” (Guimarães, 1987, p.61). Como exemplo, pode-se apontar:

(1.110) *Ele não é inteligente, **mas** é esperto*²¹.

Segundo Vogt (1989), “o *mas_{SN}* serve para retificar: vem sempre depois de uma proposição negativa $p = \text{não } p'$, e introduz uma determinação q que substitui a determinação p' negada em p e atribuída a um interlocutor real ou virtual” (p.104).

De acordo com o modelo adotado nesta tese, esse mesmo exemplo pode ser interpretado como uma conexão adversativa do *mas*, já que permite a transposição para a estrutura “não... mas sim”. Essa estrutura revela que a oposição entre os pólos positivo e negativo se sobressai e coloca a conexão de similaridade em primeiro plano, como pode ser observado em:

²¹ Cf. Vogt, 1989, p.104.

(1.111) *Ele não é inteligente, **mas sim** esperto.*

Já a conexão *mas_{PA}* pode ser exemplificada por²²:

(1.112) *Paulo era mais adequado para o cargo, **mas** não foi escolhido.*

Esses autores consideram que o *mas_{PA}* estabelece uma conexão argumentativa. Ducrot (1980 *apud* Maingueneau, 1997 [1987]) parafraseia o movimento realizado pelo *mas* argumentativo (*P mas Q*) da seguinte maneira:

Sim *P* é verdadeiro; você teria a tendência de, em decorrência disso, concluir *R*; mas não deve fazê-lo, pois *Q* (*Q* é apresentado como um argumento mais forte para não-*R* do que *P* o é para *R*). (Ducrot, 1980 *apud* Maingueneau, 1997 [1987], p.165)

Essa paráfrase pode ser expressa pelo seguinte esquema:

< = “ser um argumento menos forte”²³

→ = “ser um argumento a favor de”

<=> = “ser contraditório em relação a”

²² Cf. Guimarães, 1987, p.63.

²³ Em relação ao fato de não-*r* ser considerado mais forte, Ducrot menciona em seus estudos mais recentes que “de fato a única coisa constante é que o locutor declara negligenciar o primeiro [enunciado] da argumentação que está construindo, para apoiar-se apenas no segundo – a força argumentativa superior atribuída a este não passa de uma justificação desta decisão” (Ducrot, 1980 *apud* Maingueneau, 1997 [1987], p.166).

De acordo com Maingueneau (1987), “o *mas* argumentativo possibilita a oposição à interpretação argumentativa que um destinatário atribui ou poderia atribuir à proposição P, de P *mas* Q” (p.166). De acordo com esse autor, o *mas* pode introduzir tanto Q como também não-*R*. Partindo dos exemplos “Ele é gaulista, mas honesto (P *mas* Q)” e “Ele é gaulista, mas pode-se confiar nele (não-*R*)”, o autor menciona:

No primeiro caso, é preciso encontrar a conclusão implícita; é o percurso mais freqüente (...) No segundo, a conclusão é dada, sendo necessário encontrar o argumento mais forte, Q. Como a ausência de um argumento é difícil de deduzir, o enunciado freqüentemente o explicita: *Ele é gaulista* (P), *mas é possível confiar nele* (não-*R*); *ele é honesto* (Q). O primeiro percurso de *mas* estabelece uma relação indireta entre P e não-*R*, enquanto o segundo o faz diretamente.

Embora os autores não falem explicitamente em uma relação causal, ao mencionar que P pode levar à conclusão r e que esta não se realiza, pois Q, pode-se interpretar que P (nos termos do modelo desta pesquisa: *R*) é uma contra-evidência/motivo (ou seja, uma contracausa no domínio epistêmico ou deôntico) insuficiente para Q ou para não-*R* (nos termos desta pesquisa: *E*). Essa reinterpretação leva à estrutura de *mas* adotada nesta tese:

*Contracausa insuficiente **mas** consequência*

R mas E

Dessa forma, embora as interpretações dadas ao conector *mas* neste estudo sejam distintas das propostas de Ducrot, Vogt, Maingueneau, Anscombe e

Guimarães, é possível notar semelhanças entre o que se considera nesta tese como um *mas* adversativo e o *mas_{SN}* e entre o *mas* concessivo e o *mas_{PA}*.

A hipótese adotada neste estudo de que o *mas* teria sua origem no advérbio latino *magis* foi explicitada detalhadamente por Vogt (1989), como já mencionado. Esse autor descreve uma possível passagem do comparativo *magis* para o *mas_{SN}* das línguas românicas. Segundo Vogt, essa trajetória é confirmada historicamente, já que o *magis* latino pode ser empregado numa estrutura coordenativa muito semelhante à verificada no *mas_{SN}*.

No que se refere ao *mas_{PA}*, não se encontram empregos em que o *magis* tenha uma função semelhante à desse conector em textos literários. Esse fato leva o autor a formular duas hipóteses. Uma delas seria que o *mas_{PA}* deriva diretamente do *magis*; porém, teria sua origem em empregos do latim vulgar. A outra hipótese formulada é uma trajetória indireta, segundo a qual o *mas_{PA}* teria sua origem no *mas_{SN}*.

A análise realizada nesta pesquisa considera que o *mas* concessivo ainda mantém em seu emprego atual reflexos de sua estrutura adverbial original e pode ser descrito como: [R *mas* E], em que *R* é uma contracausa insuficiente para *E*. Esse fato reforça a hipótese de que o *mas* concessivo teria sua origem diretamente no advérbio latino *magis*, em seu uso vulgar. Isso porque o uso adversativo do *mas* (*mas_{SN}*, para Vogt) cria uma relação de similaridade, em que ambos os *relata* se encontram em uma relação de contraste e não de implicação causal ou condicional. Adotando essa interpretação, parece improvável que, em seu percurso de gramaticalização, o *mas* concessivo tenha passado pelo estágio adversativo, no qual se suprime a estrutura relacional adverbial, e depois tenha retomado essa estrutura em seu emprego concessivo. Por esse motivo, associando as hipóteses formuladas

por Vogt (1989) sobre o percurso de gramaticalização do *mas_{PA}* com a hipótese de distribuição de papéis relacionais adotada no modelo desta tese, torna-se mais plausível supor que o *mas* concessivo tenha sua origem diretamente no advérbio latino *magis*.

Como o objetivo desta tese é a análise dos conectores de causa e condição e não dos conectores que estabelecem relações de similaridade, considerou-se, para fins de comparação com o estudo de Guimarães (1987), apenas o comportamento do conector *mas_{PA}*.

Inicialmente, Guimarães (1987) observa o comportamento dos conectores de acordo com o modo como os segmentos articulados se organizam em relação à enunciação. A seguir, apresenta-se um resumo da análise feita pelo autor.²⁴

O comportamento dos segmentos articulados (*relata*) pelos conectores é analisado em relação a:

- a) Possibilidade de inversão das orações. No exemplo:

*Maria comprou o carro, **logo** vendeu a casa.*²⁵

A inversão seria:

(?) **Logo** vendeu a casa. *Maria comprou o carro.*

Para esse conector, a inversão dos *relata* não é considerada possível.

- b) Possibilidade de articulação por sobre o limite da frase. Por exemplo:

*Maria comprou o carro. **Logo** vendeu a casa.*

Essa construção é considerada aceitável pelo autor.

²⁴ Dada a extensão e a riqueza de detalhes do estudo de Guimarães (1987), foram levantados apenas alguns pontos relevantes para explicitar o funcionamento do modelo adotado nesta tese.

²⁵ Os exemplos apresentados foram reproduzidos do estudo de Guimarães (1987, p.36-38).

- c) Alcance da negação. Exemplo:

*Maria não comprou o carro, **logo** vendeu a casa.*

A negação incide só sobre o “comprou o carro” e não sobre o “vendeu a casa”.

- d) Alcance da pergunta. Exemplo:

*Maria comprou o carro, **logo** vendeu a casa?*

De acordo com o autor, a pergunta não tem sentido ou incide só sobre uma das orações.

- e) Modo de encadeamento no texto. Exemplo:

*Sei que Maria comprou o carro, **logo** vendeu a casa.*

O encadeamento é:

*((Sei que Maria comprou o carro), (**logo** vendeu a casa)).*

E não:

*(?) ((Sei que)(Maria comprou o carro, **logo** vendeu a casa)).*

- f) Divisão para dois locutores na conversa. Exemplo:

L1: *Maria comprou o carro.*

L2: **Logo** vendeu a casa.

O autor não considera totalmente despropositada a hipótese de que essas duas falas se realizem em uma interação.

- g) Divisão entonacional no interior de uma frase. Exemplo:

*Maria comprou o carro /²⁶ **logo** vendeu a casa.*

Essa parece ser a curva entonacional provável para o exemplo, e não:

*(?) Maria comprou o carro **logo/** vendeu a casa.*

Por esse motivo, cada oração se dá num grupo entonacional.

- h) Correlação do modo verbal nas orações. O autor realiza vários testes de transposição modal para as duas orações:

*Maria comprou o carro, **logo** venda a casa.*

*(?) Maria, compre o carro, **logo** vende a casa.*

*(?) Talvez Maria compre o carro, **logo** venda a casa.*

Tendo por base esses e outros testes realizados, Guimarães (1987) conclui que a correlação modal entre as orações não é necessária e que há dificuldade em se ter o subjuntivo ou imperativo na primeira oração; portanto, a mobilidade modal de cada oração é diferente.

Esse autor observa o comportamento dos conectores em relação aos oito critérios apresentados (“a” a “h”) e chega aos resultados expostos na Tabela 1.5. A tabela reproduzida neste estudo expõe apenas o comportamento dos conectores de causa e condição que também são analisados nesta tese.

Para interpretar o comportamento apresentado pelos conectores, Guimarães recorre às reflexões de Charles Bally (1965). Segundo Bally, as enunciações podem relacionar as orações de uma frase de três modos:

²⁶ A barra indica o final do grupo prosódico.

- coordenação: quando a segunda tem a primeira por tema e há independência²⁷ entre as orações envolvidas;
- segmentação: quando a segunda tem a primeira por tema e as há dependência entre as orações envolvidas;
- subordinação: quando a relação entre as orações não caracteriza a distinção tema/comentário²⁸ e há dependência entre as orações envolvidas.

Tabela 1.5²⁹ Comportamento das conjunções quanto aos oito critérios avaliados. **

Conector	Inversão das orações	Articulação por sobre o limite oracional	Alcance da negação: toda a frase	Alcance da pergunta: toda a frase	Encadeamento no texto: frase como um todo	Divisão para dois locutores	Divisão entonacional coincide com as orações	Correlação de modos: mobilidade modal correspondente
Logo	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não
Pois	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não
Já que	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não
Mas*	Não	Sim	Não	Não (imp)	Não	Sim	Sim	Sim
Embora	Sim	Não	Não	Não (imp)	Não	Sim	Sim	Não (subj.)
Para que	Sim	Sim	Sim/Não	Sim/não	Sim/não	Sim	Sim***	Não (subj.)
Quando	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não

Imp. = impossível; *subj.* = subjuntivo no verbo da oração com a conjunção.

* Esses resultados correspondem aos encontrados para o *mas_{PA}*.

** As informações sobre os conectores que não são tema de estudo desta tese foram suprimidas desta tabela.

*** Embora na tabela sinótica da página 76 de Guimarães (1987) coloque que o *para que* apresenta dupla possibilidade de comportamento quanto a esse critério, a demonstração realizada pelo autor na página 69 evidencia que os grupos prosódicos coincidem com as orações.

Fonte: adaptada de Guimarães, 1987, p.76.

De acordo com os critérios propostos por Bally (1965), a categoria a qual pertence uma conjunção é definida com base em dois parâmetros fundamentais: a articulação tema/comentário entre os *relata*³⁰ e a dependência ou não entre eles.

²⁷ Guimarães opta por usar o termo “não-dependentes” em vez de “independentes”, pois, do ponto de vista enunciativo, considera que não é possível falar em uma independência total entre as orações (cf. Guimarães, 1987, p.77).

²⁸ Embora Bally (1965) utilize os termos tema/propósito, Guimarães (1987) opta por tema/comentário.

²⁹ A tabela original não possuía título.

³⁰ Optou-se por falar em *relata* e não em orações, como faz o autor, pois há conectores discutidos que podem conectar trechos maiores, como parágrafos.

Para Guimarães (1987, p.77), a dependência “é uma relação entre dois elementos lingüísticos que constituem outro de mesma natureza”.

Guimarães observa o modo como esses dois parâmetros relacionam-se aos oito critérios utilizados para a análise do comportamento das conjunções. Para ele, a dependência impede a divisão das orações da frase para dois locutores e a articulação por sobre o limite da frase. A não-dependência, por sua vez, impede que se tome a frase construída como um todo, o que pode ser observado na relação com a negação, a pergunta e o encadeamento.

No que se refere ao parâmetro tema/comentário, quando a configuração constitui uma relação de tema e comentário, ela impede que ambos os *relata* estejam em um único grupo entonacional.

Além dos critérios de dependência e do tema/comentário, Guimarães associa mais um parâmetro: o paralelismo. De acordo com o autor, uma construção é paralela “quando exige a repetição de certos traços nos seus membros correlatos” (cf. Guimarães, 1987, p.81). Esse parâmetro manifesta-se no critério da correlação modal.

Esses três parâmetros não foram suficientes para explicar o comportamento de todos os conectores. Por esse motivo, Guimarães (1987) analisa separadamente o comportamento desses recursos quanto à possibilidade de inversão, já que os resultados encontrados demonstram haver conectores que não permitem a inversão tanto no grupo das conjunções dependentes quanto no grupo das não-dependentes.

Para esse autor, em certos casos, não é possível realizar a inversão, porque os conectores marcam a oração que introduzem como comentário (+C), o que pode ser observado, por exemplo, nos conectores *logo*, *pois*, *e*, *além disso*,

*mas*_{PA}³¹. Outro motivo para a impossibilidade da inversão é a combinação dos parâmetros paralelismo e dependência, o que pôde ser observado nos conectores *mas... também* e *ou... ou*, que não são objeto de estudo desta tese.

Tendo por base os parâmetros dependência/não-dependência, tema/comentário e paralelismo, Guimarães (1987) observa a seguinte distribuição das conjunções de seu estudo (Tabela 1.6).

Tabela³² 1.6 Comportamento dos conectores quanto aos parâmetros de análise.***

Conector	Dependência	Paralelismo	Tema/comentário
Logo	Não	Não	Sim (+C**)
Pois	Não	Não	Sim (+C)
Já que	Não	Não	Sim
Mas*	Não	Sim	Sim (+C)
Embora	Não	Não	Sim
Para que	-	Não	-
Quando	Sim	Não	Não

* Esses resultados correspondem aos encontrados para o *mas*_{PA}.

** (+C) indica que há marca no comentário.

*** As informações sobre os conectores que não são tema de estudo desta tese foram suprimidas desta tabela.

Fonte: adaptada de Guimarães, 1987, p.87.

Desconsiderando o comportamento dos conectores quanto à marca no comentário, os resultados encontrados permitiram que Guimarães subdividisse os conectores em cinco grupos (Quadro 1.1).

³¹ Os conectores *e* e *além disso* não são mencionados por não serem tema de estudo desta tese.

³² A tabela original não possuía título.

Quadro 1.1 Subdivisão das conjunções analisadas por Guimarães em cinco grupos.

1º grupo: *logo, pois, já que, embora*

2º grupo: *e, além disso, mas_{PA}, ou*

3º grupo: *não só... mas também, ou... ou, mas_{SN}*³³

4º grupo: *para que*

5º grupo: *quando*

Os dois primeiros grupos são classificados pelo autor como conjunções coordenativas, que podem apresentar paralelismo (2º grupo) ou não (1º grupo). As conjunções do terceiro grupo são consideradas segmentativas. As conjunções do quinto grupo foram classificadas como subordinativas. Por fim, a conjunção *para que* (4º grupo) é avaliada como não-paralela e, dependendo do contexto de ocorrência, pode ser coordenativa ou subordinativa.

Os conectores assinalados em vermelho no Quadro 1.1 são também analisados nesta tese. O modelo de análise de Blühdorn classifica os conectores sintaticamente de acordo com quatro categorias reconhecidas pela gramática tradicional: conjunção subordinativa, conjunção coordenativa, advérbios juntivos e preposições. No entanto, diferentemente do que se observa na maior parte das gramáticas, apresenta critérios distintivos precisos que justificam a inserção dos conectores em cada uma das classes.

Conforme mencionado no item 1.2.1, os traços distintivos são:

- (i) o conector posiciona-se no segundo *relatum*;
- (ii) o conector encontra-se em posição inicial no *relatum*;
- (iii) o conector atribui papel relacional;
- (iv) o conector pede complemento oracional.

³³ Este grupo não contém conectores que são tema de estudo desta tese e não serão portanto considerados neste momento.

O primeiro traço coincide nas duas análises, já que Guimarães (1987) também adota a possibilidade de inversão das orações como um critério para a verificação do comportamento dos conectores. Contudo, para Guimarães, esse não é um critério distintivo, pois a impossibilidade de inversão foi constatada tanto no grupo das conjunções dependentes quanto no das não-dependentes.

Já no modelo de Blühdorn, a presença obrigatória do conector no segundo *relatum* é um dos traços distintivos para a identificação da categoria à qual pertence o conector.

Para verificar a correlação entre as categorizações dos dois modelos, os três primeiros critérios sintáticos³⁴ distintivos do modelo de Blühdorn foram aplicados ao agrupamento de conjunções feito por Guimarães, o que pode ser observado na Tabela 1.7.

Tabela 1.7 Distribuição dos conectores de acordo com os critérios do modelo de Blühdorn.***

Grupo	Conector	Posicionamento no segundo <i>relatum</i>	Posicionamento inicial no <i>relatum</i>	Atribuição de papel relacional
1	Logo	(+)	(+/-)	(+)
	Pois	(+)	(+)	(+/-)
	Já que	(+/-)	(+)	(+)
	Embora	(+/-)	(+)	(+)
2	Mas	(+)	(+)	(+/-)
4	Para que	(+/-)	(+)	(+)
5	Quando	(+/-)	(+)	(+)

*** Os conectores que não são tema de estudo desta tese não foram incluídos nesta tabela.

A análise da Tabela 1.7 revela que os conectores incluídos no primeiro grupo apresentam comportamento sintático distinto quanto aos critérios do modelo

³⁴ O terceiro traço não foi aplicado, pois distingue apenas entre conjunções subordinativas e preposições.

de Blühdorn. Esse resultado dificulta a manutenção desses quatro conectores no mesmo grupo, evidenciando a necessidade de uma subdivisão em três grupos.

Dessa forma, para a análise dos sete conectores da Tabela 1.7, teriam que ser consideradas pelo menos seis categorias diferentes de conectores, caso fossem associados os critérios utilizados por Guimarães (1987) aos utilizados no modelo desta pesquisa. Esse procedimento tornaria a análise improdutiva, pois a quantidade de categorias necessárias se aproximaria muito do total de conectores a serem analisados, assemelhando-se mais a uma descrição individualizada do que a uma categorização.

No modelo adotado nesta tese, procura-se dar conta da complexidade do comportamento dos conectores, realizando separadamente a descrição sintática e a descrição semântica dos conectores. Em termos sintáticos, os conectores presentes na Tabela 1.7 são agrupados da seguinte maneira (Quadro 1.2).

Quadro 1.2 Categorização sintática de acordo com o modelo de Blühdorn dos conectores analisados por Guimarães (1987).

Conjunções coordenativas: mas, pois

Conjunções subordinativas: para que, quando, já que, embora

Advérbios: logo

Como era possível supor, conectores inseridos nas mesmas classes sintáticas apresentam comportamento diferente em relação aos oito critérios investigados por Guimarães e representados na Tabela 1.5. Essa diversidade de comportamento pode ser explicada pelo modelo de Blühdorn como um indício de que esses conectores se encontram na mesma categoria sintática, mas concentram sua atuação em domínios semânticos distintos.

Embora a identificação do domínio semântico em que atua o conector dependa da análise do contexto em que ele está inserido, com base nas entidades por ele relacionadas, os recursos utilizados por Blühdorn (2007) para auxiliar a identificação do domínio em que opera o conector contribuem para o levantamento de hipóteses que expliquem alguns dos resultados encontrados por Guimarães (1987).

Conforme descrito no item 1.2.2.1.7, a maior integração sintática e prosódica é considerada favorável a interpretações no domínio temporal. As conjunções coordenativas, por sua vez, são menos integradas sintaticamente e inserem-se em uma posição mais alta na árvore sintática, o que favorece leituras epistêmicas.³⁵ As conjunções subordinativas e os advérbios podem se encontrar tanto em uma posição mais baixa quanto mais alta na árvore sintática. De acordo com Blühdorn (2007), a posição mais baixa só permite leituras temporais, já a posição mais alta possibilita leituras temporais e epistêmicas das conexões.

Em relação aos critérios utilizados por Guimarães (1987), a maior integração sintática se revela quando há alcance da negação e da pergunta sobre toda a frase e encadeamento na frase como um todo. A integração prosódica manifesta-se quando ambos os *relata* se encontram no mesmo grupo entonacional.

Conforme pode ser observado na Tabela 1.5, as conjunções coordenativas *mas* e *pois* não permitem o alcance da negação e da pergunta sobre toda a frase, não possibilitam o encadeamento da frase como um todo e apresentam divisão entonacional coincidente com as orações. Tais resultados mostram que as conjunções coordenativas são pouco integradas sintática e prosodicamente. Para

³⁵ Cabe ressaltar que o estudo do autor não avalia o funcionamento do domínio deontico em relação às classes sintáticas.

Blühndorn (2007), esse comportamento favorece interpretações no domínio epistêmico.³⁶

As conjunções subordinativas podem se situar mais baixas ou mais altas na árvore sintática. O fato de, segundo os testes de Guimarães (1987), as conjunções *já que* e *embora* não permitirem o alcance da negação, da pergunta e o encadeamento de toda a frase indica que esses conectores se situam mais altos na árvore sintática. Além disso, eles apresentam divisão entonacional coincidente com as orações. No modelo adotado nesta tese, esses resultados são interpretados como indícios de que esses conectores permitem leituras epistêmicas. No caso das conjunções subordinativas, a hipótese de Blühndorn é que, mesmo em posições mais altas, a leitura temporal é preferencial quando não há razões contextuais para leituras epistêmicas. Mais especificamente em relação ao *já que*, a interpretação epistêmica é favorecida em virtude de esse conector marcar seu *relatum-R* como definido (cf. item 1.2.2.1.7).

A conjunção subordinativa *quando* possui marcação positiva para os critérios: alcance da negação, alcance da pergunta e encadeamento da frase como um todo no texto. Esse comportamento indica que o *quando* se insere em uma posição mais baixa na árvore sintática, o que ocasiona leituras temporais. Essa característica é reforçada pela ausência de divisão entonacional coincidente com as orações, revelando integração prosódica da conexão.

A Tabela 1.5 mostra que o conector *para que* apresenta duplo comportamento quanto ao alcance da negação e da pergunta e ao encadeamento da frase como um todo. A seguir, apresenta-se um exemplo utilizado por Guimarães

³⁶ Um levantamento estatístico da distribuição dos conectores *mas* e *pois* quanto aos três domínios semânticos é apresentado no Capítulo 3.

(1987) para demonstrar a dupla possibilidade de interpretação do conector *para que* em relação ao alcance da negação:

(1.113) *Maria **não** fez tudo hoje à tarde (E) **para que** pudesse viajar amanhã (R)*³⁷.

De acordo com o autor, a negação pode ser interpretada como incidindo sobre toda a frase, negando que Maria tenha feito tudo para viajar, e outra possibilidade é considerar que o não fazer tudo tem por finalidade poder viajar.

Com base nos resultados apresentados pelo *para que*, Guimarães (1987) considera que esse conector não especifica característica de dependência nem de não-dependência, assim como é neutro em relação à configuração tema-comentário.

De acordo com as hipóteses de Blühdorn (2007), esse comportamento ocasiona leituras temporais do conector. No entanto, como explicitado no item 1.2.3, muitas ocorrências do conector *para que* estabelecem uma relação bastante particular, em que coexistem uma conexão temporal e uma conexão deôntica: trata-se das relações finais. Por exemplo:

(1.114) *Devemos correr (E) **para que** consigamos chegar no horário (R).*

Na leitura temporal desse exemplo, a corrida é uma condição para que se consiga chegar no horário. Na leitura deôntica, o desejo de chegar no horário é o motivo para o falante incitar seu interlocutor a correr. Realizando o teste do alcance da negação, observa-se:

³⁷ Cf. Guimarães, 1987, p.68.

(1.115) **Não** devemos correr (E) **para que** consigamos chegar no horário (R).

O exemplo 1.115 mostra que, na leitura temporal, a ambigüidade está presente. A negação pode ter escopo sobre o *relatum-E*, interpretação segundo a qual não correr é necessário para que se consiga chegar no horário, ou sobre os dois *relata*, afirmando que não se deve correr para chegar no horário.

Na leitura deôntica do mesmo exemplo, a negação tem escopo apenas sobre o *relatum-E*. De acordo com essa interpretação, conseguir chegar no horário é o motivo para o falante incitar seu interlocutor a não correr.

Dessa forma, o comportamento desse conector revela que, para se ter uma conexão final em que as leituras (deôntica e temporal) estejam presentes, a negação só pode ter escopo sobre o *relatum-E*, o que sugere que a desintegração sintática pode estar associada a leituras modais em geral e não apenas a interpretações epistêmicas.

O conector *logo* é classificado como advérbio porque se encontra obrigatoriamente no segundo *relatum*, apresenta liberdade de posicionamento nesse *relatum*³⁸ e possui a distribuição de papel relacional: [R *logo* E].

Os advérbios também podem se situar em posição baixa ou alta na árvore sintática. No entanto, os testes realizados por Guimarães (1987) mostram que o *logo* não permite o alcance da negação e da pergunta sob toda a frase e não possibilita o encadeamento da frase como um todo. Esse comportamento revela que esse conector se situa em posição mais alta na árvore sintática. Além disso, as conexões realizadas pelo *logo* apresentam divisão entonacional coincidente com as duas

³⁸ A liberdade de posicionamento do conector *logo* no interior do segundo *relatum* é um tema controverso. Nesta pesquisa, considerou-se que o conector possui liberdade de posicionamento, já que ainda é possível encontrar ocorrências desse conector em posição não-inicial em textos atuais na modalidade escrita. Algumas considerações sobre a liberdade de posicionamento dos advérbios são apresentadas no Capítulo 3.

orações. No modelo adotado neste estudo, esses são considerados fatores que propiciam leituras epistêmicas desse conector.

Como pôde ser observado, o modelo adotado opta por classificar os conectores quanto a quatro categorias sintáticas e justifica a variação de comportamento dos conectores inseridos na mesma classe em termos do domínio semântico no qual operam.

Há ainda três critérios utilizados por Guimarães para verificar o funcionamento dos conectores: a articulação por sobre o limite da frase, a divisão para dois locutores e a correlação de modos verbais. A correlação de modos verbais não é investigada nesta tese e permanece como tema para futuros estudos. Em relação aos critérios da articulação por sobre o limite da frase e a divisão para dois locutores é possível levantar algumas hipóteses.

No que se refere à divisão para dois locutores³⁹, os resultados encontrados por Guimarães (1987) mostram que a possibilidade de divisão só existe para os conectores que estabelecem relações com menor integração sintática, não permitindo o alcance da negação e da pergunta sob toda a frase e o encadeamento da frase como um todo e que possuem divisão entonacional coincidente com as orações. No entanto, nem todos os conectores que apresentam desintegração sintática e prosódica permitem a divisão para dois locutores. Portanto, a desintegração sintática e prosódica é uma condição necessária para a divisão para dois locutores, mas não é suficiente, pois há conectores que apresentam desintegração, mas não permitem a divisão para dois locutores. Essa correlação entre divisão para dois locutores e desintegração sintática e prosódica sugere que é

³⁹ Embora o critério de divisão para dois locutores tenha sido utilizado por Guimarães como teste para verificação do funcionamento dos conectores, conforme poderá ser observado no Capítulo 3 por intermédio do levantamento das conexões *intra* e *inter*, no *corpus* investigado nesta pesquisa, são raros os casos em que os turnos são iniciados por conectores de causa e condição.

possível associar a divisão para dois locutores aos critérios que se relacionam à possibilidade de leituras epistêmicas (ou, até mesmo, modais em geral); ou seja, os conectores que permitem a divisão para dois locutores possibilitam leituras temporais e epistêmicas. A seguir, retoma-se o exemplo de divisão para dois locutores com o conector *logo*.

(1.116) L1: *Maria comprou o carro* (R).

L2: **Logo** *vendeu a casa* (E).

Nesse exemplo, a interpretação causal da conexão seria que L1 apresenta uma evidência que suscita a conclusão de L2, portanto uma conexão epistêmica.

O último critério apontado por Guimarães é a possibilidade de articulação por sobre o limite oracional. Da mesma forma que a divisão para dois locutores, a possibilidade de articulação por sobre o limite oracional só existe para aqueles conectores que apresentam maior desintegração sintática e prosódica, mas não necessariamente está presente nesses casos. Uma hipótese para explicar a distribuição dos conectores quanto a esse critério é supor que permitem articulação por sobre o limite oracional aqueles conectores que podem relacionar *relata* maiores que orações, como o *logo* e o *mas*. Seria necessário fazer um levantamento para verificar em que medida essa hipótese se confirma⁴⁰.

O estudo de Guimarães ainda apresenta uma série de considerações importantes sobre o funcionamento semântico-pragmático dos conectores. Alguns

⁴⁰ Nesta tese, não foi possível realizá-lo, visto que conectores como o *logo* são pouco incidentes no *corpus*.

desses apontamentos foram relevantes para a interpretação dos resultados encontrados nesta tese e serão descritos no Capítulo 3.

Algumas características do comportamento sintático dos conectores descritas por Guimarães (1987) foram também detectadas por Vogt (1989). Esse autor faz um estudo mais específico dos conectores *já que*, *pois* e *porque*.

Assim como Guimarães, Vogt (1989) também realiza uma série de testes para descrever o funcionamento desses conectores. Dentre eles, encontram-se as seguintes possibilidades: de o conector encontrar-se no primeiro *relatum*⁴¹, de combinar-se com a conjunção *e*, de responder à questão *por que* e de extraposição⁴². Além disso, o autor verifica o comportamento desses conectores quanto ao encadeamento e ao escopo da negação, da interrogação e da quantificação.

Os resultados desses testes revelam que o conector *já que* possui comportamento mais próximo do conector *pois* do que do conector *porque*. Diante dessas evidências, Vogt considera que a oposição sintática que se firma é a que coloca de um lado o *porque* e de outro o *pois* e o *já que*, da mesma forma que as conjunções francesas *car*, *parce que* e *puisque*, conforme descrito por Ducrot (1975; *apud* Maingueneau, 1997 [1987]). Quanto ao conector *porque*, Vogt (1989, p.58) menciona que ele goza de uma ambigüidade fundamental:

Por um lado é a única conjunção capaz de explicar, pelo elo de causalidade que estabelece entre os conteúdos de duas proposições, o conteúdo da primeira pelo conteúdo da segunda; por outro lado, tem um comportamento que a aproxima da conjunção *pois*, quando a explicação desliza para uma espécie de justificação do que se diz na primeira proposição.

⁴¹ Vogt (1989) utiliza o termo “enunciado”.

⁴² Por *extrapor*, o autor entende “o processo de eleger no interior do conteúdo de um enunciado um elemento que centralizará o foco informacional deste conteúdo, através de recursos lingüísticos” (p.52).

De acordo com o autor, esse comportamento do *porque* permite compreender a indecisão do falante de português em relação a marcar ou não a pausa entre as proposições ligadas por esse conector. Para Vogt, a marcação dessa pausa não é aleatória, ela se justifica estruturalmente quando o *porque* não funciona como um operador de tipo lógico, mas como “uma espécie de marca de subjetividade, cuja intenção é introduzir um ato de justificação para o ato de fala que produziu a primeira proposição” (p.58).

Para tentar dar conta dessa “ambigüidade fundamental” detectada por Vogt no estudo do *porque* e que permeia o funcionamento de vários outros conectores de causa e condição, conforme será apresentado no Capítulo 3, o modelo adotado neste estudo, assim como também o fazem Sweetser (1990), Neves (1999a, b e c), Camacho (1999) e Pezatti (2001), entre outros, considera que os conectores podem operar em diferentes domínios semânticos. Dessa forma, opta-se por manter os conectores *já que* e *porque* na mesma classe sintática, separadamente do *pois*, mas, de acordo com o seu comportamento no discurso, eles podem atuar no mesmo domínio semântico.

Embora Vogt não realize uma análise com base nos domínios semânticos, o autor identifica a sua importância para a compreensão do funcionamento dos conectores:

Na verdade, a operação realizada pelas conjunções *pois*, *já que*, *pois que*, *porque* (na primeira interpretação) e pelas outras conjunções causais (segundo creio) entre *p* e *q* não se faz no nível dos conteúdos, mas no nível dos atos de fala que constituem esses conteúdos. (Vogt, 1989, p.58)

Em relação a essa afirmação, cabe ressaltar que a análise realizada nesta tese parte do pressuposto de que os conectores de causa e condição podem operar nos três domínios semânticos: temporal, epistêmico e deôntico. No entanto, por intermédio da análise desses conectores no *corpus*, procura-se verificar se há conectores que têm seu campo de atuação mais restrito e limitam-se a operar em algum domínio semântico específico.

Koch (2006 [1984]) também dedica uma parte do seu estudo sobre argumentação e linguagem à descrição de relações estabelecidas por conectores. Seguindo a linha dos estudos de Ducrot, Koch distingue dois tipos de relação entre os enunciados que se encadeiam para formar um texto: as relações lógicas ou semânticas em sentido estrito e as relações paralógicas, discursivas ou argumentativas (cf. Koch, 2006 [1984], p.29).

As primeiras são aquelas que na língua natural equivalem às relações lógicas de conjunção, disjunção, equivalência, implicação e bicondicionalidade. Dentre essas, incluem-se as relações de causalidade, alternância, temporalidade, condicionalidade, etc. Segundo a autora, esse tipo de relação é estabelecido entre as proposições que constituem um enunciado ou entre os enunciados que formam um texto, apresentando caráter predominantemente objetivo.

O segundo tipo de relações são aquelas dotadas de caráter mais subjetivo, que encadeiam atos de fala em que se enunciam argumentos a favor de determinadas conclusões. Os conectores que estabelecem esse segundo tipo de relação são denominados operadores argumentativos e, de acordo com a autora, são mais importantes sob o ponto de vista da enunciação, pois determinam a sua orientação discursiva. Para Koch (2006 [1984]), os períodos conectados por esses operadores equivalem à realização de duas enunciações sucessivas, dois atos de

linguagem diferentes, cuja relação não se dá entre o conteúdo de ambas, mas entre os atos. Por esse motivo, eles poderiam ser proferidos por locutores diferentes ou ser apresentados sob a forma de dois períodos distintos. Diferentemente dos operadores de tipo lógico que encaixam uma oração em outra, formando um predicado complexo, os operadores argumentativos encadeiam enunciados, estruturando-os em texto. Por esse motivo, permitem a conexão entre orações de períodos diferentes e entre parágrafos.

A segmentação proposta por Ducrot e também descrita por Koch entre conexões lógico-semânticas e discursivo-argumentativas distingue-se da adotada nesta tese. No entanto, é possível estabelecer um paralelo entre as relações semânticas que se estabelecem no domínio do espaço e no domínio temporal e as conexões tratadas como lógico-semânticas. Isso porque as relações que se dão nesses domínios, por se realizarem entre espaços, eventos e estados de coisas, têm caráter mais objetivo. Já as relações que se estabelecem no domínio epistêmico e deôntico podem ser comparadas às relações consideradas discursivo-argumentativas, uma vez que se relacionam à modalidade da enunciação e manifestam, assim como proposto para as relações discursivo-argumentativas, a intencionalidade do falante perante seu discurso.

No modelo adotado no presente estudo, a descrição do comportamento semântico dos conectores é feita separadamente da descrição sintática. Além disso, a causalidade e a condicionalidade, bem como o situamento e a similaridade, constituem um terceiro eixo de descrição semântica que também se realiza separadamente. Dessa forma, em tese, as relações de causalidade e condicionalidade podem estar presentes nos quatro domínios semânticos e nas quatro classes sintáticas.

Por fim, com base no comportamento sintático e semântico apresentado pelos conectores, procura-se agrupá-los em categorias, o que permite a identificação daqueles que possuem o mesmo campo de atuação.

Com essas ferramentas, pretende-se dar conta da análise de conectores que transpõem a “barreira” entre conexões lógico-semânticas e discursiva-argumentativas e podem atuar como operadores dos dois tipos, como é o caso do conector *porque*, conforme identificado por Vogt, ou mesmo do conector *se*, os quais, como será descrito no Capítulo 3, podem atuar nos três domínios.

Tendo exposto os principais fundamentos do modelo adotado nesta tese, apresenta-se a seguir uma descrição do *corpus* em que foi realizada a análise dos conectores de causa e condição.

2. Caracterização do *corpus*

O *corpus* escolhido para a realização desta tese compõe-se de fóruns eletrônicos de comunidades do Orkut⁴³. Para situar o estudo do gênero fórum eletrônico no contexto dos trabalhos atuais sobre gêneros e, mais especificamente, sobre gêneros da Internet, são apresentadas, a seguir, algumas breves considerações sobre: a noção de gênero nas pesquisas contemporâneas, os estudos recentes acerca do hipertexto e dos gêneros emergentes na *Web* e a relevância da análise de recursos coesivos em novos gêneros na Internet.

Na segunda parte deste capítulo, são descritas algumas características do Orkut e, principalmente, dos fóruns eletrônicos que compõem o *corpus* desta tese.

2.1 Linhas de estudo dos gêneros discursivos⁴⁴

A noção de gênero discursivo tem sido constantemente discutida ao longo da história. A preocupação com a identificação dos diferentes gêneros existe desde a Antigüidade e os estudos clássicos de Platão e Aristóteles. Na Antigüidade, sobressaem-se as distinções literárias entre prosa e poesia e entre lírico épico e dramático. Na retórica, os discursos eram classificados em: deliberativo, judiciário e epidítico.

A partir dos estudos clássicos, diversas tipologias foram criadas, procurando reunir os textos, tendo por base suas especificidades e as diferenças que mantêm entre si. De acordo com Brandão (2003), as diversas tipologizações

⁴³ Seguindo a grafia adotada pela mídia impressa brasileira, os nomes de *sites* foram grafados sem itálico.

⁴⁴ Em seus estudos, Bakhtin (2003 [1927]) faz uso do termo *gêneros do discurso*. Outros estudiosos do assunto, como Adam (1990, 1991), Bronckart (1987) e Marcuschi (2005), preferem o termo gêneros textuais. Optou-se nesta tese por empregar o termo *gêneros do discurso* (ou *gêneros discursivos*), já que o conceito de gênero de Bakhtin é o que melhor se aplica para os estudos dos gêneros midiáticos.

existentes decorrem da necessidade humana e científica de identificar, organizar e ordenar os textos com a finalidade de compreendê-los. Para Adam (1992, p.6 e 7), a categorização dos textos faz parte das atividades cognitivas espontâneas dos sujeitos:

Catégorisation et catégories sont les éléments fondamentaux, la plupart du temps inconscients, de notre organisation de l'expérience. Sans l'existence de telles catégories, notre appréhension des énoncés produits serait probablement impossible: nous serions submergés par la diversité absolue, par une impression chaotique que les régularités syntaxiques ne compenseraient certainement pas.

Nas últimas décadas, o estudo dos gêneros discursivos tem assumido grande relevância. Ao discutir os motivos de tamanho interesse pela teoria dos gêneros, Koch (2004) cita as hipóteses formuladas por Candlin e comentadas na obra de Bathia, publicada em 1997.

A teoria dos gêneros leva o analista da descrição para a explanação da língua, tentando freqüentemente responder a questão: Por que os membros de comunidades discursivas específicas usam a língua da maneira como o fazem? A resposta não leva em consideração somente fatores socioculturais mas também fatores cognitivos, tentando, dessa forma, esclarecer não apenas os propósitos comunicativos da comunidade discursiva em questão, mas também as estratégias cognitivas empregadas por seus membros para atingir esses propósitos. Esse aspecto tático da construção do gênero, sua interpretação e uso, provavelmente, é um dos fatores a concorrer para a sua popularidade atual no campo dos estudos do discurso e da comunicação. Uma das desvantagens de tal popularidade é que quanto mais popular um conceito se torna, mais variações de interpretação, orientação e estruturação são encontradas na literatura existente. (Candlin, 1993 *apud* Koch, 2004, p.159)

Tendo em vista as diversas abordagens que têm sido dadas aos estudos dos gêneros, Brandão (2003) procura distinguir quatro tipos de classificações: funcionais, enunciativos, discursivos e cognitivos.

As **tipologias funcionais** baseiam-se no estudo das funções do discurso e têm como principal representante Jakobson (1969).

Jakobson caracteriza os gêneros tendo em vista as funções que envolvem o ato de comunicação verbal. O autor parte do modelo de Karl Bühler, que reconhece três tipos básicos de mensagem conforme o foco no destinador (caráter emotivo), no destinatário (caráter apelativo) ou no contexto (caráter informativo), e o amplia, considerando também o foco no código (caráter metalingüístico), no canal (caráter de contato) e na mensagem (caráter poético).

As principais críticas feitas ao modelo estrutural-funcionalista de Jakobson devem-se ao fato de não considerar a dinâmica da interlocução.

A segunda tipologia apresentada por Brandão (2003) é a **enunciativa**. Essa caracterização centra-se nas diferentes marcas da enunciação no discurso. Podem-se mencionar três tipos de oposições, de acordo com a maneira como essas marcas manifestam-se: 1) o discurso centrado no locutor (por exemplo, o diário) vs. discurso centrado no alocutário ou destinatário (por exemplo, a linguagem da propaganda ou do discurso político); 2) o discurso explícito ou autônomo em relação à situação enunciativa (por exemplo, o discurso científico) vs. discurso implícito ou de situação (linguagem prática das relações cotidianas); 3) discurso econômico quanto a indicações sobre a enunciação vs. discurso que se refere constantemente à comunicação. Um representante dessa tipologia é Benveniste (1966), que distingue entre a enunciação histórica e a enunciação no plano do discurso. Para o autor, na enunciação histórica, o locutor afasta-se da cena enunciativa, apagando-se

como locutor e deixando que os fatos se relatem por si, assim, não faz uso, por exemplo, de formas como *eu*, *tu* e *aquí*. No texto-discurso, por sua vez, há marcas explícitas dos índices formais de subjetividade, o que se nota, por exemplo, no emprego de formas pessoais do verbo.

Outra tipologia que se fundamenta nas características enunciativas é a de Bronckart (1999, p.137). Para o autor,

(...) os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais; em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de **gêneros de texto**) (grifo do autor).

Bronckart concebe a linguagem como uma “superatividade” que se realiza sob a forma de ações de linguagens diversas. Essas ações são definidas pelos modos de cooperação social e pelos fins a que visam. Os modos de cooperação incluem o lugar social, o destinatário e o enunciator. Os fins, por sua vez, correspondem às projeções do efeito da ação sobre o destinatário. A proposta do autor, inspirada em Bakhtin, é analisar a linguagem como prática social, considerando seus aspectos sociais, interacionais, convencionais e ativos.

Para Bronckart, é no interior dos gêneros discursivos que as ações de linguagem se concretizam discursivamente como um processo de decisão. Em razão da variedade de gêneros existentes, esse autor distingue entre arquétipos discursivos e tipos de discurso. Os arquétipos discursivos definem-se pela maneira como estão ancorados na situação de produção (em relação ao referente ou em relação à interação social). Como exemplos de arquétipos, é possível mencionar o

discurso teórico, o discurso interativo, a narração e o relato interativo. No mesmo arquétipo, há variações de tipos de discurso. Dessa forma, de acordo com o autor:

(...) todo discurso se apresenta ao mesmo tempo como típico e singular. Típico porque se inscreve necessariamente em um arquétipo, definido pelo seu modo de ancoragem enunciativo, seu modo de balizagem temporal e seu modo de planificação. Singular porque o valor específico que toma cada um dos parâmetros da interação social condiciona o emprego de certos conjuntos de unidades lingüísticas ligadas à textualização (Bronckart, 1999, p.164-165)

Outra tipologia destacada por Brandão (2003) é a do **discurso** em Bakhtin. Muitas pesquisas atuais sobre gêneros tomam os estudos desse autor como ponto de partida. Considerados de enfoque discursivo, seus trabalhos postulam o caráter social dos fatos da linguagem, caracterizando o enunciado como um produto da interação social. Cada enunciado está ligado a uma situação material concreta e reflete as condições específicas e as finalidades de cada campo da atividade humana em seu conteúdo, estilo da linguagem e, principalmente, em sua estrutura composicional. Há, portanto, uma imensa variedade de atos sociais, emitidos por diferentes grupos, resultando em diversas produções lingüísticas, ou seja, o caráter e as formas de uso da linguagem são tão multiformes quanto os campos da atividade humana. Para esse autor, a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, uma vez que são inesgotáveis as possibilidades de atividade humana (cf. Bakhtin, 2003 [1952-53], p.262).

No entanto, embora a diversidade de produções seja infinita, cada esfera de utilização da língua opera sob tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis, que seriam os gêneros do discurso, caracterizados pelo conteúdo e pelos meios lingüísticos que utilizam.

De acordo com Bakhtin (2003 [1952-53]), a vontade discursiva do falante realiza-se primeiramente na escolha de um gênero do discurso, que é determinada pela especificidade de uma dada esfera ou campo da comunicação discursiva (“ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia” [cf. Grillo, 2006, p.133ss]), pelas considerações semânticas-objetais, pela situação concreta da comunicação social, pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema, além de outros fatores.

Assim, os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva e envolvem o emprego de recursos lingüísticos específicos. Até um bate-papo mais descontraído e livre é moldado por determinadas formas de gênero, que podem ser mais padronizadas ou mais flexíveis.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são transmitidos quase da mesma forma que a língua; língua e gêneros seriam transmitidos à consciência humana de forma vinculada. Porém, em linhas gerais, as formas de gênero são mais flexíveis, plásticas, livres e mutáveis que as formas de língua. Segundo o autor,

(...) os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (Bakhtin, 2003 [1927], p.268)

Bakhtin (2003 [1952-53]) distingue entre os gêneros do discurso primários e os secundários. Os primários (simples) são os gêneros da vida cotidiana, que mantêm uma relação direta com as situações nas quais são produzidos. Os secundários (complexos) surgem em circunstâncias de trocas culturais mais

complexas (artística, científica). Em sua formação, os gêneros secundários reelaboram e incorporam os diversos gêneros primários.

A transformação e a reelaboração dos gêneros discursivos também são postuladas por Todorov (1980, p.46):

(...) um gênero surge de outros gêneros, um gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos, por inversão, por deslocamento, por combinação. Um “texto” de hoje (também isso é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à poesia quanto ao romance do século 19, do mesmo modo que a “comédia lacrimajante” combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente.

As palavras do autor apontam para a dinamicidade e variabilidade dos gêneros, já que refletem transformações definidas sócio-historicamente.

Dessa forma, os gêneros são descritos com base na recorrência de certas propriedades discursivas. De acordo com Todorov (1980), os gêneros, como instituição, “funcionam como ‘horizontes de expectativa’”⁴⁵ para os leitores e como ‘modelos de escritura’ para os autores.

Outra classe de estudos dos gêneros apontada por Brandão (2003) é a das tipologias **cognitivas**. De acordo com essa tipologia, os textos são diferenciados pelo modo de organização cognitiva de seus conteúdos. Um importante representante dessa linha de estudos é Adam (1991). Segundo esse autor, mesmo as formas mais elaboradas e complexas de enunciado organizam-se sobre um certo número de formas elementares, que seriam as unidades mínimas de composição textual. Embora reconheça que, em termos cognitivos, os esquemas prototípicos de descrição não dão conta da complexidade da produção e compreensão de textos, uma vez que além das formas elementares estão presentes codificações sociais,

⁴⁵ Aspas no original.

históricas e determinações psicológicas, Adam detém-se no estudo das unidades mínimas, considerando a produção de enunciados apenas sob a perspectiva das seqüências lingüísticas que estão na base de toda composição textual.

Algumas estruturas seqüenciais de base consideradas pelo autor são: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e conversacional-dialogal. Adam (1991) assevera, no entanto, que os textos raramente são monosseqüenciais e se estruturam de modo completo ou parcial por diversas seqüências. Nesse caso, pode-se falar em sucessividade seqüencial ou hierarquização ou dominância de seqüências.

De especial interesse para esta tese são as seqüências de base argumentativa, explicativa e conversacional-dialogal, uma vez que se sobressaem no gênero fórum eletrônico.

A seqüência conversacional-dialogal é caracterizada pelos estudiosos da análise da conversação como uma sucessão de trocas de turnos hierarquizada e coordenada. Adam (1991) define o texto conversacional como uma seqüência hierarquizada de turnos conversacionais. Para ele, embora a forma de textualização manifeste a intervenção de vários sujeitos, as sucessivas intervenções organizam-se em um texto único.

As seqüências explicativas caracterizam-se por mostrar as relações de causa que ligam os fatos. Esse tipo de estrutura geralmente está associada à análise e à síntese de representações conceituais. De acordo com Brandão (2003), do ponto de vista didático, a distinção entre explicação e argumentação não é produtiva, pois é possível trabalhar a seqüência explicativa como um componente da seqüência argumentativa.

O mesmo tipo de observação é válido para o *corpus* desta tese, em que seqüências argumentativas e explicativas estão imbricadas compondo um texto conversacional-dialogal.

Antes de descrever o conceito de seqüência argumentativa sob a perspectiva de Adam (1991), cabe ressaltar que a argumentação e as estratégias persuasivas são temas de estudo da humanidade desde os gregos, nos séculos V e IV a.C.

A análise das estratégias argumentativas destinadas ao convencimento/persuasão do interlocutor em fóruns eletrônicos mereceria um estudo específico que foge ao escopo desta tese. No entanto, a natureza argumentativa desses textos e a importante função que os conectores desempenham para a construção da argumentação exigem que se apresentem, ao menos, algumas considerações acerca da trajetória de estudos sobre argumentação e o tratamento que tem sido dado a esse tema pela lingüística atual.

É consenso entre a maior parte dos autores que o estudo das estratégias argumentativas destinadas ao convencimento/persuasão do interlocutor originou-se na Grécia entre os séc. V e IV a.C. São muitos os fatores apontados como responsáveis por despertar o interesse pelo estudo das operações argumentativas, dentre eles Zoppi-Fontana (2006, p.180), autora que serve de apoio teórico para esta parte da exposição, destaca “o exercício público da palavra com fins persuasivos na prática da democracia direta na ágora ateniense”. Nota-se, portanto, que desde a Antigüidade, há associação entre argumentação, direito à palavra e democracia.

Danblon (2005), assim como Zoppi-Fontana (2006), também aponta a importância do processo de laicização do discurso para a instauração do que ele

chama de “palavra retórica”. A eficácia da palavra retórica estaria associada à adesão do auditório aos argumentos apresentados pelo orador, o que dependeria de inúmeros fatores, dentre os quais o domínio das técnicas argumentativas. O interesse pelo domínio dessas técnicas tornou a arte de argumentar e persuadir um “campo de saber teórico e prático delimitado disciplinarmente pela retórica, que junto à lógica e à gramática, integra o núcleo das práticas educativas da Antiguidade” (Zoppi-Fontana, 2006, p.183).

Sem dúvida, a *Retórica*, de Aristóteles, é uma das maiores referências dessa disciplina e é considerada uma reflexão sistemática, teórica e prática sobre a oratória e as técnicas de persuasão. Essa obra subdivide-se em três partes: a primeira volta-se para o raciocínio; a segunda, para as emoções e a terceira, para o estilo e as figuras. Juntamente com a *Retórica*, outras duas obras do mesmo autor apresentam reflexões sobre a argumentação: *Tópicos* e *Refutações sofísticas*.

Aristóteles retoma a distinção platônica entre crença (*doxa*) e ciência (*episteme*) e a empregada para estabelecer a oposição entre o conceito de “verdadeiro”, relacionado ao campo da ciência, e “verossímil”, associado à retórica. Dessa forma, estabelecem-se as oposições: demonstração vs. argumentação, necessidade vs. aceitabilidade/plausibilidade, raciocínios analíticos vs. raciocínios dialéticos.

A demonstração tem por base o raciocínio analítico, que se fundamenta na evidência e na verdade de suas premissas. A argumentação, por sua vez, opera com o raciocínio dialético. O orador parte de premissas aceitas por seu auditório e busca, a partir de argumentos eficazes e da projeção de sua imagem favorável, persuadir seu auditório. Assim, para garantir a defesa de sua tese, o orador necessita de provas que sejam consideradas plausíveis pelo seu auditório.

Aristóteles distingue dois tipos de provas: extratécnicas e técnicas. As provas extratécnicas não são de autoria do orador, trata-se de elementos preexistentes que se firmaram como fatos indiscutíveis e que contribuem para a persuasão. Já as provas técnicas são criadas pelo orador e resultam do domínio das técnicas retóricas. Como sintetizado por Zoppi-Fontana (2006, p.189), as provas técnicas:

(...) comportam a imagem do próprio orador (*ethos*), a disposição do auditório em um estado emocional adequado para a aceitação das teses defendidas (*pathos*) e a organização e forma dos argumentos e raciocínio no texto proferido (*logos*).

O *ethos* é a imagem que o orador constrói para si na prática argumentativa. O *pathos* refere-se aos estados emocionais suscitados no auditório a partir, por exemplo, da apresentação de argumentos axiológicos que mobilizem os principais valores da sociedade. O *logos* relaciona-se à estruturação do raciocínio no texto argumentativo e à organização textual da argumentação.

A função do *ethos* é uma das noções aristotélicas mais discutidas nos estudos da Nova Retórica e tem influência até mesmo em análises discursivas e pragmáticas recentes, como os trabalhos de Amossy (2005 [1999]). O *logos* também foi amplamente estudado ao longo da história e a reflexão sobre sua adequação ao gênero é considerada uma das origens dos estudos dos gêneros discursivos e da vertente “textualizante” da disciplina retórica (cf. Zoppi-Fontana, 2006). A análise do *pathos* foi relegada ao segundo plano pelos estudos da Nova Retórica, mas tem sido retomada em trabalhos recentes de Parret (1997) e Plantin (2005) e encontra-se integrada aos estudos pragmáticos da argumentação.

A mencionada Nova Retórica corresponde aos estudos retóricos e argumentativos que surgiram no final da década de 50 do século XX, marcados pela publicação das obras *The uses of argument*, de Toulmin (1958), e o livro *Traité de l'argumentation. La Nouvelle Retorique*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958).

O *Tratado de argumentação* contém uma reflexão sobre o funcionamento da argumentação em discursos com fins persuasivos e apresenta uma sistematização de técnicas argumentativas. Seus autores retomam a distinção aristotélica entre demonstração e argumentação e restringem a noção de demonstração apenas aos raciocínios analíticos relacionados à lógica formal e à matemática.

Perelman (1977) considera todas as outras modalidades de persuasão construções argumentativas. Na visão desse autor,

(...) o objetivo da argumentação, não é, como na demonstração, provar a verdade da conclusão a partir da verdade das premissas, mas é o de transferir para a conclusão a adesão acordada [pelo seu auditório] às premissas. (Perelman, 1977, p.35)

De acordo com Perelman (1977), para ser eficaz, o orador deve adaptar-se a seu auditório. Para tanto, é necessário partir de premissas aceitas por ele. O autor distingue entre os conceitos de persuadir e convencer. A persuasão se dá em relação a auditórios particulares, os argumentos empregados mobilizam crenças e emoções referentes a um determinado público e as conclusões tornam-se validades para esse grupo específico. O convencimento, por sua vez, concretiza-se em relação a um suposto auditório universal e os argumentos mobilizados são aceitos por “toda a humanidade”.

Segundo o *Tratado*, o auditório universal funciona como um princípio regulador ideal da prática argumentativa; é com argumentos voltados a esse auditório que o bom orador deve trabalhar, já que apresentam um alto grau de validade.

Os argumentos mais específicos destinados a atingir um determinado público também têm sua relevância e são descritos pelos autores em grande parte de sua obra (cf. Zoppi-Fontana, 2006, p.194).

Algumas críticas em relação ao *Tratado de argumentação*, sobretudo as feitas por Plantin (2005), referem-se ao fato de, ao trabalhar com a figura de um auditório universal, desconsiderar a importância das emoções e paixões do auditório como elementos essenciais para eficácia da argumentação. No *Tratado*, os auditórios são uma projeção feita pelo orador e têm um papel bastante passivo na construção do texto argumentativo. Por sua vez, Plantin (2005) propõe um modelo dialogal da argumentação e dedica-se ao estudo das emoções e paixões (*pathos*).

Outra linha de estudos de argumentação da atualidade é a de abordagem cognitiva, que procura descrever os processos de esquematização e operações cognitivas relacionados à argumentação. Como representantes dessa corrente de estudos, Zoppi-Fontana aponta Grize (1982, 1990) e Vignaux (1976, 1995). A autora também menciona os estudos argumentativos de linha anglo-saxã, realizados por Hamblin (1970) e Walton (1995), que se dedicam ao estudo das falácias.

Mais especificamente no campo da lingüística, merece destaque a Teoria da Argumentação da Língua (ADL). Essa teoria, adotada e desenvolvida por Ducrot e Anscombre a partir da década de 1970, descreve a argumentação com base nos elementos lingüísticos que possibilitam o seu funcionamento. A versão mais recente

dessa teoria é desenvolvida por Marion Carel e denominada teoria dos blocos semânticos.

Para esses autores, a argumentatividade não é sobreacrescentada ao valor descritivo-informacional da linguagem, como se considera na posição clássica da retórica, e sim inscrita estruturalmente na língua, conforme mencionado no Capítulo 1 desta tese. A ADL analisa o papel da materialidade lingüística para o funcionamento da argumentação, o que permanecia apenas em segundo plano nos estudos retóricos. Os trabalhos de Ducrot e Anscombre tiveram grande influência nos estudos realizados no Brasil nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e têm como representantes Vogt, Guimarães, Pereira de Castro e Attié Figueira. Cabe observar que nos trabalhos de Guimarães e também nos de Geraldi, publicados nos anos de 1980, os autores adotam a proposta de Ducrot e Anscombre, mas articulam projetos próprios.

Os estudos de Koch (2006 [1984]) sobre a argumentação também foram influenciados pelos trabalhos de Ducrot e Anscombre. Para a autora:

A argumentação é uma atividade estruturante do discurso, pois é ela que marca as possibilidades de sua construção e lhe assegura a continuidade. É ela a responsável pelos encadeamentos discursivos, articulando entre si enunciados ou parágrafos de modo a transformá-los em texto: a progressão do discurso se faz, exatamente, através das articulações da argumentação. (Koch, 2006 [1984], p.157)

Independentemente de a argumentatividade ser considerada sobreacrescentada à linguagem ou estar inscrita na língua, há gêneros discursivos que apresentam marcas mais explícitas da estrutura argumentativa que os envolve, como é o caso dos fóruns eletrônicos. Dentre os recursos que possibilitam a articulação argumentativa, encontram-se muitos conectores. Para Guimarães (1987)

e Koch (2006 [1984]), entre outros autores, os conectores que têm por função determinar o valor argumentativo dos enunciados são nomeados operadores discursivos.

Com base no funcionamento desses recursos, a parte analítica desta tese faz alguns apontamentos sobre a organização textual dos fóruns eletrônicos. Para compreender a organização desse gênero discursivo argumentativo, também é relevante a caracterização feita por Adam (1991) acerca da argumentação como seqüência lingüística. Partindo de Adam (1991), Brandão (2003, p.32) considera que o discurso argumentativo

(...) visa a intervir diretamente sobre as opiniões, atitudes ou comportamentos de um interlocutor ou de um auditório tornando crível ou aceitável um enunciado (conclusão), apoiado, segundo modalidades diversas, sobre outro (argumento, dado, razões). Argumento, dado, razões são variantes de um mesmo fenômeno. Eles constituem a(s) premissa(s) que visa(m) a apoiar ou refutar uma proposição (conclusão). Assim, certas seqüências de proposição de um discurso argumentativo podem ser marcadas como seqüências reinterpretableis em termos de premissas: argumentos → conclusão; dados → conclusão; razões → conclusão.

Brandão (2003) menciona duas formas de estrutura composicional textual. A ordem de composição textual regressiva: conclusão $\Rightarrow$ dados ou argumentos e a ordem composicional progressiva: dados $\Rightarrow$ conclusão.

Nesta pesquisa, as considerações apresentadas sobre a estrutura argumentativa dos fóruns eletrônicos fundamentam-se apenas nas relações estabelecidas pelos conectores. A partir da identificação das entidades relacionadas, ou seja, com base no domínio em que se realiza a conexão, tendo em vista o papel temático assumido por cada um dos *relata* e a disposição dos *relata* estabelecida

pelos conectores, tornam-se evidentes algumas características da estrutura composicional. Como pode ser observado em:

(2.1) **Quem pode o mais pode o menos...** 11/20/2004 7:21 PM

*Seguindo a linha de raciocínio quem pode o mais pode o menos (R), devemos **então**, chegar à conclusão de que o juiz, que pode mais que o promotor, ou seja, julgar, também pode o menos: oferecer denúncia... (E)*
(Fórum Orkut 2)

Nesse exemplo, o conector *então* estabelece uma relação entre o *relatum-R*, que possui papel temático de evidência, e o *relatum-E*, que possui papel temático de conclusão. A distribuição de papéis relacional e temático pelo conector mostra que a estrutura argumentativa adotada possui ordem composicional progressiva: evidência $\Rightarrow$ conclusão.

A estrutura composicional inversa pode ser observada em 2.2:

(2.2) *Em minha singela opinião o MP pode investigar (R), **pois** quem pode o mais, também pode o menos, ou seja, se o MP é o titular da ação penal e pode acionar o acusado, o MP também pode investigar a ocorrência de crimes (E). Este é apenas um dos argumentos.* (Fórum Orkut 2)

Em 2.2, o conector *pois* estabelece uma relação entre o *relatum-R*, que possui papel temático de intenção; ou seja, a manifestação de um desejo (“em minha singela opinião o MP pode investigar”) com o *relatum-E*, que apresenta papel

temático de motivo (“quem pode o mais também pode o menos...”). Observa-se, portanto, a estrutura composicional regressiva dessa construção.

Tendo exposto algumas tipologias de gêneros presentes na atualidade, a forma como o conceito de gênero discursivo é trabalhado pelas diferentes abordagens mencionadas e as diversas estruturas seqüenciais que podem compô-los, é possível perceber que a noção de gênero discursivo está sempre relacionada à recorrência de certas características e especificidades que determinam a produção e a compreensão dos textos. Nas palavras de Koch (2004, p.163):

(...) os gêneros devem ser vistos como arcabouços cognitivo-discursivos ou enquadres enunciativos determinados pelas necessidades temáticas das diversas práticas sociais, pelo conjunto dos participantes de tais práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos enunciativos, as quais se distinguem, conforme Bakhtin, além da forma composicional, pelo tipo de conteúdo temático e pelo estilo que lhes é próprio.

A seguir, são descritos alguns estudos mais voltados para a análise dos gêneros discursivos emergentes nessa “nova e multifacetada mídia contemporânea: a Internet”⁴⁶ e que podem auxiliar a detecção de algumas particularidades do gênero fórum eletrônico.

2.2 Gêneros eletrônicos

Em busca de uma definição de gênero para a análise de textos midiáticos, Pinheiro (2002) considera a concepção bakhtiniana a mais adequada, pois a flexibilidade de sua teoria possibilita que seus fundamentos sejam compatíveis com os textos contemporâneos, especialmente os midiáticos.

⁴⁶ Faz-se uso aqui dos termos de Marcuschi (2005).

Sua definição de gêneros primários que se reformulam originando novos gêneros discursivos é essencial à compreensão da diversidade de gêneros presentes na atualidade.

Os gêneros modificam-se em função das características de tempo e espaço, refletindo as transformações da cultura e da sociedade. Assim, a velocidade de transformação da sociedade contemporânea resulta na pluralidade de gêneros existentes.

No universo dos produtos midiáticos, as mudanças provocadas pela tecnologização dos meios de comunicação de massa originam uma variedade de gêneros híbridos, que são um mescla de outros gêneros, e que, por intermédio da mixagem, formam a sua própria identidade (cf. Pinheiro, 2002, p.276).

Mais especificamente em relação aos gêneros midiáticos produzidos na Internet, o avanço da tecnologia digital no mundo contemporâneo fez surgir um novo tipo de comunicação, conhecido como *comunicação mediada por computador* (CMC) e desenvolveu o que se pode chamar de discurso eletrônico.

Bolter (1991) menciona que, assim como a criação da escrita levou a uma cultura letrada, a escrita eletrônica estaria conduzindo a uma cultura eletrônica. De acordo com Marcuschi (2005, p.17):

Se tomarmos o gênero como texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana (Bakhtin, 2003 [1927]), servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos (Swales, 1990) e como forma de ação social (Miller, 1984), é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido.

Para esse autor, os gêneros discursivos resultam de relações complexas entre um meio, um uso e a linguagem. No que se refere ao meio eletrônico, observam-se peculiaridades para usos sociais, culturais e comunicativos que não podem ser visualizadas na interação face a face. É nesse momento que surge a discussão sobre as particularidades do hipertexto.

Uma série de estudos recentes (Brown, 1988; McKnight et al., 1991; Tosca, 1996; Xavier, 2002; Bolter, 1991; Marcuschi, 1999 e 2000; Costa, 2000; Komesu, 2005; Andrade, 2005) têm se dedicado à caracterização do hipertexto. Xavier (2005) avalia o hipertexto como uma condição para o aparecimento do que ele chama de novo modo de enunciação digital:

Entendo ser [o hipertexto] uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade. (Xavier, 2005, p.171)

Para esse autor, o hipertexto é um dispositivo textual digital, multimodal e semiolingüístico disponibilizado na Internet, em um endereço eletrônico, e que se interliga a outros hipertextos por intermédio de *links*. Dessa forma, os *links* funcionam como idéia motriz do hipertexto, relacionando hipertextos diversos de maneira não-seqüencial, arbitrária e rizomática.

Segundo Andrade (2005), a tecnologia digital propicia a criação de hipertextos ao permitir que “um texto na tela se una a outros textos por meio de nexos que o leitor ativa à vontade, passando livremente de um fragmento para o outro” (p.16). Dessa forma, o hipertexto consagra a liberdade de expressão do autor e a liberdade de escolha do leitor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que redefine o papel do leitor como co-autor do texto (Koch, 2002).

Komesu (2005) faz um levantamento dos principais traços do hipertexto. Dentre eles, a autora aponta: intertextualidade (as conexões intertextuais tornam-se evidentes ao serem marcadas pelos *links*); não-linearidade (decorrente da flexibilidade de navegação permitida ou sugerida); volatilidade (a instabilidade hipertextual relaciona-se ao fato de as escolhas e as conexões estabelecidas serem efêmeras); fragmentaridade (refere-se à ausência de um centro ou foco dominante e à constante ligação entre porções em geral breves); espacialidade topográfica (refere-se à ausência de limites definidos para o hipertexto) e multissemiose (o hipertexto possibilita a associação entre linguagem verbal e não-verbal de maneira integrativa).

Além desses traços, Marcuschi (1999) ainda menciona a acessibilidade ilimitada do hipertexto e sua interatividade, dado que possibilita a interconexão do usuário-navegador com uma variedade de textos e autores.

Segundo Marcuschi (2005), o hipertexto não deve ser visto como um gênero, mas como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros, acrescentando-lhes propriedades específicas. De acordo com Xavier e Santos (2000, p.53):

(...) as novas tecnologias de comunicação, especificamente a hipermídia e o seu produto lingüístico mais significativo, o hipertexto, possibilitam o surgimento de gêneros textuais/discursivos híbridos, isto é, que fundem gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, cujo resultado é um gênero de discurso de terceira ordem, que, na esteira da classificação bakhtiniana, se poderia denominar de gênero terciário do discurso.

Marcuschi (2005) identifica alguns gêneros “terciários” presentes na Internet. Os gêneros identificados pelo autor são: *e-mail*, bate-papo virtual em aberto

(*room-chat*), bate-papo virtual reservado (*chat*), bate-papo virtual agendado (ICQ ou MSN, mais usado atualmente), bate-papo virtual em salas privadas, entrevista com convidado, aula virtual, bate-papo educacional, videoconferência interativa, listas de discussão⁴⁷, *blogs* e endereço eletrônico. Entre os mais praticados estão os *e-mails*, os bate-papos virtuais, as listas de discussão e os *blogs*; recentemente, aulas virtuais também se popularizaram.

O autor estabelece uma série de parâmetros segundo os quais os gêneros emergentes podem ser caracterizados, como: a relação temporal (síncrona ou assíncrona), a duração da interação, a extensão do texto, o formato textual (turnos encadeados, texto corrido, seqüências soltas ou estrutura fixa), a quantidade de participantes, a relação entre os participantes (conhecidos, anônimos ou hierarquizados), como se dá a troca de falantes (alternada ou inexistente), a função da interação, as características do tema (livre, combinado ou inexistente), o estilo (monitorado, informal ou fragmentário), se o texto apresenta semioses e como se dá a recuperação das mensagens (gravadas ou voláteis).

Tendo por base apenas os parâmetros relação temporal e a quantidade de interactantes (comunicação multilateral: de um para muitos, de muitos para um ou de muitos para muitos vs. comunicação bilateral: de um para um), o autor distribui alguns dos gêneros virtuais observados no seguinte gráfico:

⁴⁷ É importante mencionar que, para Marcuschi (2005), as listas de discussão representam um gênero discursivo enquanto os fóruns de discussão são um ambiente para discussão de temas específicos. Nesta tese, seguindo a tendência dos estudos de Paiva e Rodrigues Junior (2004) e Xavier e Santos (2005), trata-se como fórum eletrônico não apenas o espaço no qual são arquivadas as discussões, mas as próprias discussões em si.

Gráfico 2.1 Contínuo dos gêneros na comunicação digital mediada por computador.
 Fonte: adaptado de Marcuschi⁴⁸ 2005, p.37.

Considerando-se os dois vetores empregados pelo autor, é possível situar os fóruns eletrônicos como um gênero que possibilita a comunicação multilateral de forma assíncrona.

De acordo com Marcuschi (2005), uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é a alta interatividade, apesar de serem gêneros escritos. Segundo o autor, essa particularidade lhes dá um caráter inovador no

⁴⁸ O contínuo dos gêneros elaborado por Marcuschi (2005) tem por base o gráfico de Yates (2000, p.237).

contexto das relações entre fala e escrita. Além disso, a possibilidade de inserção de elementos visuais e sonoros nos textos também cria produções discursivas com uma integração de recursos semiológicos. Para o autor, um aspecto importante nas formas comunicativas semiotizadas desses gêneros é o uso de marcas de polidez ou indicação de comportamentos por intermédio dos *emoticons*, trazendo descontração e informalidades aos gêneros virtuais em que são empregados.

Outro aspecto comum aos discursos produzidos na Internet é a centralidade na escrita. Nota-se, em função das novas possibilidades técnicas desse meio de comunicação, um processo de transformação da escrita. Isso porque os novos meios de comunicação requerem uma escrita mais dinâmica e interativa, uma escrita *on-line*, que passa a ser mais espontânea e não-planejada, que tende à maior informalidade e à menor monitoração e cobrança, em razão da fluidez e volatilidade do meio.

Em muitos gêneros eletrônicos, como *e-mails*, *chats*, *blogs* e, acrescenta-se aqui, também nos fóruns eletrônicos, verifica-se que a escrita empregada reproduz estratégias da língua falada, como o uso de enunciados mais curtos e o menor índice de nominalizações por frase. Trata-se de uma nova relação com os processos de escrita, o que se tem chamado de *novo letramento*. Para Marcuschi (2005), “tudo indica que está se constituindo um novo formato de escrita numa relação mais íntima com a oralidade do que a existente” (p.65).

Embora seja possível detectar algumas características comuns aos gêneros virtuais, como o uso de uma escrita mais informal, a Internet não é um ambiente homogêneo, ela permite manifestações em uma grande diversidade de gêneros, possibilitando uma imensa variedade de processos interativos.

O estudo e a análise de gêneros emergentes na Internet são importantes em razão de seu franco desenvolvimento, de suas peculiaridades formais e funcionais e da possibilidade de permitir que sejam revistos conceitos tradicionais, como linearidade, estrutura, coesão, coerência e a relação entre fala e escrita (cf. Marcuschi, 2005, p.14). Segundo Erickson (1997, p.4), o estudo da comunicação virtual sob a perspectiva dos gêneros é relevante, pois a interação *on-line* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros discursivos.

Nesta pesquisa, verifica-se de que forma o comportamento dos conectores deixa transparecer algumas especificidades do gênero fórum eletrônico. A apresentação, a refutação e a defesa de proposições, típicas de um texto argumentativo, ou que deixa sua argumentatividade mais evidente, fundamentam a produção discursiva nesse gênero. Em um texto argumentativo, o jogo entre relações de causa e consequência é inerente e determinado por conectores de causa e condição. São justamente esses conectores o objeto de estudo desta pesquisa.

Para melhor compreender o funcionamento de um gênero, é relevante descrever o seu entorno, o ambiente no qual ele foi produzido. No caso deste estudo, o gênero fórum eletrônico foi analisado em sua manifestação em um ambiente específico: o Orkut. A seguir, são apresentadas algumas características dessa rede de relacionamentos⁴⁹.

⁴⁹ Para descrever esse tipo de *site*, são utilizados normalmente os termos “rede de relacionamentos” e “rede social”. Nesta tese, esses dois termos foram empregados como sinônimos.

2.3 Orkut

2.3.1 Dados estatísticos

Principalmente a partir de 2004, surgiram na Internet algumas importantes redes de relacionamentos virtuais. Dentre as que mais se desenvolveram, destacam-se Myspace⁵⁰, Facebook⁵¹ e Orkut⁵². Essas três redes encontram-se entre os dez *sites* mais consultados atualmente na Internet, como revelam as estatísticas do alexa.com (companhia internacional de informações sobre a Web⁵³):

Rank	Change	Web Site	Info
1	(none)	yahoo.com
2	(none)	msn.com
3	(none)	google.com
4	(none)	youtube.com
5	(none)	live.com
6	(none)	myspace.com
7	1	orkut.com
8	7	facebook.com
9	(none)	wikipedia.org

Figura 2.1 Sites mais acessados na Internet em 27/09/2007.
Fonte: <http://www.alexa.com>.

O Myspace, sexto lugar no *ranking* do alexa.com, é a rede social mais acessada na Internet. De acordo com o jornal *O Estado de S.Paulo*⁵⁴, trata-se do maior *site* de relacionamentos do mundo, com 110 milhões de usuários ativos. Entre

⁵⁰ <http://www.myspace.com>.

⁵¹ <http://www.facebook.com>.

⁵² <http://www.orkut.com>.

⁵³ <http://www.alexa.com>.

⁵⁴ MILLER, Gustavo. Myspace deve chegar ao Brasil até dezembro. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 22 out de 2007. Link, p.L7.

os principais usuários do Myspace, estão os norte-americanos (45,4%⁵⁵), portugueses (6,5%), membros do Reino Unido (4,3%) e mexicanos (3,1%).

Descrita como uma rede de *social networking*, Myspace é um dos *sites* de relacionamentos com mais funções disponíveis para os usuários, permite diversas formas de interação entre seus membros e, até mesmo, a compra e venda de produtos. Atualmente, a rede está implementando um sistema que possibilita a seus usuários fazer ligações telefônicas via Internet (VoIP) por intermédio do Skype⁵⁶. A integração dessa ferramenta às possibilidades interativas da rede é interessante sob o ponto de vista dos gêneros presentes na *Web*, já que transpõe a comunicação entre os membros da rede de relacionamentos da escrita para a oralidade, ou possibilita uma mescla entre a comunicação na língua oral e na língua escrita. Embora atualmente a rede Myspace destine-se principalmente ao público norte-americano, o jornal *O Estado de S.Paulo*⁵⁷ anunciou que até dezembro de 2007 estará disponível uma versão em português da rede, ameaçando a soberania do Orkut no país.

Outra rede de relacionamentos de destaque na Internet é o Facebook, caracterizada, segundo seu próprio *slogan*, como uma rede social que conecta pessoas que estão ao seu redor, a rede Facebook é utilizada principalmente por americanos (28,8%⁵⁸), canadenses (10,3%), membros do Reino Unido (9,4%) e egípcios (3,4%). O Facebook também anunciou que disponibilizará versões em

⁵⁵ Estatísticas provenientes do <http://www.alexa.com>.

⁵⁶ MILLER, Gustavo. Myspace deve chegar ao Brasil até dezembro. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 22 out de 2007. Link, p.L7.

⁵⁷ MILLER, Gustavo. Myspace deve chegar ao Brasil até dezembro. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 22 out de 2007. Link, p.L7.

⁵⁸ Estatísticas provenientes do <http://www.alexa.com>.

outras línguas e é possível que seja implementada uma versão brasileira até o início de 2008.⁵⁹

No Brasil, o melhor e mais bem-sucedido exemplo de rede de relacionamentos é o Orkut. Trata-se de uma rede de relacionamentos filiada ao Google, cujo nome tem origem no projetista-chefe de software Orkut Büyükkökten. A rede tem por objetivo ajudar seus membros a criarem novas amizades e manterem relacionamentos. O Orkut autodescreve-se como:

orkut

O **orkut** é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do **orkut** pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas.

Com o **orkut** é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades on-line ou participar de várias delas para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas.

Você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no **orkut**, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos.

Para ingressar no **orkut**, acesse a sua Conta do Google e comece a criar seu perfil imediatamente. Se você ainda não tiver uma Conta do Google, nós o ajudaremos a criá-la em alguns minutos.

Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social.

Divirta-se (=

Figura 2.2 Definição do Orkut.

Fonte: <http://www.orkut.com/About.aspx> (acessado em: 15/10/2007).

Atualmente, o *slogan* utilizado por essa rede de relacionamentos é “Conecte-se aos seus amigos e familiares usando recados e mensagens instantâneas. Conheça novas pessoas através de amigos de seus amigos e comunidades. Compartilhe seus vídeos, fotos e paixões em um só lugar”.⁶⁰

O Orkut teve início em 19 de janeiro de 2004 e desde então tem se disseminado intensamente entre os internautas, especialmente os brasileiros. O Gráfico 2.2, a seguir, descreve o crescimento do Orkut em comparação com os

⁵⁹ MILLER, Gustavo. Facebook pode vir ao País no início de 2008. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 22 out de 2007. Link, p.L7.

⁶⁰ Disponível em: <http://www.orkut.com>, acessado em: 15/10/2007.

quatro *sites* mais acessados da Internet atualmente: Yahoo⁶¹, Google⁶², Msn⁶³ e Youtube⁶⁴.

Gráfico 2.2 Posicionamento dos *sites* mais consultados no *ranking* de acesso global desde 2003.
Fonte: <http://www.alexa.com> (acessado em: 14/10/2007).

O Gráfico 2.2 mostra que desde 2003 o *site* do Yahoo tem se mantido constantemente na primeira posição em termos de acesso à Internet, seguido pelo Msn e pelo Google. O Youtube, *site* que permite aos usuários carregar, ver e compartilhar vídeos, cresceu imensamente desde a sua criação e já disputa as primeiras posições com os *sites* mais acessados. O Orkut vem apresentando um crescimento constante desde sua origem, o que o levou à sétima posição no *ranking* de acesso à Internet.

Cabe mencionar que a sétima posição no *ranking* de *sites* mais acessados foi alcançada devido à intensa consulta dos brasileiros às páginas do Orkut. De

⁶¹ <http://www.yahoo.com>.

⁶² <http://www.google.com>.

⁶³ <http://www.msn.com>.

⁶⁴ <http://www.youtube.com>.

acordo com estatísticas do alexa.com, 67,7% dos usuários do Orkut são brasileiros, como pode ser observado a seguir.

Gráfico 2.3 Proveniência do acesso ao Orkut.
 Fonte: <http://www.alexacom.com> (acessado em: 14/10/2007).

De acordo com o jornal *O Estado de S.Paulo*⁶⁵, 68% dos internautas brasileiros são usuários do Orkut. Segundo dados fornecidos pelo próprio Orkut, a rede de relacionamentos possui atualmente mais de 68 milhões de usuários cadastrados⁶⁶, dos quais 53,27% são brasileiros.

⁶⁵ MARTINS, Rodrigo. A hora e a vez do Myspace no Brasil. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 22 out de 2007. Link, p.L6-8.

⁶⁶ Faz-se necessário mencionar que esses dados se referem aos cadastros dos usuários e que há no Orkut muitos casos de *fakes* (perfis falsos). Trata-se de uma segunda identidade criada por um usuário do Orkut, normalmente com o objetivo de se manter anônimo para consultas e interações.

Gráfico 2.4 Proveniência do acesso ao Orkut.
 Fonte: <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>
 (acessado em: 14/10/2007).

A grande disseminação do Orkut no Brasil motivou os gerenciadores da rede a criarem uma versão para o público brasileiro, com todas as suas ferramentas em língua portuguesa. Essa versão começou a operar a partir de abril de 2005.

Um levantamento realizado também pelo alexa.com apresenta o Orkut como o *site* mais acessado do Brasil na atualidade (Figura 2.3).

Top Sites Brazil

Browse the most popular sites on the web. [Learn more.](#)

-
Orkut
 Social networking and discussion site operated by Google.
orkut.com
[Site info for orkut.com](#)
-
Google
 Versão brasileira do buscador Google.
google.com.br
[Site info for google.com.br](#)
-
Universe Online
 Acesso à internet e serviços agregados.
uol.com.br
[Site info for uol.com.br](#)
- Windows Live**
 Search engine from Microsoft.
live.com
[Site info for live.com](#)
- Yahoo!**
 Personalized content and search options. Chatrooms, free e-mail, clubs, and pager.
yahoo.com
[Site info for yahoo.com](#)

Figura 2.3 Os cinco *sites* mais acessados do Brasil.
 Fonte: http://www.alexa.com/site/ds/top_sites?cc=BR&ts_mode=country&lang=none (acessado em: 15/10/2007).

O Orkut divulga em sua página de dados demográficos algumas informações sobre o tipo de usuário de sua rede, baseando-se nos cadastros preenchidos por seus membros (Gráfico 2.5).

Nota-se, nas estatísticas divulgadas, que a maioria dos usuários está na faixa etária entre 18 e 25 anos e o principal objetivo alegado para pertencer ao Orkut é o contato com amigos⁶⁷.

Gráfico 2.5 Características dos usuários do Orkut segundo dados cadastrados pelos próprios membros.

Fonte: <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx> (acessado em: 14/10/2007).

Essas estatísticas demonstram a importância que o Orkut vem assumindo para os internautas brasileiros, especialmente os jovens, o que reforça a

⁶⁷ Cabe ressaltar que embora, ao fazer o cadastro, o usuário comprometa-se com a veracidade das informações expostas, isso muitas vezes não acontece e há muitos usuários que se cadastram com informações fictícias (*fakes*), o que relativiza a confiabilidade desse levantamento estatístico.

necessidade de se fazer estudos sobre as possibilidades interativas presentes na rede, sua produção lingüística e o seu papel social.

2.3.2 Características gerais do Orkut

Para fazer parte do Orkut, o usuário preenche um cadastro-padrão, em que fornece informações sobre suas características pessoais. As características pessoais podem ser escolhidas na relação fornecida pelo *site* ou redigidas pelo próprio usuário. Essas informações compõem o perfil do usuário, que é dividido em três partes: social, profissional e pessoal.

No perfil social, o usuário informa seus interesses no Orkut, sua religião, postura sexual, etnia, país e cidade de origem, além de gostos pessoais, como livros, filmes e esportes. No perfil profissional, informa sua formação escolar, atividade profissional, grau de instrução, carreira, entre outros. Por fim, no cadastro pessoal, o usuário relata algumas de suas características físicas (cor de olhos e cabelo, tipo físico, etc.) e pode apresentar informações sobre o tipo de pessoa que lhe é atraente. Para completar o perfil, o usuário também pode acrescentar fotos e vídeos. Caso deseje, todas essas informações ficam disponíveis em sua página para acesso de outros membros da comunidade. Desde 22 de abril de 2006, o Orkut disponibilizou uma ferramenta que permite ao usuário saber o número de vezes que outros membros do Orkut consultaram o seu perfil e listar os últimos cinco membros que o fizeram, desde que sua identidade também fique visível quando faz consulta a outros perfis.

Apresenta-se, a seguir, uma página de um usuário do Orkut⁶⁸.

⁶⁸ Faz-se necessário mencionar que, procurando atender cada vez mais às necessidades e aos interesses de seus membros, o Orkut realiza constantes atualizações de suas páginas, inserindo

Figura 2.4 Página de um usuário do Orkut.⁶⁹

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Todo membro do Orkut possui uma página padronizada, como a apresentada na Figura 2.4. No centro da página, encontram-se as informações que usuário optou por deixar visíveis aos outros membros da rede. Nesse caso, trata-se do perfil social de Rafael. Ainda no centro da página, na caixa de texto logo abaixo, estão os depoimentos elaborados a seu respeito. No lado direito, podem ser visualizadas as fotos de alguns de seus amigos ou membros da sua rede de relacionamentos. Logo abaixo, encontram-se as chamadas comunidades às quais se filiou. As comunidades são formadas por grupos de pessoas interessadas em assuntos comuns e que se organizam para troca de informações.

novas ferramentas e reconfigurando o *layout* visual (*webdesign*). A página de Rafael, da Figura 2.4, foi coletada em 3/08/2007.

⁶⁹ Por motivos éticos, todas as fotos de membros do Orkut presentes nas páginas utilizadas nesta tese para exemplificação foram desfocadas ou substituídas por ícones e os nomes foram trocados, mantendo a privacidade dos usuários. Pelo mesmo motivo, o endereço eletrônico das páginas pessoais consultadas só remete ao *site* do Orkut, sem especificar o endereço da página do usuário.

Na margem esquerda da página, estão sua foto e, abaixo, outras ferramentas disponibilizadas pelo Orkut, como *links* para álbum de fotos, vídeos, envio de mensagens e “paqueras” e possibilidade de denúncias, tais como abuso.

Dentre as principais ferramentas utilizadas pelo usuário do Orkut, estão:

1. Criar o perfil do usuário. O usuário disponibiliza suas informações pessoais, conforme já descrito, para acesso de qualquer membro da rede. O perfil costuma ser constantemente atualizado, principalmente com novas fotos e vídeos.
2. Enviar e receber mensagens. O usuário pode enviar e receber mensagens de qualquer membro da rede. Há duas possibilidades para envio de mensagens. Uma é a mensagem reservada, ou seja, envia-se uma mensagem a um destinatário da sua lista de contatos do Orkut e somente o destinatário poderá acessá-la. Esse tipo de mensagem assemelha-se ao *e-mail* e o usuário pode optar por enviar a mensagem a um amigo específico ou a vários amigos da sua rede. Outra possibilidade são os chamados *scraps*⁷⁰ (recados). Os *scraps* são mensagens, normalmente breves, deixadas na página de recados do usuário e que ficam dispostas como uma lista, para acesso tanto do usuário como de qualquer membro que consultar a página.
3. Criar uma rede de relacionamentos. Cada usuário possui uma lista de pessoas pertencentes à sua rede de relacionamentos. Caso deseje, elas podem ser classificadas como: *desconhecida*, *conhecida*, *amiga*, *boa amiga* e *melhor amiga*. Essa lista pode ser consultada por qualquer

⁷⁰ Apesar de a versão em português do orkut utilizar o termo “recados”, a popularidade que o termo *scrap* adquiriu fez com que ele continuasse sendo usado pela grande maioria dos usuários.

usuário e chegar a no máximo 1.000 pessoas. Por intermédio das consultas às listas de outros usuários, o membro do Orkut pode reencontrar amigos ou interessar-se em entrar em contato com novas pessoas. Ao localizar ou interessar-se por uma pessoa, o usuário do Orkut pode convidá-la a fazer parte da sua rede de relacionamentos. O convite também é padrão e é submetido à aprovação da pessoa convidada. Uma vez aceito o convite, essa pessoa passa a integrar a rede de relacionamentos daquele usuário.

4. Criar ou pertencer a comunidades. Os membros do Orkut podem inserir-se em comunidades de seu interesse ou criar novas comunidades. As comunidades do Orkut são formadas por usuários que pretendem discutir ou que se identificam com determinados temas. Há comunidades relacionadas aos assuntos mais diversos, como política, esportes, entretenimento, interesses pessoais, etc. Em geral, as comunidades são intituladas por frases chamativas, por exemplo, *Eu odeio o Lula* ou *Tenho um pai português*, ou por uma palavra que remeta ao propósito da comunidade, como *São Paulo*, *Wizard*, *USP*, etc. Dentro da comunidade, os usuários podem, por exemplo, introduzir um fórum para debate, participar de enquetes e de discussões em andamento e visualizar eventos relacionados ao tema da comunidade.
5. Sistema de busca. O usuário pode realizar buscas em todo o Orkut, sejam buscas por amigos (por nome ou sobrenome), perfil (com base em informações cadastrais que possam interessar, como nacionalidade) ou comunidades (com base em palavras-chave relacionadas a um tema de interesse).

Uma das atividades mais realizadas pelos membros do Orkut é a visita ao perfil de outros usuários e a busca por amigos, novos ou antigos, para (re)estabelecer contato e adicioná-los à sua rede de relacionamentos. Em muitos casos, essa busca se dá também com o objetivo de encontrar um parceiro.

Outras atividades constantes são o envio de *scraps* e a elaboração de depoimentos. Como uma das principais funções do sistema é o estabelecimento de contato, a comunicação entre os membros da rede é bastante fática, realizada por curtas trocas de mensagens (“Oi, te achei, q saudade!”, “Kd vc, me liga!!!!”, “Fala, recebeu meu e-mail?”). Em um dos poucos estudos encontrados até o momento sobre as situações de interlocução no Orkut, Toscano (2007, p.7) caracteriza os *scraps* da seguinte maneira:

(...) no geral, essas mensagens têm a macrofunção de reafirmar as boas relações sociais e se valem de recursos de ordem diversa – alongamentos, citações de risos (tipos e intensidades variados), *emoticons* (*smiles*), desenhos, abreviaturas – que dão a saber aos destinatários os estados de espírito e humores do remetente. Esses recursos funcionam, portanto, como contextualizadores da atividade de linguagem, sinalizando o modo de sua percepção.

A seguir, apresenta-se uma página de recados, para exemplificação:

Página de recados de Gabriel (6)

Início > Gabriel Ferraz > Página de recados de Gabriel

primeira | < anterior | próxima > | última

Audrey: Combinado! Quando vier para os lados de cá, dê um toque, pois podemos nos encontrar. Se precisar, pode ficar aqui em casa. Beijos, Audrey.	17 out (13 horas atrás)
Deborah: Tá melhorando....primeira aula você levou 6 horas essa ja foram só 5... no fim do semestre você tá preparado pra dar uma palestra em um congresso internacional para profissionais da música em 2 minutinhos, lindo...eheheh Te ligo mais tarde. Beijinho.	17 out (14 horas atrás)
	OLÁ GABRIEL, DEMAIS DE BOM A COMUNIDADE QUE VC CRIOU, PRECISAMOS NOS UNIR, TENHO DISTONIA ORO-MANDIBULAR, COMO TE FALEI E GOSTARIA DE TE PASSAR UM NOVO CONTATO COM A PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO SUÍÇA DOS PORTADORES DE DISTONIA, O PESSOAL É SUPER SÉRIO E EU FAÇO PARTE DELES... EU ESCREVO E LEIO ALEMÃO, A D. BÁRBARA (PRESIDENTE - E SUPER GENTE BOA) FALA INGLÊS, EU TAMBÉM!! PARABÉNS, POIS VC NÃO FICOU ESPERANDO A INICIATIVA DOS OUTROS, VALEU CARA!! O NOME DA PRESIDENTE É: barbara.gygli.dill@distonie.ch A COMUNIDADE QUE VC CRIOU NOS DÁ ESPERANÇAS E MUITA ALEGRIA... QUANDO PASSAR O RECITAL, GOSTARIA QUE VC RESPONDESSE!! CARA FALTAVA ESSA COMI]UNIDADE PARA NÓS. VALEU, E AGRADEÇO SUA RECEPTIVIDADE!	7 ago
Deborah: Foi liliindo.....Beijinho.	24 mar

Figura 2.5 Página de recados de um usuário do Orkut.
 Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Os *scraps* são normalmente mais utilizados que as mensagens reservadas, justamente por serem uma forma rápida de estabelecimento de contato. Além disso, podem ser utilizados para propor que conversas reservadas, mais longas, sejam realizada fora da rede, como se observa na postagem de Audrey e de Deborah na Figura 2.5. Nesses casos, nota-se que o Orkut funciona como uma extensão do mundo não-virtual, permitindo a manutenção de círculos de amizade e a discussão de situações cotidianas.

Os *scraps* também acompanham a tendência da rede Orkut de expor seus usuários, já que podem ser lidos por todos os membros da rede. Por esse motivo, muitos usuários costumam apagar os *scraps* recebidos, procurando manter certa privacidade. A partir de outubro de 2007, o Orkut desenvolveu um recurso que permite a seus membros limitar o acesso aos *scraps*. Caso deseje, o usuário pode

restringir a exibição dos *scraps* apenas a si ou à sua rede de amigos. Outras redes de relacionamento como o Facebook já dispõem de mais recursos para manter a privacidade de seus usuários, como a possibilidade de restringir o acesso ao perfil e às fotos pessoais apenas aos membros da rede de amigos.

Segundo Toscano (2007, p.10), se a interação

(...) entre os amigos no Orkut se assemelha a outras do ciberespaço (*e-mail*, *chats*), sua função precípua, no entanto, é mostrar deferência e apreciação pelo outro, e, ao mesmo tempo, requerer reconhecimento e aceitação desse outro. Assim, “dizer oi” ou “passar para desejar um bom fim de semana” são ações de linguagem que contribuem para instituir laços socioafetivos particulares entre os membros dessa comunidade virtual.

As mensagens reservadas, por sua vez, nem sempre são consultadas, pois, em razão da grande quantidade de mensagens indesejadas (*spam*) no sistema, o usuário necessita filtrar o que realmente lhe interessa. Por esse motivo, a troca de mensagens mais longas pelo Orkut é, muitas vezes, substituída pela troca direta de *e-mails* ou por conversas no MSn ou telefone.

A busca por comunidades também é uma atividade freqüente, não apenas pelo desejo de interagir com outras pessoas e debater temas de interesse mas também como uma forma de definir o seu próprio perfil e expor aos demais usuários as comunidades com as quais se identifica. É importante mencionar que a definição do conceito de Comunidade Virtual ainda não se encontra bem estabelecida. De acordo com Marcuschi (2005, p.21), trata-se de:

(...) uma espécie de agregado social que emerge da rede *Internetiana* para fins específicos. Seriam pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns num dado momento, formando uma rede de relações virtuais (ciberespaciais).

Nas comunidades, as interações realizadas dependem muito do tema em discussão. Há aquelas em que o tema não propicia muitos debates, como “eu uso chinelo com meias”, a comunidade possui membros filiados, mas praticamente não tem tópicos em discussão⁷¹. Já em outras comunidades, como sobre a “pena de morte”, instauram-se fóruns de discussão mais longos, com a participação de vários membros e nota-se uma produção discursiva bastante intensa.

Como é possível perceber, a natureza rizomática⁷² do Orkut disponibiliza a seus usuários inúmeras possibilidades de interação por intermédio de vários gêneros discursivos eletrônicos. Dentre eles, é possível destacar os recados (*scraps*), os depoimentos e a participação em fóruns eletrônicos. De especial interesse para este estudo, são os fóruns eletrônicos.

2.3.3 Fóruns eletrônicos em comunidades do Orkut

Tendo em vista os parâmetros definidos por Marcuschi (2005) para a descrição dos gêneros emergentes, a seguir são apresentadas algumas características dos fóruns eletrônicos realizados em comunidades do Orkut.

Existem comunidades sobre os mais diversos temas no Orkut. As comunidades podem ser encontradas nas páginas dos próprios usuários, nas categorias organizadas pelo Orkut ou nas buscas por palavras-chave. Algumas das

⁷¹ Data de acesso: 18/10/2007.

⁷² Faz-se uso do termo “rizoma” (estrutura biológica constituída de bulbos e tubérculos), utilizado constantemente para descrever a dinâmica do hipertexto e a disposição de conteúdos no ciberespaço. De acordo com Deleuze e Guattari (1995, p.32): “o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao uno nem ao múltiplo. (...) Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce, transborda. (...) O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. (...) oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”.

categorias de comunidades presentes no Orkut podem ser observadas na Figura 2.6.

Figura 2.6 Categorias de comunidades do Orkut.
 Fonte: <http://www.orkut.com/Communities.aspx>
 (acessado em: 14/10/2007).

As comunidades podem ser consultadas por qualquer usuário do Orkut, independentemente da sua filiação à comunidade. No entanto, para participar das discussões, é necessário filiar-se, clicando no *link* “participar da comunidade”.

Cada comunidade possui um dono que pode escolher até dez mediadores para ajudá-lo a administrá-la. O dono da comunidade pode apagar postagens e até banir membros de sua comunidade.

A seguir, pode ser visualizada a página da comunidade *Racismo, não!!!*:

Início | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Notícias

angelo@gmail.com | Configurações | Ajuda | Sair

pesquisar **orkut**

Racismo, NÃO!!!

descrição: Essa comunidade é para quem é contra o racismo. Afinal, não existe diferença nem superioridade entre as pessoas. Somos todos iguais, e o que dá destaque a alguém é a riqueza de espírito, a humildade e a simplicidade!

ATENÇÃO

**** REGRAS DA COMUNIDADE RACISMO, NÃO!!! (EX-EU ODEIO RACISMO) ****
<http://www.orkut.com/CommMss.aspx?comm=832667&tid=2454129042192274236&start=1>

**** TÓPICO OFICIAL PARA DENÚNCIAS ****
<http://www.orkut.com/CommMss.aspx?comm=832667&tid=2454126055042519868&start=1>

**** TÓPICO OFICIAL PARA PROPAGANDAS ****
<http://www.orkut.com/CommMss.aspx?comm=832667&tid=2454125906866148156&start=1>

*** SITE PARA DENÚNCIAR CRIMES DE QUALQUER ESPÉCIE ***
<http://www.denunciar.org.br/>

*** DIGIDENÚNCIA - MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL ***
<http://producao.prp.mpf.gov.br/denuncia/denuncia.php>

*** POLÍCIA FEDERAL ***
crime.internet@pf.gov.br

*** SAFERNET ***
<http://www.safernet.org.br>

idioma: **Português**
 categoria: Outros
 dono: Moderadores Contra o Racism
 mediadores: Adriano, Elite, Luizinho
 tipo: pública
 fórum: não-anônimo
 local: Brasil
 criado em: 30 de Novembro de 2004 09:45
 membros: 118.955

tópico

tópico	postagens	última postagem
-->hotel PORTAL DE GRAVATÁ-PE Racista eles<----	0	
defina o racismo com apenas uma palavra!!!!!!!!!!!!	705	12/06/07
TÓPICO OFICIAL DE DENÚNCIAS	539	12/06/07
e vc branco(a), casaria-se c/ um negro(a) ????	254	12/06/07
Você acha que o racismo no Brasil é enraizado?	14	11/06/07

[novo tópico](#) [ver todos os tópicos](#)

votar nesta enquete

O que é mais racista?
 Um homem branco ou negro sair com...

Criado por: Adriano

☐ Uma camisa escrita "Black Power" ou "100% Negro".
☐ Uma camisa escrita "White Power" ou "100% Branco".
☐ Ambos os casos são considerados racismo.
☐ Nenhum dos casos é racismo e sim orgulho.

☒ Meu voto está visível para os outros usuários

[votar](#) [mostrar resultados e comentários](#)

[nova enquete](#) [ver todas as enquetes](#)

eventos

título	local	quando
I Seminário sobre a Identidade Mestica	Manaus (AM)	em 1 semana
Festival de Artes e Cultura Germanica	Cambuquira -MG - Brasil	em 3 semanas

[novo evento](#) [ver todos os eventos](#)

membros (118.955)

Schirli (232) Carla (355) Pedro (31) Tânia (339)

bruno (34) Elaine (352) Zena (108) Jailma (261)

[ver membros](#)

comunidades relacionadas

Webjustice, OQ da Liberdade (1.863) Abaixo o Preconceito (30.492) Lei p/ Crimes Virtuais, cadê? (420)

Instituto do Negro Pe. Batista (235) RESPEITO (154.285) Anti "Skinhead" (8.705)

Eu sou contra o preconceito (1.396.629) EU ACREDITO EM UM MUNDO MELHOR (88.651) 99% MESTICO (2.700)

serviço filiado ao Google

orkut in english | Sobre o orkut | Centro de segurança | Privacidade | Termos de uso

Figura 2.7 Página da comunidade *Racismo, não!!!*
 Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

A parte central superior da página de abertura de uma comunidade expõe: as principais características e os propósitos da comunidade, a categoria na qual se insere, o idioma adotado, o seu criador, os mediadores, o tipo de comunidade, o modo como devem se realizar os fóruns (anônimo ou não-anônimo), o local, a data de criação e o número de membros filiados.

À direita, encontram-se a lista dos membros da comunidade com fotos e nomes, bem como *links para* outras comunidades com temas relacionados. Na parte central inferior, podem ser visualizados os tópicos em discussão, as enquetes em andamento e os eventos relacionados à comunidade. A opção *enquete* foi criada em março de 2007, com o objetivo de coletar opiniões dos membros da rede de forma quantitativa. Cada membro da comunidade pode criar suas enquetes ou excluí-las; é possível também definir os participantes da enquete (todos os membros do Orkut ou apenas membros da comunidade) e a data para término do levantamento. As enquetes de outras pessoas só podem ser excluídas pelo dono da página ou pelos mediadores.

Na margem esquerda, estão os *links* para participar da comunidade, consultar fóruns em andamento, enquetes e eventos, convidar amigos e denunciar abusos.

Cabe ressaltar que, na estrutura da página da comunidade, o espaço onde se situam as discussões é nomeado de *fórum* e cada uma das discussões em andamento é chamada de *tópico*. Conforme ressaltado, nesta tese, trata-se como fórum eletrônico não apenas o espaço no qual são arquivadas as discussões, mas as próprias discussões em si.

Para Xavier e Santos (2005, p.30), o fórum eletrônico pode ser considerado uma reedição do gênero fórum:

(...) o gênero fórum, antes da informatização das sociedades contemporâneas, sempre foi conhecido como um gênero de discurso que consiste em discutir problemáticas específicas em comunidades civil e institucional, a fim de, pela exposição das opiniões diversas em um amplo debate, encontrar coletivamente mecanismos e estratégias que venham solucionar as dificuldades que lhe deram origem. As decisões ali tomadas gozariam de legitimidade e, portanto deveriam ser consensualmente

adotadas por todos os seus participantes, co-responsáveis por sua elaboração, implementação e sucesso.

Segundo os autores, o gênero fórum eletrônico guarda determinadas semelhanças com a sua versão original e foi incrementado por inovações tecnológicas que lhe deram mais abrangência espacial – *ubiqüidade* – e participação irrestrita por qualquer indivíduo – *universalidade*.

No caso dos fóruns realizados nas comunidades do Orkut, faz-se a ressalva de que, conforme mencionado, o acesso aos fóruns é permitido a todos os membros do Orkut, porém a participação restringe-se aos membros filiados à comunidade. Em linhas gerais, pode-se dizer que o fórum eletrônico no Orkut é um espaço para manifestação dos membros de uma comunidade.

Há várias comunidades com o mesmo tema no Orkut. Um tema corriqueiro como “brincos” tem registradas cinco comunidades com o nome *compulsivas por brincos*. Quando se considera o tema “brincos” em geral, podem ser encontradas mais de 390 comunidades, incluindo *Não saio de casa sem brinco*, *brincos de argola*, *Amamos brincos gigantes*, etc. Quanto a comunidades com temas mais polêmicos como “preconceito”, podem ser encontradas mais de 1000 comunidades, dentre elas *Chega de preconceito*, *Eu sou contra o preconceito*, *Abaixo o preconceito*, *Preconceito é coisa do passado*, entre outras.

É possível que a existência de várias comunidades com o mesmo tema se dê pelo fato de os criadores não pesquisarem se já existem comunidades sobre o assunto de interesse antes de criá-las ou simplesmente porque desejam gerenciar uma comunidade e dar a ela a sua leitura do assunto. A consulta às descrições das comunidades indica que o segundo motivo é mais forte para justificar a existência de

tantas páginas com o mesmo tema, o que se observa na Figura 2.8, com a descrição da comunidade *Ayrton Senna Eternamente!!!*.

Figura 2.8 Descrição da comunidade *Ayrton Senna Eternamente!!!*
 Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Nota-se, na descrição da comunidade, que a sua fundação se deu por razões pessoais.

Cada membro da comunidade pode participar dos fóruns em andamento ou criar um novo fórum para discussão. Os fóruns em andamento ficam armazenados na página e são organizados de acordo com a ordem temporal das contribuições (dos fóruns que possuem contribuições mais recentes para os com contribuições mais antigas).

Para participar de uma discussão, basta clicar em “responder” e o usuário poderá compor sua mensagem. Caso queira criar um novo fórum para discussão, o membro da comunidade deve clicar em “novo tópico”, inserir o tema desejado e iniciar a discussão.

As mensagens podem ter no máximo 2048 caracteres, mas a quantidade de mensagens que podem ser postadas não é limitada, a não ser que haja restrições por parte do dono da página ou dos mediadores.

Os usuários participam da discussão usando a sua identidade (definida no seu perfil), mas há casos de participações anônimas. Quando a postagem é feita de forma não-anônima, o participante é identificado por seu nome e pela foto que compõe o seu perfil, os quais aparecem na margem esquerda da tela, como pode ser observado na Figura 2.9, a seguir, da discussão sobre o feto do filme *2001 – Uma odisséia no espaço*.

Figura 2.9 Trecho do fórum “Alguém sabe oq significa akele feto no filme?” realizado na comunidade *2001 - A space odyssey*.

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

A participação dos usuários nos fóruns de discussão do Orkut depende muito do tipo de comunidade. Há comunidades, como “compulsivas por brincos”, “salto alto”, “adoro tomar sol”, “odeio esperar”, etc., às quais os usuários se filiam normalmente por se identificarem com o tema e não para propor discussões sobre o assunto. Nessas comunidades, a participação dos usuários restringe-se basicamente à filiação e a umas poucas trocas de informações normalmente superficiais, por exemplo, sobre lojas ou “dicas”, caracterizando-se como interações

bastante breves e exclamativas. Também são comuns as reafirmações do tema da página, como “tomar sol é tudo!!!”.

No entanto, há comunidades em que se verifica uma produção discursiva mais intensa. Nesse tipo de comunidade, a participação dos usuários se dá por intervenções mais longas instigadas pelo tema em discussão, normalmente polêmico e de grande apelo popular. O *corpus* da presente pesquisa constitui-se de fóruns desse segundo tipo.

No que se refere à produção discursiva, no primeiro tipo de comunidades identificadas, as intervenções possuem normalmente uma ou duas frases e apresentam grande número de grafias irregulares sob o ponto de vista da ortografia-padrão, mas que são convencionadas nesse meio de comunicação, como *naum*, *num*, *tb*, *akele*, etc. As gírias, os erros gramaticais em relação à norma padrão culto e de digitação, os alongamentos vocálicos e o uso das reticências para representar a segmentação sintática e substituir a pontuação convencional também são comuns, bem como o uso de *emoticons*, como pode ser observado em uma intervenção feita por Ana Paula na discussão sobre cancerianas solteiras (Figura 2.10).

Figura 2.10 Trecho do fórum “Cancerianas solteiras” realizado na comunidade *Cancerianas*.
Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

No segundo tipo de comunidade, caracterizado por produções discursivas mais extensas, nota-se maior variação entre o grau de formalidade das produções. Há intervenções mais formais, em que se verifica o uso de pontuação, seleção vocabular mais específica, nominalizações, sintaxe mais complexa, características

de um texto relativamente planejado previamente. Como exemplo, tem-se a intervenção anônima na discussão “Poder investigatório do MP” (Figura 2.11).

Figura 2.11 Trecho do fórum “Poder investigatório do MP” realizado na comunidade *Ministério Público*.

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Nesse segundo tipo de comunidade, também é possível observar intervenções informais, com o uso de grafias irregulares, ausência de revisão textual, presença de repetições e sintaxe mais simples, evidências de um planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção linguística (Figura 2.12).

Figura 2.12 Trecho do fórum “Nova Daslu no país com maior desigualdade” realizado na comunidade *São Paulo*.

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Em linhas gerais, pode-se dizer que, assim como verificado por Xavier e Santos (2005) na análise de fóruns do portal Terra, os fóruns do Orkut também tendem à utilização de um nível mais informal da linguagem que guarda muitas semelhanças com os gêneros orais tanto na forma composicional como no tempo de produção das intervenções. Como características da oralidade presentes nesses textos, pode-se apontar os vestígios do processo de produção textual que permanecem, muitas vezes, explícitos no texto, o emprego de léxico coloquial, o uso

de frases truncadas, a presença de marcadores conversacionais, a predominância de períodos curtos e simples e de construções verbais na voz ativa.

A seguir, são expostos os critérios utilizados para a seleção do *corpus* e algumas particularidades dos fóruns analisados neste estudo.

2.3.4 Fóruns eletrônicos que compõem o *corpus*

Como esta tese tem por principal objetivo a análise de conectores de causa e condição, procurou-se compor o *corpus* com fóruns que apresentassem uma produção discursiva mais intensa e que propiciassem o uso desses recursos. Para formar um *corpus* diversificado, foram recolhidos fóruns sobre diversos temas, mas que tivessem, no mínimo, 10 participantes, de modo que a discussão pudesse ser impulsionada.

Na Tabela 2.1, podem ser observados os temas em discussão nos fóruns coletados. A Tabela apresenta, além do tema em discussão no fórum recolhido e do nome da comunidade em que ele se realizou, a data da primeira e da última postagem coletada. Essa informação faz-se necessária porque os fóruns realizados no Orkut permanecem arquivados nas comunidades e podem continuar recebendo postagens por um longo período. Dessa forma, o material coletado corresponde a uma parte da discussão realizada no fórum, que não necessariamente se encontra encerrado.

Tabela 2.1 Fóruns que compõem o *corpus*

Comunidade	Fórum recolhido	Data da coleta
1. O que está havendo com o mundo	Não credito na recuperação do mundo – E você?	Primeira postagem coletada – 18/04/2005 Última postagem coletada – 01/05/2005
2. Ministério Público	Poder investigatório do MP	Primeira postagem coletada – 19/11/2004 Última postagem coletada – 29/12/2004
3. São Paulo	Nova Daslu no país com maior desigualdade	Primeira postagem coletada – 12/06/2005 Última postagem coletada – 16/06/2005
4. 2001 – A space odyssey	Alguem sabe oq significa akele feto no filme?	Primeira postagem coletada – 28/12/2004 Última postagem coletada – 21/06/2005
5. Vegetarianos ->?Perguntas?	Comer ovo é crime?	Primeira postagem coletada – 27/12/2004 Última postagem coletada – 21/07/2005
6. Crianças em situação de rua	Como lidar com elas	Primeira postagem coletada – 07/03/2005 Última postagem coletada – 20/05/2005
7. Música clássica	Dá pra viver de música erudita	Primeira postagem coletada – 20/07/2004 Última postagem coletada – 20/08/2005
8. Pena de morte	Pena de morte	Primeira postagem coletada – 28/05/2005 Última postagem coletada – 26/06/2005
9. Eu não tenho religião	Pq vc num tem religião?	Primeira postagem coletada – 06/07/2005 Última postagem coletada – 31/07/2005
10. Ayrton Senna eternamente!	Que piloto supera ou igual a Ayrton Senna?	Primeira postagem coletada – 14/07/2005 Última postagem coletada – 15/07/2005

Nesta pesquisa, foram analisadas duas páginas de cada um dos dez fóruns que compõem o *corpus*, totalizando 200 intervenções com uma média de 83 palavras cada uma. Cabe ressaltar que essa média de palavras é um pouco superior à encontrada por Xavier e Santos (2005) nas postagens do fórum realizado no portal Terra sobre o tema “Há vida inteligente na TV?”.

Embora o intervalo entre as mensagens seja normalmente de alguns dias, no *corpus* há postagens com intervalos de apenas 20 minutos e fóruns que permanecem “adormecidos”, sem receber mensagens por até 3 meses e depois voltam a ter postagens adicionadas, retomando o tema em discussão. Como pode ser observado na Figura 2.13, há um intervalo de 77 dias entre as postagens⁷³ de Ronaldo e de Bruno.

⁷³ As datas das postagens nos fóruns do Orkut encontram-se no formato americano: mês/dia/ano.

[Ronaldo](#)

Isto mesmo!! 2/15/2005 9:43 PM

Todos estão certos em suas interpretações. como o filme é uma obra de arte, cabem várias interpretações, mas a maioria pegou a idéia. O que está no livro (eu recomendo, é muito bom e esclarecedor) é que Bowman une sua consciência ao monolito, que também é uma forma viva e consciente porém muito mais evoluída que a humana mas sem corpo biológico. Assim ele renasce como uma consciência também superior, porém "engatinhando" neste novo estágio.

O feto próximo ao globo terrestre significa que ele voltou à Terra porque ainda tem muito que aprenderpor aqui mesmo.

Tem muito mais coisas explicadas no livro que estão subjetivas no filme, vale a pena ler todos os 4 livros de Arthur C. Clarke: 2001, 2010, 2061 e 3001.

E tem o filme continuação 2010 (mas sem a mesma imponência) com Roy Scheider o mesmo ator de Tubarão.

[Bruno](#)

ta na cara que e' UM CLONE 5/3/2005 8:08 PM

o que mais poderia ser um ser humano voltando as origens????? um tema tao atual que foi retratado ha tanto tempo... simplesmente genial...

Figura 2.13 Trecho do fórum “Alguém sabe oq significa akele feto no filme” realizado na comunidade 2001 – *A space odyssey*.

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Conforme também detectado por Paiva e Rodrigues Junior (2004) na análise de fóruns educacionais, a possibilidade de acesso a mensagens anteriores a qualquer momento é uma particularidade desse gênero discursivo que pode favorecer a reflexão sobre o tema e ulterior comentário. Tal característica não pode ser observada, por exemplo, no fórum não-virtual, no qual, uma vez que a discussão se encerre e o grupo se disperse, as interações permanecem “arquivadas”, exceto em casos de filmagens ou atas, apenas na memória dos interactantes.

A página de abertura de cada uma das comunidades em que foram coletados fóruns, bem como os fóruns analisados, encontram-se no Anexo A. A seguir, apresenta-se apenas um trecho do fórum “Nova Daslu no país com maior desigualdade”, recolhido da comunidade *São Paulo*, para que seja possível avaliar o tipo de material sob análise (Figura 2.14).

[Eduardo](#)

Nova Daslu no país com maior desigualdade 6/12/2005 8:11 AM

Todo mundo sabe que semana passada foi inaugurada a Daslu (maior botique de luxo da America Latina) na Vila Olimpia. E em todos os jornais e revista (até na TV), choveram reportagens falando bem e mal do novo empreendimento. Que seria um absurdo num país como o nosso que perde

apenas para a Serra Leoa como pior distribuição de renda, e coisas afins. O que vocês acharam, do novo "ponto turístico" paulistano se podemos dizer assim?

6/12/2005 9:37 AM

[Márcio](#)

Aquilo é a maior prova da putaria no Brasil... um país puta pobre com uma loja q além de riqueza esbanja luxo(q pra mim nada mas é q FRESCURITE). eu odeio a desigualdade... naum posso afirmar mas se eu tivesse do lado de lá(da riqueza) também odiaria. é muito triste ver um PAÍS Q SE AUTO-DENOMINA 'DE TODOS' mas q é apenas d 15%.
fuck daslu

6/12/2005 10:31 AM

[Danilo](#)

Deveriam inventar uma "taxa da desigualdade social" para artigos de luxo. Esse dinheiro seria investido em educação para os que não podem pagar por uma educação decente.

6/12/2005 10:38 AM

[Eric](#)

Ah tenha dó se têm gente que têm dinheiro para gastar lá que gaste, mas que frescura cada um faz o que quiser com o dinheiro que têm, se você têm dinheiro e quer ajudar os outros, ajude, agora se outra pessoa não fizer o mesmo não se ache superior também.

6/12/2005 1:36 PM

[Camila](#)

Repudio a desigualdade social, acho que é a origem de vários problemas brasileiros, mas não dá pra exigir que todos tenham a mesma consciência política, neste pto concordo com o colega acima, cada um tem o direito de gastar o seu dinheiro como quiser.

Achei legal tbem a idéia que o colega postou de criar uma tx para os artigos de luxo. Já que se cria tantos tributos para a classe média, cria uma só para os de boa vida....

Foda-se 6/12/2005 2:36 PM

[André](#)

Eu naum estou nem ligando pra daslu, eu naum tenho dinheiro pra gastar lá. E oq eu acho uma idiotice saum as pessoas q reclamam da desigualdade social, afinal de contas, desde qundo existe desigualdade no mundo? Eh utopia achar q um dia a desigualdade vai acabar. Acho q aqui tds saum de classe media, afinal de contas ter micro c/ internet, e tempo para gastar no Orkut, naum eh para pobre. Cada um compra as coisas onde querem e onde seu dinheiro permite gastar. Pbres compram suas roupas na 25, eu nos camelos. classe media vai ao shop
E os ricos vaum a daslu
Naum vejo problema algum nisso
Concordo q o governo poderia sobre taxae alguns produtos q os ricos compram. Mas eh inicencia acreditar q um dia o governo vai fazer isso.

eu gostei 6/12/2005 2:57 PM

[Patrícia](#)

eu odorei a nova daslu (pelo oq eu vi nas reportagens) adoraria pode i lá e gasta um monte de dinheiro e acho legal que tenha uma loja boa em sp pras pessoas ricas fazerem compras so por que existe pessoas que nao tem tanto dinheiro quem tem nao vai pode usufrui desse dinheiro ou paga pra pode usa-lo uma taxa de desigualdade social ia se so mais dinheiro pro governo rouba

concordo 6/12/2005 4:08 PM

[André](#)

Quem tem dinheiro gasta, quem naum tem foda-se.
Eu gostaria de ser rico, mas naum sou.
Mas acho q o gover poderia sim cobrar taxas de certos produtos importados, afinal ricos tem dinheiro para pagar imposto.
Mas acho q isso nunca vai acontecer.
Parece q as pessoas naum enxergam q nois vivemos num mundo capitalista, onde o fundamental eh o lucro e o acumulo de riquezas.

bem isso 6/12/2005 3:32 PM

[Camila](#)

e tenho certeza que aqui ninguem ia quere que esse pensamento capitalista mudase por que aqui todos iriam sai perdendo

6/12/2005 3:45 PM

[Luis](#)

se não tivesse a loja aqui eles simplesmente iriam até a europa comprar, então melhor q seja aqui. e com certeza a daslu paga pelo terreno onde construiu a loja e tem nota fiscal dos produtos, agora os chineses q trazem aqueles produtos malditos na 25 q acabam com a economia brasileira por serem bem mais barato e ainda financiam o contrabando e trabalho escravo no mundo a fora ngm reclama né? sendo q é muito pior.

Aqui no centro de Santo André construíram uma igreja universal do reino de deus, gigantesca faraônicaaa tanto quanto a nova daslu, cheia de ostentação e luxo, porem igrejas não pagam impostos e ainda arrecadam dinheiro dos pobres fieis... oq é totalmente desigual, um bando de gente sendo enganada a maioria dando uma boa quantia pros seus pastores cheios da granaaaa

Figura 2.14 Trecho do fórum “Nova Daslu no país com maior desigualdade” realizado na comunidade São Paulo.

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Diferentemente de outros fóruns presentes na *Web* em que as interações ficam inseridas em uma página em forma de *hyperlinks*, as postagens nos fóruns do Orkut são apresentadas de forma linear. No entanto, as postagens inseridas podem ou não se referir à mensagem imediatamente anterior. Nos casos em que a postagem dirige-se a um participante que se encontra distante, em termos espaciais, na página de discussão, normalmente são inseridas marcas textuais explícitas para orientar e facilitar a identificação do destinatário específico da postagem; como exemplos, têm-se as Figuras 2.15 e 2.16.

	<p>concordo com o Luis de Santo André 6/13/2005 12:55 PM</p> <p>Eu acho que a dona da Daslu cumpre o papel dela, paga impostos (muitos!), gera empregos e ainda realiza trabalhos sociais que muitos de nós nem pensamos em fazer.</p> <p>Ok, tudo bem, tá certa! Agora o que ela se aproveita (e muito bem aproveitado) é dos que vão lá gastar, que não pensam duas vezes em ostentar luxo em um país onde tem gente que não tem onde morar! Depois reclamam da violência! É claro! São como os pobres que jogam lixo nas ruas e depois reclamam das enchentes...</p> <p>Eu acho assim, quer gastar o seu dinheiro, gaste onde quiser, mas que pelo menos tenha a consciência do país em que vive e pelo menos tente fazer algo para mudar essa situação. E se quiser ostentar, que depois não reclame da violência!</p>
--	---

Figura 2.15 Trecho do fórum “Nova Daslu no país com maior desigualdade”, realizado na comunidade São Paulo.

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Figura 2.16 Trecho do fórum “Poder investigatório do MP” realizado na comunidade *Ministério Público*.

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Em ambos os casos, os interactantes mencionam o nome de seu destinatário, procurando manter a coesão do texto.

Em relação à faixa etária, é possível perceber uma variação em função do tema em debate. Considerando-se a totalidade do *corpus*, a consulta ao perfil dos participantes dos fóruns revela que a média de idade é de 25 anos⁷⁴, ou seja, encontra-se dentro da faixa etária mais presente no Orkut, de acordo com os dados demográficos do Gráfico 2.5.

Os fóruns que compõem o *corpus* contam, em conjunto, com a participação de 143 pessoas identificadas por nome e foto do seu perfil e 9 participações anônimas⁷⁵. Nota-se, portanto, que a participação de anônimos é pouco freqüente nos fóruns analisados.

Outra particularidade que pode ser observada nas postagens é que a maioria dos participantes dos fóruns do *corpus* parece não se conhecer. Essa característica distingue esse gênero discursivo de outros que também se manifestam no Orkut, como os *scraps* e os depoimentos. Nesses gêneros, as intervenções realizam-se predominantemente entre amigos e o alto grau de conhecimento partilhado entre eles transparece nas suas produções discursivas.

⁷⁴ Esse levantamento tem por base apenas os participantes que disponibilizaram essa informação no seu perfil.

⁷⁵ É importante mencionar que esse levantamento não foi capaz de identificar os casos em que a mesma pessoa participa das discussões fazendo uso de identidades (perfis) diferentes.

Nos trechos dos fóruns analisados, a maior parte dos interactantes realiza apenas uma postagem, como pode ser observado na Tabela 2.2.

Quantidade de participações	Número de participantes
1 participação	123
2 participações	11
3 participações	6
4 participações	7
5 participações	3
6 participações	0
7 participações	2

Tabela 2.2 Participação nos fóruns

No entanto, é importante mencionar que, como a discussão não foi encerrada no momento da última coleta do fórum, é possível que novas postagens do mesmo interactante tenham ocorrido em data posterior à última coleta.

Quanto àqueles usuários que participam mais de uma vez da discussão, em muitos casos, trata-se do próprio introdutor do tópico em debate, que está mais motivado que os demais em dar continuidade à discussão, como se verifica no trecho a seguir (Figura 2.17).

como lidar com elas 3/7/2005 12:39 PM

Olá amigos

Sou professora do ensino fundamentas, este ano estou com uma turma de 1ª série. Recebi uma aluna, que hoje, descobri ser moradora de rua. Mora com a mãe, não se sabe ainda onde. Estamos investigando. Ela tem 12 anos, não está alfabetizada, pois, segundo a mãe e ela mesma, nunca foi a escola!? Ficamos sabendo através do morador que cedeu a conta de luz para que a mãe matriculasse a menina, que moram embaixo de uma ponte e que tomam banho em sua casa e que a menina tem vida sexual. Que apanha dos mendigos, da mãe, do padrasto, aliás ela tem cicatrizes por todo o corpo, principalmente, no rosto. Nós, da escola, vamos acionar a quem de direito. O que preciso é saber como lidar com ela, pois nunca passei por uma situação semelhante. Tenho medo de assustá-la e ela deixar a escola, o que não quero, pois vejo a possibilidade de ajudar essa "criança".

Por favor, aguardo ajuda.

Beijos no coração de todos

3/7/2005 12:44 PM

como ajudar?
com lar, material escolar, roupas, etc?

[Felipe](#)

3/7/2005 2:45 PM

Não entendo muito disso, mas será que a pessoa que emprestou a conta de luz não seria um bom canal? Ela deve ter confiança nessa pessoa. E é ela mesma (a menina) quem deve saber melhor do que ninguém do que ela está realmente precisando...

[Cintia](#)

3/7/2005 10:29 PM

desculpe-me pelo radicalismo.

mas o q me revolta mais é ver nossos políticos gordos e preguiçosos não fazendo nada para solucionar esses problemas.

no mes passado "quebrei o pau" na secretaria de educação da minha cidade por causa de uma menina, tb de 12 anos, surda e muda, e q nunca havia frequentado uma escola.

"- não temos estrutura para acolhê-la", diziam eles.

bastou mencionar q existe ministério público e já se conseguiu vaga para a menina.

acho q nosso país só se move à porradas (desculpe-me pelo termo) do q bom senso.

[Felipe](#)

3/7/2005 10:32 PM

acabei fugindo do tema, emilia.

vc por acaso entrou em contato com o conselho tutelar e ver se há possibilidade de uma tutela provisória?

[Felipe](#)

3/9/2005 10:54 AM

Oi Felipe

Eu entendo a sua revolta. Eu tbem penso da mesma forma. Sobre procurar o conselho tutelar isso sem dúvida será feito. O que eu, como professora, quero é saber como lidar com ela. Eu não sou ingênua a ponto de pensar que só a afetividade (que tenho bastante) será suficiente, pois essa menina, como já disse, já tem vida sexual, e passa por muitas situações de agressões o que a faz, até por uma questão de sobrevivência, ser "malandrinha". Então, como conversar com ela, como proceder para que ela não se sinta acuada e crie confiança em mim. Nós temos que acolhê-la, pois o fato dela procurar a escola pode ser uma luz no fim desse túnel tão escuro e cruel no qual ela vive. Pode ser que nessa comunidade tenha alguém que faça algum trabalho direto com essas crianças e possa me dar alguma dica.

Abraços a todos.

[Emilia](#)

3/9/2005 10:39 PM

não entendo muito de psicologia infantil mas já pensou q, não cessando a causa, o problema vai continuar?

essa menina mora num péssimo meio e voltando prá lá, vai ser difícil conduzi-la. q adianta ela receber pouco carinho fora de casa se todos os dias tem q viver desumanamente? seria melhor arrumar um lar prá ela ou então investigar se não existe parentes q a acolha (meu portugues é horrível).

Abraços

[Felipe](#)

3/12/2005 8:23 AM

Oi Felipe

Ache que vc tem toda a razão. O tempo fora da escola é muito maior. Vou conversar com minha coordenadora a esse respeito e dar essa sugestão, de verificar se existe algum parente que possa acolhê-la.

Abraços

[Emilia](#)

Figura 2.17 Trecho do fórum “Como lidar com elas” realizado na comunidade *Crianças em situação de rua*.

Fonte: <http://www.orkut.com> (acessado em: 14/10/2007).

Nesse exemplo, a introdutora do tópico em debate, Emília, realiza três intervenções, dialogando diretamente com outro participante do fórum e dando continuidade ao debate.

Essas são algumas características gerais do funcionamento do fórum eletrônico nas comunidades do Orkut. O Capítulo 3 desta tese dedica uma de suas partes à verificação de outras particularidades desse gênero discursivo, tendo por base as construções de causa e condição que nele se inserem. Com isso, procura-se contribuir para que, aos poucos, possam ser identificadas as estabilidades estilísticas e composicionais do gênero fórum eletrônico, auxiliando, dessa forma, a definição de qual o papel sócio-histórico e cultural desse novo gênero discursivo.

3. **Análise do *corpus***

Nesta pesquisa, foram analisados os conectores de causa e de condição presentes nas primeiras duas páginas de cada um dos dez fóruns eletrônicos que compõem o *corpus*, totalizando 500 ocorrências de conectores. A análise dos conectores fundamentou-se no modelo descrito no Capítulo 1.

3.1 **Compilação dos dados**

Cada ocorrência de conector de causa ou condição no *corpus* foi analisada de acordo com os seis critérios do modelo: classificação sintática, identificação do domínio semântico em que atua o conector, do tipo de relação que estabelece, do valor modal da conexão, da categoria à qual pertence o conector e verificação da disposição dos *relata* no turno conversacional.

Para facilitar a quantificação, o cruzamento de informações e a análise dos fatos verificados, utilizou-se um programa de compilação automática desenvolvido para o aplicativo *Microsoft Word*⁷⁶.

O exemplo a seguir ilustra como devem ser feitas as marcações no texto para permitir a compilação. O trecho provém da discussão “Não credito na recuperação do mundo – E você?”.

O trecho sem marcações é:

⁷⁶ Este programa foi criado com o auxílio de Erik H. Gutz para a análise dos dados de minha dissertação de mestrado *A referência no discurso oral e escrito de falantes nativos de português e aprendizes alemães do português brasileiro*, defendida em 2002. Para poder ser utilizado nesta tese de doutorado, o programa sofreu alguns ajustes, de modo que pudesse realizar as tarefas de forma mais rápida e fosse capaz de compilar os resultados dos seis critérios de análise do modelo adotado.

Tb acredito 4/30/2005 4:33 PM

E creio ainda q **se** apenas 20% da população mundial mudar, já causa o efeito em escala geométrica q influenciará a vida de todo o planeta! (Fórum Orkut 1)

Com as marcações, o texto se apresenta da seguinte maneira:

Tb acredito 4/30/2005 4:33 PM

E creio ainda q \$I60(1se)(2se)(3[se R] E)(4conj sub)(5temporal)(6cond)(7R=condição)(8*stricto sensu*)(9intra)(10não-marcado)# apenas 20% da população mundial mudar, já causa o efeito em escala geométrica q influenciará a vida de todo o planeta! (Fórum Orkut 1)

A análise do conector é marcada no intervalo entre os símbolos \$ e #. Entre parênteses, estão as classificações dadas ao conector quanto a todos os critérios. Cada ocorrência é numerada, permitindo a localização do conector no texto. A grafia ideal do conector também é assinalada (2se), possibilitando o seu reconhecimento para os cálculos estatísticos, visto que, em muitos casos, os conectores aparecem de forma abreviada ou com grafias irregulares, como: *pq* (porque), *qd* (quando), *intaum* (então), etc.

No exemplo de análise do conector *se*, as marcações se dispõem da seguinte maneira:

1. Grafia encontrada do conector
2. Grafia ideal do conector
3. Disposição dos *relata* na conexão

4. Classificação sintática
5. Domínio em que opera a conexão
6. Tipo de relação
7. Papel temático do *relatum-R*⁷⁷
8. Categoria em que se insere o conector
9. Distribuição dos *relata* quanto ao turno conversacional
10. Valor modal da conexão

Após a análise de todas as ocorrências de conectores de causa e condição na discussão, o programa é acionado. Ele executa uma rotina de tarefas que possibilita a compilação das informações textuais desejadas sob a forma de tabelas. As tabelas resultantes são compatíveis com os aplicativos *Access* e *Excel*, também da *Microsoft*. Assim, todos os resultados da classificação foram arquivados em uma base de dados em *Excel*, constituindo um *corpus* eletrônico de conectores, que compreende todos os resultados da análise desta tese.

3.2 Exposição dos resultados

A exposição e a interpretação dos resultados da análise são realizadas em duas partes. A primeira parte se dá sob a perspectiva dos conectores e descreve as principais características do funcionamento desses recursos reveladas pela análise. Na segunda parte, procura-se, a partir do comportamento dos conectores, apresentar algumas considerações sobre o gênero discursivo fórum eletrônico no Orkut.

⁷⁷ A marcação do papel temático é feita para orientar a identificação da categoria em que o conector se insere.

3.3 Resultados da análise sob a perspectiva dos conectores

Com base no comportamento dos conectores quanto aos seis critérios de análise do modelo adotado e nas correlações que podem ser estabelecidas entre eles, a seguir, são expostos os resultados mais relevantes encontrados.

3.3.1 Conectores *versus* classificação sintática

A análise dos fóruns que compõem o *corpus* desta tese revelou a presença dos conectores expostos na Tabela 3.1.

Tabela 3.1 Distribuição dos conectores por classe sintática.

Conjunção subordinativa		Conjunção coordenativa		Preposição		Advérbio juntivo	
Conector	Qtde	Conector	Qtde	Conector	Qtde	Conector	Qtde
se	69	mas	125	para	58	então	19
porque	49	pois	28	por	20	por isso	11
quando	14	afinal	8	independentemente de	4	assim	9
para que	13	senão	2	apesar de	3	porém	7
já que	7			através de	3	afinal de contas	3
mesmo que	5			por causa de	3	entretanto	3
caso	4			a	1	portanto	3
como	3			acima de	1	enfim	2
embora	2			em razão de	1	logo	2
se bem que	2			por culpa de	1	contudo	1
contanto que	1			por meio de	1	no entanto	1
de modo que	1					todavia	1
desde que	1						
mesmo	1						
mesmo se	1						
não obstante	1						
por mais que	1						
que	1						
tanto que	1						
uma vez que	1						
visto que	1						
Subtotal	179	Subtotal	163	Subtotal	96	Subtotal	62
				Total geral		500	

A Tabela 3.1 apresenta os conectores que estabelecem relações de causa e condição no *corpus*, já distribuídos de acordo com a classe sintática a que pertencem. Como pode ser observado, a classe sintática mais utilizada para estabelecer relações de causa e condição é a das conjunções subordinativas. Em

segundo lugar, encontram-se as conjunções coordenativas. Cabe destacar a diferença entre a variedade de recursos presentes em cada uma dessas duas classes. Enquanto as 179 ocorrências de conjunções subordinativas subdividem-se por 21 tipos diferentes de conectores, as 163 ocorrências de conjunções coordenativas distribuem-se em apenas quatro tipos, merecendo destaque a grande presença do conector *mas* no *corpus*, o que será discutido ao longo da exposição dos resultados.

Pelo levantamento realizado, observa-se que na maior parte das classes sintáticas há apenas três ou quatro tipos de conectores mais empregados, permanecendo os outros recursos com uma incidência bastante marginal. No caso das conjunções subordinativas, destacam-se os conectores *se*, *porque*, *quando* e *para que*; nas conjunções coordenativas, o *mas* e o *pois*; nas preposições, *para* e *por* e, por fim, embora os advérbios juntivos apresentem uma distribuição mais equilibrada, constata-se, ainda, uma predominância do uso dos conectores *então*, *por isso*, *assim* e *porém*.

O Gráfico 3.1 apresenta a distribuição percentual das classes sintáticas dos conectores no *corpus*.

Gráfico 3.1 Distribuição das classes sintáticas no *corpus*.

Faz-se necessário mencionar a ausência de parâmetros para avaliar os índices de ocorrência de cada classe sintática. Os estudos mais relevantes sobre o funcionamento dos conectores no português atual avaliam a frequência de uso desses recursos em categorias específicas (cf., por exemplo, Neves, 1999a, b e c, acerca das construções causais, concessivas e condicionais; Pezatti, 2002, sobre construções consecutivas). As gramáticas, por sua vez, apresentam os principais conectores de cada classe sintática, mas não expõem informações sobre a frequência de uso desses recursos (cf., por exemplo, Neves, 2000; Bechara, 2005).

A classificação sintática dos conectores envolve a dificuldade de categorizar recursos lingüísticos que estão em processo de gramaticalização. Essa dificuldade pode ser observada, por exemplo, no caso dos conectores que estão em processo de transição entre a categoria dos advérbios juntivos e a das conjunções coordenativas. Isso se deve ao fato de muitas conjunções coordenativas serem expressões que geralmente deslizaram de um estatuto de advérbio para o de conjunção (cf. Carone, 1993 [1988]; Pezatti, 2001).

No que se refere aos conectores de causa e condição analisados nesta tese, essa problemática envolve os conectores: *então, por isso, assim, afinal, afinal de contas, porém, entretanto, portanto, enfim, logo, contudo, no entanto e todavia*.

Até o momento, não há consenso sobre quais desses conectores já completaram o seu processo de gramaticalização e quais ainda podem ser considerados termos híbridos que participam tanto da natureza dos advérbios quanto da conjunção. Carone (1993 [1988]) considera que os conectores *no entanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia e porém* já se cristalizaram como conjunções coordenativas; ao passo que, *assim, então e aliás* ainda se encontram no processo de transição.

Neves (2000) reconhece que muitos desses conectores são considerados conjunções coordenativas pela gramática tradicional, mas ainda os classifica como advérbios juntivos que se encontram em processo de gramaticalização. Para esse autor, o conector *logo* é o que está em estágio mais avançado e apresenta comportamento próximo ao de uma conjunção coordenativa.

A classificação sintática dos conectores nesta tese baseia-se nos quatro traços distintivos descritos no item 1.2.1. Ambos, advérbios juntivos e conjunções coordenativas, encontram-se obrigatoriamente no segundo *relatum*. A diferenciação entre eles se dá pela atribuição de papel relacional e pela liberdade de posicionamento no segundo *relatum*.

As conjunções coordenativas não distribuem *E* e *R* de maneira uniforme, enquanto os advérbios juntivos encontram-se sempre no *relatum-E*, que sucede o *relatum-R*. No *corpus* desta tese, a investigação dos advérbios juntivos reconhecidamente em processo de gramaticalização mostra que todos ainda mantêm a distribuição de papel relacional: [R *adv* E].

Quanto ao critério de liberdade de posicionamento no segundo *relatum*, a decisão adotada neste trabalho para a classificação dos conectores foi tratar como advérbios todos os conectores que permitem a posição não-inicial no segundo *relatum*, ainda que seu uso nessa posição seja pouco típico⁷⁸. O conector *logo* merece destaque por se tratar, conforme aponta Neves (2000), do advérbio juntivo que se encontra em estágio mais avançado de gramaticalização para se tornar uma conjunção coordenativa.

Uma investigação em páginas brasileiras da Internet com a ferramenta de busca disponibilizada pelo Google⁷⁹ ainda mostra casos em que o conector *logo* aparece em posição não-inicial no segundo *relatum*, com função de conector e operando no domínio epistêmico. Por exemplo:

- (3.1) *Vulgaridade, primeiro. Artur Xexéo não cansa de dizer que nesses programas só se fala de sexo e cocô. A própria Xuxa Meneghel, indicada pela produção da Globo para visitar a casa do Big Brother, pediu aos moradores da casa para falarem menos palavrão e para conversarem sobre temas "nobres", como educação, homossexualidade, etc. Engraçado vindo de uma apresentadora de programa cuja música-tema fala sobre "energia" e sobre um planeta girando. Vulgar deriva de vulgo, a plebe, a classe popular. Supõe-se, **logo**, que alguma outra classe – a dos intelectuais e aristocratas, mais preocupados com as "coisas do espírito" – não seja vulgar (...)*

(Disponível em: www.contracampo.com.br/tv/espetrealidade.htm; acessado em 1/10/2007).

⁷⁸ Cabe ressaltar que só foram considerados os casos em que o conector estabelece conexões de causa ou condição.

⁷⁹ <http://www.google.com.br>.

Essa constatação fez com que, neste estudo, o *logo* fosse classificado como advérbio juntivo. No entanto, procurando contribuir com as investigações destinadas a atestar a cristalização desses recursos como conjunções coordenativas, foi feito um levantamento da posição que os advérbios juntivos ocupam no interior do *relatum-E* no *corpus* desta tese (Tabela 3.2).

Tabela 3.2 Posição dos advérbios juntivos no interior do *relatum-E*.

Conector Advérbio Juntivo	Posição Advérbio Juntivo				Total
	Inicial		Não-Inicial		
	Qtde	%	Qtde	%	
então	14	73,7%	5	26,3%	19
por isso	9	81,8%	2	18,2%	11
assim	7	77,8%	2	22,2%	9
porém	6	85,7%	1	14,3%	7
afinal de contas	3	100,0%			3
entretanto	3	100,0%			3
portanto	3	100,0%			3
enfim	2	100,0%			2
logo	2	100,0%			2
contudo	1	100,0%			1
no entanto	1	100,0%			1
todavia	1	100,0%			1
Total					62

Na Tabela 3.2, são diferenciadas duas possibilidades de posicionamento para os advérbios juntivos no interior do *relatum-E*. A seguir, foram exemplificadas as posições inicial e não-inicial dos advérbios juntivos.

1) Posição inicial

(3.2) *Massa sem ovos se encontra em qualquer birosca de esquina. E tem mistura para bolo dessas prontas até sem ingrediente de origem animal (a de chocolate da Dr Oetker é assim, por exemplo). É só fazer a receita da caixinha substituindo leite por leite de soja, manteiga por creme*

vegetal e cada ovo por 30 ml a mais de leite de soja. Fica perfeito (R).

Logo, não há justificativa para comer ovo (E). (Fórum Orkut 5)

2) Posição não-inicial

- (3.3) *Ficou esperando e reorganizando os seus pensamentos. Meditava a respeito de suas forças que ainda não tivera oportunidade de testar. Se bem que fosse o senhor do mundo, não sabia ainda o que fazer a seguir (R). Acabaria, **porém** imaginando algo (E).* (Fórum Orkut 4)

Ao observar a Tabela 3.2, nota-se que a maior parte desses conectores aparece no *corpus* apenas em posição inicial no *relatum-E*. No entanto, os conectores *então*, *por isso*, *assim* e *porém* ainda apresentam variação em seu posicionamento, atestando que o seu processo de gramaticalização ainda não está completo.

É importante ressaltar que o conector *afinal* foi classificado como uma conjunção coordenativa. Isso se deu em razão de não terem sido encontrados usos desse conector em conexões de causa e condição em posição não-inicial no *corpus* desta pesquisa e em investigações realizadas na Internet com a ferramenta de busca disponibilizada pelo Google. Por exemplo:

- (3.4) *acho q o gover poderia sim cobrar taxas de certos produtos importados (R), **afinal** ricos tem dinheiro para pagar imposto (E).* (Fórum Orkut 3)

Observa-se, nesse exemplo, o posicionamento inicial do conector. No entanto, como o *corpus* desta tese conta apenas com oito ocorrências do conector

afinal, não pôde ser realizada uma investigação mais acurada do seu funcionamento, de modo que pudesse ser confirmado o seu processo de gramaticalização como conjunção coordenativa. Dessa forma, esse permanece como um tema a ser investigado em futuras pesquisas.

A dificuldade de classificar recursos que se encontram em processo de gramaticalização também se dá na transição das conjunções subordinativas para as conjunções coordenativas, como se observa, por exemplo no uso do conector *tanto que*.

- (3.5) *Desculpe-me, Gilberto, mas seu argumento também não foi convincente, pois ao Magistrado cumpre julgar a lide, dizer o direito, não significando, em momento algum, que este é o titular de toda relação processual para poder agir conforme entenda melhor (E). **Tanto que** sua posição, em regra, é inerte (R), só podendo agir de ofício em situações excepcionais (destaque-se que tal excepcionalidade foi asseverada em recente julgado do STF) previstas na própria legislação, não existindo mais o processo judicialiforme. (Fórum Orkut 2)*

Esse conector já está se fixando entre o *relatum-E* e o *relatum-R*, o que se confirma pela impossibilidade de inversão dos *relata*. Portanto, ele não apresenta mais a característica das conjunções subordinativas de poder figurar como primeiro *relatum* da conexão; no entanto, ainda apresenta a distribuição de papel relacional típica das conjunções subordinativas e tem como complemento um *relatum-R*. Por esse motivo, esse conector foi classificado como conjunção subordinativa nesta tese. Na terminologia empregada no IDS, esses conectores são considerados

postponierer (posponedores), já que eles perderam a propriedade de encaixar a oração subordinada e apenas a pospõem.

3.3.2 Conectores *versus* domínio semântico

Tendo verificado as classes sintáticas em que os conectores de causa e condição analisados nesta tese se inserem, passa-se a descrever a sua distribuição quanto ao domínio semântico.

No Gráfico 3.2, podem ser observados os índices percentuais de distribuição dos domínios semânticos no *corpus*.

Gráfico 3.2 Distribuição dos domínios semânticos no *corpus*.

Esse gráfico revela que os três domínios semânticos apresentam incidência bastante semelhante no *corpus*. Pode ser observada uma pequena predominância do domínio temporal, que será discutida em função do gênero discursivo na segunda parte da exposição dos resultados. O domínio

temporal/deôntico refere-se às conexões finais que, por configurarem uma relação dupla, combinam uma leitura temporal a uma deôntica.

A Tabela 3.3 apresenta a distribuição de todos os conectores analisados quanto ao domínio semântico em que operam.

Tabela 3.3 Distribuição dos conectores por domínio semântico.

Conector	Domínio								Total
	Deôntico		Epistêmico		Temporal		Temporal/Deôntico		
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	
mas	73	58,4%	46	36,8%	6	4,8%			125
se	29	42,0%	10	14,5%	30	43,5%			69
para					36	62,1%	22	37,9%	58
porque	7	14,3%	10	20,4%	32	65,3%			49
pois	9	32,1%	15	53,6%	4	14,3%			28
por	2	10,0%	5	25,0%	13	65,0%			20
então	6	31,6%	7	36,8%	6	31,6%			19
quando	2	14,3%	1	7,1%	11	78,6%			14
para que	1	7,7%			4	30,8%	8	61,5%	13
por isso	5	45,5%	1	9,1%	5	45,5%			11
assim	3	33,3%	1	11,1%	5	55,6%			9
afinal	3	37,5%	5	62,5%					8
já que	3	42,9%	4	57,1%					7
porém	1	14,3%	3	42,9%	3	42,9%			7
mesmo que	2	40,0%	1	20,0%	2	40,0%			5
caso	1	25,0%			3	75,0%			4
independentemente de	1	25,0%	1	25,0%	2	50,0%			4
afinal de contas	2	66,7%	1	33,3%					3
apesar de	1	33,3%	2	66,7%					3
através de					3	100,0%			3
como			3	100,0%					3
entretanto	2	66,7%	1	33,3%					3
por causa de					3	100,0%			3
portanto	1	33,3%	1	33,3%	1	33,3%			3
embora	1	50,0%	1	50,0%					2
enfim	1	50,0%	1	50,0%					2
logo			2	100,0%					2
se bem que			1	50,0%	1	50,0%			2
senão			1	50,0%	1	50,0%			2
a					1	100,0%			1
acima de					1	100,0%			1
contanto que					1	100,0%			1
contudo	1	100,0%							1
de modo que					1	100,0%			1
desde que	1	100,0%							1
em razão de	1	100,0%							1
mesmo			1	100,0%					1
mesmo se					1	100,0%			1
não obstante	1	100,0%							1
no entanto					1	100,0%			1
por culpa de					1	100,0%			1
por mais que			1	100,0%					1
por meio de					1	100,0%			1
que					1	100,0%			1
tanto que			1	100,0%					1
todavia			1	100,0%					1
uma vez que			1	100,0%					1
visto que	1	100,0%							1
Total	161		129		180		30		500

A principal informação revelada pela Tabela 3.3 é que, no que se refere aos conectores de causa e condição analisados nesta tese, não se pode falar em restrição de uso dos conectores a um domínio semântico específico, mas apenas em concentração dos conectores em determinados domínios. Isso porque a maior parte dos conectores investigados realiza conexões em mais de um domínio semântico. Observa-se, no entanto, que a atuação dos diferentes conectores normalmente se concentra mais em algum domínio. O Gráfico 3.3 evidencia melhor essa concentração e expõe os domínios em que os dez conectores mais frequentes do *corpus* operam.

Gráfico 3.3 Distribuição dos dez conectores mais incidentes por domínio semântico (em número de ocorrências).

Os índices de distribuição dos conectores por domínio semântico sofrem influência do gênero discursivo em que se encontram, como será discutido na segunda parte da exposição dos resultados. No entanto, como os três domínios apresentam incidência bastante semelhante no *corpus* analisado e os conectores não se distribuem igualmente entre eles, é possível supor que as concentrações evidenciadas no Gráfico 3.3 demonstram uma tendência geral do funcionamento desses recursos, não necessariamente vinculada ao gênero discursivo fórum eletrônico.

Os conectores *mas* e *pois* são mais incidentes nos domínios modais (*mas* epistêmico: 36,8%; *mas* deôntico: 58,4%; *pois* epistêmico: 53,6%; *pois* deôntico: 32,1%) e pouco ocorrem no domínio temporal (*mas* temporal: 4,8%; *pois* temporal: 14,3%). Como exemplos de atuação desses conectores nos domínios modais podem ser mencionados:

1) Domínio deôntico

- (3.6) *Desculpe, Pedro (R), **mas** esse argumento não me convenceu (E).*
(Fórum Orkut 2)

Nesse exemplo de domínio deôntico, o fato de o locutor proferir o ato de fala em que pede desculpas a seu interlocutor (*relatum-R*) é um contramotivo insuficiente para que realize sua intenção de manifestar sua discordância (*relatum-E*).

- (3.7) *Então, como conversar com ela, como proceder para que ela não se sinta acuada e crie confiança em mim. Nós temos que acolhê-la (R), **pois** o*

fato dela procurar a escola pode ser uma luz no fim desse túnel tão escuro e cruel no qual ela vive (E). (Fórum Orkut 6)

Nesse exemplo, “o fato dela procurar a escola...” foi interpretado como o motivo para que o falante expresse a obrigação de acolhê-la no ato de fala que funciona como *relatum-R* da conexão.

2) Domínio epistêmico

(3.8) *Se eu tivesse do lado de lá(da riqueza) também odiaria. é muito triste ver um PAÍS Q SE AUTO-DENOMINA 'DE TODOS' (R) mas q é apenas d 15% (E).*(Fórum Orkut 1)

No exemplo 3.8, o *relatum-R* (“q se auto-denomina ‘de todos’”) foi interpretado como uma contra-evidência insuficiente para que o locutor apresente sua conclusão no *relatum-E* (“q é apenas d 15%”).

(3.9) *E, convenhamos, em última instância a atividade policial já é subordinada ao Ministério Público nos casos de ação civil pública (R), pois tudo que é produzido no inquérito policial serve para informação deste, podendo, ademais, o membro do MP REQUISITAR as diligências que entender necessárias* (E). (Fórum Orkut 2)

Em 3.9, o *relatum-R* apresenta uma conclusão (“...em última instância a atividade policial já é subordinada...”) suscitada pela evidência apresentada no *relatum-E* (“tudo que é produzido no inquérito policial...”).

Os conectores *para* e *para que* têm atuação mais restrita ao domínio temporal (*para*: 62,1%; *para que*: 30,8%) e aos domínios temporal/deôntico quando estabelecem uma conexão final (*para*: 37,9%; *para que*: 61,5%).

1) Domínio temporal/deôntico

- (3.10) *Se todos desistirem aí sim o mundo não muda nunca!!! É por isso q eu acredito, e luto (E) **para q** isso aconteça (R)!!* (Fórum Orkut 1)

Nesse exemplo, o conector *para que* estabelece uma relação final. O *relatum-E* apresenta a condição (lutar) para a consequência (isso acontecer), ou seja, é uma relação consecutiva no domínio temporal. A leitura deôntica coexistente é: desejar que isso aconteça é motivo para que o locutor queira lutar, e, por intermédio do ato de fala, incite seu interlocutor a fazer o mesmo. Trata-se de uma relação motivacional no domínio deôntico.

- (3.11) *Temos que fazer o possível (E) **para** melhorar o mundo agora para as gerações do futuro (R).*

No exemplo 3.11, o conector *para* estabelece uma relação final. Na leitura temporal da relação, “fazer o possível” é condição para que ocorra a melhora do mundo. Na leitura deôntica coexistente, “melhorar o mundo...” é motivo para desejar fazer o possível e incitar o interlocutor a fazer o mesmo.

Além do *para*, outra preposição bastante incidente no *corpus* é o *por*. A preposição *por* tem sua atuação mais concentrada no domínio temporal (65%), como ilustra o seguinte exemplo:

- (3.12) *Por ser menstruação e haver implicações energéticas (as mulheres ciganas naum cozinham quando estão menstruadas (E) **pelo** mesmo motivo (R). (Fórum Orkut 5)*

Nesse exemplo, o motivo (haver implicações energéticas) faz com que as mulheres ciganas não cozinham quando estão menstruadas, configurando uma conexão causal *stricto sensu* no domínio temporal.

As conjunções subordinativas mais freqüentes no *corpus* são *porque*, *se* e *quando*. Da mesma forma que para as preposições, os conectores *porque* e *quando* atuam com mais freqüência no domínio temporal, como se observa em:

- (3.13) *O Anarquismo pode até se considerado natural, já que muitos animais se organizam dessa forma e existem pequenas sociedades no mundo que o utilizam também; mas o problema é que ele somente se aplica (E), **quando** se trata de ser humano (R), há pequenas sociedades. (Fórum Orkut 1)*

Nesse exemplo, o conector *quando* estabelece uma relação condicional *stricto sensu*. O *relatum-R* apresenta a condição (“se trata de ser humano”) para que o anarquismo se aplique.

- (3.14) *sem duvida...Ayrton Senna por vários motivos: entendia tudo sobre macânica de carro, tinha braço pra pilota quando o carro em sua época quebrava mais do q hj, era líder e respeitado por todos os adversários, até hj é recordista de pole position e quem mais ganhou em mônaco, na*

chuva fazia miséria, correu contra grandes campeões e venceu, só não foi tetra (E) **pq** *o prost o tirou da pista* (R), etc, etc, etc... (Fórum Orkut 10)

Em 3.14, o *relatum-R* foi interpretado como causa *stricto sensu* (“o Prost o tirou da pista”) para a consequência expressa no *relatum-E* (“não foi tetra”).

Já o conector *se* mostrou-se mais incidente nos domínios temporal e deôntico, como se observa nos exemplos:

- (3.15) *Explorar isso, por meio do desenho ou de algo que ela fizesse. Devagar, e se ela se mostrar aberta* (R) *descobrir como ela sente e enxerga o que se passa com ela* (E). (Fórum Orkut 6)

Nesse exemplo, o *relatum-R* “ela se mostrar aberta” é condição *stricto sensu* para “descobrir como ela sente e enxerga...”. No seguinte exemplo, podem ser observadas duas conexões deônticas do conector *se*.

- (3.16) **Se** *você têm dinheiro e quer ajudar os outros* (R), *ajude* (E), **agora se** *outra pessoa não fizer o mesmo* (R) *não se ache superior também* (E).

Em 3.16, ambas as ocorrências do *relatum-R* introduzido pelo conector *se* possuem papel temático de motivo para o ato de fala proferido no *relatum-E*; portanto, trata-se de conexões no domínio deôntico.

Os dois advérbios de causa e condição mais incidentes no *corpus* são: *então* e *por isso*. Ambos os conectores não demonstram maior concentração em um domínio específico. O conector *então* distribui-se uniformemente nos três domínios

(deôntico: 31,6%; epistêmico: 36,8%; temporal: 31,6%). A seguir, observam-se exemplos do conector *então* atuando nos três domínios.

1) Domínio temporal

- (3.17) *De qualquer forma aquilo vai dar origem a um animal ne (R)... **então** parei de comer (E). (Fórum Orkut 5)*

Nesse exemplo, o fato de o ovo dar origem a um animal é apresentado como causa *stricto sensu* (*relatum-R*) para que o falante pare de comer (*relatum-E*).

2) Domínio epistêmico

- (3.18) *Só uma observação. Olhei o texto final da EC n.º 45/2004 e NÃO encontrei qualquer vedação aos poderes investigatórios do MP. Creio que que o post do nosso colega mais acima está equivocado (R). **Então**, a questão continua única e exclusivamente nas mãos do STF (E). (Fórum Orkut 2)*

Em 3.18, o fato de acreditar que a informação fornecida pelo outro interlocutor está equivocada (*relatum-R*) é uma evidência para o locutor concluir que a questão continua nas mãos do STF (*relatum-E*).

3) Domínio deôntico

- (3.19) *Eu não sou ingênua a ponto de pensar que só a afetividade (que tenho bastante) será suficiente, pois essa menina, como já disse, já tem vida sexual, e passa por muitas situações de agressões o que a faz, até por*

uma questão de sobrevivência, ser "malandrinha" (R). Então, como conversar com ela, como proceder ela não se sinta acuada e crie confiança em mim (E). (Fórum Orkut 6)

Nesse exemplo, o *relatum-R* apresenta o motivo para o ato de fala de questionamento (“como conversar com ela...” = *relatum-E*), configurando uma conexão motivacional no domínio deôntico.

O conector *por isso* distribui-se igualmente nos domínios deôntico e temporal (45,5%). A seguir, são apresentados exemplos desse conector nesses dois domínios.

1) Domínio deôntico

(3.20) *Agora o prazer de tocar uma peça de um grande compositor, de extrair daqueles simples pontos pretos uma verdadeira obra prima é incomensurável (R). E, por isso, se é o que você gosta, vale muito a pena tentar (E), afinal de contas conheço muita gente que se sustenta, de forma satisfatória, através música erudita.*

Nesse exemplo, o *relatum-R* apresenta o motivo para que o locutor sugira a seu interlocutor que tente dedicar-se à música erudita, configurando uma conexão entre um motivo e um ato de fala.

2) Domínio temporal

(3.21) **COMER OVO É "CRIME" ??** 12/27/2004 9:49 AM

*bom eu sou "vegete" (R) **por isso** naum como frango carne tals.... (E)*

(Fórum Orkut 5)

No exemplo 3.21, o *relatum-R* apresenta a causa (ser vegetariano) para o *relatum-E* (não comer frango), configurando uma conexão causal *stricto sensu*.

Em linhas gerais, a observação do comportamento dos conectores individualmente parece confirmar a hipótese formulada por Blühdorn (2007) de que a menor integração sintática favoreceria interpretações epistêmicas (como no caso dos conectores *mas* e *pois*) e a maior integração produziria leituras temporais (como para os conectores *porque*, *quando*, *por* e *para*). Além disso, os resultados sugerem que essa hipótese formulada por Blühdorn pode ser ampliada, considerando que a menor integração sintática favorece leituras modais em geral, incluindo as duas possibilidades: epistêmica e deôntica.

Outra hipótese formulada por Blühdorn (2007) é em relação à definitude do *relatum-R*. De acordo com o autor, os conectores que marcam o *relatum-R* como definidos propiciariam leituras epistêmicas. No *corpus* analisado nesta tese, foi possível observar o funcionamento de quatro conectores que marcam o *relatum-R* como definido: *já que* (domínio deôntico, 42,9%; domínio epistêmico, 57,1%), *como* (domínio epistêmico, 100%), *uma vez que* (domínio epistêmico, 100%) e *visto que* (domínio deôntico, 100%). Um exemplo é:

(3.22) *Bom, entendo que, **como** o MP é o fiscal da lei e ainda o titular da ação penal (R), nada mais justo que seja concedido a ele esse poder de*

investigação (E), mesmo ele possuindo poder de polícia, que não tem nada a ver um com o outro... Essa opinião não passa de uma simples ideia de uma estagiaria de direito de uma das Promotorias de minha cidade... (Fórum Orkut 2)

Nesse exemplo, o locutor parte de uma premissa conhecida, apresentada no *relatum-R* (“o MP é o fiscal da lei e ainda o titular da ação penal”), e apresenta a sua conclusão no *relatum-E*, em que menciona que acha plausível (“justo”) que seja concedido ao MP o poder de investigação. Cabe ressaltar que esse exemplo também possibilita uma leitura deôntica, segundo a qual o *relatum-R* apresenta o motivo para que o locutor considere desejável que o poder de investigação seja concedido ao MP.

Embora os índices de ocorrência de conectores que marcam o *relatum-R* como definidos sejam baixos no *corpus*, inviabilizando generalizações, a atuação desses recursos mostrou-se restrita aos domínios modais. Dessa forma, parece possível partir da hipótese formulada por Blühdorn (2007) de que a definitude propiciaria leituras epistêmicas e ampliá-la, considerando que a definitude favorece leituras modais (epistêmicas e deônticas).

Para reforçar a hipótese de associação entre o domínio em que os conectores atuam e o grau de integração sintática da relação que estabelecem, torna-se válido investigar a correlação entre as classes sintáticas de conectores e os domínios semânticos.

3.3.3 Classe sintática *versus* domínio semântico

A distribuição das classes sintáticas por domínio semântico pode ser observada no Gráfico 3.4.

Gráfico 3.4 Distribuição das classes sintáticas por domínio semântico (em número de ocorrências).

Da mesma forma que para os conectores individualmente, também para as classes sintáticas os dados demonstram não ser possível falar em restrição de atuação de uma determinada classe a um domínio específico. Esse fato já foi constatado por vários autores, como, por exemplo, Pezatti (2001, p.3):

(...) uma mesma conjunção pode ser usada para formular um conteúdo (nível do *dictum*) ou para pontuar um processamento textual (nível do *modus*). Não se pode concluir, no entanto, que haveria correspondência biunívoca entre coordenação e subordinação de um lado e *dictum* e

*modus*⁸⁰ de outro, mas devemos analisar nesses dois níveis qualquer ocorrência de conjunção.

Os dados do *corpus* indicam que, embora não seja possível traçar uma correspondência biunívoca entre classes sintáticas e domínios semânticos, nota-se a predominância de atuação de certas classes em determinados domínios.

No *corpus* desta pesquisa, as conjunções subordinativas e as preposições operam mais no domínio temporal, confirmando a hipótese formulada por Blühdorn (2007) de que a maior integração sintática dessas conexões favorecerá leituras temporais. As preposições também desempenham importante função para o estabelecimento das conexões finais, representadas no Gráfico 3.4 pela relação dupla (temporal/deôntica).

No que se refere às conjunções coordenativas, a hipótese de que, por se situarem sempre em posição mais alta na árvore sintática e por interagirem pouco sintaticamente com seus *relata*, essas conexões favoreceriam leituras epistêmicas se confirmou nos dados analisados nesta tese. Conforme mencionado, parece ser possível, até mesmo, expandir essa hipótese, afirmando que o fato de estabelecerem relações menos integradas sintaticamente propicia leituras modais em geral, incluindo conexões epistêmicas e deônticas. De certa forma, a tendência de as conjunções coordenativas realizarem conexões entre atos de fala, e, portanto, no domínio deôntico para esta tese, já havia sido apontada por outros autores, como, por exemplo, Neves (2000), ao reconhecer a correlação entre a conexão de atos de fala e a frouxidão sintática e entonacional das construções coordenadas (cf. item 1.2.5).

⁸⁰ Considera-se que é possível estabelecer um paralelo entre as relações no nível do *dictum* e as que se realizam no domínio temporal e entre as relações no nível do *modus* e as que se dão nos domínios epistêmico e deôntico.

Quanto ao comportamento dos advérbios, a hipótese formulada por Blühdorn (2007) é que esses recursos podem se situar mais altos ou baixos na árvore sintática. O posicionamento mais baixo levaria a interpretações temporais e o posicionamento mais alto favoreceria a leitura epistêmica, quando não existissem fatores contextuais desfavorecendo essa interpretação.

No *corpus* desta tese, observa-se que os advérbios juntivos distribuem-se igualmente entre os três domínios considerados. Essa distribuição equilibrada pode ser decorrente do fato de os advérbios juntivos estarem em processo de gramaticalização, havendo conectores com atuação mais concentrada em cada um dos domínios.

O processo de gramaticalização não ocorre apenas entre categorias gramaticais, mas, paralelamente, é responsável pela transição entre categorias semânticas. Para Heine, Hünnemeyer e Claudi (1991), a unidirecionalidade do processo de gramaticalização realiza-se em termos semânticos de acordo com a seqüência apresentada na Figura 3.1.

peessoa ⇒ objeto ⇒ atividade ⇒ espaço ⇒ tempo ⇒ qualidade

Figura 3.1 Etapas da gramaticalização semântica dos termos.

Segundo o modelo adotado, o processo de gramaticalização pelo qual estão passando os advérbios juntivos analisados realiza-se em três níveis:

Relação de situamento $\Rightarrow$ relação de implicação causal/condicional
 Domínios espacial e temporal $\Rightarrow$ domínios epistêmico e deôntico
 Advérbios juntivos $\Rightarrow$ conjunções coordenativas

Figura 3.2 Níveis de gramaticalização dos conectores adverbiais.

Com o avançar do processo de gramaticalização, é possível que, em termos de domínio, os advérbios juntivos adquiram um comportamento mais semelhante ao das conjunções coordenativas e concentrem sua atuação nos domínios modais.

Ao estudar as construções conclusivas no português falado, Pezatti (2002) situa os advérbios juntivos por ela analisados na seguinte escala no processo de gramaticalização entre a classe sintática dos advérbios e das conjunções coordenativas (Figura 3.3).

Advérbios $\Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow \Rightarrow$ conjunção coordenativa
por isso $\Rightarrow$ *então* $\Rightarrow$ *portanto* $\Rightarrow$ *logo*

Figura 3.3 Escala de gramaticalização dos conectores conclusivos.
 Fonte: Pezatti, 2002, p.221.

Embora a quantidade analisada de alguns desses advérbios no *corpus* desta tese seja pequena, ao considerar a escala proposta por Pezatti (2002), observa-se que, conforme a hipótese formulada, os advérbios que estão em estágio mais avançado de gramaticalização, como o *logo* e o *portanto*, já não demonstraram atuação no domínio temporal. O conector *então*, que se encontra em estágio

intermediário, apresenta ocorrências nos três domínios, conforme ressaltado no item 3.3.2. Já o advérbio *por isso*, como está em estágio mais inicial de gramaticalização, ainda apresenta uma significativa incidência no domínio temporal (45,5%).

3.3.4 Conectores *versus* tipo de relação

Os tipos de relação analisados nesta tese apresentam os seguintes percentuais de distribuição no *corpus* (Gráfico 3.5).

Gráfico 3.5 Distribuição percentual dos tipos de relação.

O Gráfico 3.5 expõe os índices de ocorrência das relações causal, condicional e final (combinação dos dois tipos). Verifica-se que os índices de relação causal são muito superiores aos outros dois, o que será interpretado em função dos textos que compõem o *corpus*.

Mais especificamente em relação aos conectores responsáveis pelo estabelecimento desses três tipos de relação, os resultados encontrados são apresentados na Tabela 3.4.

Tabela 3.4 Distribuição dos conectores nos três tipos de relação.

Conector	Tipo de Relação						Total
	Causal		Condicional		Final		
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	
mas	125	100,0%					125
se	11	15,9%	58	84,1%			69
para	16	27,6%	20	34,5%	22	37,9%	58
porque	49	100,0%					49
pois	28	100,0%					28
por	20	100,0%					20
então	16	84,2%	3	15,8%			19
quando			14	100,0%			14
para que	4	30,8%	1	7,7%	8	61,5%	13
por isso	11	100,0%					11
assim	9	100,0%					9
afinal	8	100,0%					8
já que	7	100,0%					7
porém	7	100,0%					7
mesmo que	4	80,0%	1	20,0%			5
caso			4	100,0%			4
independentemente de	4	100,0%					4
afinal de contas	3	100,0%					3
apesar de	3	100,0%					3
através de	2	66,7%	1	33,3%			3
como	3	100,0%					3
entretanto	3	100,0%					3
por causa de	3	100,0%					3
portanto	3	100,0%					3
embora	2	100,0%					2
enfim	2	100,0%					2
logo	2	100,0%					2
se bem que	2	100,0%					2
senão			2	100,0%			2
a			1	100,0%			1
acima de	1	100,0%					1
contanto que			1	100,0%			1
contudo	1	100,0%					1
de modo que	1	100,0%					1
desde que			1	100,0%			1
em razão de	1	100,0%					1
mesmo	1	100,0%					1
mesmo se			1	100,0%			1
não obstante	1	100,0%					1
no entanto	1	100,0%					1
por culpa de	1	100,0%					1
por mais que	1	100,0%					1
por meio de			1	100,0%			1
que			1	100,0%			1
tanto que	1	100,0%					1
todavia	1	100,0%					1
uma vez que	1	100,0%					1
visto que	1	100,0%					1
Total	360		110		30		500

Diferentemente do detectado na distribuição dos conectores por domínio, observa-se nessa tabela que são poucos os conectores que estabelecem mais de um tipo de relação semântica. A maior parte deles atua apenas como conector causal ou condicional. Nota-se também que a variedade de recursos empregados para estabelecer conexões condicionais é bem menor do que a observada para conexões causais.

As conexões condicionais são normalmente analisadas como uma categoria das conjunções subordinativas. Neves (2000) apresenta os seguintes conectores como responsáveis pela realização de conexões condicionais subordinativas: *se, caso, que, desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se e quando*. Nesta tese, a conexão condicional é interpretada independentemente da categoria sintática do conector e fundamenta-se no conceito de valor aberto/fixo do resultado. Dessa forma, podem ser considerados também como condicionais outros conectores, que não aqueles tradicionalmente incluídos nessa categoria. O exemplo mais típico é o da condicionalidade instaurada pelo conector *para*:

- (3.23) *5º Estupradores porque merecem piedade por suas vidas, se causaram vários problemas tanto físico como mental, torturando a vítima, sem contar que pode ter transmitido doenças sexualmente transmitidas, ter machucado suas partes genitais, até mesmo ter engravidado a vítima, forçando-a **para** não ter um filho de um marginal desses (R), recorrer ao aborto (E), e ter trauma de homens, até mesmo de amigos, avô, pai, tios, etc. (Fórum Orkut 8)*

No exemplo 3.23, o *relatum-E* (“recorrer ao aborto”) é interpretado como uma condição para “não ter um filho de um marginal desses”. Nessa conexão, são negociados valores de factividade, portanto ela se realiza no domínio temporal. O resultado (“não ter um filho de um marginal desses”) ainda apresenta valor de factividade aberto, pois pode ou não se tornar factível/real. Por esse motivo, a conexão é classificada como condicional.

O conector que mais estabelece relações condicionais no *corpus* é o *se*. Cinquenta e três por cento das conexões condicionais foram realizadas por esse conector. A grande incidência do conector *se* para a criação de construções condicionais deve ter sido a responsável pelo fato de os estudos gramaticais vincularem o uso desse conector à relação de condicionalidade, o que se torna evidente nas palavras de Neves (2000, p.829) “em português, a análise das construções condicionais complexas pode ser representada na análise das orações iniciadas pela conjunção *se*”. Embora esse conector seja, sem dúvida, o principal representante desse tipo de relação, a associação das construções condicionais ao uso do *se* não se faz sem problemas, já que, segundo os critérios adotados nesta tese, esse conector também pode estabelecer relações causais, como se observa em:

- (3.24) *Em minha singela opinião o MP pode investigar, pois quem pode o mais, também pode o menos, ou seja, se o MP é o titular da ação penal e pode acionar o acusado (R), o MP também pode investigar a ocorrência de crimes (E). Este é apenas um dos argumentos. (Fórum Orkut 2)*

Esse exemplo permite duas possibilidades de leituras. Na primeira, o locutor ainda não está certo sobre se o MP é ou não o titular da ação, mas, caso seja, ele considera desejável que o MP possa investigar. De acordo com essa interpretação, o valor “desejável” do *relatum-E* ainda não está fixo, já que está vinculado à definição do *relatum-R* (o MP ser ou não o titular da ação).

A outra possibilidade de leitura, que parece ser mais adequada a esse exemplo, é que o locutor sabe que o MP é o titular da ação e apresenta esse fato como motivo para que ele considere desejável que o MP investigue. Segundo essa interpretação, o *relatum-E* apresenta valor fixo (desejável); portanto, trata-se de uma relação causal.

Visto que o conector se pode estabelecer tanto relações condicionais como também causais, a definição de condicionalidade como um conceito desvinculado do uso de um determinado conector, conforme se pretende no modelo adotado nesta tese, parece produtiva.

Faz-se necessário ressaltar que, assim como observado na análise dos domínios semânticos, também é possível encontrar casos ambíguos quanto ao tipo de relação estabelecida, conforme constatado no exemplo 3.24.

3.3.5 Classes sintáticas *versus* tipo de relação

Os índices de distribuição das classes sintáticas por tipo de relação podem ser observados no Gráfico 3.6.

Gráfico 3.6 Distribuição das classes sintáticas por tipo de relação (em número de ocorrências).

Provavelmente, a importância que cada classe sintática assume na distribuição por tipo de relação sofre influência do gênero discursivo. Essa hipótese é reforçada pelos altos índices de conjunções coordenativas entre as relações causais no *corpus*, decorrentes da grande presença do conector *mas* nos textos. Por esse motivo, seria necessário fazer um levantamento da distribuição das classes sintáticas por tipo de relação em um *corpus* que comportasse uma variedade maior de gêneros discursivos para avaliar a regularidade dessa distribuição.

No entanto, em linhas gerais, o Gráfico 3.6 revela grandes diferenças na distribuição das classes sintáticas entre os dois tipos de relação. Enquanto nas relações causais observa-se uma participação mais equilibrada das conjunções subordinativas (89 ocorrências ou 24,7%), dos advérbios juntivos (59, 16,4%) e das

preposições (51, 14,2%), a relação condicional apresenta maior concentração nas conjunções subordinativas (82, 74,5%).

Assim, embora a diferenciação entre relações de causa e condição nesta tese tenha por base o conceito de valor aberto/fixo do resultado da conexão, portanto desvinculada do uso de qualquer conector ou de classe sintática, os dados do Gráfico 3.6 demonstram que a relação condicional é estabelecida predominantemente pelas conjunções subordinativas. Sem dúvida, a importância do conector se para esse tipo de relação influencia esse resultado; porém, a associação que se faz da subordinação com a construção condicional já sinalizava essa tendência, como se verifica nas palavras de Neves (2000, p.832):

Dentro de uma construção **condicional**, a oração que exprime condição (tradicionalmente a **subordinada**) é chamada **prótase**, e a que exprime o que é condicionado (**nuclear**, ou **principal**) é chamada **apódose** (grifos da autora).

O Gráfico 3.6 também revela que as preposições assumem alguma importância na expressão da condicionalidade (20,9% do total), o que normalmente não é discutido pela tradição de estudos gramaticais. A principal preposição empregada para criar conexões condicionais no *corpus* é o *para*, conforme exemplificado no item 3.3.4.

Os resultados da conexão final foram expostos separadamente por ser o único caso de relação dupla considerado pelo modelo. Apenas duas classes sintáticas foram utilizadas para criar relações finais no *corpus*: as conjunções subordinativas e as preposições. Nas duas classes sintáticas, as ocorrências concentram-se em apenas um conector, na conjunção subordinativa *para que* e na

preposição *para*. A composição da relação final revelada pelos dados do *corpus* pode ser observada na Tabela 3.5.

Tabela 3.5 Composição da relação final.

Composição da relação final	Ocorrências	
	Qtde	%
Condição/causa	29	96,7%
Causa/causa	1	3,3%
Total	30	100,0%

Conforme os dados encontrados, a composição prototípica da relação final é uma condição e uma causa, como ilustra o exemplo:

- (3.25) *No Brasil, o músico deve se sobressair bastante* (E) **para** *ter uma boa agenda de concertos e ainda complementar o orçamento com aulas e workshops* (R). (Fórum Orkut 7)

Na leitura temporal desse exemplo, tem-se que “se sobressair bastante” é condição para “ter uma boa agenda de concertos”. No domínio deôntico, “ter uma boa agenda de concertos” é motivo para o locutor realizar o ato de fala e recomendar a seu interlocutor que se sobressaia.

3.3.6 Categorias de conectores

A seguir, são apresentados os resultados da distribuição dos conectores por categoria. A exposição é feita separadamente para conectores de causa e de condição.

Tabela 3.6 Distribuição dos conectores por categorias causais.

Conector	Concessivas temporais		Concessivas epistêmicas		Concessivas deônticas		Instrumental		Causal <i>stricto sensu</i>		Consecutiva		Evidencial		Conclusiva		Motivacional		Intencional		Total
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	
mas	6	40,0%	46	78,0%	73	88,0%															125
porque									32	50,0%			10	23,3%			7	20,0%			49
pois											4	16,7%			15	71,4%			9	64,3%	28
por									13	20,3%			5	11,6%			2	5,7%			20
então									4	6,3%			7	16,3%			5	14,3%			16
para											16	66,7%									16
por isso									5	7,8%			1	2,3%			5	14,3%			11
se													6	14,0%			5	14,3%			11
assim									5	7,8%			1	2,3%			3	8,6%			9
afinal															5	23,8%			3	21,4%	8
já que													4	9,3%			3	8,6%			7
porém	3	20,0%	3	5,1%	1	1,2%															7
independentemente de	2	13,3%	1	1,7%	1	1,2%															4
mesmo que	1	6,7%	1	1,7%	2	2,4%															4
para que											3	12,5%					1	2,9%			4
afinal de contas															1	4,8%			2	14,3%	3
apesar de			2	3,4%	1	1,2%															3
como													3	7,0%							3
entretanto			1	1,7%	2	2,4%															3
por causa de									3	4,7%											3
portanto									1	1,6%			1	2,3%			1	2,9%			3
através de							2	100,0%													2
embora			1	1,7%	1	1,2%															2
enfim													1	2,3%			1	2,9%			2
logo													2	4,7%							2
se bem que	1	6,7%	1	1,7%																	2
acima de	1	6,7%																			1
contudo					1	1,2%															1
de modo que											1	4,2%									1
em razão de																	1	2,9%			1
mesmo			1	1,7%																	1
não obstante					1	1,2%															1
no entanto	1	6,7%																			1
por culpa de									1	1,6%											1
por mais que			1	1,7%																	1
tanto que													1	2,3%							1
todavia			1	1,7%																	1
uma vez que													1	2,3%							1
visto que																	1	2,9%			1
Total	15	100,0%	59	100,0%	83	100,0%	2	100,0%	64	100,0%	24	100,0%	43	100,0%	21	100,0%	35	100,0%	14	100,0%	360

O Gráfico 3.7, a seguir, sintetiza as informações da distribuição por categoria dos dez conectores mais incidentes no *corpus*.

Gráfico 3.7 Distribuição dos dez conectores causais mais frequentes por categoria (em número de ocorrências).

Conforme ressaltado no item 3.3.2, a maior parte dos conectores do *corpus* atua de forma mais intensa em algum dos três domínios semânticos, o que reflete na sua distribuição por categoria. O diferencial da exposição por categoria é permitir a análise da participação de cada um dos conectores em relação aos outros responsáveis pela mesma categoria de conexão.

Com relação às conexões concessivas nos três domínios, verifica-se que esse tipo de conexão é muito menos expressivo no domínio temporal (9,5% do total de relações concessivas) do que no epistêmico (37,6%) e no deontico (52,9%).

Em sua análise da construção concessiva, com base em um *corpus* de produções discursivas do português falado culto, Neves (1999c, p.557) constata que essas construções realizam-se, predominantemente, no domínio epistêmico (78,2% dos casos) e são menos expressivas nos domínios do conteúdo (9,1%) e dos atos de fala (12,7%). Embora haja pequenas diferenças entre o recorte do domínio deôntico e o dos atos de fala (cf. Capítulo 1, item 1.2.2.1.4), nota-se que para o *corpus* desta tese a atuação das concessivas é bem maior nesse domínio do que a verificada por Neves (1999c). No entanto, o fato de o levantamento da autora não incluir as construções realizadas pelo *mas* relativiza a comparabilidade dos dados.

O conector *mas* mostrou-se o mais importante representante das construções concessivas. No domínio temporal, ele é responsável por 40% das conexões realizadas, dividindo a tarefa de estabelecer conexões concessivas nesse domínio com os conectores: *porém*, *independentemente de*, *mesmo que*, *se bem que* e *no entanto*.

No domínio epistêmico, a importância do conector *mas* cresce percentualmente em relação aos outros recursos responsáveis por conexões dessa categoria. O *mas* realiza 78% das conexões concessivas epistêmicas, indicando que, embora haja outros conectores que representem essa categoria de conexão no *corpus*, sua participação é menos relevante. Outros conectores que também estabelecem conexões concessivas no domínio epistêmico são: *porém*, *independentemente de*, *mesmo que*, *apesar de*, *entretanto* e *embora*, *se bem que*, *mesmo*, *por mais que* e *todavia*.

No domínio deôntico, o conector *mas* é o grande responsável pelas conexões realizadas (88%). Portanto, percebe-se que, à medida que se avança nos

domínios modais, cresce a relevância do conector *mas*, relegando os outros conectores concessivos a uma importância bastante marginal.

O Gráfico 3.7 ainda permite observar que as categorias causais *stricto sensu*, evidencial e motivacional são as que apresentam maior diversidade de recursos para expressá-las. Embora essas três categorias de conexão sejam realizadas praticamente pelos mesmos conectores, a sua participação em cada uma delas é distinta. As conexões na categoria causal *stricto sensu* são realizadas principalmente pelos conectores *porque* (50% das conexões) e *por* (20,3%). Esses dois conectores apresentam a mesma distribuição de papel relacional e papel temático. Um exemplo é:

(3.26) *Ja sou super timido, rsrs, e algum dia quero casar-me se conseguir uma doida), e a dificuldade que encontro com o estilon de musica que toco é enorme (E), **pq** as pessoas nao gostam e as veses criam um certo preconceito (R). (Fórum Orkut 7)*

Nesse exemplo, observa-se que o conector *porque* (“pq”) tem o *relatum-R* como seu complemento e atribui a ele o papel temático de causa, justificando a classificação da conexão como causal *stricto sensu*.

A relação causal *stricto sensu* também pode ser expressa pelos conectores adverbiais, que apresentam a mesma distribuição de papel temático que o *porque* e o *por*, mas se distinguem desses conectores quanto à distribuição de papel relacional. Os advérbios *então*, *assim* e *por isso* são responsáveis por 21,9% das conexões causais *stricto sensu* e revelaram uma incidência bastante semelhante no domínio temporal: *então* (6,3%), *por isso* (7,8%) e *assim* (7,8%).

As conexões causais no domínio temporal também se realizam na configuração invertida, na qual o papel temático do *relatum-R* é consequência. Essa relação é expressa no *corpus* predominantemente pela preposição *para* (66,7% dos casos), pela conjunção subordinativa *para que* (12,5%) e pela conjunção coordenativa *pois* (16,7%). Como exemplo, é possível mencionar.

(3.27) *Para mim, Bowman consegue subir a um novo estado de espírito ao viajar a velocidade da luz, tendo toda uma eternidade (E) **para** refletir sobre o seu próprio ser (R). (Fórum Orkut 4)*

Nesse exemplo, o *relatum-E* (“tendo toda uma eternidade”) é a causa para a consequência expressa no *relatum-R* (“refletir sobre o seu próprio ser”); portanto, trata-se de uma conexão consecutiva.

Por fim, as conexões causais no domínio temporal também se manifestam na relação instrumental. Embora essa categoria seja pouco presente no *corpus*, ela é realizada pelos conectores *através de* e *por meio de*.

No que se refere ao domínio epistêmico, torna-se evidente, até visualmente, o decréscimo da expressividade dos conectores *porque* (23,3% do total) e *por* (11,6%) para a realização de conexões evidenciais em comparação com a categoria causal *stricto sensu*.

Considerando-se tanto a conexão evidencial como a sua configuração invertida, conclusiva, verifica-se um aumento da importância das outras classes sintáticas para a realização de conexões epistêmicas. Nota-se também que as conexões evidenciais são realizadas de forma mais equitativa entre os diversos conectores.

Dentre os conectores adverbiais evidenciais, o *então* é o mais empregado para realizar conexões no domínio epistêmico. Os conectores *assim* e *por isso* são menos expressivos nesse domínio.

O conector *se* é responsável por 14% das conexões evidenciais. Um exemplo de *se* evidencial é:

- (3.28) *decidi: se ã pratico não sou e pronto! Acredito mto em Deus e nas coisas boas e isso pra mim, desde então tem sido suficiente!* (Fórum Orkut 9)

Nesse exemplo, o fato de o locutor saber que não pratica (*relatum-R*) é a evidência que o faz concluir que não tem religião (*relatum-E*).

Cabe ressaltar que, para a categoria evidencial, outros conectores, não incluídos entre os dez mais freqüentes, apresentam, em conjunto, uma representatividade maior no percentual das conexões (30%). Dentre esses recursos, estão: *como*, *já que*, *portanto* e *logo*.

No que se refere à categoria conclusiva, verifica-se a grande freqüência do conector *pois*, responsável por 71,4% das ocorrências. Nesta tese, só foram encontrados usos da conjunção coordenativa *pois*, que não apresenta liberdade de posicionamento no interior do *relatum-E*. Como exemplo, pode-se observar:

- (3.29) *E, convenhamos, em última instância a atividade policial já é subordinada ao Ministério Público nos casos de ação civil pública (R), **pois** tudo que é produzido no inquérito policial serve para informação deste (E), podendo, ademais, o membro do MP REQUISITAR as diligências que entender necessárias.* (Fórum Orkut 2)

Nesse exemplo, a conjunção coordenativa *pois* estabelece a relação entre uma evidência (*relatum-E*) e uma conclusão expressa no *relatum-R*. Trata-se de uma conexão no domínio epistêmico, da categoria conclusiva.

A variante sintática adverbial desse conector não apresentou nenhuma ocorrência no *corpus*. Ela pode ser exemplificada por:

(3.30) *Pedro é inteligente (R); tem, **pois**, facilidade com matemática (E).*

Em 3.30, observa-se que o conector *pois* não se encontra em posição inicial no *relatum-E*. Por esse motivo, ele não é classificado como uma conjunção coordenativa, e sim como um advérbio juntivo. A distribuição de papéis temáticos também é diferente para a variante adverbial: o *relatum-R* tem papel temático de evidência, enquanto o *relatum-E* possui papel temático de conclusão. De acordo com o modelo adotado, trata-se de uma conexão no domínio epistêmico, da categoria evidencial. O fato de o *pois* adverbial apresentar um comportamento semântico distinto do observado para o *pois* conjunção coordenativa corrobora a hipótese de que se trata de duas variantes do mesmo conector.

Outro conector também importante para a categoria conclusiva é o *afinal* (23,8% do total de ocorrências), ainda pouco discutido pela tradição gramatical. Se tanto o *pois* como também o *afinal* possuem distribuição de papel relacional [R conector E], com a mesma grade temática [conclusão conector evidência], faz-se necessário investigar se há particularidades que distinguem os seus usos.

Para verificar se há diferenças quanto ao emprego desses dois conectores, seria necessária a análise de uma quantidade maior de ocorrências do que a disponível no *corpus* desta tese; no entanto, é possível apontar alguns indícios

do comportamento desses recursos. A seguir, são apresentados dois exemplos de conexões realizadas pelo *afinal*.

- (3.31) *Podem me chamar de comunista,que eu deveria morar na China mas é verdade,os brasileiros não se conscientizam da gravidade das coisas que estão ocorrendo no nosso país,ainda comparam o Brasil,país subdesenvolvido,com países como a França,e outros países desenvolvidos.Sendo a favor do desarmamentos,contra o controle de natalidade,contra a pena de morte,para mim essas pessoas SÃO A FAVOR DA CRIMINALIDADE,A FAVOR DESSES MARGINAIS (R), **afinal** ELES DEFENDEM MESMO.Na maior cara de pau,com os "Direitos Humanos" = "Direitos dos Marginais" (E). (Fórum Orkut 8)*
- (3.32) *É muita pretensão minha dizer que se eu não como ovo estarei salvando os pintinhos! (R) **Afinal**, se eu não comer outra pessoa vai comer!!! (E). (Fórum Orkut 5)*

Em ambos os casos, o conector *afinal* parece marcar a conclusão expressa no *relatum*-R com um certo grau de obviedade, tornando-a praticamente obrigatória em razão da evidência apresentada. Essa marca de obviedade parece não estar presente nos usos do *pois*, como mostrado a seguir:

- (3.33) *Eu entendo que no filme o feto tem um poder simbólico de mostrar esse retrocesso (R), **pois** ele nem tinha mais corpo quando percebe que está orbitando o planeta terra (E). (Fórum Orkut 4)*

Se essa observação estiver correta, o conector *pois* teria uma tendência a ser mais neutro do que o *afinal*.

A análise do valor modal das conexões realizadas por esses conectores mostra que o *pois* marca a causa como suficiente em 14% dos casos analisados nesta tese e o *afinal*, em nenhum. Esse resultado reforça a hipótese formulada, mostrando que, quando a conclusão conectada pelo *pois* é obrigatória, deve haver marcas formais indicando a suficiência da causa ou a necessidade da consequência. Essas marcas parecem não ser necessárias nos usos do *afinal*, o que pode ser um indício de que esse conector possui uma espécie de marca de suficiência intrínseca, não exigindo o uso de outros recursos para indicá-la.

As conexões da categoria motivacional e de sua forma invertida, intencional, são realizadas praticamente pelos mesmos conectores que as categorias evidencial e conclusiva, como pode ser observado na Tabela 3.6. A distribuição percentual dos conectores nessas duas categorias também é semelhante.

Na categoria motivacional, nota-se, assim como na categoria evidencial, que a incidência dos conectores é mais equilibrada que nas relações causais *stricto sensu*. Embora a variação entre os índices de ocorrência seja bastante pequena, ela sugere uma diminuição de importância dos conectores *porque*, *por* e *então* no domínio deôntico e um aumento da incidência dos conectores *por isso* e *assim*. Cabe ressaltar que, apesar de a participação do conector *porque* ser menos expressiva para as relações motivacionais, ele é o conector mais empregado para estabelecer essa categoria de relação.

Por fim, a última categoria de conectores identificada é a das conexões intencionais. Ainda no Gráfico 3.7, verifica-se que o principal conector desse grupo é o *pois* (64,3% dos casos). Assim como para o domínio epistêmico, também no domínio deôntico, o conector *afinal* é responsável por parte das conexões da

categoria causal invertida no domínio deôntico (21,4%). Em termos percentuais, nota-se que a importância do conector *pois* para a categoria intencional mostrou-se um pouco mais reduzida do que para a categoria conclusiva, enquanto o conector *afinal* apresentou índices um pouco mais expressivos.

Alguns resultados encontrados nesta tese podem ser correlacionados aos de outros estudos. Para compreender o comportamento demonstrado por alguns conectores causais adverbiais, contribuem o estudo realizado por Pezatti (2002) sobre as construções conclusivas e, mais especificamente sobre o comportamento do conector *então*, o trabalho de Risso (1996).

O estudo de Pezatti identifica os conectores conclusivos reconhecidos pela literatura sobre o assunto (Mateus et al., 1986; Koch, 1999 [1989]; Kury, 1985; Cunha e Cintra, 1985; Barros, 1985, entre outros) e destaca sete formas: *logo*, *portanto*, *por conseguinte*, *então*, *por isso*, *pois* (pospositivo) e *e*.

Segundo a autora, no *corpus* mínimo da *Gramática do português falado* só foram encontradas as formas *então*, *por isso* e *portanto* para estabelecer o nexo de conclusão. Do total de 53 casos considerados, os três tipos encontrados apresentam uma distribuição relativamente equitativa: *portanto* (35,8%), *então* (28,3%) e *por isso* (28,3%).

Conforme descrito, as seis formas (exclui-se o *e*) reconhecidas tradicionalmente como conclusivas pela literatura especializada foram classificadas como advérbios juntivos e apresentam o papel temático do *relatum*-R como causa. Portanto, dependendo das entidades conectadas, essas formas inserem-se nas categorias causal *stricto sensu*, evidencial e/ou motivacional. Diferentemente do observado por Pezatti (2002), no *corpus* desta tese puderam ser encontrados usos dos conectores *logo* e *portanto*, embora com índices pouco expressivos. Além disso,

na categoria dos conectores causais adverbiais, foram incluídos também o *assim* e o *enfim*, não discutidos por essa autora.

Tendo em vista apenas os conectores analisados por Pezatti, observa-se nesta pesquisa uma distribuição distinta daquela encontrada pela autora. De um total de 33 ocorrências, o conector *então* representa 58% dos casos, o *por isso*, 33% e o *portanto*, 9%.

De acordo com Pezatti (2002), o conector *portanto* ocorre basicamente com três tipos de estruturas. Em uma delas, estabelece uma relação de conclusão entre orações completas sintaticamente; em outros casos, introduz uma oração reduzida de gerúndio e estabelece relações de consequência e simultaneidade; por fim, há casos em que o conector *portanto* liga sintagmas e não orações, assumindo um valor discursivo de reparação, especificando ou esclarecendo um constituinte. A autora também destaca que as conexões com *portanto* podem estabelecer tanto uma relação de acarretamento entre estados de coisas (no nível do conteúdo), como entre um estado de coisas e uma inferência (no nível epistêmico), demonstrando o caráter multifuncional desse conector.

Embora o conector *portanto* seja pouco incidente no *corpus* desta pesquisa, foi possível verificar conexões no domínio temporal (causal *stricto sensu*), epistêmico (evidencial) e deôntico (motivacional), confirmando o caráter multifuncional ressaltado por Pezatti.

Quanto ao conector *por isso*, a autora menciona:

(...) *por isso* não completou ainda o seu processo de gramaticalização, que ainda está em curso, mas não na direção de um valor conclusivo e sim na de um valor explicativo, já que é empregado para justificar estados de coisas e atos de fala. Justificar é explicar e não deduzir. A expressão *por isso* comporta, sem sombra de dúvida, o sentido literal de causa, justificativa

ou explicação que é transposto para o desenvolvimento do texto (...) Os dados mostram ainda que esse operador não atua no nível epistêmico, talvez porque esse valor seja próprio da relação propriamente conclusiva. (Pezatti, 2002, p.208)

Da mesma forma que verificado por Pezatti, no *corpus* desta tese o conector *por isso* praticamente não é empregado no domínio epistêmico e atua de forma bastante equilibrada nos domínios temporal e deôntico. No domínio temporal, ele foi considerado da categoria causal *stricto sensu*, como se observa no seguinte exemplo:

- (3.34) *bom eu sou "vegete" (R) **por isso** naum como frango carne tals... (E)*
(Fórum Orkut 5)

Nesse exemplo, considerou-se que o *relatum-R* ("eu sou 'vegete'") é a causa para que o locutor não coma frango (*relatum-E* = consequência). Como o papel temático do *relatum-R* é causa, a conexão foi interpretada como causal *stricto sensu*.

Um exemplo do conector *por isso* estabelecendo uma relação motivacional pode ser observado em:

- (3.35) *No ano passado fui sequestrada no dia 2 de junho e passei 19 dias em cativeiro...amarrada...sendo ameaçada...no escuro sem saber se o pesadelo teria fim...qdo fui libertada vi que o pesadelo havia apenas começado...vai fazer 1 ano...e o pesadelo permanece... (R)*
***Por isso** deixo aqui o meu desabafo (E)...eu sei o que ouvi deles...e sei que não tem concerto (R)...**por isso** SOU SIM A FAVOR DA PENA DE MORTE (E)!!!! (Fórum Orkut 8)*

Nessas duas ocorrências do conector *por isso*, o *relatum-R* (“no ano passado fui seqüestrada no dia 2...” e “eu sei o que ouvi deles... e sei que não tem concerto”) possui papel temático de motivo para a realização do ato de fala expresso no *relatum-E* (“deixo aqui meu desabafo” e “SOU SIM A FAVOR DA PENA”). Como se trata de uma conexão entre objetos de desejabilidade (o locutor acha desejável que a pena de morte seja instaurada), a conexão foi considerada da categoria motivacional.

Cabe fazer uma observação em relação à análise feita por Pezatti. Conforme o trecho citado, a autora reconhece que o conector *por isso* não caminha na direção de um valor conclusivo e sim de um valor explicativo. É importante ressaltar que esse valor explicativo relatado pela autora não corresponde ao papel temático do *relatum* em que se encontra o conector *por isso*, e sim de seu antecedente (*relatum-R*). Diferentemente do valor conclusivo considerado pela tradição gramatical, que corresponde ao papel temático do *relatum* em que está o conector *por isso* (*relatum-E*). Esse problema é resultado da ausência de critérios claros na tradição gramatical para nomear as classes de conectores. Por esse motivo, o modelo adotado nesta tese emprega como nome da categoria sempre o papel temático do *relatum-R*.

Dessa forma, transpondo as observações de Pezatti para a terminologia adotada nesta tese, pode-se dizer que, em seu processo de gramaticalização, o conector *por isso* não caminha em direção a realizar conexões evidenciais, e sim motivacionais.

Quanto ao comportamento do *então*, Riso (1996) propõe que esse conector pode atuar nos níveis frasal, como advérbio dêitico de tempo, e textual, como operador argumentativo que estabelece relações de dependência lógico-

semântica de decorrência, conclusão ou resultado. Para Pezatti (2002), “a orientação argumentativa que se projeta no emprego do *então* é relevante para relacionar um argumento a seu fim” (p.213). No *corpus* analisado por essa autora, a argumentatividade do *então* foi observada em 46,6% das ocorrências. Nesses casos, o conector *então* introduz uma conclusão por inferência e distingue-se do conector *portanto* pelo fato de a conclusão ser extraída por um processo de dedução e não de suposição. Além da atuação no domínio epistêmico, Pezatti também observa que o *então* pode relacionar estados de coisas no domínio do conteúdo (temporal, para esta tese).

O comportamento revelado pelo *então* no *corpus* deste estudo é compatível com as observações feitas por Pezatti de que esse conector estabelece relações no domínio temporal e também no domínio epistêmico. Apesar da pequena quantidade de ocorrências desse conector no *corpus* desta tese, os índices de atuação do *então* no domínio epistêmico (43%) encontram-se muito próximos aos relatados pela autora (44% dos casos). Um exemplo é:

- (3.36) *Pessoal, tem uma coisa q vcs devem ter ouvido já. Ao menos em tese, dependendo da velocidade que a pessoa viaja no espaço, o tempo passa mais devagar do que na Terra. Ora, a nave chegou em apenas 18 meses em Júpiter, ou seja, uma velocidade mto alta (R). Então, no quarto, Dave poderia estar projetando a sua imagem terrestre, fatalmente mais velho (E)... (Fórum Orkut 4)*

Esse exemplo foi interpretado como uma conexão evidencial, em que o *relatum-R* possui papel temático de evidência para a conclusão expressa no *relatum-E*.

Além de realizar conexões causais *stricto sensu* e evidenciais, no *corpus* desta pesquisa também foram observados alguns casos em que o conector *então* relaciona entidades de quarta ordem, realizando conexões motivacionais. Como pode ser observado em:

- (3.37) *Tocar fora do país dá mais grana (R)? Oras, **então** vamos estudar pra chegar lá (E)! (Fórum Orkut 10)*

Nesse exemplo, considerou-se que o *relatum-R* (“tocar fora do país dá mais grana”) possui papel temático de motivo para o ato de fala realizado no *relatum-E* (“vamos estudar pra chegar lá”). Por essa razão, a conexão foi classificada como motivacional.

Essa pluralidade de usos do conector *então* parece não ser exclusividade da língua portuguesa, ela também é detectada por estudiosos franceses da análise do discurso. Para Maingueneau (1997), o conector “*alors*” (então) apresenta um amplo leque de empregos. De acordo com as palavras do autor, “estamos diante de uma escala contínua de empregos em cujas extremidades, opondo-se, encontram-se, de um lado o valor temporal puro e, de outro, o valor dedutivo puro” (p.176).

Considerando-se que nesta tese foram encontrados alguns casos em que o conector *então* atua no domínio deôntico, cabe questionar se em uma das extremidades do contínuo ainda permanece o valor dedutivo puro ou se é possível

supor que se encontre um valor intencional (papel temático do *relatum-E* no domínio deôntico).

Outro conector que também se encontra entre os advérbios juntivos que estabelecem relações causais-padrão é o *assim*. No *corpus* desta tese, há ocorrências desse conector nos três domínios semânticos. No entanto, da mesma forma que observado no comportamento do *por isso*, os resultados encontrados sugerem que a atuação do *assim* está mais concentrada nos domínios temporal e deôntico.

Maingueneau (1997) fez algumas considerações sobre os usos do “*ainsi*” (*assim*) no francês. O autor atribui a esse conector duas possibilidades de leituras, uma *consecutiva* e a outra *ilustrativa*, além da leitura como advérbio de modo.

A leitura *consecutiva* equivale aos usos do conector *assim* no domínio temporal e é justamente o papel temático de consequência que foi atribuído ao *relatum-E* (o *relatum* em que se encontra o conector) nas conexões causais *stricto sensu*. Para Maingueneau (1997), como conector consecutivo, o “*ainsi*” indica menos uma dedução, conforme observado no caso do conector *então*, do que uma relação de meio e fim, de causa e efeito e de razão e consequência. Como exemplo, pode-se mencionar:

(3.38a) *Merecem pena de morte também,sim.Quem me garante que esse tipo de marginal,já não é assassino,ou vai virar? Afinal eles tem muito ódio,muita raiva de quem tem bens, porque eles não tem (R), **assim** tiram a vida das pessoas (E).* (Fórum Orkut 8)

Nesse exemplo, considerou-se que o *relatum-R* (“eles tem muito ódio, muita raiva de quem tem bens porque eles não tem”) tem papel temático de causa para a consequência expressa no *relatum-E* (“tiram a vida das pessoas”); portanto, de acordo com a terminologia adotada nesta tese, o conector *assim* estabelece uma conexão causal *stricto sensu*.

Para Maingueneau (1997), a relação de dedução não se enquadra com o conector “*ainsi*” (assim), pois, nas conexões realizadas por esse conector, a relação entre P e Q (para esta tese *R* e *E*) aparece de imediato, sem operar com nenhum implícito. Possivelmente, esse fato é responsável pelos baixos índices que o *assim* apresentou no domínio epistêmico no *corpus* desta tese.

Maingueneau (1997) também reconhece uma leitura ilustrativa do *ainsi*: “em sua versão ilustrativa, *ainsi* introduz fatos ou razões Q, conhecidos ou não do destinatário, que supostamente apóiam a afirmação do antecedente P” (p.178). O próprio autor admite que esse emprego do conector não é facilmente diferenciado do seu uso consecutivo.

Nesta tese, não foram identificados usos ilustrativos do conector *assim*, porém foi possível reconhecer a atuação desse conector no domínio deôntico, como se observa em:

- (3.39a) *Dessa forma, quanto ao penal, a Constituição Federal não mencionou, não proibiu nem autorizou expressamente (R). Assim, em razão da necessidade e seriedade com que tal questão está sendo tratada pelo MP, deve ser declarada constitucional a investigação pelo MP... (E)*
(Fórum Orkut 2)

Nesse exemplo, interpretou-se que o *relatum-R* apresenta os motivos para que o locutor manifeste seu desejo de que seja declarada constitucional a investigação pelo MP, o ato de fala expresso no *relatum-E*; portanto uma conexão motivacional.

Pezatti (2002) compara o valor semântico do conector *portanto* e do *então* e afirma que, neste último, a conclusão estabelecida é mais frouxa e descompromissada do que a verificada com o *portanto*. Esse mesmo tipo de comparação poderia ser feito em relação aos conectores *por isso* e *assim*, já que nos dados desta tese há indícios de que ambos têm atuação mais concentrada nos mesmos domínios. A seguir, pode ser observada a substituição do conector *assim* pelo *por isso*.

(3.38b) *Merecem pena de morte também,sim.Quem me garante que esse tipo de marginal,já não é assassino,ou vai virar? Afinal eles tem muito ódio,muita raiva de quem tem bens, porque eles não tem (R), **por isso** tiram a vida das pessoas (E).*

(3.39b) *Dessa forma, quanto ao penal, a Constituição Federal não mencionou, não proibiu nem autorizou expressamente (R). **Por isso**, em razão da necessidade e seriedade com que tal questão está sendo tratada pelo MP, deve ser declarada constitucional a investigação pelo MP... (E)*

Observa-se que, tanto no emprego temporal como no deôntico, o conector *assim* pode ser substituído pelo conector *por isso*. É possível perceber que a substituição do conector *assim* pelo conector *por isso* acarreta uma intensificação do

nexo de causa e consequência existente entre os *relata*, deixando-o mais explícito. Embora fosse necessária a análise de uma maior quantidade de ocorrências para a confirmação dessas hipóteses, tomando como base as análises feitas por Pezatti (2002) e o comportamento demonstrado por esses conectores adverbiais nesta tese, o sentido da gramaticalização desses advérbios juntivos no que se refere aos domínios semânticos talvez possa ser simbolizado pela imagem a seguir (Figura 3.4).

Figura 3.4 Hipótese de gramaticalização em termos de domínio semântico dos advérbios juntivos.

No que se refere à distribuição dos conectores entre as categorias condicionais, os resultados podem ser observados no Gráfico 3.8.

Gráfico 3.8 Distribuição dos conectores condicionais pelas categorias condicionais (em número de ocorrências).

Conforme ressaltado no item 3.3.4, a variedade de recursos empregados para estabelecer conexões condicionais é bem menor do que a observada nas conexões causais, o que também se torna visível na distribuição por categorias.

As relações concessivas descrevem uma incidência pouco expressiva como conexões condicionais, revelando que, no *corpus* desta tese, trata-se de uma relação predominantemente causal. Além das categorias concessivas, as conexões conclusivas e intencionais também se mostraram restritas às conexões causais.

A categoria condicional mais incidente no *corpus* é a *stricto sensu* (43,6%) e tem como principal representante o conector *se* (62,5% das ocorrências). Outro recurso importante para essa categoria é o *quando* (22,9% das ocorrências). Como exemplos, podem-se mencionar:

(3.40) *eu odeio a desigualdade... naum posso afirmar mas **se** eu tivesse do lado de lá(da riqueza) (R) também odiaria (E).* (Fórum Orkut 3)

(3.41) *Bom, no cível é lícito ao promotor proceder a investigação (E) **quando** entender necessária, segundo a CF (R).* (Fórum Orkut 2)

Em ambos os exemplos, os conectores estabelecem relação entre entidades de segunda ordem; portanto, são conexões no domínio temporal.

A categoria evidencial é pouco significativa para as relações condicionais no *corpus* desta tese e também é expressa principalmente pelo conector *se* (66,7%). A categoria motivacional, por sua vez, revelou-se a segunda mais importante para as relações condicionais e também se realiza, predominantemente, pelo conector *se* (82,8%), como pode ser observado no exemplo:

(3.42) *E, por isso, **se** é o que você gosta (R), vale muito a pena tentar (E), afinal de contas conheço muita gente que se sustenta, de forma satisfatória, através de música erudita.* (Fórum Orkut 7)

Nesse exemplo, o ato de fala expresso no *relatum-E* está condicionado ao *relatum-R*, ou seja, a recomendação só se torna válida/desejável se o *relatum-R* tiver seu valor desejável fixado.

No *corpus* desta tese, o conector *se* demonstrou um comportamento diferenciado no que se refere aos domínios e ao tipo de relação. Ele atua no domínio temporal somente como relação condicional; no domínio epistêmico, embora pouco incidente, a atuação é maior como conector causal; por fim, no domínio deontico, sua atuação volta a ser predominante como conector condicional, mas é possível verificar casos em que atua também como conector causal, o que se torna evidente Gráfico 3.9, a seguir.

Gráfico 3.9 Distribuição do conector *se* pelas categorias causais e condicionais (em número de ocorrências).

Nota-se que a possibilidade de o conector *se* estabelecer uma relação causal mostrou-se restrita aos domínios modais. Todos os casos em que o conector

se foi interpretado como um conector causal, no *corpus* desta tese, correspondem ao que a tradição gramatical nomeia de uso factual do se. Como pode ser observado em:

- (3.43) *Plínio, a questão continua em aberto, então. Se não foi expressamente autorizado (R), também não foi expressamente proibido (E), ou seja, quem irá dar a palavra final à questão é o STF. (Fórum Orkut 2)*

Nesse exemplo, o *relatum-R* foi interpretado como uma evidência para a conclusão expressa no *relatum-E*. Como o resultado (*E*) apresenta valor fixo (plausível), considerou-se a conexão causal evidencial.

De certa maneira, essa causalidade da construção factual também foi identificada por outros autores, o que se nota no seguinte trecho da análise feita por Neves (1999b, p.521).

Evidências permitem afirmar que o mais geral que se pode dizer da construção condicional real/factual é que ela envolve uma relação *condição preenchida* – *conseqüência/conclusão*, o que a situa, na verdade, num cruzamento entre *condicional* e *causal*.

A autora menciona ainda que esse tipo de construção é bastante empregado em processos argumentativos nos quais seja necessária ou conveniente a expressão de um fato assegurado, o que justifica a sua presença no *corpus* desta tese.

Dentre os usos factuais do conector *se*, foi possível verificar a estrutura “se... é porque”. Essa construção é interpretada por Ducrot (1977) e Geraldi (1978)

como um *se inversivo*. Neves (1999b, p.515) avalia esse tipo de construção da seguinte maneira:

O que ocorre é que, nessas construções, enuncia-se, na prótase, não apenas uma condição suficiente (que é a que define condicionalidade em geral, segundo Sweetser (1990)) mas, ainda, uma causalidade ligada à condicionalidade preenchida, o que permite a construção de *se inversivo*, isto é, a construção como expressão de causalidade ligada à condicionalidade preenchida. (grifo da autora)

Como exemplo desse tipo de construção, pode-se mencionar:

(3.44a) **Se** ela foi pra VOCÊ (R), é porque VOCÊ É A PESSOA IDEAL PRA ISSO (E) !!!!!!! (Fórum Orkut 6)

A interpretação dada a esse caso foi: o *relatum-R* apresenta uma evidência para a conclusão expressa no *relatum-E*. Como o resultado apresenta valor fixo, a conexão é considerada causal; portanto, uma conexão causal evidencial. Na mesma construção, encontra-se o conector *porque*. A distribuição de papel relacional identificada para o conector *porque* pode ser visualizada em:

(3.44b) Se ela foi pra VOCÊ (E), é **porque** VOCÊ É A PESSOA IDEAL PRA ISSO (R) !!!!!!! (Fórum Orkut 6)

Em 3.44b, o *relatum-R* (“você é a pessoa ideal pra isso”) possui papel temático de causa para a consequência expressa pelo *relatum-E* (“ela foi pra você”). Assim, diferentemente de Neves (1999b), para esta pesquisa, nesse tipo de construção convivem duas conexões causais, operando em domínios diferentes. A

conexão estabelecida pelo *se* é causal epistêmica e a conexão realizada pelo *porque*, causal temporal, como exemplifica o esquema a seguir.

Conector *se*: sentido da interpretação causal epistêmica

- (3.44c) **Se** *ela foi pra VOCÊ (E), é porque VOCÊ É A PESSOA IDEAL PRA ISSO (R) !!!!!!!* (Fórum Orkut 6)

Conector *porque*: sentido da interpretação causal *stricto sensu*

Embora Neves (1999b) considere a conexão de base dessa construção condicional, o que se diferencia da interpretação adotada nesta tese, a autora também reconhece a combinação de dois domínios diferentes. De acordo com suas palavras: “verifica-se que... a relação de condicionalidade está no nível das proposições (epistêmico), mas há uma causalidade interveniente que está no nível dos estados de coisas, ou das predicções (é de conteúdo)” (p.516).

O conector *para* também desempenha um importante papel nas relações condicionais, sendo responsável por 87% das conexões da categoria consecutiva. Assim como o conector *se*, ele também realiza conexões causais e condicionais, mas, diferentemente deste, em ambos os tipos de relação opera apenas no domínio temporal, como se observa em:

- (3.45) *O seu companheiro era Prost e eles brigaram cada volta (E) para alcançarem a vitória (R).* (Fórum Orkut 10)

Esse exemplo foi interpretado como uma conexão condicional do conector *para*. O *relatum-E* apresenta a condição para o *relatum-R*. Como se trata de uma conexão entre eventos e o papel temático do *relatum-R* é consequência, ela foi categorizada como consecutiva.

3.3.7 Classe sintática *versus* categorias

A distribuição das classes sintáticas por categoria pode ser observada na Tabela 3.7. Da mesma forma que no item 3.3.6, a exposição dos resultados é feita separadamente para as relações de causa e de condição.

Tabela 3.7 Distribuição das classes sintáticas por categoria de relação causal.

Categoria	Classificação sintática								Total
	Advérbio juntivo		Conjunção coordenativa		Conjunção subordinativa		Preposição		
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	
Concessivas temporais	4	26,7%	6	40,0%	2	13,3%	3	20,0%	15
Concessivas epistêmicas	5	8,5%	46	78,0%	5	8,5%	3	5,1%	59
Concessivas deônticas	4	4,8%	73	88,0%	4	4,8%	2	2,4%	83
Instrumental							2	100,0%	2
Causal <i>stricto sensu</i>	15	23,4%			32	50,0%	17	26,6%	64
Consecutiva			4	16,7%	4	16,7%	16	66,7%	24
Evidencial	13	30,2%			25	58,1%	5	11,6%	43
Conclusiva	1	4,8%	20	95,2%					21
Motivacional	15	42,9%			17	48,6%	3	8,6%	35
Intencional	2	14,3%	12	85,7%					14
Total									360

Em linhas gerais, a Tabela 3.7 revela que, exceto no caso da relação instrumental, nenhuma categoria de relação é expressa apenas por uma classe sintática, o que contraria a tradição gramatical que normalmente discute as relações concessivas e causais como uma classe das conexões subordinativas.

Como para outras características descritas, nota-se maior atuação de algumas classes sintáticas em categorias específicas. No *corpus* desta tese, as relações concessivas são expressas, predominantemente, pela conjunção coordenativa *mas*, o que, conforme descrito no item 3.3.6, se intensifica à medida que se avança nos domínios modais. As categorias conclusiva e intencional também são realizadas principalmente pelas conjunções coordenativas e a categoria consecutiva, pelas preposições.

A classe sintática das conjunções subordinativas centraliza a maior parte das ocorrências das categorias causal *stricto sensu*, evidencial e motivacional. Esse fato deve ter sido o responsável pela associação feita pela gramática tradicional da relação causal às conjunções subordinativas. No entanto, percebe-se que, de acordo com a organização proposta no modelo adotado, os advérbios juntivos também são bastante importantes para a realização dessas categorias de conexão.

Os resultados da distribuição das classes sintáticas por categoria de relação condicional podem ser observados na Tabela 3.8.

Tabela 3.8 Distribuição das classes sintáticas por categoria de relação condicional.

Categoria	Classificação sintática								Total
	Advérbio juntivo		Conjunção coordenativa		Conjunção subordinativa		Preposição		
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	
Concessivas temporais					2	100,0%			2
Instrumental							2	100,0%	2
Condicional <i>stricto sensu</i>	2	4,2%	1	2,1%	45	93,8%			48
Consecutiva					2	8,7%	21	91,3%	23
Evidencial			1	16,7%	5	83,3%			6
Motivacional	1	3,4%			28	96,6%		0,0%	29
Total	3		2		82		23		110

Diferentemente do que se observa nas relações causais, as categorias condicionais são expressas predominantemente pelas conjunções subordinativas, o que se deve à importância que o se desempenha para esse tipo de relação.

3.3.8 Valor modal

Nesta tese, a análise do valor modal teve por base a identificação de marcas nas conexões que indicassem a necessidade e/ou suficiência da causa/condição e procurou verificar se havia regularidades na sua distribuição.

O Gráfico 3.10 mostra os resultados quantitativos de cada uma das marcas presentes no *corpus*.

Gráfico 3.10 Dados quantitativos das marcas de valor modal.⁸¹

⁸¹ Nos dados quantitativos de valor modal, contabilizou-se separadamente o valor modal marcado pelas duas leituras da relação final. Por esse motivo, o total de ocorrências corresponde a 507 casos.

O gráfico revela que a maior parte das conexões de causa e condição realizadas no *corpus* é não-marcada (59,2%), o que sugere que os locutores normalmente não consideram relevante especificar mais o tipo de causa ou condição. As marcas de contracausa/condição não-suficiente também estão bastante presentes no *corpus* (31,4%), o que se deve à grande incidência da categoria concessiva, a principal responsável por marcar esse valor modal.

No que se refere às outras marcas encontradas (suficiência e necessidade), embora os índices de ocorrência no *corpus* sejam baixos, procurou-se verificar se os dados ofereciam alguns indícios sobre a sua função nas conexões de causa e condição.

Os resultados sugerem que a suficiência (5,5%) é mais marcada que a necessidade (3,6%). Para formular hipóteses que ajudem a interpretar esse resultado, é necessário correlacionar os índices de valor modal aos outros critérios considerados pelo modelo. Inicialmente, apresenta-se a distribuição dos valores modais por conector (Tabela 3.9).

Tabela 3.9 Distribuição das marcas de valor modal por conector.⁸²

Conector	Valor modal										Total
	não-marcado		contra-causa/ condição não-suficiente		marca de suficiência		marca de necessidade		marca de insuficiência		
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	
mas			125	100,0%							125
se	64	92,8%			5	7,2%					69
para	45	69,2%			9	13,8%	10	15,4%	1	1,5%	65
porque	43	87,8%			1	2,0%	5	10,2%			49
pois	24	85,7%			4	14,3%					28
por	19	95,0%							1	5,0%	20
então	17	89,5%			2	10,5%					19
quando	13	92,9%					1	7,1%			14
para que	13	100,0%									13
por isso	11	100,0%									11
assim	7	77,8%			2	22,2%					9
afinal	8	100,0%									8
já que	6	85,7%			1	14,3%					7
porém			7	100,0%							7
mesmo que			5	100,0%							5
caso	4	100,0%									4
independentemente de			4	100,0%							4
afinal de contas	3	100,0%									3
apesar de			3	100,0%							3
através de	3	100,0%									3
como	3	100,0%									3
entretanto			3	100,0%							3
por causa de	2	66,7%					1	33,3%			3
portanto	3	100,0%									3
embora			2	100,0%							2
enfim	2	100,0%									2
logo	2	100,0%									2
se bem que			2	100,0%							2
senão	2	100,0%									2
a					1	100,0%					1
acima de			1	100,0%							1
contanto que	1	100,0%									1
contudo			1	100,0%							1
de modo que	1	100,0%									1
desde que	1	100,0%									1
em razão de					1	100,0%					1
mesmo			1	100,0%							1
mesmo se			1	100,0%							1
não obstante			1	100,0%							1
no entanto			1	100,0%							1
por culpa de							1	100,0%			1
por mais que			1	100,0%							1
por meio de	1	100,0%									1
que					1	100,0%					1
tanto que	1	100,0%									1
todavia			1	100,0%							1
uma vez que	1	100,0%									1
visto que					1	100,0%					1
Total											507

Conforme já ressaltado, o que predomina nas conexões de causa e condição é a ausência de marcas de necessidade e de suficiência. A Tabela 3.9 também revela a grande quantidade de conectores que marcam um de seus *relata* como uma contracausa/condição não-suficiente (concessivos).

⁸² Da mesma forma que no Gráfico 3.10, contabilizou-se separadamente o valor modal marcado nas duas leituras da relação final. Por esse motivo, o total de ocorrências corresponde a 507 casos.

No que se refere aos outros conectores, percebe-se que alguns recursos estão mais associados a certas marcas de valor modal. Dentre eles, é possível destacar a relação dos conectores: *porque* à marca de necessidade e *se* e *pois* à marca de suficiência.

O conector *para* apresenta distribuição equilibrada entre a marca de suficiência e a de necessidade. Nos casos em que o *para* realiza uma conexão final, por se tratar de uma relação dupla, ambas as conexões (temporal e deôntica) podem estar marcadas, como se observa em:

(3.46) **Concordo com o Vanderlei.** [7/21/2004 6:33 AM](#)

*No Brasil, o músico **deve** se sobressair bastante (E) **para** ter uma boa agenda de concertos e ainda complementar o orçamento com aulas e workshops (R).* (Fórum Orkut 7)

Na leitura temporal desse exemplo, “se sobressair bastante” é uma condição para ter uma boa agenda de concertos, mas não se trata de uma simples condição e, sim, de uma condição necessária, o que o locutor sinaliza pelo uso do verbo modal “dever”.

No domínio deôntico, “ter uma boa agenda de concertos” é o motivo para o locutor alertar o seu interlocutor de que é obrigatório se sobressair bastante. Nesse caso, a marca de obrigatoriedade da consequência sinaliza a suficiência da causa.

Assim, observa-se que uma mesma conexão final pode manifestar a necessidade da condição no domínio temporal e a suficiência da causa no domínio deôntico. Para facilitar a quantificação das marcas de valor modal, as leituras presentes na conexão final foram contabilizadas separadamente.

Na Tabela 3.10, a seguir, pode ser observada a distribuição das marcas de valor modal pelo tipo de relação.

Tabela 3.10 Distribuição das marcas de valor modal por tipo de relação.⁸³

Valor modal	Tipo de relação					
	Causal		Condicional		Final	
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%
Não-marcado	181	50,4%	94	84,7%	25	67,6%
Contracausa/condição não-suficiente	157	43,7%	2	1,8%		
Marca de suficiência	14	3,9%	7	6,3%	7	18,9%
Marca de necessidade	7	1,9%	6	5,4%	5	13,5%
Marca de insuficiência			2	1,8%		
Total	359	100,0%	111	100,0%	37	100,0%

Os dados da Tabela 3.10 mostram que os casos não-marcados são mais representativos entre as relações condicionais (84,7%) do que entre as causais (50,4%). Um fator determinante para esse resultado é a grande presença de conexões concessivas no tipo de relação causal (43,7%). No entanto, no que se refere às marcas de necessidade e suficiência, percebe-se que, proporcionalmente, elas são mais freqüentes no tipo de relação condicional (11,7%) do que no causal (5,8%).

Como as relações condicionais caracterizam-se pelo valor aberto do resultado, é possível que o locutor considere relevante especificar mais o tipo de relação para compensar a instabilidade ainda existente no resultado. Por exemplo:

(3.47) *Afinal, **devemos** respeitar a todos (E) **se** quisermos ser respeitados (R).*

(Fórum Orkut 5)

⁸³ Da mesma forma que no Gráfico 3.10, contabilizou-se separadamente o valor modal marcado nas duas leituras da relação final. Por esse motivo, o total de ocorrências corresponde a 507 casos.

Nesse exemplo, embora o falante ainda não saiba se seu interlocutor deseja ou não ser respeitado, ele já reforça a obrigatoriedade da consequência antecipadamente, instigando, de certa maneira, seu interlocutor a aceitá-la.

No que se refere às relações causais, os valores encontrados indicam uma tendência mais acentuada a se assinalar a suficiência do que a necessidade da causa.

A seguir, observa-se um exemplo de marca de suficiência e um de necessidade:

(3.48) *Assim, em razão da necessidade e seriedade com que tal questão está sendo tratada pelo MP, **deve** ser declarada constitucional a investigação pelo MP (E), **visto que** sua função precípua é a defesa da sociedade, guardião da constituição (R).* (Fórum Orkut 2)

(3.49) *Ayrton Senna por vários motivos: entendia tudo sobre mecânica de carro, tinha braço pra pilotar quando o carro em sua época quebrava mais do q hj, era líder e respeitado por todos os adversários, até hj é recordista de pole position e quem mais ganhou em Mônaco, na chuva fazia miséria, correu contra grandes campeões e venceu, **só** não foi tetra **pq** o prost o tirou da pista, etc, etc, etc...* (Fórum Orkut 10)

O exemplo 3.48 mostra a marca de obrigatoriedade da consequência indicada pelo verbo modal “dever”, o que revela a suficiência da causa. Em 3.49, a presença do só assinala que se trata de uma causa necessária, pois é a única causa que possibilitou o efeito “não foi tetra”.

É possível supor que a maior presença da marca de suficiência em comparação à marcada de necessidade entre as relações causais esteja associada ao gênero discursivo fórum eletrônico, no qual pode ser mais produtivo ao locutor, em termos persuasivos, indicar a obrigatoriedade da consequência, instigando seu interlocutor a concordar com ela, do que apenas assinalar que uma determinada causa é a única responsável pelo resultado apresentado.

A Tabela 3.11, a seguir, distribui as marcas de valor modal por domínio semântico.

Tabela 3.11 Distribuição das marcas de valor modal por domínio semântico.⁸⁴

Valor modal	Domínio								Total
	Deontico		Epistêmico		Temporal		Temporal/Deontico		
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	
Não-marcado	63	21,0%	67	22,3%	145	48,3%	25	8,3%	300
Contra-causa/condição não-suficiente	83	52,2%	59	37,1%	17	10,7%			159
Marca de suficiência	14	50,0%	2	7,1%	5	17,9%	7	25,0%	28
Marca de necessidade	1	5,6%			12	66,7%	5	27,8%	18
Marca de insuficiência			1	50,0%	1	50,0%			2
Total									507

Os casos não-marcados mostraram-se mais concentrados no domínio temporal. Novamente, o que parece influenciar essa distribuição é a baixa incidência de conexões concessivas nesse domínio.

A Tabela 3.11 revela que a marca de suficiência está mais associada ao domínio deontico e a marca de necessidade ao domínio temporal. No *corpus* analisado, a marca de suficiência parece ser usada como uma forma de intensificar a manifestação de desejos, sinalizando ao interlocutor a obrigação de aderir à opinião defendida, como pode ser observado no exemplo a seguir:

⁸⁴ Da mesma forma que no Gráfico 3.10, contabilizou-se separadamente o valor modal marcado nas duas leituras da relação final. Por esse motivo, o total de ocorrências corresponde a 507 casos.

- (3.50) *Então, como conversar com ela, como proceder para que ela não se sinta acuada e crie confiança em mim. Nós **temos** que acolhê-la (R), **pois** o fato dela procurar a escola pode ser uma luz no fim desse túnel tão escuro e cruel no qual ela vive (E).* (Fórum Orkut 6)

A marca de necessidade, por sua vez, parece desempenhar outra função no discurso. Ela age no plano das causas e condições *stricto sensu*, indicando que certas causa/condições são as únicas responsáveis por determinadas conseqüências, o que se nota nos seguintes exemplos:

- (3.51) *Os problemas que há são **tudo** (E) **por culpa da** natureza humana (R).*
(Fórum Orkut 1)

- (3.52) ***boa emerson!** 7/15/2005 7:35 PM*
*eh...o schumacher **so** ganha **pq** tinha um carro muuuuuuuito superior ao dos outros...*(Fórum Orkut 10)

Embora atuando principalmente no domínio temporal, a marca de necessidade também pode ser usada como uma estratégia argumentativa do usuário. Por seu intermédio, o locutor orienta o olhar de seu interlocutor a reconhecer apenas determinadas causas como responsáveis por certas conseqüências e, dessa forma, o conduz a compartilhar de sua opinião.

3.3.9 Disposição dos *relata*

Um dos critérios utilizados para a classificação sintática dos conectores no modelo adotado é a atribuição de papel relacional. Conforme exposto no item 1.2.1.3, as classes sintáticas organizam seus *relata* da seguinte maneira:

Tabela 3.12 Distribuição dos *relata* de acordo com a classe sintática.

Classe sintática	Distribuição dos <i>relata</i>	Distribuição dos <i>relata</i> padronizada
Preposição	[prep R] E ou E [prep R]	[X R] E ou E [X R]
Conjunção subordinativa	[conj sub R] E ou E [conj sub R]	[X R] E ou E [X R]
Advérbio juntivo	R adv E	RXE
Conjunção coordenativa	R conj coord E*	RXE

X = conector

*Embora as conjunções coordenativas não distribuam *E* e *R* de forma regular, a distribuição de *relata* das conjunções coordenativas analisadas no *corpus* desta tese foi considerada: [R conj coord E]

Tendo em vista que as preposições e as conjunções subordinativas podem introduzir o primeiro ou o segundo *relatum* da conexão, apresenta-se a seguir a disposição mais incidente no *corpus*.

Tabela 3.13 Distribuição dos *relata* das preposições e conjunções subordinativas

Disposição dos <i>relata</i>	Qtde	%
E[Conector R]	173	
preposição	71	41,0%
conjunção subordinativa	102	59,0%
[Conector R]E	102	
preposição	25	24,5%
conjunção subordinativa	77	75,5%

A Tabela 3.13 revela que no *corpus* desta tese a configuração preferencial para conexões de causa e condição realizadas por conjunções subordinativas e preposições foi: E [conector R].

Um estudo detalhado sobre a ordem das construções subordinadas adverbiais⁸⁵ na oração foi feito por Diessel (2005, 2001). Ao estudar as construções adverbiais do inglês em textos conversacionais, ficcionais e científicos, Diessel (2005) menciona que a ordem em que se situam a oração principal e os subordinadores adverbiais resulta do conflito entre forças funcionais e cognitivas.

Muitos estudos justificam a ordem/posição dos constituintes em função da estrutura informacional do texto. Postula-se que a informação dada tende a preceder a informação nova, pois esta precisa estar ancorada em informações conhecidas pelo interlocutor (Prince, 1980; Birner, 1998). Outras pesquisas consideram a ordem dos constituintes determinada pelo processamento cognitivo das informações. Como principal representante dessa linha de estudos, pode-se mencionar Hawkins (1990, 1994, 1998).

Wasow (2002 *apud* Diessel, 2005), por sua vez, avalia que tanto a estrutura informacional quanto o processamento são relevantes para a determinação da ordem dos constituintes. Seguindo essa tendência, Diessel (2005) argumenta que a ordem dos constituintes é determinada pela interação entre o processamento da informação, os fatores discursivo-pragmáticos e a semântica. Na mesma linha, estão os estudos de Neves (1999a), que reconhece o aspecto cognitivo como apenas um dos componentes responsáveis pela ordem dos constituintes (cf. Neves, 1999a, p.489).

⁸⁵ Diessel (2005) analisa somente as construções que nomeia “finite adverbial clauses”, o que não inclui as construções com infinitivo e certos tipos de nominalizações.

Tendo por base os estudos de Hawkins da década de 1990, Diessel (2005) considera que o processamento de orações complexas é mais fácil, e, portanto, preferido, quando a subordinada adverbial se encontra em posição final.

No entanto, a oração subordinada adverbial freqüentemente precede a principal. De acordo com o autor, isso se dá por razões discursivo-pragmáticas, que favorecem a posição inicial e se sobrepõem à motivação processual por uma posição final. Como também postulam Chafe (1984), Thompson (1987) e Givón (1990), Diessel considera que as construções adverbiais em posição inicial são usadas para organizar o fluxo de informação do discurso, fornecendo uma base ou orientação temática para os constituintes subseqüentes.

Embora os fatores discursivo-pragmáticos forneçam uma importante motivação para a posição inicial, eles não explicam as razões para certos tipos semânticos de construções adverbiais terem maior tendência à anteposição, como as construções condicionais, e outros tipos, como as construções temporais e causais, aparecerem com maior freqüência depois da oração principal.

Para Diessel (2005), a função discursivo-pragmática das subordinadas adverbiais interage com o seu significado, o que justifica o fato de tipos semânticos diversos de construções subordinativas diferirem quanto à sua distribuição. As subordinadas condicionais tendem a ocorrer antes da principal, porque criam um quadro interpretativo específico para a oração subseqüente. As temporais ocorrem em posição inicial quando denotam uma situação anterior à expressa na oração principal, propiciando a ordem icônica de distribuição da informação. No que se refere às construções subordinativas adverbiais causais, para Diessel (2005), elas não parecem ser afetadas pela questão da iconicidade, já que aparecem preferencialmente em posição final. De acordo com o autor, a preferência pela

posposição parece estar relacionada ao fato de essas construções funcionarem como uma asserção separada que dá suporte à oração principal associada semanticamente.

Já em trabalho anterior, Diessel (2001) analisa, além das construções temporais, causais e condicionais, as finais e as consecutivas, e apresenta a seguinte ordem hierárquica de distribuição (Figura 3.5).

Figura 3.5 Distribuição hierárquica das construções adverbiais subordinativas.

Fonte: Diessel, 2001, p.446.

As categorizações semânticas realizadas por Diessel (2001, p.443) baseiam-se nos seguintes conceitos:

Conditional clauses describe a condition for the realization of the event denoted in the main clause; temporal clauses indicate a specific temporal relationship between main and adverbial clauses; causal clauses provide a cause or reason for the associated proposition; result clauses describe a consequence or conclusion derived from the main clause; and purpose clauses indicate the intention or goal of the activity denoted in the main clause.

Embora nesta tese os conceitos utilizados para a definição dos tipos de relação semântica (causa e condição) sejam distintos dos empregados por Diessel, a diferenciação das conexões causais e condicionais com base no conceito de valor aberto e fixo do resultado produz uma distribuição semelhante à proposta pelo autor. O que pode ser observado na Tabela 3.14, a seguir.

Tabela 3.14 Disposição dos *relata* das preposições e das conjunções subordinativas por tipo de relação.

Tipo de relação		Causal				Condicional				Final	
Configuração da relação		Padrão		Invertida		Padrão		Invertida		0	
		Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%
Disposição dos <i>relata</i>	[XR]E	23	23,0%	1	4,8%	58	72,5%	6	26,1%	3	10,0%
	E[XR]	77	77,0%	20	95,2%	22	27,5%	17	73,9%	27	90,0%
	Total	100	100,0%	21	100,0%	80	100,0%	23	100,0%	30	100,0%

* Para possibilitar a comparação dos resultados encontrados nesta tese com os observados por Diessel (2001, 2005), as conexões concessivas não foram incluídas neste levantamento, embora sejam classificadas como um tipo de relação causal.
X=conector

A Tabela 3.14 apresenta a distribuição dos *relata* dos conectores subordinadores (conjunção subordinativa e preposição) por tipo de relação (causal e condicional), considerando a configuração padrão e também a invertida. A distinção do tipo de configuração (padrão/invertida) é necessária porque o fato de uma conexão ser condicional ou causal no modelo adotado não significa necessariamente que o papel temático atribuído ao *relatum-R* seja condição ou causa, ele pode ser também consequência. Isso ocorre no caso de muitas conexões realizadas pelo *para*, como pode ser observado em:

- (3.53) *Sempre haverá uma parcela (a maioria) que será explorada, ou seja, trabalhará (E) **para** sustentar uma minoria (R).* (Fórum Orkut 1)

Nesse exemplo, a conexão é condicional e o conector *para* atribui ao *relatum-R* o papel temático de consequência.

Dessa forma, conforme descrito no item 1.2.3, a configuração padrão é aquela em que o papel temático do *relatum-R* é causa ou condição e a configuração invertida, a que o papel temático do *relatum-E* é causa ou condição. Assim, observa-se na Tabela 3.14 que, para as relações causais que possuem o *relatum-R* com o

papel temático de causa (padrão), a configuração preferencial é E [conector R], assemelhando-se às observações feitas por Diessel (2005). Nas relações condicionais em que o papel temático do *relatum-R* é condição, a configuração preferencial é [conector R] E, conforme também postulado pelo mesmo autor. Por fim, as relações finais realizadas por conectores subordinadores são as que apresentam os maiores índices de posposição, o que também condiz com a proposta de Diessel (2001), conforme se observa no contínuo exposto na Figura 3.5.

A Tabela 3.14 também revela que a conexão causal invertida, em que o papel temático do *relatum-R* é consequência, apresenta altos índices de posposição no *corpus* desta tese (95,2%), reforçando a hipótese de Diessel de situar as conexões consecutivas no extremo do contínuo da Figura 3.5, juntamente com as conexões finais.

Cabe fazer a ressalva de que os tipos de relação causal e condicional nesta tese também incluem as construções concessivas, o que não se verifica nos estudos de Diessel (2001, 2005).

Dentre as construções causais subordinativas, as construções concessivas correspondem a apenas 12% dos casos. Para esses, os índices de posposição são de 60%. No que se refere às construções condicionais subordinativas, as concessivas correspondem a apenas 2% dos casos, os quais apresentam índices de 50% de anteposição.

Apesar da baixa incidência de subordinadores concessivos no *corpus* desta tese, a ordem predominante de disposição assemelha-se aos resultados encontrados por Neves (1999c). Segundo a autora, 71% das construções concessivas subordinativas por ela analisadas são pospostas. Nesses casos, o

locutor expressa *a posteriori* objeções à sua proposição, configurando um *afterthought* (Chafe, 1984).

O modelo de análise empregado nesta tese também permite observar o modo como a distribuição dos *relata* pelos conectores subordinadores apresenta-se para relações causais e condicionais nos três domínios, como expõe a Tabela 3.15.

Tabela 3.15 Distribuição dos *relata* das preposições e conjunções subordinativas por tipo de relação e domínio semântico.

Tipo de Relação	Domínio	Configuração da relação	Disposição dos relata				
			[XR]E	E[XR]	Total		
Causal	Deontico	padrão	Qtde	7	12	19	
			%	36,8%	63,2%	100,0%	
		invertida	Qtde	--	1	1	
			%	--	100,0%	100,0%	
	Epistêmico	padrão	Qtde	12	18	30	
			%	40,0%	60,0%	100,0%	
		Temporal	padrão	Qtde	4	47	51
				%	7,8%	92,2%	100,0%
	invertida		Qtde	1	19	20	
			%	5,0%	95,0%	100,0%	
Condicional	Deontico	padrão	Qtde	22	6	28	
			%	78,6%	21,4%	100,0%	
	Epistêmico	padrão	Qtde	3	2	5	
			%	60,0%	40,0%	100,0%	
	Temporal	padrão	Qtde	33	14	47	
			%	70,2%	29,8%	100,0%	
		invertida	Qtde	6	17	23	
			%	26,1%	73,9%	100,0%	
Final	Temporal/deontico	0	Qtde	3	27	30	
			%	10,0%	90,0%	100,0%	

* Para possibilitar a comparação dos resultados encontrados nesta tese com os observados por Diessel (2001,2005), as conexões concessivas não foram incluídas neste levantamento, embora sejam classificadas como um tipo de relação causal.

No que se refere às relações causais que têm papel temático causa no *relatum-R* (configuração padrão), nota-se que a disposição E [XR] apresenta os maiores índices de distribuição em todos os domínios, sendo os índices no domínio temporal os mais expressivos (92,2%). Já no domínio epistêmico, percebe-se uma

distribuição um pouco mais equilibrada entre E[XR] e [XR]E (60% x 40%). Para compreender essa distribuição, podem ser úteis as hipóteses formuladas por Diessel (2005, p.465) acerca do comportamento das construções causais em artigos científicos:

What remains to be explained is why causal clauses precede the main clause more often in the scientific articles than in the two other sources⁸⁶ (notably in the conversations). I suggest that this is due to the fact that causes and reasons play a different role in different types of discourse. In conversations, causal clauses are primarily used to support a previous proposition, whereas in scientific articles, causal clauses are also used to express a conclusion or inference. Causal clauses supporting a proposition follow the main clause, whereas causal clauses providing a common ground for a conclusion tend to occur sentence-initially.

Embora Diessel (2005) não mencione explicitamente que os conectores operam em diferentes domínios semânticos, reconhece que as conexões causais também podem funcionar como base (nesta pesquisa: *evidência*) para conclusões e associa esse nível de operação aos artigos científicos. No modelo adotado nesta tese, as conexões causais que funcionam como evidência para conclusões são consideradas operantes no domínio epistêmico. O *corpus* analisado revelou que as conexões causais-padrão que operam nesse domínio apresentam maiores índices de anteposição do que as que se realizam no domínio temporal, embora a anteposição ainda seja predominante. Dessa forma, em parte, a maior probabilidade de anteposição das construções causais subordinativas pode estar relacionada à sua atuação no domínio epistêmico, independentemente do gênero discursivo em que a conexão se encontra. A associação feita por Diessel com os artigos científicos se dá porque nesse tipo de texto as construções causais operam com mais

⁸⁶ Os o autor também analisa textos ficcionais e conversacionais.

freqüência nesse domínio. A função discursiva dessa anteposição pode estar relacionada, conforme sugerido por Diessel (2005), à criação de uma base comum para encaminhar a determinadas conclusões, articulando um raciocínio progressivo.

No que se refere ao domínio deôntico, nota-se que os índices de anteposição também são maiores que no domínio temporal. Embora a quantidade de ocorrências seja reduzida, 42% dos casos de anteposição são realizados pelo conector *se*, como ilustra o exemplo:

- (3.54) *se o MP tem a atribuição de ofertar a denuncia (R) deve também, sendo possível, instruí-la devidamente (E), sob pena de tornar inócuo o dispositivo constitucional em face de sempre se trancar a ação penal por falta de justa causa ou prescrição intercorrente (Fórum Orkut 2)*

Nesse exemplo, a interpretação adotada foi que o *relatum-R* apresenta o motivo para o locutor considerar desejável que o MP instrua a denúncia devidamente, configurando uma conexão causal que revela um uso factual do conector *se*.

O fato de o conector *se* estar associado à parte dos casos de anteposição no domínio deôntico pode sugerir que os maiores índices da construção [XR] E, nesse domínio, estejam relacionados mais a uma tendência à anteposição desse conector, por influência da condicionalidade que expressa em outras relações, do que a uma maior preferência pela iconicidade em relação ao verificado no domínio temporal, hipótese que necessitaria da análise de maior quantidade de ocorrências para ser confirmada.

No que se refere às conexões causais invertidas realizadas por subordinadores, nota-se que sua ocorrência praticamente se restringe ao domínio temporal; portanto, trata-se de construções consecutivas. Como observado também na Tabela 3.14, os índices de posposição das construções consecutivas mostraram-se bastante altos no *corpus* e estão condizentes com as observações feitas por Diessel (2001).

Em relação às construções condicionais-padrão realizadas por subordinadores, percebe-se que a anteposição é mais incidente em todos os domínios, com os índices mais altos no domínio deôntico. De acordo com Diessel (2005), essa anteposição deve-se ao fato de esses constituintes orientarem a interpretação dos constituintes subseqüentes (como também observado por Dancygier e Sweetser, 2000). Se a oração subordinada condicional ocorrer depois da oração principal, é possível que o interlocutor interprete a oração antecedente como factual, quando, na realidade, trata-se de uma hipótese. Esse tipo de construção prejudica o fluxo de informação e é, portanto, evitado, ou há indicações na oração principal de que a subseqüente é uma condição, como, por exemplo, o uso de entonação específica na língua oral e do subjuntivo.

Para o autor, se a ocorrência da construção condicional subseqüente não é anunciada, trata-se de um *afterthought* (reflexão posterior) ou um ato de fala condicional. De acordo com Diessel (2005, p.463), nesses casos, a construção condicional não afeta a interpretação semântica da oração principal, o que possibilita a sua posposição. Essa parece ser a justificativa para os dados indicarem uma tendência de posposição maior da construção condicional no domínio epistêmico, ou seja, nesses casos o constituinte condicional apresenta uma reflexão posterior à conclusão apresentada, uma espécie de adendo. No entanto, o fato de as

construções nesse domínio serem pouco incidentes no *corpus* não permitiu uma análise desse aspecto.

Embora Diessel reconheça que a construção condicional no domínio dos atos de fala (*deôntico*, para esta tese) pode ser posposta, essa não se mostrou ser a ordem preferida (cf. Tabela 3.15). Como exemplo, é possível mencionar:

(3.55) **Se** *não for pedir demais* (R), *você poderia me informar onde você encontrou o texto definitivo da PEC 29/2000 que retornará a Câmara dos Deputados* (E)? (Fórum Orkut 2)

No *corpus* desta tese, as construções condicionais-invertidas só ocorreram no domínio temporal e a configuração predominante é E [XR]. Esse tipo de construção mostra-se particularmente interessante por confirmar as hipóteses de ordenação formuladas por Diessel (2005) em dois sentidos. Por um lado, o constituinte introduzido pelo conector subordinador (*relatum-R*) encontra-se, predominantemente, em posição final. Como o papel temático do *relatum-R* é consequência, trata-se da posposição de uma construção subordinativa consecutiva, o que torna os resultados condizentes com a hipótese de Diessel de que esses constituintes estão normalmente em posição final (cf. contínuo exposto na Figura 3.5). Por outro lado, o papel temático do *relatum-E* é condição e esta se encontra em posição inicial, o que também confirma a hipótese de Diessel de que a condição está normalmente anteposta, orientando a leitura dos constituintes subseqüentes. Dessa forma, os resultados encontrados na análise do *corpus* indicam que, conforme sugerido por Diessel (2005), a condição encontra-se normalmente anteposta, porém isso parece se dar independentemente do fato de ela estar expressa no constituinte

subordinador, o que é possível observar quando se adota o critério de valor aberto ou fixo do resultado para a identificação das construções condicionais.

Esse levantamento da ordem das construções subordinativas revela que o domínio semântico em que opera a conexão parece ter influência, embora não tão determinante quanto o tipo de relação semântica, no posicionamento dos constituintes na sentença, o que pode ser tema de investigações futuras.

Essa primeira parte da exposição dos resultados procurou demonstrar a aplicabilidade do modelo de análise para investigações no português e as contribuições que traz para a compreensão dos conectores da nossa língua.

3.4 Resultados da análise sob a perspectiva do gênero fórum eletrônico

Esta parte da exposição dos resultados apresenta algumas características do gênero fórum eletrônico no Orkut que puderam ser identificadas com base na análise dos conectores de causa e condição.

3.4.1 Variedade de conectores

Inicialmente, ressalta-se a grande variedade de conectores detectados no *corpus* para o estabelecimento de conexões de causa e condição. Foram identificados 48 conectores distintos; no entanto, conforme mencionado na primeira parte da análise, apenas poucos recursos são mais empregados pelos usuários. Na Tabela 3.16, estão listados os dez conectores mais incidentes no *corpus*.

Tabela 3.16 Dez conectores mais incidentes no corpus.

Conector	Ocorrências	
	Qtde	%
mas	125	25,0%
se	69	13,8%
para	58	11,6%
porque	49	9,8%
pois	28	5,6%
por	20	4,0%
então	19	3,8%
quando	14	2,8%
para que	13	2,6%
por isso	11	2,2%
subtotal	406	81,2%

A análise do funcionamento dos conectores listados na Tabela 3.16 mostra que, embora sejam apenas dez conectores, eles representam 81,2% das

ocorrências do *corpus* e são capazes de realizar praticamente todas as categorias de conexões de causa e condição identificadas pelo modelo adotado nesta tese.

O conector *mas* é o maior responsável pelas conexões concessivas em todos os domínios. O conector *se* realiza os três tipos de relações condicionais: *stricto sensu* (categoria em que divide a atuação com o conector *quando*), *evidencial* e *motivacional*, além de estabelecer também conexões causais-padrão. O *para* e o *para que* são responsáveis pelas conexões finais. O conector *porque* tem uma ampla atuação nas relações causais-padrão, sendo o principal conector empregado nas três categorias (*stricto sensu*, *evidencial* e *motivacional*). Na categoria *stricto sensu*, ele divide a atuação com a preposição *por*, capaz de conectar apenas sintagmas nominais, propriedade que o *porque* não tem; nas categorias *evidencial* e *motivacional*, sua atuação é mais restrita e cresce a participação dos advérbios juntivos *então* e *por isso*. Por fim, as conexões causais-invertidas são centralizadas no conector *para* na categoria *stricto sensu* e no conector *pois*, nos domínios modais.

O fato de as diferentes categorias de conexões de causa e condição serem realizadas, principalmente, por apenas dez conectores no *corpus* desta tese confirma a informalidade das produções nesse gênero discursivo, demonstrando pouca preocupação dos usuários com a seleção e a variedade do léxico empregado. Conforme também detectado por Xavier e Santos (2005, p.37):

(...) esse suposto “laissez-faire” lingüístico e ideológico vem confirmar a tendência deste gênero digital à informalidade e ao pouco compromisso dos seus usuários principalmente com como dizem o que dizem.

Além disso, os conectores mais incidentes também revelam a similaridade dessas produções com os gêneros orais, pois conectores que, de modo geral, são encontrados em gêneros escritos argumentativos, como *uma vez que*, *entretanto*, *todavia*, *contudo*, *já que*, por exemplo, são pouco incidentes no *corpus*

O conector mais empregado é o *mas*, responsável por 25% das conexões realizadas⁸⁷. Nesta tese, considerou-se que esse conector estabelece uma relação concessiva entre uma contracausa (contracondição) insuficiente e uma consequência (no domínio epistêmico: uma contra-evidência e uma conclusão; no domínio deontico: um contramotivo e uma intenção/desejo)⁸⁸. Como se observa no exemplo:

- (3.56) *Eu posso até não ganhar muito dinheiro (R), **mas** eu serei muuuuito feliz no dia em que trabalhar com aquilo que eu amo: música erudita! (E)*
(Fórum Orkut 7)

Nesse exemplo, o *relatum-R* representa um contramotivo insuficiente para que o locutor considere desejável trabalhar com aquilo de que se gosta. Dessa forma, o *mas* articula a argumentação em favor de que é possível viver de música erudita no Brasil.

Os resultados do levantamento do conector *mas* no *corpus* mostram que ele atua predominantemente nos domínios modais (epistêmico 36,8%; deontico, 58,4%). De acordo com Neves (1999c), há uma correspondência entre o que alguns autores consideram como concessão argumentativa (Moeschler e Spengler, 1981) e

⁸⁷ Conforme ressaltado no Capítulo 1, foram incluídos no levantamento apenas os casos em que o conector *mas* realiza uma conexão implicativa causal.

⁸⁸ Embora a possibilidade de que o conector *mas* estabelecesse conexões condicionais não tenha sido descartada, não foram encontradas ocorrências desse tipo no *corpus*.

a concessão que se realiza nos domínios epistêmico e dos atos de fala. Assim, pode-se dizer que o conector *mas* é empregado no *corpus* predominantemente para articular argumentos, o que está de acordo com a observação feita pela autora⁸⁹, para quem é preciso considerar, principalmente:

(...) a natureza essencialmente argumentativa de uma construção concessiva, que, mais do que relacionar estados de coisas, põe em contraste argumentos do discurso. (Neves, 1999c, p.158)

O fato de se tratar do conector mais incidente no *corpus* reflete a argumentatividade das produções no gênero discursivo em análise.

Ao estudar as construções realizadas pelo conector *mas*, Maingueneau (1997 [1987]), com base em estudos de Ducrot, afirma que o *mas* argumentativo cria uma oposição entre dois interlocutores e não entre dois conteúdos. Essa polifonia detectada nas conexões realizadas pelo *mas* torna-se mais evidente nas construções "certamente P, *mas* Q". Segundo Ducrot (1980 *apud* Maingueneau 1997 [1987]), nesse tipo de construção, estão em cena dois enunciadores sucessivos (E1 e E2) que argumentam em sentidos opostos; ou seja, embora o locutor se declare de acordo com o fato alegado por E1, ele (o locutor) distancia-se de E1, para associar-se a E2.

A duplicidade de perspectivas articuladas pelo conector *mas* também é reconhecida por Guimarães (1987). Simplificando a análise realizada pelo autor, em uma construção "P *mas* Q" pode-se dizer que P representa a perspectiva do enunciador 1 (E1) e Q a perspectiva do enunciador 2 (E2), sendo que E2 prevalece.

Os textos que compõem o *corpus* desta tese tratam em sua maioria de temas polêmicos. Essa temática torna possível aos locutores supor os argumentos

⁸⁹ No entanto, faz-se necessário ressaltar que, diferentemente da categorização adotada nesta tese, no estudo elaborado por Neves (1999) o conector *mas* é considerado adversativo.

que se opõem à sua tese/desejo e que poderiam ser apresentados por seus interlocutores. Esse contexto é profícuo à utilização do conector *mas*, visto que, por seu intermédio, o locutor é capaz de expor que reconhece a existência e, em muitos casos, a validade ou plausibilidade dos argumentos contrários, mas os coloca como insuficientes para derrubar a tese/desejo defendida(o). Por exemplo:

(3.57) *Até entendo criticar o consumismo exagerado num país com tantos miseráveis (R), **mas** também não dá pra jogar a culpa em cima da Daslu, a loja paga impostos, vende produtos legalizados e tem os seus funcionários (E).* (Fórum Orkut 3)

(3.58) *Bom, o mundo realmente nunca foi bom nem nunca sera, eh claro q pode-se melhorar certas coisas (R), **mas**, sempre existirá a violencia, a miseria e etc....* (Fórum Orkut 1)

Em ambos os exemplos, no *relatum-R*, o locutor reconhece a existência de outros pontos de vista, como se percebe pelo uso das expressões “até entendo” e “claro q”; no entanto, considera essas evidências insuficientes para a sua conclusão.

Neves (1999c) distingue a estratégia argumentativa da construção adversativa da estratégia concessiva. Para a autora, a construção adversativa caracteriza-se pela estrutura [admissão/assentimento do argumento contrário e exposição do argumento defendido], por exemplo:

- (3.59) *Todo mundo acha o chuchu uma coisa sem graça **mas** eu gosto de chuchu.*

Já a construção concessiva tem a configuração: [refutação a uma possível objeção e exposição do argumento defendido]:

- (3.60) ***Embora** chuchu seja uma coisa sem graça eu gosto muito de chuchu*

Quando se tomam as construções articuladas pelo conector *mas* como concessivas, é possível considerar que, em muitos casos, o *relatum-R* pode expressar o assentimento/admissão do argumento contrário à tese/desejo defendida(o) e, ao reconhecer a existência/validade do argumento contrário, o locutor busca prevenir-se de uma possível objeção de seu(s) interlocutor(es), como se observa em:

- (3.61) *Sou a FAVOR DO CONTROLE DE NATALIDADE. Ora, rico que é rico, tem um filho, dois no máximo. Pobre tem em média cinco filhos, fora os que tem oito, nove. (...) Podem me chamar de comunista, que eu deveria morar na China (R), **mas** é verdade, os brasileiros não se conscientizam da gravidade das coisas que estão ocorrendo no nosso país (E), ainda comparam o Brasil, país subdesenvolvido, com países como a França, e outros países desenvolvidos. (Fórum Orkut 8)*

No *relatum-R* dessa conexão, o locutor reconhece que está sendo radical, mas isso não impede que ele considere seus argumentos verdadeiros. Dessa forma,

ao mesmo tempo em que manifesta seu assentimento por outros pontos de vista, defende-se, de antemão, de possíveis objeções que possam ser feitas aos seus argumentos por outros interlocutores.

Bechara (1954, p.9) define a origem argumentativa do pensamento concessivo da seguinte maneira:

(...) a concessão deve ter nascido no momento em que as declarações do falante sentiram o peso da argumentação contrária do interlocutor (...) A prática cotidiana habilitou o homem a pressupor, no correr de suas asserções, a objeção iminente. Enunciar o pensamento contando e desobstruindo os obstáculos que o interlocutor ou interlocutores apresentariam era o propósito da idéia concessiva.

Esse tipo de estratégia parece ser eficaz em um gênero discursivo que se caracteriza pela assincronia entre as intervenções dos locutores. No fórum eletrônico, a defasagem temporal entre os turnos torna lento o processo de manifestar a opinião, observar a repercussão do dito nos vários interlocutores, para que possa ser proferida a defesa dos pontos de vista que sofreram objeção. Por esse motivo, parece ser produtivo ao locutor antepor-se às possíveis oposições de seus interlocutores, deixando evidentes, em sua produção discursiva, os argumentos com os quais concorda e aqueles que considera insuficientes.

Em algumas intervenções analisadas, a grande presença do conector *mas* no texto demonstra um planejamento textual praticamente simultâneo à produção discursiva. Por intermédio do conector *mas*, o locutor encadeia uma série de argumentos em favor do ou contra o tema em debate e, com esse jogo de argumentos, parece ir construindo a sua própria opinião a respeito do assunto, como se observa no seguinte trecho:

- (3.62) *ainda nao consegui me livrar de comer ovos.. **mas** com toda a certeza eh um tipo de "crime"!.. fiquei sabensdo, nao sei se eh verdade, que os ovos indusrializados nunca poderiam se tornar pintinhos, pelas mudanças genéticas e talz.. **mas** mesmo assim isso nao deixa e ser uma forma de crime.. pq do mesmo jeito estariamos explorando as galinhas, as quais botaram asqueles ovos.. as quais estão sendo escravizadas (como disse o Rafael)! **mas** de qlqr maneira se isso for verdade, estaremos cometendo um "crime" pela metade.. oq jah eh um avanço para aqlas q ainda nao conseguiram se desvinciliar totalmente.. e ainda nao sao copletamente veetarianos.. se alguem souber alguma coisa sobre essa mudança genetica nos ovos por favor fale aqui na comunidade.. seria ótimo saber se isso eh verdade ou nao! (Fórum Orkut 5)*

Nessa postagem, o locutor inicia a argumentação convicto de que, para os vegetarianos, comer ovo é uma espécie de "crime" ("com toda certeza é um tipo de 'crime'"). Ao término de seu texto, o locutor já está relativizando essa opinião e avalia que comer ovo pode ser um "crime pela metade".

Esse trecho também evidencia que outras características detectadas por Xavier e Santos (2005) na análise do fórum eletrônico no portal Terra também estão presentes nos fóruns do Orkut, como a liberdade lingüística e a falta de obediência às prescrições gramaticais. Segundo os autores, os usuários

(...) agem cientes de que o FE é um espaço de produção textual completamente livre das restrições tradicionais da modalidade escrita 'cult' da língua; um gênero digital flexível o bastante para ser usado com o máximo de liberdade lingüística e o mínimo de obediência às prescrições gramaticais e às regras de interpretabilidade, apenas as necessárias e

suficientes para permitir a interação interpessoal e/ou coletiva satisfatória com os demais participantes da discussão. (Xavier e Santos, 2005, p.37)

O levantamento da distribuição do conector *mas* nos diferentes domínios mostra que sua principal atuação é no domínio deôntico (58,4%), o que sugere que a argumentação está mais relacionada aos objetos de desejo do interlocutor do que às suas crenças. Para confirmar essa hipótese, é necessário verificar como as diferentes entidades distribuem-se no discurso desses usuários.

Tendo por base as observações feitas, é possível dizer que a grande incidência do conector *mas* no *corpus* e sua atuação predominante no domínio deôntico parecem estar relacionadas a algumas particularidades do gênero fórum eletrônico. Dentre elas, destacam-se a argumentatividade dos textos, a assincronia entre as produções dos diversos usuários e a consciência, por parte dos usuários, de que estão diante de um gênero discursivo que envolve a participação de vários interlocutores⁹⁰, os quais podem apresentar objeções aos argumentos propostos por qualquer participante. Além disso, a maior atuação do conector no domínio deôntico sugere que a argumentação nos fóruns analisados está a serviço da manifestação e da defesa de objetos de desejo.

3.4.2 Estrutura composicional dos textos

Conforme descrito no item 3.3.2 da primeira parte da exposição dos resultados, os índices de distribuição dos conectores nos três domínios semânticos são semelhantes (Tabela 3.17).

⁹⁰ Cabe ressaltar que o número de participantes dos fóruns do Orkut é bastante variável. O *corpus* desta tese é composto por fóruns que apresentam mais de dez participantes.

Tabela 3.17 Distribuição dos conectores por domínio semântico.

Domínio	Ocorrências	
	Qtde	%
Temporal	180	36,0%
Deôntico	161	32,2%
Epistêmico	129	25,8%
Temporal/deôntico	30	6,0%
Total	500	100,0%

As conexões finais foram contabilizadas separadamente por se tratar de uma conexão que combina uma leitura deôntica com uma temporal.

Os conectores textuais são recursos lingüísticos que possibilitam o estabelecimento da coesão nos três domínios semânticos. No domínio temporal, os conectores criam a coesão entre os eventos/estados de coisas relatados. Como recurso de coesão epistêmica, os conectores permitem que as evidências se conectem a crenças e conclusões. No domínio deôntico, estabelecem a coesão entre atos, intenções e desejos. O fato de os índices de distribuição dos conectores serem semelhantes nos três domínios indica que os usuários desse gênero discursivo estão igualmente preocupados em criar a coesão textual nesses três níveis.

Considerando-se apenas a oposição entre conexões temporais e conexões modais, percebe-se que as conexões modais são mais incidentes no *corpus* (conexões modais: 58%; conexões temporais: 36%). Essa distribuição pode estar relacionada a uma generalização feita por Keller (1993, 1995) em seus trabalhos sobre conectores causais epistêmicos. O autor postula que uma conexão epistêmica, muitas vezes, implica uma conexão temporal, mas não vice-versa. Por exemplo:

- (3.63) *Eu creio que Paulo vai tirar férias (E), porque eu sei que ele está bastante cansado (R).*

Nesse exemplo, a conexão se estabelece entre uma evidência (*relatum-R*) e uma conclusão (*relatum-E*). Embora se realize no domínio epistêmico, de acordo com o autor, essa conexão implica uma conexão temporal: o cansaço é a causa para que ele tire férias.

Uma conexão temporal, por sua vez, não é capaz de implicar uma conexão epistêmica. Por exemplo:

- (3.64) *Paulo vai tirar férias (E) porque está bastante cansado (R).*

Essa conexão temporal expressa apenas a causalidade entre dois eventos/estados de coisas, sem permitir que se saiba a opinião e as crenças do locutor sobre o fato comunicado (se ele acredita que é por esse motivo que Paulo vai tirar férias ou se atribui essa iniciativa a outras razões, como insatisfação com o emprego, viagens, etc.); ou seja, as crenças não podem ser deduzidas a partir dos fatos, mas, conhecendo as crenças e as evidências, as conexões entre os fatos, muitas vezes, podem ser inferidas. Isso faz com que as conexões epistêmicas sejam mais informativas e, portanto, mais empregadas. Por esse motivo, Keller (1995, p.28) menciona que “*any factual reason can be epistemified, but not vice versa. So speakers can always be sure to play safe by using epistemic version*”.

Considerando-se que o autor não distingue entre conexões epistêmicas e deônticas, é possível supor que essa mesma relação implicativa identificada por Keller nas conexões epistêmicas seja válida para as conexões deônticas. Se essa

hipótese estiver correta, uma conexão deôntica pode ter implicações epistêmicas e também temporais. Dessa forma, a partir do que uma determinada pessoa quer, muitas vezes, é possível deduzir o que ela sabe (domínio epistêmico) e/ou o que acontece (domínio temporal). Por exemplo:

- (3.65) *Como estou muito cansada (R), prefiro não ir ao teatro e ficar em casa (E).*

Esse exemplo apresenta como *relatum-R* o motivo para o ato de fala expresso no *relatum-E*; portanto, trata-se de uma conexão deôntica. No entanto, ela também tem implicações temporais: o cansaço é a causa para ficar em casa. Como para o domínio epistêmico, a implicação inversa não é possível; ou seja, a partir de uma conexão temporal, não é possível saber o que uma determinada pessoa quer.

Em algumas situações, as conexões deônticas também possibilitam implicações epistêmicas. Por exemplo:

- (3.66) *Se a luz está acesa (R), você já pode ligar para ele (E).*

Nesse exemplo, o *relatum-R* é apresentado como motivo para o ato de fala expresso pelo *relatum-E*. Observa-se que essa conexão também tem implicações epistêmicas: a evidência de que a luz está acesa é a causa da conclusão de que ele está em casa, o que é o motivo para o ato de fala.

Ao permitir implicações tanto no domínio epistêmico quanto no domínio temporal, uma conexão deôntica também pode ser mais informativa que ambas.

Tendo em vista essas hipóteses, uma das justificativas para a maior presença de conexões modais nos textos pode ser o fato de elas serem mais informativas do que as temporais. Além disso, as conexões modais são equivalentes ao que outros autores nomeiam de conexões argumentativas. Assim, conforme já sugerido na análise do conector *mas*, a maior presença de conexões modais está associada à argumentatividade das produções discursivas no gênero fórum eletrônico.

A observação dos fóruns que compõem o *corpus* permite que se perceba uma certa regularidade na distribuição dos domínios ao longo das postagens. Em linhas gerais, o locutor inicia sua intervenção posicionando-se diante do tema em debate ou voltando-se para seu interlocutor. Em ambas as situações, esse é um ambiente profícuo para que os conectores atuem no domínio deôntico, como se observa em:

(3.67) *Desculpe-me, Gilberto (R), **mas** seu argumento também não foi convincente...* (E) (Fórum Orkut 2)

(3.68) *Aquilo é a maior prova da putaria no Brasil... um país puta pobre com uma loja q além de riqueza esbanja luxo(q pra mim nada mas é q FRESCURITE).
eu odeio a desigualdade... naum posso afirmar **mas** se eu tivesse do lado de lá(da riqueza) também odiaria.* (Fórum Orkut 3)

(3.69) *Na verdade, esse é um tema muito intrigante. Sou a favor da pena de morte **por** entender que um cidadão que estupra bebês, velhinhas e até*

doentes mentais não têm salvação nem recuperação. Não merecem nada. (Fórum Orkut 8)

Tendo opinado sobre a questão em discussão ou sobre o argumento de um outro participante do fórum, o locutor apresenta os motivos que o levam a tal opinião. Como argumentos, muitas vezes, são utilizados eventos e estados de coisas. Quando isso acontece, essa se torna uma área produtiva para que os conectores atuem no domínio temporal, como se observa em:

(3.70) *eu sou contra a Ditadura mas acho que ao ponto que a sociedade brasileira chegou seria bom que tivesse um regime desse temporal para reestabelecer a ordem da sociedade. A pena de morte seria um modo de inibir os assassinos antes de qualquer ato que ele venha cometer e **caso** cometa ser punido com a própria vida....* (Fórum Orkut 8)

(3.71) *desculpe-me pelo radicalismo. mas o q me revolta mais é ver nossos políticos gordos e preguiçosos não fazendo nada **para** solucionar esses problemas. no mes passado "quebrei o pau" na secretaria de educação da minha cidade **por causa de** uma menina, tb de 12 anos, surda e muda, e q nunca havia frequentado uma escola.* (Fórum Orkut 6)

Nesses exemplos, os eventos são usados como argumentos para a defesa do posicionamento favorável ou contra o tema em discussão. Em 3.70, a conexão temporal exemplifica em que situações a pena de morte seria aplicada. Já em 3.71, a conexão temporal funciona como justificativa para a revolta em relação

aos políticos. Para defender sua opinião, muitas vezes, o locutor também se baseia em verdades e evidências. Nesse caso, pode ser observada a atuação dos conectores no domínio epistêmico.

(3.72) *me posiciono a favor da investigação do MP no seguinte: muito **embora** a Constituição Federal não tenha dito, de forma expressa, que é permitido ao Ministério Público proceder investigações de ilícitos penais, implicitamente ela o autorizou a tal mister, o que se deduz da interpretação conjunta dos teores dos incisos III, VI e VIII, todos com fulcro no art. 129 da CF, que trata das funções institucionais do Ministério Público;* (Fórum Orkut 2)

(3.73) *é verdade,os brasileiros não se conscientizam da gravidade das coisas que estão ocorrendo no nosso país,ainda comparam o Brasil,país subdesenvolvido,com países como a França,e outros países desenvolvidos.Sendo a favor do desarmamentos,contra o controle de natalidade,contra a pena de morte,para mim essas pessoas SÃO A FAVOR DA CRIMINALIDADE,A FAVOR DESSES MARGINAIS **AFINAL** ELES DEFENDEM MESMO.Na maior cara de pau,com os "Direitos Humanos" = "Direitos dos Marginais".* (Fórum Orkut 9)

Após apresentar os argumentos para a defesa de sua opinião, o locutor os usa para direcionar-se a seu(s) interlocutor(es), procurando, em alguns casos, induzi-lo(s) a pensar da mesma maneira ou, simplesmente, voltando-se a ele(s) e mostrando que se reconhece como o participante de um gênero discursivo em que

outros interlocutores atuam. Quando se chega a esse ponto, nota-se, novamente, a presença de um ambiente deôntico, favorável ao surgimento de conexões entre entidades de quarta ordem.

- (3.74) *O SENNA COM CERTEZA É INSUPERÁVEL, O MELHOR PILOTO QUE JA EXISTIU E NUNCA TEREMOS A CERTEZA DE QUE ALGUM OUTRO É MELHOR... O SHUMACHER ? BEM... ESTE É BOM, **MAS** IMAGINEM O SENNA COM A FERRARI DO SHUMI.... NEM IA DAR GRAÇA !!! **SENN A É IMORTAL, INCOMPARÁVEL, ÍDOLO, MITO !!! SENNA NÃO MORREU !!!*** (Fórum Orkut 10)
- (3.75) *Achei legal tbem a idéia que o colega postou de criar uma tx para os artigos de luxo. **Já que** se cria tantos tributos para a classe média, cria uma só para os de boa vida....* (Fórum Orkut 3)
- (3.76) *A base do capitalismo é a injustiça, e não se pode tirar justiça da injustiça. Eu quero que os meus filhos vivam num mundo melhor, **mas** infelizmente não podemos mudar o mundo mudando apenas a nós mesmos.* (Fórum Orkut 1)
- (3.77) *E, por isso, **se** é o que você gosta, vale muito a pena tentar, **afinal** conheço muita gente que se sustenta, de forma satisfatória, através de música erudita. Claro que **se** a intenção é ganhar muito dinheiro esta não é a melhor maneira.* (Fórum Orkut 7)

Embora não esteja presente em todos os textos, essa disposição das entidades representa uma tendência geral da estrutura composicional das postagens dos fóruns eletrônicos do *corpus*. Tal estrutura pode ser esquematizada da seguinte maneira (Figura 3.6)

Figura 3.6 Esquema da estrutura composicional das postagens dos fóruns do Orkut.

Optou-se por falar em ambiente, pois trata-se do domínio semântico predominante no trecho analisado, o que não significa que conexões em outros domínios não estejam presentes. A seguir, há um exemplo da distribuição dos ambientes em uma postagem completa (Figura 3.7).

■ = ambiente deôntico

■ = ambiente temporal/epistêmico

3/9/2005 10:54 AM
 Oi Felipe
 Eu entendo a sua revolta. Eu tbem penso da mesma forma. Sobre procurar o conselho tutelar isso sem dúvida será feito. O que eu, como professora, quero é saber como lidar com ela. ■ Eu não sou ingênua a ponto de pensar que só a afetividade (que tenho bastante) será suficiente, pois essa menina, como já disse, já tem vida sexual, e passa por muitas situações de agressões o que a faz, até por uma questão de sobrevivência, ser "malandrinha". ■ Então, como conversar com ela, como proceder para que ela não se sinta acuada e crie confiança em mim. Nós temos que acolhê-la, pois o fato dela procurar a escola pode ser uma luz no fim desse túnel tão escuro e cruel no qual ela vive.
 Pode ser que nessa comunidade tenha alguém que faça algum trabalho direto com essas crianças e possa me dar alguma dica.
 Abraços a todos.

(Fórum Orkut 6)

Eu não como 3/2/2005 7:10 AM
 Tipo assim eu não como ovo pq não gosto mesmo! Eu sou vegetariano desde que nasci e nunca gostei de ovo. ■ Mas quanto questão de crime, eu acho que não seria crime não. É muita pretensão minha dizer que se eu não como ovo estarei salvando os pintinhos! ■ Afinal se eu não comer outra pessoa vai comer!!! Sem contar com todas as outras coisas que são derivadas do ovo como o macarrão e bolo. Quem aqui seria contra uma macarronada ou um bolo de chocolate?

(Fórum Orkut 5)

Figura 3.7 Exemplos da distribuição dos ambientes em uma postagem completa.

Percebe-se com essa exposição que, embora os três domínios apresentem índices de ocorrência semelhantes no *corpus*, sua função discursiva distinta faz com que não se distribuam de maneira homogênea ao longo das

postagens. Nas postagens analisadas, predomina uma distribuição hierárquica das conexões: as conexões temporais servem como matéria para as conexões epistêmicas e deônticas; as conexões epistêmicas, por sua vez, servem como matéria para as conexões deônticas, o que pode ser simbolizado pela seguinte imagem (Figura 3.8).

Figura 3.8 Esquema da distribuição hierárquica das conexões.

Embora a composição das postagens esteja sendo descrita apenas sob a perspectiva dos conectores, sua análise fornece indícios de que a estrutura argumentativa dos dados analisados é construída visando à manifestação e à defesa de objetos de desejabilidade (coisas que o locutor considera ou não desejáveis). Em algumas situações, essa exposição se dá porque o locutor busca discutir com seu interlocutor para persuadi-lo e fazer com que compartilhe de sua opinião, mas, em muitos casos, o objetivo principal parece ser apenas desabafar, extravasando suas emoções. Como exemplo, tem-se a seguinte postagem (Figura 3.9).

5/30/2005 8:31 PM

[Fabiana](#)
 Eu concordo com a pena de morte....ladrão não rouba porque seus filhos estão passando fome (o que tbm não justifica este tipo de atitude) pois conheço várias pessoas que lutam e sentem orgulho disso... e sim porque são gananciosos... querem ter mais que todo mundo....um ladrão a menos é sim um alívio...não tem concerto...podem dizer que é falta de terem tido educação etc etc...mais quer dizer que quem paga por isso somos nós? O ladrão fica solto e nós ficamos presos em nossas casas? não vou concordar nunca...mesmo que as pessoas que sejam contra a pena de morte escrevam os melhores argumentos do mundo... No ano passado fui sequestrada no dia 2 de junho e passei 19 dias em cativeiro...amarrada...sendo ameaçada...no escuro sem saber se o pesadelo teria fim...qdo fui libertada vi que o pesadelo havia apenas começado...vai fazer 1 ano...e o pesadelo permanece...
Por isso deixo aqui o meu desabafo...eu sei o que ouvi deles...e sei que não tem concerto....por isso SOU SIM A FAVOR DA PENA DE MORTE!!!!

(Fórum Orkut 8)

Figura 3.9 Postagem com caráter de desabafo.

Nesse exemplo, a própria locutora reconhece o caráter de desabafo de sua intervenção. No *corpus*, também há casos em que o tom de desabafo ocasiona um distanciamento até mesmo do tema em debate, configurando a desobediência à máxima da relevância (Figura 3.10).

3/7/2005 10:29 PM

[Felipe](#)
 desculpe-me pelo radicalismo.
 mas o q me revolta mais é ver nossos políticos gordos e preguiçosos não fazendo nada para solucionar esses problemas.
 no mes passado "quebrei o pau" na secretaria de educação da minha cidade por causa de uma menina, tb de 12 anos, surda e muda, e q nunca havia frequentado uma escola.
 "- não temos estrutura para acolhê-la", diziam eles.
 bastou mencionar q existe ministério público e já se conseguiu vaga para a menina.
 acho q nosso país só se move à porradas (desculpe-me pelo termo) do q bom senso.

3/7/2005 10:32 PM

[Felipe](#)
acabei fugindo do tema, emilia.
 vc por acaso entrou em contato com o conselho tutelar e ver se há possibilidade de uma tutela provisória?

Figura 3.10 Postagem com caráter de desabafo e distanciamento do tema em debate.

Nas postagens da Figura 3.10, observa-se que o locutor admite que fugiu do tema em discussão e o retoma na postagem seguinte.

Tendo detectado a predominância da argumentatividade deôntica nos dados analisados e verificado como os outros domínios semânticos articulam-se

para construir a argumentação desses textos, a seguir, procura-se observar de que forma a causalidade e condicionalidade inserem-se nessa estrutura composicional-padrão identificada.

3.4.3 Causalidade *versus* condicionalidade

A seguir, são retomados os índices de distribuição dos conectores por tipo de relação (Tabela 3.18).

Tabela 3.18 Distribuição dos conectores por tipo de relação.

Tipo de relação	Ocorrências	
	Qtde	%
Causal	360	72,0%
Condicional	110	22,0%
Final	30	6,0%
Total	500	100,0%

Conforme discutido na primeira parte da exposição dos resultados, as conexões condicionais são menos incidentes que as causais, correspondendo a cerca de um terço destas. O fato de existirem poucos estudos que avaliem os índices de distribuição das construções causais e condicionais em gêneros argumentativos torna difícil identificar se a proporção encontrada neste *corpus* representa uma especificidade do gênero em análise.

No entanto, há aspectos referentes às condições de produção do gênero fórum eletrônico que podem ter favorecido a baixa incidência da construção condicional no *corpus*. Ao analisar o funcionamento dos fóruns do portal Terra, Xavier e Santos (2005, p.37) mencionam que a produção discursiva nesse gênero realiza-se, normalmente,

(...) no calor da emoção de um debate, em razão da alta polarização dos temas que geralmente são disponibilizados na rede, levando os interlocutores a darem respostas imediatas, sem uma argumentação mais sólida e amadurecida.

Pela afirmação dos autores, percebe-se que também nos fóruns do portal Terra a emoção dos usuários transparece no discurso, o que se traduziu nos resultados encontrados nesta tese na sobreposição das conexões deônticas em relação às demais. No entanto, a emoção que se reflete nas postagens dos fóruns do Orkut parece estar mais relacionada à temática em pauta do que ao calor do debate.

A ausência de uma reflexão mais amadurecida sobre os temas também pôde ser detectada no *corpus* deste trabalho, conforme mencionado na análise do conector *mas*. Essa característica das produções discursivas pode ser indicada como um dos fatores responsáveis pelos baixos índices de construções condicionais encontrados. Dessa forma, é possível supor que, ao produzir seu discurso apressadamente, o usuário não se preocupe em formular hipóteses sobre as questões debatidas.

Os índices dos tipos de relação por domínio semântico podem ser observados na Tabela 3.19.

Tabela 3.19 Distribuição do tipo de relação por domínio semântico.

Domínio	Tipo de relação						Total
	Causal		Condicional		Final		
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	
Temporal	105	29,2%	75	68,2%			180
Deôntico	132	36,7%	29	26,4%			161
Epistêmico	123	34,2%	6	5,5%			129
Temporal/Deôntico					30	100,0%	30
Total	360	100,0%	110	100,0%	30	100,0%	500

Os dados expostos na Tabela 3.19 mostram que as construções causais distribuem-se de forma bastante equiparável nos três domínios, com uma leve predominância do domínio deôntico. As construções condicionais, por sua vez, apresentam uma distribuição bastante irregular e realizam-se principalmente no domínio temporal.

Com base nesses resultados e considerando a estrutura composicional de distribuição de domínios identificada, pode-se dizer que no *corpus* analisado a função predominante das construções condicionais é correlacionar eventos ou estados de coisas hipotéticos para que funcionem como subsídios na articulação da argumentação epistêmica e deôntica, como pode ser observado em:

(3.78) *Concordo com o tópico acima, pois os sistemas sociais estão evoluindo ainda. O Capitalismo é ainda um bebe...*

No sistema social precedente ao capitalismo se uma pessoa nascesse pobre, morreria pobre sem jamais ganhar nada na vida... hoje, no capitalismo se uma pessoa que nasce pobre pode ao menos se tornar rica,

seja trabalhando, ganhando na loteria, ou de qualquer outra forma. O que antes nao acontecia, agora já acontece.O Capitalismo é um sistema ainda jovem e que pode evoluir... tem que evoluir. (Fórum Orkut 1)

Nesse exemplo, as conexões condicionais funcionam como exemplos para que o usuário encadeie sua argumentação em função da defesa do capitalismo e da necessidade de sua evolução.

Os resultados encontrados nos outros domínios indicam que, no que se refere às entidades de terceira e quarta ordem, a preferência dos usuários é por apresentá-las como factuais e não como hipotéticas, principalmente no domínio epistêmico. Pode-se supor que o fato de as intervenções nesse gênero discursivo realizarem-se predominantemente entre usuários que não se conhecem tenha alguma influência nesse comportamento identificado. A influência do anonimato na produção discursiva dos fóruns eletrônicos também é discutida por Xavier e Santos (2005, p.35). Segundo os autores, a possibilidade do anonimato ou

(...) a falta de obrigatoriedade da identificação exata do participante como condição necessária para expor suas opiniões possibilitaria que ele ficasse mais à vontade para escrever da maneira que quisesse e abordar os temas que desejasse sem qualquer compromisso com o conceito do “lingüística e politicamente correto”, uma vez que a sua imagem não seria ameaçada.

Dessa forma, o fato de as interações nos fóruns eletrônicos se darem principalmente entre interlocutores que não se conhecem permite aos usuários procederem retoricamente com menos cuidado do que se estivessem diante de interlocutores conhecidos. Pode-se supor que a ausência do compromisso com o “lingüística e politicamente correto” faça com que certos argumentos que seriam

expostos como hipotéticos diante de interlocutores conhecidos sejam apresentados como factuais para interlocutores desconhecidos, ou seja, como verossímeis, verdadeiros ou desejáveis.

(3.79) **concordo com o Luis de Santo André** [6/13/2005 12:55 PM](#)

*Eu acho que a dona da Daslu **cumpre o papel dela, paga impostos (muitos!),** gera empregos e ainda realiza trabalhos sociais que muitos de nós nem pensamos em fazer.* (Fórum Orkut 3)

Nesse exemplo, o usuário apresenta o pagamento de impostos como algo factual. Cabe indagar se ele procederia da mesma maneira se estivesse diante de interlocutores conhecidos ou se colocaria esse tipo de informação no plano hipotético.

(3.80) **Vejamos do ponto de vista matemático** [5/31/2005 6:01 PM](#)

*Sendo uma sociedade dividida em cidadãos e criminosos, o desarmamento promove uma diminuição das armas em poder dos cidadãos (ou alguém acredita que um traficante irá entregar alguma arma??) **Logo,** a atual política de desarmamento é igual a uma política que fornecesse armas aos criminosos (desarmar um lado é igual a armar o outro).* (Fórum Orkut 8)

Nesse exemplo, embora o “raciocínio matemático” articulado pelo usuário seja bastante simplificado e superficial, ele procede como se seu argumento fosse uma evidência verossímil para a sua conclusão.

No entanto, para confirmar a hipótese de correlação entre a baixa incidência das construções condicionais e o anonimato e/ou o planejamento quase simultâneo à produção discursiva, é necessária a realização de um estudo comparativo entre o gênero fórum eletrônico e outros gêneros discursivos argumentativos.

A Tabela 3.19 também apresenta os índices de conexões finais no *corpus*. Embora essa categoria não seja muito incidente, correspondendo a apenas 6% de todas as conexões realizadas, é importante mencionar que 40% de todas as conexões finais situam-se nas duas últimas orações da postagem, como se observa em:

(3.81) ***Eu acredito sim!!*** 4/29/2005 1:21 PM

*Eu realmente acredito que o mundo pode melhorar, é so todas as pessoas como nós tentarmos mudar o modo das pessoas verem o mundo, mostrar que as coisas são belas apesar de tanto sofrimento, tanta fome, injustiça. Se todos desistirem aí sim o mundo não muda nunca!!! é por isso q eu acredito, e luto **para q** isso aconteça!!* (Fórum Orkut 1)

(3.82) 6/14/2005 10:59 PM

A história da Daslu é interessante, era uma lojinha familiar que acabou virando esse templo de consumo dos milionários. Até entendo criticar o consumismo exagerado num país com tantos miseráveis, mas também não dá pra jogar a culpa em cima da Daslu, a loja paga impostos, vende produtos legalizados e tem os seus funcionários. Dependendo da crítica dá a impressão que a dona fez mal em fazer o negócio dela dar certo,

acho que querer a igualdade social é lutar pra q o padrão de vida de todos suba o máximo possível e não o contrário. (Fórum Orkut 3)

Como pode ser verificado nesses exemplos, quando se situa nessa posição, a conexão final realiza um fechamento da postagem, indicando o propósito da opinião defendida e, em alguns casos, incitando seu(s) interlocutor(es) a compartilhá-la.

3.4.4 Conexões intra versus interturno

O último critério utilizado nesta tese para a análise dos conectores refere-se à distinção entre aqueles que estabelecem relações *intraturno* (*R* e *E* estão na mesma postagem) e os que criam relação *interturno* (*R* e *E* estão em postagens diferentes). A Tabela 3.20 apresenta os resultados encontrados quanto a esse critério.

Tabela 3.20 Distribuição dos *relata* no turno conversacional.

Conexões dos <i>relata</i>	Ocorrências	
	Qtde	%
Intra	494	98,8%
Inter	6	1,2%
Total	500	100,0%

Os dados da Tabela 3.20 mostram que, no *corpus* analisado, a função predominante dos conectores é estabelecer a coesão no interior da postagem (*intraturno*) e não entre as intervenções (*interturno*). Embora a análise de outros

recursos coesivos nos fóruns eletrônicos fuja ao escopo desta tese, ao observar o *corpus*, nota-se que a função de estabelecer a coesão entre as postagens, que não é exercida pelos conectores, é assumida por outros recursos coesivos, como, por exemplo, a referenciação.

A importância da referenciação para a coesão e a coerência textual é reconhecida por diversos autores. Marcuschi (1999), por exemplo, considera que a referenciação funciona como um fio condutor necessário microtextualmente (na formação de relações locais) e macrotextualmente (na construção de representações) para o estabelecimento da coesão textual. Segundo esse autor, a progressão referencial serve de base para o desenvolvimento do tópico e a presença do tópico oferece as condições para a introdução e a manutenção de referentes.

A seguir, são apresentados exemplos de como a manutenção de referentes propicia recursos para a continuidade tópica entre as postagens do fórum eletrônico (Figuras 3.11 e 3.12).

como lidar com elas 3/7/2005 12:39 PM
Olá amigos. Sou professora do ensino fundamentas, este ano estou com uma turma de 1ª série. Recebi uma aluna, que hoje, descobri ser moradora de rua. Mora com a mãe, não se sabe ainda onde. Estamos investigando. Ela tem 12 anos, não está alfabetizada, pois, segundo a mãe e ela mesma, nunca foi a escola!? Ficamos sabendo através **do morador que cedeu a conta de luz** para que a mãe matriculasse a menina, que moram embaixo de uma ponte e que tomam banho em sua casa e que a menina tem vida sexual. Que apanha dos mendigos, da mãe, do padrasto, aliás ela tem cicatrizes por todo o corpo, principalmente, no rosto. Nós, da escola, vamos acionar a quem de direito. O que preciso é saber como lidar com ela, pois nunca passei por uma situação semelhante. Tenho medo de assustá-la e ela deixar a escola, o que não quero, pois vejo a possibilidade de ajudar essa "criança". Por favor, aguardo ajuda. Beijos no coração de todos

Emilia

3/7/2005 12:44 PM
como ajudar?
como lar, material escolar, roupas, etc?

Felipe

3/7/2005 2:45 PM
Não entendo muito disso, mas será que **a pessoa que emprestou a conta de luz** não seria um bom canal? Ela deve ter confiança nessa pessoa. E é ela mesma (a menina) quem deve saber melhor do que ninguém do que ela está realmente precisando...

Cintia

(Fórum Orkut 6)

Figura 3.11 Exemplo do processo de referenciação propiciando a continuidade tópica entre as postagens.

Figura 3.12 Exemplo do processo de referenciação propiciando a continuidade tópica entre as postagens.

A Figura 3.11 evidencia que a referenciação é capaz de contribuir para a coesão textual mesmo quando há certa distância espacial entre as intervenções.

No entanto, embora seja possível verificar recursos que estabeleçam a coesão entre as postagens, em 57%⁹¹ das intervenções do *corpus*, os interactantes fazem uso de seu discurso apenas para se manifestar em relação à questão central em discussão no fórum, não dando continuidade aos tópicos introduzidos por outros participantes (Figura 3.13).

⁹¹ Para realizar esse levantamento, foram consideradas duas possibilidades de continuidade tópica: as postagens que dão continuidade ao tópico introduzido na primeira postagem (tema da discussão) e as postagens que dão continuidade a outros tópicos discursivos que não aquele que define o tema do fórum.

desse mundo, para que não faça mais famílias de bem sofrer, inclusive e muitas vezes, a dele próprio. Pergunte aos familiares de um "indivíduo" que estupra a própria filha, se quer que ele continue vivo? Direitos humanos, foi idealizado para defender os que são violados em seus direitos e essa esquerda burra, transformou em bandeira social. A sociedade, com o passar do tempo e com a inércia da justiça e o aumento desses falsos defensores dos direitos humanos, vai passar a fazer justiça com as próprias mãos, e aí será tarde para tomar providências. Ora, já pensaram se as pessoas vítimas desses delinquentes anormais resolverem pagar com a mesma moeda? Aí não sera mais o órgão de defesa dos direitos humanos quem vai atuar, e sim, a sociedade proteora dos animais!!!

6/27/2005 10:29 AM

[Régis](#)

eu sou contra a Ditadura mas acho que ao ponto que a sociedade brasileira chegou seria bom que tivesse um regime desse temporal para reestabelecer a ordem da sociedade. A pena de morte seria um modo de inibir os assassinos antes de qualquer ato que ele venha cometer e caso cometa ser punido com a própria vida pois não estamos mais vivendo no meio de homens e sim de animais selvagens

(Fórum Orkut 8)

Figura 3.13 Ausência de continuidade tópica nas postagens.

Nesses casos, nota-se um baixo grau de envolvimento dos participantes com as propostas apresentadas por seus interlocutores. Chafe (1985) caracteriza vários níveis de envolvimento na interação: o envolvimento do falante com o assunto em pauta, o envolvimento do falante consigo mesmo (ego-envolvimento) e o envolvimento com seus interlocutores. Nas postagens da Figura 3.13, o ego-envolvimento se sobressai em relação ao envolvimento com os outros interlocutores.

O fato de os fóruns do Orkut não serem organizados em *hiperlinks*, como no caso de muitos fóruns educacionais, pode desfavorecer a continuidade tópica e a interação entre os participantes, visto que as postagens vão sendo acumuladas nas páginas e pode ser tedioso ao usuário reler páginas anteriores para tentar se reportar ou retomar algum tópico de interesse. Essa disposição linear das postagens faz com que, muitas vezes, interactantes que têm posicionamentos e interpretações semelhantes não se dirijam um ao outro por se encontrarem em páginas distintas, como se observa no caso das duas postagens, a seguir, que se encontram na mesma discussão, mas em páginas diferentes (Figura 3.14).

ta na cara que e' UM CLONE 5/3/2005 8:08 PM

o que mais poderia ser um ser humano voltando as origens????? um tema tao atual que foi retratado ha tanto tempo... simplesmente genial...

[Bruno](#)

5/29/2005 7:06 AM

Acho que se trata de um clone do Bowman. No livro, ele morre no Hotel Granimedes (naquele quarto todo branco, onde ele aparece velhinho, morrendo). O feto é a space child. O Monolito teria dado ao Bowman um novo corpo, conjugando nele as memórias do astronauta com as informações contidas no Monolito, ou seja, Bowman tornou-se um híbrido homem-máquina, mas não um cyborg: ele é biologicamente humano, sem chips, fios etc, mas geneticamente melhorado e dotado de memórias ainda quando feto. Acho que é isso, posso estar viajando muito, mas a culpa é do livro/filme, não minha, hehehe

[Juliana](#)

(Fórum Orkut 4)

Figura 3.14 Ausência de envolvimento entre os participantes com opiniões semelhantes.

Quando acontece a interação, ela se realiza normalmente de forma bastante pontual e entre interactantes que se encontram “próximos” em termos de páginas dos fóruns, é como se cada página constituísse uma espécie de ambiente e os interactantes se restringissem a interagir com os usuários que se encontram nele, como se observa na (Figura 3.15).

Quem pode o mais pode o menos... 11/20/2004 7:21 PM

Seguindo a linha de raciocínio *quem pode o mais pode o menos*, devemos então chegar à conclusão de que o juiz, *que pode mais que o promotor*, ou seja, *julgar*, também pode o menos: *oferecer denúncia*... Desculpe, Sérgio, mas esse argumento não me convenceu. Um abraço.

[Gilberto](#)

11/21/2004 5:47 AM

Desculpe-me, **Gilberto**, mas **seu argumento** também não foi convincente, pois ao Magistrado cumpre julgar a lide, dizer o direito, não significando, em momento algum, que este é o titular de toda relação processual para poder agir conforme entenda melhor. Tanto que sua posição, em regra, é inerte, só podendo agir de ofício em situações excepcionais (destaque-se que tal excepcionalidade foi asseverada em recente julgado do STF) previstas na própria legislação, não existindo mais o processo judicialiforme. Juiz não é parte, é sujeito processual. A este cumpre agir mediante provocação.

E, convenhamos, em última instância a atividade policial já é subordinada ao Ministério Público nos casos de ação civil pública, pois tudo que é produzido no inquérito policial serve para informação deste, podendo, ademais, o membro do MP REQUISITAR as diligências que entender necessárias.

[Henrique](#)

Neste ponto, entendo totalmente anacrônica a legislação brasileira, que deveria integrar a atividade policial ao Ministério Público, o que certamente diminuiria a burocracia e tornaria mais eficiente o combate à criminalidade no Brasil. Entrementes, o lobby da OAB e dos Delegados de Polícia, bem como de políticos diversos, em cercear a atividade do MP vem se mostrando tão forte, quanto nebuloso, já que que, com os índices de criminalidade que o país vem apresentando, toda iniciativa que buscasse combater de forma mais eficiente o crime deveria ser louvada.

Este meu último argumento é pessoal e empírico, uma opinião de como a política de combate à criminalidade deveria ser traçada.

A rigor, é praticamente impossível determinar de forma puramente técnica qual a opinião que deverá prevalecer. Socorrendo-me das palavras do Ministro Eros

Roberto Grau, a Constituição é dinâmica, sujeita a interpretações que variam de acordo com a situação. Vamos esperar para ver qual a interpretação que o STF dará a CF, então.
Só espero que seja uma que favoreça o combate a criminalidade...

(Fórum Orkut 2)

Figura 3.15 Troca de opiniões entre os participantes.

Essa característica de dirigir-se principalmente aos que estão “mais próximos” assemelha a interação desenvolvida nos fóruns do Orkut a uma conversação face a face. Em ambos os casos, nota-se a importância da proximidade espacial para a realização da interação. Entretanto, na conversação face a face, há um espaço real, ao passo que nos fóruns eletrônicos, tem-se um espaço virtual.

Ao sintetizar as características essenciais dos fóruns eletrônicos, Xavier e Santos (2005, p.34) afirmam que

(...) a multiplicidade de ações de linguagem (Bolter, 1991) manifestadas no *FE* não o faz perder sua característica essencial que é promover a discussão em torno de uma questão social controversa e de servir como instrumento de reflexão e construção coletiva para a solução de um dado problema. O *FE* continua a preservar a função inicial de jogar com argumentos, refinar raciocínios, fazer ecoar e desenvolver novas idéias, reafirmar ou modificar posições e, sobretudo, aprofundar conhecimentos que permitam decisões mais conscientes. Essas atribuições do *FE*, que ultrapassam o domínio do lingüístico-interacional e alcançam o político-social e o histórico, contribuem efetivamente para a promoção da liberdade de expressão e para a consolidação da democracia como um todo.

Embora seja necessário o estudo de outros aspectos dos fóruns eletrônicos que se realizam no Orkut para delinear melhor o seu funcionamento, os dados analisados mostram que algumas das características observadas por Xavier e Santos (2005) encontram-se mais diluídas na modalidade de fórum que compõe o *corpus* desta tese. O jogo entre argumentos é articulado nas intervenções

analisadas; no entanto, o baixo grau de envolvimento dos participantes com as propostas de seus interlocutores indica que a busca de soluções coletivas para problemas sociais não parece ser a motivação principal para a participação nos fóruns do Orkut. Neles, parte dos usuários utiliza o espaço mais para expor suas opiniões, revoltas, experiências pessoais, preferências e desejos do que para dialogar com o intuito de chegar a soluções comuns ou mesmo persuadir o outro. Além disso, como mencionado no Capítulo 2, o *corpus* analisado nesta tese constitui-se de fóruns em que há uma produção discursiva mais intensa. No entanto, no Orkut, há fóruns sobre os temas mais diversos e, à medida que a temática se afasta de questões polêmicas, parece haver uma redução na densidade informacional, na articulação dos argumentos e no grau de envolvimento entre os participantes, como ilustra a Figura 3.16.

Qual o melhor conto?

[Início](#) > [Comunidades](#) > [Machado de Assis](#) > [Fórum](#) > [Mensagens](#)

mostrando **1-10** de **137**

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

Leonardo Qual o melhor conto? Na opinião de vocês, qual o melhor conto de Machado de Assis?	26/07/04
Anônimo Melhor conto? Fico entre Missa do Galo e O Caso da Vara...	26/07/04
Fernanda Fico entre O Alienista e A cartomante... também gosto de Fernando e Fernanda (por que será?!hehe)	28/07/04
Anônimo é uma difícil escolha... Dos que mais me marcaram foram uns braços e cantiga de expensas...	30/07/04
Anna Luiza A Cartomante é bem legal...	01/08/04
Daiane O espelho Sem dúvida o conto o "Espelho", foi o melhor que li do Machado de Assis	05/08/04
• Lili • todos sao os melhores, dependendo da intencao do leitor! no meu momento, sem duvida é a cartomante.. ele, um cara do séc 19, conseguiu ter a sensibilidade de falar do mundo das mulheres, para elas mesmas!	07/08/04
Anônimo A Missa do Galo Gosto da atmosfera criada em "A Missa do Galo". Não acontece praticamente nada, mas pra mim foi tudo.	07/08/04
Anônimo O Espelho / O Alienista No entanto, o mais marcante foi "O Espelho" - o esboço impregnou por longo tempo.	12/08/04

(Trecho do fórum “Qual o melhor conto” realizado na comunidade *Machado de Assis*)

Figura 3.16 Exemplo de baixa densidade informacional e reduzido envolvimento entre os participantes.

De acordo com Aquino (2005, p.172), o debate

(...) constitui um gênero discursivo passível de ocorrer em qualquer contexto. Lembra enfrentamento, confronto e permite aos participantes (que interagem *in loco* ou à distância) um repensar de sua posição, de seu alinhamento, bem como das diversas instituições que eles ali representam.

Martins (1992), por sua vez, considera que o debate “corresponde à expressão máxima da ação social humana, na medida em que busca, por meio da discussão livre entre cidadãos, a resolução de problemas da comunidade” (p.1). Tendo em vista essas definições, é difícil dizer que discussões como a apresentada na Figura 3.16 sejam “fóruns de **debates**”, uma vez que não manifestam explicitamente “enfrentamento” e “confronto” e também não evidenciam a busca por uma resolução de problemas da comunidade. Essas produções assemelham-se mais a uma lista de opinião do que a um debate.

Dessa forma, se fossem tomados os componentes da retórica aristotélica, parece possível dizer que muitos interactantes dos fóruns do Orkut mostram-se mais preocupados com a construção de seu *ethos* do que com a articulação do *logos* ou do *pathos*. É como se, para esses usuários, a participação nos fóruns fosse um dos componentes do seu perfil. Ao criar seu perfil no Orkut, o usuário insere suas fotos e vídeos, elenca seus amigos, exhibe os depoimentos recebidos, mostra as comunidades com as quais se identifica e nelas insere seu posicionamento diante dos temas em debate, sem, necessariamente, estar interessado em discutir o assunto com outros interlocutores, o que faz com que, muitas vezes, nem volte a participar do mesmo fórum (cf. Capítulo 2).

Esta análise dos fóruns do Orkut que compõem o *corpus* mostra que algumas características já identificadas por outros pesquisadores também foram observadas nessa versão do fórum eletrônico. Dentre essas particularidades, podem-se mencionar:

- a) as interações nos fóruns realizam-se predominantemente entre interlocutores que não se conhecem;

- b) a argumentatividade manifesta-se explicitamente nos textos, mas não se observa uma reflexão mais amadurecida dos temas;
- c) há assincronia entre as postagens;
- d) a emoção dos participantes transparece no discurso;
- e) percebe-se o planejamento textual praticamente simultâneo à produção discursiva;
- f) nota-se a escolha do registro informal de linguagem e a proximidade com os gêneros discursivos orais.

A recorrência dessas especificidades sugere que elas estão se firmando como estabilidades estilísticas e composicionais desse gênero discursivo.

No entanto, se a busca por uma solução coletiva para problemas de uma comunidade for tomada como a característica essencial dos fóruns, poucas discussões no Orkut poderão ser consideradas produções desse gênero discursivo.

Xavier e Santos (2005, p.34) avaliam que as atribuições do fórum eletrônico ultrapassam o domínio do lingüístico-interacional e alcançam o político-social e o histórico, contribuindo efetivamente para a promoção da liberdade de expressão e para a consolidação da democracia como um todo.

No que se refere aos fóruns do Orkut, a gradação de densidade informacional, da articulação dos argumentos e do envolvimento entre os participantes indica que, embora as suas discussões também contribuam para a promoção da liberdade de expressão, a grande maioria dos fóruns parece restringir-se ao plano do lingüístico-interacional e poucos alcançam, de fato, o nível político-social.

Considerações Finais

Conforme exposto na Introdução, dois objetivos principais nortearam a realização desta tese. O primeiro objetivo foi contribuir com o projeto *Gramática contrastiva: alemão-português: conectores*, realizando a primeira aplicação do modelo desenvolvido por Blühndorn (2001, 2003, 2006a, 2006b, 2007) para o estudo dos conectores de causa e condição em um *corpus* inteiramente em língua portuguesa.

Por se tratar do primeiro emprego deste modelo para análises empíricas em língua portuguesa, cabe apontar algumas de suas qualidades e as principais dificuldades encontradas na sua aplicação. Em termos sintáticos, pode-se dizer que os conceitos de *relatum-R* e *relatum-E* auxiliam a compreensão da maneira como cada conector estabelece seus papéis relacionais, sem precisar recorrer a conceitos mais carregados semanticamente como dependência *versus* independência. Essa terminologia também pode ser empregada para qualquer tipo de conexão (exceto nas relações de similaridade), independentemente de os *relata* serem sintagmas nominais, orações ou porções maiores do texto, como parágrafos, o que facilita a comparabilidade do funcionamento das diferentes classes, permitindo contrapor, por exemplo, a atuação de preposições, como o *por*, com estrutura relacional [E [*por* R]] com a atuação de advérbios juntivos, como o *por isso*, com estrutura relacional [R *por isso* E].

Embora representem um avanço para a categorização sintática dos conectores, os quatro critérios utilizados pelo modelo ainda se mostram insuficientes para a classificação de conectores que se encontram em nítido processo de gramaticalização. Como exemplo, pode-se tomar a transição da classe dos advérbios juntivos para a das conjunções coordenativas. De acordo com o modelo,

ambas as classes têm como propriedade o conector estar obrigatoriamente no segundo *relatum* da conexão. Os traços que diferenciam essas duas classes são a atribuição de papel relacional, que é regular para os advérbios juntivos (R *conector* E) e irregular para as conjunções coordenativas, e o posicionamento no segundo *relatum*: os advérbios juntivos apresentam liberdade de posicionamento no segundo *relatum* e as conjunções coordenativas encontram-se fixas na posição inicial.

No entanto, algumas conjunções coordenativas que se originaram de advérbios juntivos ainda mantêm a disposição de papel relacional [R *conj coord* E], como é o caso dos conectores *mas* e *pois*, e os advérbios juntivos que estão mais avançados no processo de gramaticalização encontram-se cada vez mais fixos em posição inicial no *relatum-E*. Dessa forma, quando se considera a dinamicidade do processo de gramaticalização que cria a possibilidade de características de comportamento de uma determinada classe também serem observadas em outra, qual critério permite identificar se um determinado conector ainda é um advérbio juntivo ou já é uma conjunção coordenativa? Com os atuais critérios empregados, a diferenciação realiza-se com base no posicionamento do conector no *relatum-E*; porém, muitas vezes, o *corpus* analisado não oferece uma quantidade suficiente de ocorrências para assegurar que um determinado conector já não permite mais a posição não-inicial no *relatum*. Quando isso acontece, resta a alternativa de recorrer a outros *corpora*. No entanto, seria ideal que o modelo disponibilizasse uma quantidade suficiente de ferramentas para permitir a categorização dos conectores em qualquer *corpus*, sem a necessidade de recorrer a outras fontes. Para tanto, talvez pudessem ser inseridos mais alguns critérios sintáticos dentre as ferramentas do modelo, como, por exemplo, o teste da possibilidade de o conector ser precedido

por outra conjunção coordenativa, como a aditiva, o que só é possível para os advérbios juntivos.

No que se refere aos critérios semânticos adotados, as contribuições que a análise da atuação dos conectores em domínios semânticos pode trazer são reconhecidas por diversos autores (cf. Sweetser, 1990, Camacho, 1999, Pezatti 2001, 2002 e Neves, 1999a, b e c, 2000). Os resultados obtidos com a identificação do domínio semântico em que atuam os conectores presentes no *corpus* desta tese revelam que não se pode falar em restrição de uso dos conectores a um domínio semântico específico, mas apenas na concentração dos conectores em determinados domínios, como é o caso do *mas* e do *pois*, que atuam, preferencialmente, nos domínios modais.

Sem dúvida, a identificação do domínio preferencial de atuação dos diversos conectores trará contribuições para a descrição semântica desses recursos e permanece como um dos principais objetivos do projeto da Gramática contrastiva.

A maior dificuldade encontrada na análise dos domínios semânticos em que se realizam as conexões são os casos de ambigüidade. Para tentar sanar essa dificuldade, Blühdorn (2007) estabelece hipóteses sobre a correlação entre a maior integração sintática e prosódica e a atuação no domínio temporal, bem como entre a definitude do *relatum-R* e a tendência a interpretações no domínio epistêmico. Essas correlações propostas pelo autor confirmaram-se na presente tese e parecem poder ser estendidas também para a diferenciação entre conexões temporais e deônticas. Embora essas correlações auxiliem nos casos de ambigüidade entre leituras temporais e epistêmicas ou leituras temporais e deônticas, os casos de ambigüidade entre interpretações epistêmicas e deônticas continuam sendo resolvidos com base na análise de marcas contextuais que direcionem a interpretação em um dos

domínios. É possível que, com o avanço das análises dos domínios de atuação dos conectores, criem-se também testes e ferramentas que permitam a solução dos casos de ambigüidade entre leituras epistêmicas e deônticas, o que contribuirá sobremaneira para análise de domínios semânticos em *corpora* que se caracterizam pelo planejamento simultâneo (ou quase simultâneo) à produção discursiva e que propiciam o surgimento de mais casos de ambigüidade.

O segundo critério empregado pelo modelo para a análise semântica dos conectores é a diferenciação do tipo de relação. O modelo distingue entre relações de similaridade, situamento, condição e causa. Nesta tese, foram analisados apenas os conectores responsáveis por estabelecer relações de causa ou condição. O fato de o modelo adotado basear a distinção entre essas duas classes no conceito de valor aberto ou fixo do resultado é produtivo por desvincular a identificação das construções condicionais do uso de um determinado conector ou classe sintática. Dessa forma, conectores que normalmente não são discutidos pela tradição gramatical como condicionais, como é o caso da preposição *para*, podem ser analisados em comparação com o conector condicional prototípico *se*.

O último critério utilizado para a caracterização semântica das relações de causa e condição é a identificação do valor modal. De acordo com o modelo adotado, para que uma causa ou condição seja considerada necessária, suficiente ou ambos, deve haver marcas contextuais explícitas que caracterizem esse valor modal na conexão, exceto no caso dos conectores concessivos que marcam um de seus *relata* como uma contracausa/contracondição insuficiente. Com base nesse critério, a análise dos conectores do *corpus* mostrou que, na maior parte dos casos, o valor modal não é marcado. Nos poucos casos em que há marcas de suficiência ou necessidade na conexão, foi possível detectar uma correlação entre a marca de

suficiência e o domínio deôntico e a marca de necessidade e o domínio temporal. Para verificar se essa correlação se sustenta, seria relevante realizar um estudo com base em um *corpus* mais marcado deonticamente, como, por exemplo, o discurso publicitário e verificar se, de fato, as marcas de suficiência estão mais presentes.

Além de estabelecer critérios sintáticos e semânticos para a análise, o modelo também propõe a combinação de ambos para a definição das categorias dos conectores. Nesta tese, as sete categorias identificadas originalmente no modelo foram ampliadas para poder dar conta das diferentes possibilidades de combinação de papéis temáticos nos três domínios (temporal, epistêmico e deôntico), nos dois tipos de relação (causal e condicional) e nas duas configurações identificadas (padrão e invertida). Essa categorização explicita as proximidades e as divergências de atuação dos diferentes conectores e oferece novas possibilidades de interpretação de questões já bastante discutidas na literatura como, por exemplo, as similaridades no comportamento dos conectores *já que* e *pois* (cf. Vogt, 1989; Guimarães, 1987).

Com esta exposição, procurou-se demonstrar que, embora ainda existam alguns pontos de dificuldade para a aplicação do modelo, ele agrupa uma série de ferramentas analíticas que são úteis para a compreensão do comportamento sintático, semântico e discursivo dos conectores da língua portuguesa e merecem ser aplicadas em futuras pesquisas. Além disso, por partir de critérios explícitos e bem delimitados, o modelo propicia comparações entre a atuação dos conectores em diferentes línguas, o que é o principal propósito da *Gramática contrastiva alemão-português: conectores*.

As contribuições desta tese para a caracterização do gênero discursivo fórum eletrônico são menos expressivas, visto que se fundamentam apenas no

comportamento dos conectores de causa e condição. Entretanto, acredita-se ter sido possível demonstrar que algumas especificidades já identificadas por outros pesquisadores, como a argumentatividade e a escolha do registro informal em interações virtuais, também puderam ser observadas nos fóruns eletrônicos do Orkut, sugerindo que essas características parecem estar se firmando como estabilidades estilísticas e composicionais desse gênero discursivo.

Cabe ressaltar, no entanto, que a característica essencial dos fóruns de promover a discussão em torno de uma questão social controversa em busca de uma solução coletiva para um dado problema (cf. Xavier e Santos, 2005) parece estar mais rarefeita nos fóruns que se realizam nessa rede de relacionamento, o que indica que a função social do gênero fórum eletrônico no Orkut é distinta daquela reconhecida em outros fóruns que se realizam na Internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.-M. *Éléments de linguistique textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.

_____. Cadre théorique d'une typologie séquentielle. *Études de linguistique appliquée. Didactologie des langues-cultures*, Paris, Didier Érudition, n. 83, p. 7-18, juillet-septembre, 1991.

_____. *Les texts: types et prototypes – récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Editions Nathan, 1992.

AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção de ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE, M. L. C. V. O. *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. Textos construídos na *internet*: oralidade ou escrita? In: SILVA, L. A. da. (Org.) *A língua que falamos – Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Editora Globo, 2005a. p. 15-30.

_____. O ensaio jornalístico e a representação da ideologia. *Revista da Anpoll*, Campinas, n. 19, p. 79-95, 2005b.

_____. Cartas do editor em revistas brasileiras: marcas de envolvimento. In: PRETI, D. (Org.) *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 129-160.

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. *Langages*, Paris, Didier-Larousse, n. 42, p. 5-27, 1976.

_____. Deux mais en français? *Lingua*, n. 43, p. 23-40, 1977.

ANTOS, G. Texte als Konstitutosformen von Wissen Thesen zu einer evolutionstheoretischen Begründung der Textlinguistik. In: ANTOS, G.; TIETZ, H. (Orgs.). *Die Zukunft der Textlinguistik. Traditionen, Transformationen, Trends*. Tübingen: Niemeyer, 1997. p. 43-63.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. *Construction de la référence et stratégies de désignation*. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

AQUINO, Z. G. O. de. Diálogos da mídia – o debate televisivo. In: PRETI, D. (Org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005, p. 171-193.

BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 4. ed. Berna: A. Francke, 1965.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, E. M. de *Nova gramática de língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1985.

BATHIA, V. K. Genre analysis today. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, Bruxelles, v. 75, p. 629-652, 1997.

BATISTA, C. P. *A influência da linguagem dos chats em bilhetes trocados por alunos em sala de aula*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BEAUGRANDE, R. *Text, discours, and process*. London: Longman, 1980.

_____. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Alex, 1997.

_____.; DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.

BECHARA, E. *Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1954.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BENVENISTE, E. Les relations de temps dans le verbe français. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*. v. i. Paris: Gallimard, 1966. p. 237-250.

BIRNER, B.; WARD, G. *Information status and noncanonical word order in English*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

BLÜHDORN, H. *A codificação de informação espacial no Alemão e no Português do Brasil. Adposições e advérbios como meios para especificar relações estáticas*. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. Zur Semantik der Konjunktion *als*. Paradigmatische und syntagmatische Aspekte. In: HENTSCHEL, E. (Ed.). *Particulae Collectae. Festschrift für Harald Weydt zum 65. Geburtstag*. *Linguistik online* 13, 1/2003. p. 11-53.

_____. *A sintaxe dos conectores* [Syntax der Konnektoren]. Mannheim, Institut für Deutsche Sprache, manuscrito, (2006a).

_____. *A categorização semântica dos conectores* [Semantische Kategorisierung der Konnektoren]. Mannheim, Institut für Deutsche Sprache, manuscrito, (2006b).

_____. Epistemische Lesarten von Satzkonnektoren – Wie sie zustande kommen und wie sie erkennt. In: POHL, I. (Org.). *Semantik vs. Pragmatik oder Semantik und Pragmatik?* Frankfurt: Lang, 2007.

_____.; BREINDL, E.; WAßNER, U. H. (Eds.). *Brücken schlagen. Grundlagen der Konnektorenssemantik*. Berlin: de Gruyter, 2004.

BOLTER, J. D. *Writing space: the computer hypertext and history of writing*. Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1991.

BRANDÃO, H. N. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: _____ (Coord.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 17-45.

BRONCKART, J. P. Interactions, discours, significations. *Langue Française*, Paris, Larousse, n. 74, p. 29-50, 1987.

_____. *Atividades de linguagens, texto e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

BROWN, P. J. Hypertext – the way forward. In: VAN VLIET, J. C. (Ed.) *Document manipulation and typography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 183-191.

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CAMACHO, R. G. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português falado*. v. vii. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 351-405.

CARONE, F. de B. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, M. M. de. *A construção do discurso no gênero entrevista com convidados na internet*. Revista Letra Magna (Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura), ano 2, n. 3, 2005.

_____. Discussões on-line - estratégias de argumentação em debate. *Linha d'Água*, n. 18, 2005.

CHAFE, W. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: LI, C. N. (Ed.) *Symposion on subject and topic*, Santa Barbara/California: Academic Press: 1976. p. 25-55.

_____. How people use adverbial clauses. In: Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1984. p. 437-449.

_____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Eds.). *Literacy, Language and Learning. The nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Coords.). *O texto: leitura e escrita*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002. p. 39-90.

_____. PETÖFI, J.; SÖZER, E. (Eds.). *Text and discourse connectedness*. Hamburg: Bruske, 1989.

COSTA, S. R. Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*, v. 4, n. 1, p. 43-49, jan./jun. 2000.

COSTA VAL, M. da G. *Redação a textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Repensando a textualidade. In: Fórum de Estudos Lingüísticos, 4, Rio de Janeiro, 1999.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DANBLON, E. *La fonction persuasive. Anthropologie du discours rhétorique, origins et actualité*. Paris: Armand Colin, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. In: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 11-37.

DIESSEL, H. The ordering distribution of main and adverbial clauses: a typological study. *Language*, Paris, Didier-Larousse, v. 77, n. 3, p. 433-455, 2001.

_____. Competing motivations for the ordering of main and adverbial clauses. *Linguistics*, v.43, n. 3, p. 449-470, 2005.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

DUCROT, O. *Princípios de semântica lingüística. Dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. Analyses pragmatiques. *Communications*, n. 32, p. 11-29, 1980.

EVANGELISTA, M. C. R. G. *A modalidade em redações escritas por aprendizes brasileiros de alemão*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ERICKSON, T. Social interaction on the net: virtual community as participatory genre. In: Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Science, v. 4, p. 13-21, 1997.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. A crônica de Lima Barreto: dialogismo fala/escrita. In: PRETI, D. (Org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005, p. 325-343.

_____. A linguagem radiofônica: a interação locutor/ouvinte. In: PRETI, D. (Org.) *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2007. p.187-207.

_____.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

_____.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FRAWLEY, W. *Linguistic semantics*. Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1992.

GERALDI, J. W. *Se a semântica fosse também pragmática... Ou para uma análise semântica dos enunciados condicionais*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1978.

GIORA, R. Segmentation and segment cohesion: on the thematic organization of a text. *Text*, v. 3, n. 2, p. 155-181, 1983. .

GIVÓN, T. *Syntax. A functional-typological introduction*. v. ii. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções em português*. Campinas: Pontes, 1987.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Orgs.). *Syntax and semantics*. v. 3 – Speech Acts. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

GRILLO, S. V. De C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 133-160.

GRIZE, J. B. *De la logique à l'argumentation*. Genebra: Droz, 1982.

_____. *Logique et langage*. Gap/Paris: Ophrys, 1990.

GROZ, B. J. Focusing and description in natural language dialogues. In: JOSHI, A.; WEBBER, B.; Sag, I. (Eds.). *Elements of discourse understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. p. 85-105.

HAIMAN, J. Conditionals are topics. *Language*, Paris, Didier-Larousse, v. 54, n. 3, p. 564-589, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HAMBLIN, C. *Fallacies*. London: Methuen, 1970.

HAWKINS, J. A. A parsing theory of word under universals. *Linguistic Inquiry*, v. 21, n. 2, p. 223-261, 1990.

_____. Syntactic weight versus information structure in word order variation. *Linguistische Berichte*, (Sonderheft 4), p. 196-219, 1992.

_____. *A performance theory of order and constituency*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. Some issues in a performance theory of word order. In: SIEWIERSKA, A. (Ed.) *Constituent order in the languages of Europe*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 729-780.

_____. The relative order of prepositional phrases in English: going beyond manner-place-time. *Language Variation and Change*, 11, p. 231-266, 2000.

HEINE, B.; HÜNNEMEYER, B.; CLAUDI, U. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINEMANN, W.; VIEHWEGER, D. *Textlinguistik. eine Einführung*. Tübingen: Niemeyer, 1991.

HENGEVELD, K. Layers and operators in functional grammar. *Journal of Linguistics*, v. 25, p. 127-157, 1989.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE (Eds.). v. 1, p. 17-35, 1991.

_____; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JAKOBSON, R. Lingüística e poética. In: _____. *Lingüística e comunicação*. Tradução Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1969. p. 118-162.

KELLER, R. Der Wandel des weil. Verfall oder Fortschritt? *Sprache und Literatur in Wissenschaft und Unterricht*, v. 24, n. 71, p. 2-12, 1993.

_____. The epistemic weil. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (Eds.) *Subjectivity and subjectivisation: linguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 16-30.

KOCH, I. G. V. *A Coesão textual*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Argumentação e linguagem*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *Delta*, n. 14, p. 169-190, 1998.

- _____.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOMESU, F. Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.
- LANG, E. *The semantics of coordination*. Tradução John Pheby. Amsterdam: Benjamins, 1984.
- LANGACKER, R.W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford: Standford University Press, 1987.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MAINGUENEAU, D. Os conectivos argumentativos. In: _____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes e Editora da Unicamp, 1997. p. 159-185.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
- _____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. In: GELNE VII Jornada do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.
- _____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEREDO, J. C. (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 87-111.
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.
- _____.; XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARTINS, C. *Estratégias discursivas em debates políticos: a manipulação dos enquadres*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1986.
- McKNIGHT, C. et al. *Hipertext in context*. New York: Cambridge University Press, 1991.
- MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: Edusc, 2002.

MILLER, C. R. Genre as social action. *The Quarterly Journal of Speech*, v. 70, n. 1, p. 151-167, 1984.

MOESCHLER, J.; SPENGLER, N. Quand même: de la concession à la refutation. *Cahiers de linguistique française*, n. 2, p. 92-111, 1981.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets du discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN. *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 273-305.

NEVES, M. H. de M. As construções causais. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português falado*. v. vii. São Paulo: Humanitas, 1999a. p. 461-496.

_____. As construções condicionais. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português falado*. v. vii. São Paulo: Humanitas, 1999b. p. 497-544.

_____. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português falado*. v. vii. São Paulo: Humanitas, 1999c. p. 545-591.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, G. P. de. *Ciberespaço, conexões, interatividade: um ensaio sobre pessoas que usam tecnologias*. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups/fitxacom_publica2.php?idioma=es&id=225&grup=46>. Acesso em: 7 nov. 2007.

ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu funcionamento, as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAIVA, V. L. M. de O. e.; RODRIGUES JUNIOR, A. S. Fóruns on-line: intertextualidade e footing na construção do conhecimento. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de. (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 171-189.

PARRET, H. *A Estética da comunicação*. Tradução Roberta Pires de Oliveira. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PASCH, R. et al. Handbuch der deutschen Konnektoren. In: *Linguistische Grundlagen der Beschreibung und syntaktische Merkmale der deutschen Satzverknüpfen (Konjunktionen, Satzadverbien und Partikeln)*. XXIII/800 S. Berlin/New York: de Gruyter, 2003.

PERELMAN, C. *L'empire rhétorique. Rhétorique et argumentation*. Paris: Vrin, 1977.

_____.; OLBRECHT-TYTECA, L. *Traité de l'argumentation, la nouvelle rhétorique*. Paris: PUF, 1958.

PEZATTI, E. G. O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção? *Delta*, São Paulo, v. 17, p. 81-95, 2001.

_____. As construções conclusivas no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.) *Gramática do Português falado*. v. viii. Campinas: Unicamp, 2002. p. 185-225.

PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: Edusc, 2002. p. 259-290.

PLANTIN, C. *L'argumentation*. Paris: PUF, 2005.

PRINCE, E. Towards a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.) *Radical pragmatics*. New York: Academic, 1980. p. 223-256.

REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. Toronto: Collier Macmillan, 1947.

REINZI, L. (Org.). *Grande grammática italiana de consultazione*. v. ii. Bologna: Il Mulino, 1991.

RICKHEIT, G. et al. Economical principles in coherence management: A cognitive systems approach. In: RICKHEIT, G.; HABEL, C. (Orgs.). *Focus and coherence in discourse processing*. Berlin: de Gruyter, 1995. p. 170-189.

RISSO, M. S. O articulador discursivo *então*. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.). *Gramática do Português falado*. v. iv. São Paulo: FAPESP / Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 423-451.

SCHADE, U. et al. Kohärenz als Prozeß. In: RICKHEIT, G. (Org.). *Kohärenzprozesse. Modellierung von Sprachverarbeitung in Texten und Diskursen*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1991. p. 7-58.

STROHNER, H.; RICKHEIT, G. Kognitive, kommunikative und sprachliche Zusammenhänge: eine systemtheoretische Konzeption linguistischer Kohärenz. *Linguistische Berichte*, v. 125, p. 3-23, 1990.

SWALES, J. M. *Genre analysis. English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, S. A. "Subordination" and narrative event structure. In: TOMLIN, R. (Ed.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 435-454.

TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TOSCA, S. P. Escribir hipertexto audiovisual. In: GARRIDO, J. (Org.) *La lengua y los medios de comunicación – Actas del Congreso Internacional celebrado en la*

Universidad Complutense de Madrid en 1996. v ii. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1999. p. 575-586.

TOSCANO, M. E. S. Orkut: o hipertexto da socialização. In: II Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso e VIII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não Verbal, 2007, São Paulo: Universidade de São Paulo, agosto de 2007.

TOULMIN, S. E. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967.

VIGNAUX, G. *L'argumentation, essai d'une logique discursive*. Genebra: Droz, 1976.

_____. *As ciências cognitivas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

VOGT, C. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____.; DUCROT, O. De *magis* a *mas*: uma hipótese semântica. In: VOGT, C. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1989.

WALTON, D. *A pragmatic theory of fallacy*. Tuscaloosa-Londres: The University of Alabama Press, 1995.

XAVIER, A. C. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2002.

_____. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____.; SANTOS, C. F. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*, v. 4, n. 1, p. 51-57, jan./jun. 2000.

_____.; SANTOS, C. F. *E-forum* na Internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 30-38.

YATES, S. J. Computer-mediated communication. The future of the letter? In: BARTON, D.; HALL, N. (Eds.). *Letter writing as a social practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 233-251.

ZOPPI-FONTANA, M. Retórica e argumentação. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006. p. 177-210.

ANEXO A

Este anexo inclui os dez fóruns eletrônicos do Orkut analisados nesta tese. As postagens foram rediagramadas para facilitar a visualização do texto, mas sem que fossem feitas alterações no seu conteúdo. Todas as fotos foram substituídas por ícones e os nomes foram trocados, em respeito à privacidade dos participantes. Para contextualizar os fóruns recolhidos, também foram incluídas neste anexo as páginas de abertura das comunidades em que se realizaram os fóruns.

[Início](#) | [Amigos](#) | [Mensagens](#) | [Comunidades](#) | [Pesquisar](#) | [Notícias](#)

angelo@gmail.com | [Configurações](#) | [Ajuda](#) | [Sair](#)

que está havendo com o mundo

descrição: Sua participação nesta comunidade pressupõe que aceita as regras da mesma.

Esta comunidade é para pessoas que não entendem o que está havendo com o mundo.

Você já deve estar cansado de perguntar:

Cadê o respeito pelo Meio Ambiente?

E a desigualdade social, quando vai acabar?

Cadê o respeito entre as pessoas, porque o ser humano está tão DESUMANO?

Racismo, preconceito, miséria, guerra em pleno século XXI, não dá para acreditar!

Se você está cansado junte-se à nós!

Vamos propor alternativas, questionar, colocar nossas dúvidas e críticas sobre a situação do mundo.

Tópicos com correntes, jogos ou com links de outras comunidades serão deletados!

Por favor, antes de abrir novo tópico veja se sua opinião não se encaixa em um já existente.

REGRAS: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=123262&tid=2521685145444234763>

Grupos de Ação: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5265306>

Idioma: **Português**

categoria: Outros

dono: [Moderação](#)

mediadores: [moderação](#), [Inanna](#), [Renato](#), [GABi](#)

tipo: pública

fórum: não-anônimo

local: Porto Alegre, Brasil

criado em: 28 de Junho de 2004 01:08

membros: 682.715

membros (682.715)

[ver membros](#)

comunidades relacionadas

tópico

tópico	postagens	última postagem
<td>539</td> <td>04/06/07</td>	539	04/06/07
<td>694</td> <td>04/06/07</td>	694	04/06/07
novo tópico ver todos os tópicos		

votar nesta enquete

O que a classe política sugere a você?

Criado por: [Bruno](#)

Fim da votação: 9 Jun (em 5 dias)

☐ **Esperança no futuro da nação.**

☐ **Descrédito quanto ao futuro da nação.**

☐ **Gostaria de viver em outro país.**

☐ **Nem sei o que pensar...**

☒ Meu voto está visível para os outros usuários

[votar](#) [mostrar resultados e comentários](#)

[nova enquete](#) [ver todas as enquetes](#)

eventos

titulo	local	quando
<td>Sua cidade</td> <td>15 horas atrás</td>	Sua cidade	15 horas atrás
<td>Sua cidade</td> <td>em 8 horas</td>	Sua cidade	em 8 horas
novo evento ver todos os eventos		

serviço filiado ao Google

orkut in english | Sobre o orkut | Centro de segurança | Privacidade | Termos de uso

	first	< previous	next >	last
Ricardo	Não credito na recuperação do mundo - E Você? 4/18/2005 12:13 PM Eu não acredito que o mundo possa ter solução, é possível sim que em um dado momento um país ou outro possa ter sua condição social melhorada, mas nunca para todos. Sempre haverá uma parcela (a maioria) que será explorada, ou seja, trabalhará para sustentar uma minoria. Você acredita que o mundo pode ter uma solução? Há uma forma verdadeiramente viável para o mundo emergir deste caos a que se encontra? Mas não se esqueça de que desde que o mundo é mundo, temos estas GIGANTESCAS - disparidades. Tem sempre uma multidão sofrendo para dar boa vida a poucos. É a tal pirâmide que sempre existiu e nunca na História conhecida da HUMANIDADE, esteve de cabeça para baixo.
Letícia	peessoas q n acreditam em nda 4/28/2005 11:34 PM "Desde que o mundo é mundo existem as disparidades...", "Desde que o mundo é mundo existem os pobres"... Essas sao as típicas frases de pessoas que nao acreditam no mundo e, nao acreditando no mundo, acabam nao fazendo nda por ele e pior ainda, ACEITANDO essa injustiça. Pessoas que se acostumaram a ver as desigualdades sociais, pessoas que se acostumaram a ver outras pessoas morrendo de fome, passando frio, sem as minimas condições de higiene para viver. A injustiça social, desigualdades, pobreza, fome, como quiserem chamar, vai sempre me escandalizar, e nunca aceitarei essa condição de mundo, tentarei, de todas as formas, fazer alguma coisa pra mudar oq está errado... A sociedade passa pra nós a ideia que o mundo nao pode ser mudado, porque assim, ninguem faz nda mesmo pra mudar-lo e tdos acabam aceitando a corrupção, as injustiças... Eu nao consigo olhar pra essa foto e nao acreditar que o mundo nao pode mudar, acreditar que isso é normal, que sempre existiu; pq isso vai sempre me escandalizar e nao aceitarei jamais...
Anonymous	4/29/2005 2:45 AM Acredito sim! Mas não dá paa se resolver tudo de uma hora pra outra! Os problemas que há são tudo por culpa da natureza humana. É necessário lembrar que a evolução não parou e que dificilmente um dia pare. Sistemas tais como o Socialismo e o Anarquismo pregam uma organização social muito conveniente para resolver os problemas sociais. Contudo ainda são muito utópicos para o ser humano, uma vez que o Capitalismo se instalou de forma natural, enquanto o Socialismo foi "pregado". O Anarquismo pode até se considerado natural, já que muitos animais se organizam dessa forma e existem pequenas sociedades no mundo que o utilizam também; mas o problema é que ele somente se aplica, quando se trata de ser humano, há pequenas sociedades. Não dá pra fazer com que um paí do tamanho do Brasil passe a ser Anarquista do dia pra noite. Todos os problemas vão se ajustando gradualmente, e própria natureza contribui, mesmo que d uma forma um tanto quanto "brutal".
Letícia	4/29/2005 4:13 AM Concorro com o tópico acima, pois os sistemas sociais estao evoluindo ainda. O Capitalismo é ainda um bebe... No sistema social precedente ao capitalismo se uma pessoa nascesse pobre, morreria pobre sem jamais ganhar nda na vida... hoje, no capitalismo se uma pessoa que nasce pobre pode almenos se tornar rica, seja trabalhando, ganhando na loteria, ou de qualquer outra forma. O que antes nao acontecia, agora já acontece. O Capitalismo é um sistema ainda jovem e que pode evoluir... tem que evoluir.
Denis	Acredito 4/29/2005 4:56 AM Na verdade não importa se agente acredita na mudança do mundo ou não, mesmo que aconteça nós não a veremos. Temos que fazer o possível pra melhorar o mundo agora para as gerações do futuro. A base do capitalismo é a injustiça, e não se pode tirar justiça da injustiça. Eu quero que os meus filhos vivam num mundo melhor, mas infelizmente não podemos mudar o mundo mudando apenas a nós mesmos.
Bruna	Eu acredito sim!! 4/29/2005 1:21 PM Eu realmente acredito que o mundo pode melhorar, é so todas as pessoas como nós tentarmos mudar o modo das pessoas verem o mundo, mostrar que as coisas são belas apesar de tanto sofrimento, tanta fome, injustiça. Se todos desistirem aí sim o mundo não muda nunca!!! é por isso q eu acredito, e luto para q isso aconteça!!			

	first	< previous	next >	last
Letícia	<p>p/ denis 4/29/2005 3:03 PM</p> <p>E' mudando nós mesmos que conseguiremos fazer alguma pelo mundo. Pois a injustiça muitas vezes existe porque nós nao fazemos nda para mudar. A sociedade é feita por nós mesmos... entao se acreditamos que o mundo pode mudar e que podemos fazer alguma coisa pra que isso aconteça, è já alguma coisa.. isso è um valor, e melhorariamos muito o mundo se passasemos aos nossos descendestes esses valores... pois nós podemos nao ver a recuperaçao do mundo, mais quem sabe eles sim...</p>
Mariana	<p>CLARO Q NUM ACREDITO, VAMUS SER REALISTAS.... 4/29/2005 6:25 PM</p> <p>Bom, o mundo realmente nunca foi bom nem nunca sera, eh claro q pode-se melhorar certas coisas, mas, sempre existirá a violencia, a miseria e etc....</p> <p>isso se deve pelo simples fato do ser humano nu fundu não kerer a igauldade, nós não keremos ser iguais, keremos ser us melhores, eh uma eterna competição, para um rei reinar, o otro tem q morrer, eh um estintu, somos como animais, não podemos negar issu, não presisamos só d comida, keremos a melhor casa e a melhor TV tbm, não neguem...para exsistir a igualdade, todo mundu teria q abrir mão du q conquistou e os preguiçosos? sairiam nu lucro...SERA MESMO Q VC ABRIRIA MÃO PRA SE TOR-ANAR IGUAL? PRA SE TORNAR MAIS UM?</p> <p>O negócio eh estudar, se esforçar e sobreviver....e, em vez d kerer mudar u mundu inteiru, ajude u q esta a seu alcance....começandu por dentro d vc mesmo, depois, pense no mundo!</p>
Walter	<p>4/29/2005 7:00 PM</p> <p>A mudança do mundo comeca conosco, se nunca acreditarmos que o mundo possa melhorar, intao realmente ele naum vai.... mas nos podemos mudar o mundo comecando por nos mesmos, pode naum surtir um efeito visível, mas toda ação que fazemos muda de uma forma o que esta em nossa volta... intão se queremos uma melhora no mundo, nos devemos ser a melhora. É tudo uma questão de consciência mundial.. de amor pela vida!</p>
Rebeca	<p>Eu acredito 4/29/2005 7:14 PM</p> <p>No dia que as pessoas aprender a respeitar os animais e a natureza aprenderão tbem a respeitar o ser humano e entender qual a finalidade de estarmos aqui neste planeta, dividir o amor é multiplicar a paz.</p>
Mario	<p>È claro que sim !!! 4/30/2005 5:02 AM</p> <p>Acredito sinceramente na recuperação do mundo e que este nosso planetinha azul tem todo o potencial para se tornar o paraíso na terra. Mas tbm acredito que seja necessária uma mudança de postura e vibração global e que a fraternidade seja uma regra por todos praticados. Mas vale lembrar que não teremos como fugir das consequências dos nossos desatinos, principiamente os referentes ao Meio Ambiente e a nossa e futuras gerações irão ter que pagar por isso. Sugiro a leitura de JAN VAL ELLAM.] Amor,luz e paz</p> <p>Mario.</p>
Osvaldo	<p>ACREDITO 4/30/2005 8:42 AM</p> <p>eu acredito porque tenho convicta certeza de que apesar dos apesares o bem sempre impera. todos nós temos bondade em nosso coração, independentemente dos erros que as fazes cometemos.</p> <p>as pessoas não acreditam na recuperação do mundo, porque a televisão não se interessa em colocar as milhares de campanhas e mutirões que são feitos pelo mundo todo, por exemplo. a televisão só nos mostra o outro lado da moeda porque sabe que dá mais ibope.</p> <p>se formos pensar que não há recuperação do mundo, não teremos porque tentar debater estes assuntos nesta comunidade então. Temos que, primeiramente, entender que o processo é lento, mas que, acima de tudo, não deixa de ser possível.</p>
Kleber	<p>Tb acredito 4/30/2005 4:33 PM</p> <p>E creio ainda q se apenas 20% da população mundial mudar, já causa o efeito em escala geométrica q influenciará a vida de todo o planeta! Não é necessário q 100% das pessoas mude, "basta" chegar a essa massa crítica de consciência por mudança q o efeito dominó se encarrega do resto...</p> <p>A questão é gerar essa cosnsciência no próximo através do próprio exemplo. Sejamos o exemplo da mudança q queremos ver no mundo. Fiquem na Paz.</p>			

	first	< previous	next >	last
Josué	Meus amigos... 4/30/2005 11:32 PM o mundo só está colhendo o que nós homens semeamos... só acabará com o JUIZO FINAL... que ja está proximo... acreditem... tudo acabara com o JUIZO FINAL!!!
Luis Felipe	essas piadas ainda me matam de rir 5/1/2005 12:05 AM O mundo vai mudar pra melhor? qnd isso? Como dizia Bezerra da Silva, só qnd morcego doar sangue e o saci cruzar as pernas, essa é que é a real, e vai saber se num é pra ser assim mesmo, é só acompanhar o desenvolvimento das coisas, aqui no Brasil falavam que num podia ter furacão e já teve, e aquele Tsunami lá do nada ,foi oque? Vamos se ligar galera, o mundo tá caminhado pra mais um fim de uma era isso sim. “Sete dias e noites jogados no lixo, no pecado de Eva o fim do mundo teve início” *Fação central.
Taty	o mundo apenas mudou de época! 5/1/2005 12:17 AM Acredito que o mundo só tenha mudado de época...Uns com consciência, outros mesquinhos... O que falta? O dilúvio? A luta é uma luta incansável! Sempre será este ciclo...Nós ajudamos, depois nossos filhos e assim por diante... Não sei se existirá o fim do mundo... Acho que sempre existirá um fim...De ciclo para todos nós! A recuperação do mundo depende muito da recuperação do crédito! As coisas acontecem conforme vamos crendo... Porque somente assim...Faremos algo... Se não acreditarmos mais... Não podermos lutar por nada! Este sim seria o fim... Mas o ciclo... Não pode parar... Sempre estaremos Protegidos por pessoas que levam seus ideais e crenças...Pelo universo a fora! Eu creio no mundo!
Kleber	Lindo Taty! 5/1/2005 4:17 AM Toh contigo e não abro! Fiquem em Paz.
Julia	5/1/2005 8:53 AM Eu infelizmente não acredito mais...
David	5/1/2005 5:59 PM Talvez um paraíso na Terra nao vai haver, mas não é isso o q importa, certo?
Luis Felipe	fazer x dizer 5/1/2005 6:49 PM Falar que eu não acredito mais na recuperação do mundo, não significa que eu num faça ou num tente fazer nada para melhora-lo, e nem que eu estou contribuindo para o fim dele, pq acho que tem gente aqui que está pensando isso, se eu não creio não faço nada! Não creio pq os fatos me obrigam a não crer, e isso só num ver quem num quer, mais tem mutia gente que quer mudar o mundo, mas não pensa em mudar a si próprio, e isso faz muita diferença.			

[Início](#) | [Amigos](#) | [Mensagens](#) | [Comunidades](#) | [Pesquisar](#) | [Notícias](#)

[angelo@gmail.com](#) | [Configurações](#) | [Ajuda](#) | [Sair](#)

orkut

- participar
- ver fórum
- ver enquetes
- ver eventos
- convidar amigos
- denunciar abuso

Ministério Público

descrição: Recebeu o Ministério Público a destinação de defender o ordenamento jurídico, a democracia e os interesses indisponíveis, sejam eles sociais ou individuais. Devendo zelar, em suma, pelo interesse público primário.

Assim, o desenvolvimento dessa instituição está no encontro do termo justo entre a razão e a utopia, conciliando um modo de produzir e aplicar um 'direito' ainda não inteiramente superado. Bem como, também, busca respostas a funções jurídicas inteiramente inovadoras.

Vamos centrar as forças em elucidar questões polêmicas e controvertidas para melhor conhecer e aprender o Direito, bem como aprender mais sobre esta instituição permanente que é o Ministério Público - essencial à função jurisdicional do Estado.

Pelamordedeus, não use essa comunidade para sanar seus problemas pessoais e, sim, procure um advogado.

idioma: **Português**

categoria: Governo e Política

dono: [Clayton](#)

tipo: moderada

fórum: não-anônimo

local: Brasil

criado em: 29 de Maio de 2004 17:51

membros: 11.796

fórum

tópico	postagens	última postagem
Alguém pode discutir estes assunto?	2	04/06/07
Questão do MP-RJ	2	04/06/07
Estudante de Direito impetra "habeas-carrum"	20	04/06/07
PROGRESSÃO DE REGIME NOS CRIMES HEDIONDOS?	2	03/06/07
Ganhar menos q salario mínimo. E justiça concente	1	30/05/07

[novo tópico](#) [ver todos os tópicos](#)

votar nesta enquete

HÁ INCONSTITUCIONALIDADES NA NOVA LEI DE ENTORPECENTE?...

A NOVA LEI DE ENTORPECENTE CONTRARIA O DEVIDO PROCESSO LEGAL?...

Criado por: [octavio cesar](#)

☐ EXISTE CERCEAMENTOS DE DEFESA NA NOVA LEI ?

☐ DIFICULTA A DEFESA OU A ACUSAÇÃO TAL LEI?...

☐ COMO FICA A PROGRESSÃO PENAL FRENTE A NOVA LEI?...

☐ A CONDIÇÃO DE USUÁRIO GERA SEMI-IMPUTABILIDADE?

☒ Meu voto está visível para os outros usuários

[votar](#) [mostrar resultados e comentários](#)

☐ COMO FICA A PROGRESSÃO PENAL FRENTE A NOVA LEI?...

☐ A CONDIÇÃO DE USUÁRIO GERA SEMI-IMPUTABILIDADE?

☒ Meu voto está visível para os outros usuários

[votar](#) [mostrar resultados e comentários](#)

[nova enquete](#) [ver todas as enquetes](#)

eventos

título	local	quando
ONG MAIS CRIANÇA	Porto Alegre - RS	em 6 meses

[novo evento](#) [ver todos os eventos](#)

membros (11.796)

[Cassio \(202\)](#)

[Daniel \(271\)](#)

[Nilo \(635\)](#)

[Sarah \(485\)](#)

[Gustava \(432\)](#)

[Adriana \(353\)](#)

[Gisella \(600\)](#)

[Ricardo \(81\)](#)

[ver membros](#)

comunidades relacionadas

[Estatuto da Comunidade \(0\)](#)

[serviço filiado ao Google](#)

[orkut in english](#) | [Sobre o orkut](#) | [Centro de segurança](#) | [Privacidade](#) | [Termos de uso](#)

	first	< previous	next >	last
Pedro	Poder investigatório do MP. 11/19/2004 5:38 AM O assunto ainda está em pauta no STF, mas a tendência é o reconhecimento do poder de investigação ao Ministério Público. Dê sua opinião e fundamente. Em minha singela opinião o MP pode investigar, pois quem pode o mais, também pode o menos, ou seja, se o MP é o titular da ação penal e pode acionar o acusado, o MP também pode investigar a ocorrência de crimes. Este é apenas um dos argumentos. Digam suas opiniões também.Ok?
Gilberto	Quem pode o mais pode o menos... 11/20/2004 7:21 PM Seguindo a linha de raciocínio quem pode o mais pode o menos, devemos então chegar à conclusão de que o juiz, que pode mais que o promotor, ou seja, julgar, também pode o menos: oferecer denúncia... Desculpe, Pedro, mas esse argumento não me convenceu. Um abraço.
Henrique	11/21/2004 5:47 AM Desculpe-me, Gilberto, mas seu argumento também não foi convincente, pois ao Magistrado cumpre julgar a lide, dizer o direito, não significando, em momento algum, que este é o titular de toda relação processual para poder agir conforme entenda melhor. Tanto que sua posição, em regra, é inerte, só podendo agir de ofício em situações excepcionais (destaque-se que tal excepcionalidade foi asseverada em recente julgado do STF) previstas na própria legislação, não existindo mais o processo judiciali-forme. Juiz não é parte, é sujeito processual. A este cumpre agir mediante provocação. E, convenhamos, em última instância a atividade policial já é subordinada ao Ministério Público nos casos de ação civil pública, pois tudo que é produzido no inquérito policial serve para informação deste, podendo, ademais, o membro do MP REQUISITAR as diligências que entender necessárias. Neste ponto, entendo totalmente anacrônica a legislação brasileira, que deveria integrar a atividade policial ao Ministério Público, o que certamente diminuiria a burocracia e tornaria mais eficiente o combate à criminalidade no Brasil. Entretantes, o lobby da OAB e dos Delegados de Polícia, bem como de políticos diversos, em cercear a atividade do MP vem se mostrando tão forte, quanto nebuloso, já que que, com os índices de criminalidade que o país vem apresentando, toda iniciativa que buscasse combater de forma mais eficiente o crime deveria ser louvada. Este meu último argumento é pessoal e empírico, uma opinião de como a política de combate à criminalidade deveria ser traçada. A rigor, é praticamente impossível determinar de forma puramente técnica qual a opinião que deverá prevalecer. Socorrendo-me das palavras do Ministro Eros Roberto Grau, a Constituição é dinâmica, sujeita a interpretações que variam de acordo com a situação. Vamos esperar para ver qual a interpretação que o STF dará a CF, então. Só espero que seja uma que favoreça o combate a criminalidade...
Anonymous	11/21/2004 5:38 PM Bom, no cível é lícito ao promotor proceder a investigação quando entender necessária, segundo a CF. Dessa forma, quanto ao penal, a Constituição Federal não mencionou, não proibiu nem autorizou expressamente. Assim, em razão da necessidade e seriedade com que tal questão está sendo tratada pelo MP, deve ser declarada constitucional a investigação pelo MP, visto que sua função precípua é a defesa da sociedade, guardião da constituição.
Plínio	NEGADA A INVESTIGAÇÃO CRIMINAL 11/21/2004 8:14 PM Acredito que o assunto foi definido pela reforma do Poder Judiciário, que afastou o dispositivo que expressamente consignava o poder de investigação direta do M.P. O M.P. não pode investigar na área criminal.
Henrique	11/22/2004 12:34 AM Olá, Plínio, você poderia me informar em que artigo foi inserida tal alteração? Se não for pedir demais, você poderia me informar onde você encontrou o texto definitivo da PEC 29/2000 que retornará a Câmara dos Deputados? Estou a dias o texto final após apreciação do Plenário, mas só encontro o texto com o parecer do Senador Josér Jorge antes da votação. Desde já agradecido!			

	first	< previous	next >	last
Cláudio	<p>12/14/2004 6:55 PM</p> <p>O MP tem a opção de agir de acordo com a sua própria concepção, podendo, se achar necessário, até concordar com a outra parte, como acontece muitas vezes. A defesa, independentemente da convicção do advogado sobre determinado crime (p. ex.) terá que sempre defender o interesse do réu, pois caso contrário geraria uma nulidade no processo. Já o MP, pode se manifestar livremente de acordo com a sua convicção, sem gerar nenhum tipo de nulidade, podendo até beneficiar o réu. Pois o promotor deve promover a justiça e não necessariamente a acusação.</p> <p>Além disso, o MP pode, a qualquer tempo requisitar novas diligências à polícia; qual o problema de fazê-la pessoalmente se entender que isso irá trazer mais luz em busca da verdade real??</p> <p>Entendo que as pessoas que são contra a investigação do MP, formaram suas respectivas concepções tendo em vista seu interesse próprio. Mas devemos entender que para mudar o Brasil, deveremos aceitar algumas mudanças, mesmo que seja necessário abrir mão de interesses próprios.</p> <p>Ser patriota de 4 em 4 anos, durante a copa do mundo, é muito fácil, pois somos os melhores no futebol, praticamente insuperáveis!! Mas ser patriota quando o assunto está focado sobre as partes mais podres do Brasil!!! isso sim é ser Brasileiro.</p>
Henrique	<p>12/14/2004 9:41 PM</p> <p>Só uma observação. Olhei o texto final da EC n.º 45/2004 e NÃO encontrei qualquer vedação aos poderes investigatórios do MP. Creio que que o post do nosso colega mais acima está equivocado. Então, a questão continua única e exclusivamente nas mãos do STF.</p>
Humberto	<p>Opinião com base na CF 12/15/2004 3:10 PM</p> <p>Caros Colegas, o assunto é tormentoso, porém, me posiciono a favor da investigação do MP no seguinte: muito embora a Constituição Federal não tenha dito, de forma expressa, que é permitido ao Ministério Público proceder investigações de ilícitos penais, implicitamente ela o autorizou a tal mister, o que se deduz da interpretação conjunta dos teores dos incisos III, VI e VIII, todos com fulcro no art. 129 da CF, que trata das funções institucionais do Ministério Público; além de inexistir qualquer proibição neste sentido nos demais dispositivos constitucionais. A corroborar tal raciocínio, pelo menos no âmbito estadual, basta uma simples análise do teor do artigo 144, § 1º, inciso IV, e § 4º, da Constituição Federal, para se constatar que o exercício da função investigatória não é exclusividade das polícias civis dos Estados.</p> <p>Portanto, a interpretação conjunta dos artigos 129, incisos III, VI e VIII, e 144, § 1º, inciso IV, ambos da Constituição Federal, é que responde ao questionamento daqueles que invocam a tese de ilegitimidade do Ministério Público para investigar ilícitos penais, resultando na conclusão óbvia de não exclusividade da função investigatória das polícias civis dos Estados, principalmente porque, como o exigido para a propositura da ação penal, além da justa causa, é a existência de elementos para formar a opinio delicti, faz-se mister que o Ministério Público disponha de todos os meios de investigação e de obtenção de provas, considerando ser ele o real destinatário do inquérito policial e detentor único da ação penal pública.</p> <p>Resumindo, a difundida e, porque não dizer, irritante tese de ilegitimidade do Ministério Público para investigar ilícitos penais, absolutamente nada tem de constitucional, sendo defendida somente por um grupo seleto de pessoas, ao qual somente pode interessar a impunidade, já que inexistente qualquer outro argumento, mesmo social, que possa amparar o desejado afastamento do Ministério Público das investigações, que, sem dúvida, é uma de suas funções institucionais. Abs</p>
Cláudio	<p>12/15/2004 5:26 PM</p> <p>Grande Humberto...muito bom...to contigo..</p>			

	first < previous next > last
Anonymous	<p>Com certeza! 12/15/2004 6:46 PM</p> <p>Primeiramente temos que ter em mente que o processo penal é regido pelo princípio da Verdade Real, vale dizer que qualquer pessoa pode contribuir para o esclarecimento da infração penal. Diante de tal princípio, mostra-se perfeitamente cabível a realização de investigações criminais pelo MP, já que qualquer pessoa pode averiguar elementos que possam subsidiar uma denúncia.</p> <p>A CF não atribuiu exclusivamente à Polícia Judiciária o poder de investigação. Atribuiu, sim, exclusividade na presidência do inquérito policial, mas não da investigação criminal. E nesse particular existe diferença entre os dois conceitos.</p> <p>Importante trazer à baila o voto vista do Min. Joaquim Barbosa do STF, que brilhantemente se utiliza da teoria americana dos poderes implícitos, que em síntese é: “Se a CF atribuiu ao MP a exclusividade da persecução penal em juízo, como poderia ficar o MP engessado aos trabalhos realizados pela Polícia Judiciária para instruir uma denúncia? Regra geral em processo é a de que quem demanda deve instruí-la devidamente! E se o MP tem a atribuição de ofertar a denúncia deve também, sendo possível, instruí-la devidamente, sob pena de tornar inócuo o dispositivo constitucional em face de sempre se trancar a ação penal por falta de justa causa ou prescrição intercorrente, já que, tratando-se da última hipótese, notoriamente inquéritos policiais insolúveis ficam parados por anos podendo assim ensejar a famigerada prescrição retroativa ou intercorrente.”</p> <p>Parece-me que o foco da discussão é outro quando se trata do poder de investigação. A verdade é que o MP incomoda no nosso jovem Estado Democrático de Direito. Os jovens promotores estão realizando coisas que não tem precedente na história nacional, e isso é louvável e me faz respeitar esta instituição. O que se quer é “podar as galhas” que incomodam!</p>
Plínio	<p>resposta ao henrique 12/15/2004 7:08 PM</p> <p>a fonte da informação esta em:</p> <p>http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=162335&tid=4164538</p> <p>desculpe a demora.</p>
Henrique	<p>12/16/2004 2:29 AM</p> <p>Plínio, a questão continua em aberto, então. Se não foi expressamente autorizado, também não foi expressamente proibido, ou seja, quem irá dar a palavra final à questão é o STF.</p> <p>Mas, a bem da verdade, já é tempo da estrutura pública da Justiça parar com essas picuinhas estúpidas. O delegado acha o promotor arrogante, o promotor acha o delegado incompetente, o juiz acha que o delegado e o promotor são corruptos, o promotor e o delegado acham o juiz burro e por aí vai...</p> <p>Enquanto vigorar essa mentalidade de “cada um por si e Deus contra todos” a única coisa que será ampliada é o cooperativismo de cada instituição, com conseqüente prejuízo da efetividade da Justiça. Se os juízes produzirem alguma prova de ofício e isso colabora para a efetividade da Justiça, ótimo, permita-os. Se os delegados requisitarem alguma providência em Juízo independentemente de manifestação do MP e isso colabora para a efetividade da Justiça, ótimo, permita-os. Se os promotores investigarem algo sem a participação da Polícia e isso colabora para a efetividade da Justiça, ótimo, permita-os.</p> <p>O que não pode prevalecer são essas inúmeras interpretações tortas que cada Instituição/Poder/Órgão faz da CF apenas para proteger interesses corporativos.</p> <p>Assim, se uma alternativa que traga mais efetividade à Justiça pode ser escolhida sem trazer prejuízo aos direitos e garantias individuais, nem violar qualquer preceito do ordenamento jurídico, é essa via que deve ser escolhida.</p> <p>Abraços!</p>
Anonymous	<p>A LEGITIMIDADE DO PODER INVESTIGATÓRIO DO MP 12/16/2004 5:38 AM</p> <p>Desenvolvi uma pesquisa acerca dos poderes investigatórios do MP como exigência para a conclusão do curso de direito. Nesta pesquisa fiz uma incursão no direito comparado e uma análise à luz da Constituição Pátria, concluindo pela legitimidade do MP para a realização direta da investigação criminal. Caso alguém esteja interessado, me disponho a encaminhar uma cópia da monografia.</p>

	first	< previous	next >	last
Humberto	Bianca 12/16/2004 6:00 AM Olá Bianca!!! Eu me interesse no material, meu e-mail: xxxxxx_xxxxxx@hotmail.com. Desde já agradeço Beijinhos...
Henrique	12/16/2004 6:06 AM Todo conhecimento é bem-vindo: xxxxxx.xxxxxxxx@gmail.com. Obrigado!
Cláudio	12/16/2004 1:20 PM Bianca, tmb quero ler seu trabalho. Meu e-mail é xxxxxxxx@gmail.com obrigado!!
Plínio	ao henrique... 12/16/2004 7:04 PM Sensata a sua opinião. Mas deixe que expresse a minha. Esse tema "poder direto de investigação do MP" deriva da constatação óbvia de que as estruturas policiais (militar, civil e federal) são suscetíveis de ingerência política, tais como, remoção de delegado de delegacias, punição de investigadores por delegados, remoção de praças de quartel, punição de oficiais, etc. Por isso que o MP acredita que, tendo ele garantias funcionais, tem maior poder de barganha frente às forças políticas. Entretanto, trazer para a seara do MP a investigação criminal, ainda que sob o filtro da "relevância", vai 1) abarrotar o sistema, de forma que as atividades do MP ficam prejudicadas pelo excesso de atribuições. 2) ou essa relevância vira puro arbítrio do promotor, que decide que tipo de vítima merece essa investigação relevante. A minha crença é que já está mais do que na hora de darmos aos delegados de polícia (judiciária) as mesmas garantias funcionais de juizes e promotores (irredutibilidade de vencimentos, inamovibilidade, piso salarial nacional, lei orgânica nacional...). Assim, com uma polícia judiciária forte, não teria sentido nenhum o MP investigar. Afinal, nesse país se fala de tudo, menos que os presídios andam vazios, a polícia faz o seu trabalho, mesmo precariamente. Agora, imagina o Delegado de polícia com o poder de determinar a busca e apreensão de provas independentemente de autorização judicial? Daria uma celeridade enorme ao inquérito, bem como, uma dinâmica à investigação. Mas, pergunto: QUEM QUER UMA POLÍCIA TÉCNICA E EFICIENTE? p.s.: não estou sozinho: http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=157452&tid=5153447
Vanessa	12/17/2004 8:17 AM Bom, entendo que, como o MP é o fiscal da lei e ainda o titular da ação penal, nada mais justo que seja concedido a ele esse poder de investigação, mesmo ele possuindo poder de polícia, que não tem nada a ver um com o outro... Essa opinião não passa de uma simples ideia de uma estagiaria de direito de uma das Promotorias de minha cidade...
Jairo	E O QUE FOI INVESTIGADO 12/29/2004 3:15 AM Não sou advogado, entretanto tenho algumas preocupações quanto a questão: - Como ficam as investigações e prisões realizadas até agora, se o STF julgar impossível a investigação pelo MP; - Em Mato Grosso, tivemos a prisão e o desmanche do império de ARCANJO, bicheiro, traficante, assassino etc... Ele seria solto? - Será que não é hora, então, de reivindicarmos mudanças na legislação para definitivamente enterrarmos essa discussão, ou, com a articulação das elites isso não passaria no congresso, pois colocaria em risco as oligarquias brasileiras; Quem faz essa discussão aqui, é o Procurador Pedro Taques, entretanto, percebe-se realmente uma disputa de poder, mas queiramos ou não, o MP demonstrou absoluta competência para o que se propôs a fazer			

descrição: AVISO: Não escreva tópicos só em MAIÚSCULAS, senão serão apagados! Leia as regras da comunidade no perfil do moderador!

A maior comunidade do Orkut na categoria Cidades e Bairros! (criada em 07/02/2004)
Seja bem-vindo(a)!

(Te amo São Paulo, Tom Jobim, 1992)
Ouça a música aqui: <http://www.qgear.com/listen.php?v=082a8a8>

São Paulo, te amo
Te amo, São Paulo
Na tarde tão fria
Busquei teu calor,
teu amor em São Paulo
São Paulo, te amo
Pasión de mi vida
I love you, querida
Je t'aime São Paulo
Io ti amo São Paulo
I love you
Te amo, São Paulo
Te amo
Te adoro, te adoro
São Paulo, São Paulo,
São Paulo
Lalala laia la
Sonhei com você
em São Paulo

Welcome to Sampa, the biggest and greatest city in Brazil!
Mais informações: http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo
Further information: http://en.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo

idioma: **Português**

categoria: Cidades e Bairros

donos: [Moderador Comunidade São Paulo](#)

mediadores: [Guilherme](#), [Celina](#), [Fábio](#), [Marcos](#), [Régis](#), [beto](#), [marcelo](#), [Leandro](#)

tipo: pública

fórum: não-anônimo

local: São Paulo, Brasil

criado em: 7 de Fevereiro de 2004 23:09

membros: 381.756

fórum

tópico	postagens	última postagem
qual o seu time ?	456	04/06/07
Anticoncepcional em metro/trem/onibus	8	04/06/07
Convite por São Paulo melhor Participe do movim	1	04/06/07
Parabéns Kassab! A cidade tá ficando legal!!	269	04/06/07
Sala do SPC SERASA com rapidez e segurança	1	04/06/07

novos tópicos

ver todos os tópicos

votar nesta enquete

São Paulo precisa de uma renovação arquitetônica histórica e paisagística?
São Paulo tem perdido em grande escala sua riqueza arquitetônica, graças à especulação imobiliária selvagem, ao metrô, e à invasão de propriedade privada.
Criado por: [Paulistano](#)

☐ **Sim - a beleza de São Paulo precisa renascer**

☐ **Não - isso não é necessário**

☒ Meu voto está visível para os outros usuários

votar

[mostrar resultados e comentários](#)

nova enquete

ver todas as enquetes

eventos

título	local	quando
!SAIBA COMO AUMENTAR SEU PENIS EM ATE 7CM!!	!AUMENTAR SEU PENIS EM ATE 7CM	4 horas atrás
!SAIBA COMO AUMENTAR SEU PENIS EM ATE 7CM!!	!AUMENTAR SEU PENIS EM ATE 7CM	4 horas atrás
Fernanda Fróes em Santo André	Santo André - SP	em 2 dias
Marcha para o Messias	São Paulo	em 3 dias
Pedal Dia Internacional do Meio Ambiente	São Paulo	em 6 dias

novos eventos

ver todos os eventos

membros (381.756)

ver membros

comunidades relacionadas

serviço filiado ao Google

orkut in english | Sobre o orkut | Centro de segurança | Privacidade | Termos de uso

	first < previous next > last
Eduardo	<p>Nova Daslu no país com maior desigualdade 6/12/2005 8:11 AM</p> <p>Todo mundo sabe que semana passada foi inaugurada a Daslu (maior botique de luxo da America Latina) na Vila Olimpia.</p> <p>E em todos os jornais e revista (até na TV), choveram reportagens falando bem e mal do novo empreendimento. Que seria um absurdo num país como o nosso que perde apenas para a Serra Leoa como pior distribuição de renda, e coisas afins.</p> <p>O que vocês acharam, do novo “ponto turístico” paulistano se podemos dizer assim?</p>
Márcio	<p>6/12/2005 9:37 AM</p> <p>Aquilo é a maior prova da putaria no Brasil... um país puta pobre com uma loja q além de riqueza esbanja luxo(q pra mim nada mas é q FRESCURITE).</p> <p>eu odeio a desigualdade... naum posso afirmar mas se eu tivesse do lado de lá(da riqueza) também odiaria. é muito triste ver um PAÍS Q SE AUTO-DENOMINA 'DE TODOS' mas q é apenas d 15%.</p> <p>fuck daslu</p>
Danilo	<p>6/12/2005 10:31 AM</p> <p>Deveriam inventar uma “taxa da desigualdade social” para artigos de luxo. Esse dinheiro seria investido em educação para os que não podem pagar por uma educação decente.</p>
Eric	<p>6/12/2005 10:38 AM</p> <p>Ah tenha dó se têm gente que têm dinheiro para gastar lá que gaste, mas que frescura cada um faz o que quiser com o dinheiro que têm, se você têm dinheiro e quer ajudar os outros, ajude, agora se outra pessoa não fizer o mesmo não se ache superior também.</p>
Camila	<p>6/12/2005 1:36 PM</p> <p>Repudio a desigualdade social, acho que é a origem de vários problemas brasileiros, mas não dá pra exigir que todos tenham a mesma consciência política, neste pto concordo com o colega acima, cada um tem o direito de gastar o seu dinheiro como quiser.</p> <p>Achei legal tbem a idéia que o colega postou de criar uma tx para os artigos de luxo. Já que se cria tantos tributos para a classe média, cria uma só para os de boa vida....</p>
André	<p>Foda-se 6/12/2005 2:36 PM</p> <p>Eu naum estou nem ligando pra daslu, eu naum tenho dinheiro pra gastar la.</p> <p>E oq eu acho uma idiotice saum as pessoas q reclamam da desigualdade social, afinal de contas, desde qundo existe desigualdade no mundo?</p> <p>Eh utopia achar q um dia a desigualdade vai acabar.</p> <p>Acho q aqui tds saum de classe media, afinal de contas ter micro c/ internet, e tempo para gastar no orkut, naum eh para pobre.</p> <p>Cada um compra as coisas onde queren e onde seu dinheiro permite gastar.</p> <p>Pbres compram suas roupas na 25, eu nos camelos.</p> <p>classe media vai ao shop</p> <p>E os ricos vaum a daslu</p> <p>Naum vejo problema algum nisso</p> <p>Concordo q o governo poderia sobre taxae alguns produtos q os ricos compram.</p> <p>Mas eh inicencia acreditar q um dia o governo vai fazer isso.</p>
Patrícia	<p>eu gostei 6/12/2005 2:57 PM</p> <p>eu odorei a nova daslu (pelo oq eu vi nas reportagens)</p> <p>adoraria pode i la e gasta um monte de dinheiro</p> <p>e acho legal que tenha uma loja boa em sp pras pessoas ricas fazerem compras</p> <p>so por que existe pessoas que nao tem tanto dinheiro quem tem nao vai pode usufrui desse dinheiro ou paga pra pode usa-lo uma taxa de desigualdade social ia se so mais dinheiro pro governo rouba</p>

	first	< previous	next >	last
André	concordo 6/12/2005 4:08 PM Quem tem dinheiro gasta, quem naum tem foda-se. Eu gostaria de ser rico, mas naum sou. Mas acho q o gover poderia sim cobrar taxas de certos produtos importados, afinal ricos tem dinheiro para pagar imposto. Mas acho q isso nunca vai acontecer. Parece q as pessoas naum enxergan q nois vivemos num mundo capitalista, onde o fundamental eh o lucro e o acumulo de riquezas.
Patrícia	bem isso 6/12/2005 3:32 PM e tenho certeza que aqui ninguem ia quere que esse pensamento capitalista mudase por que aqui todos iriam sai perdendo
Luis	6/12/2005 3:45 PM se não tivesse a loja aqui eles simplesmente iriam até a europa comprar, então melhor q seja aqui. e com certeza a daslu paga pelo terreno onde construiu a loja e tem nota fiscal dos produtos, agora os chineses q trazem aqueles produtos malditos na 25 q acabam com a economia brasileira por serem bem mais barato e ainda financiam o contrabando e trabalho escravo no mundo a fora ngm reclama né? sendo q é muito pior. Aqui no centro de Santo André construíram uma igreja universal do reino de deus, gigantesca faraonicaaa tanto quanto a nova daslu, cheia de ostentação e luxo, porem igrejas não pagam impostos e ainda arrecadam dinheiro dos pobres fieis... oq é totalmente desigual, um bando de gente sendo enganada a maioria dando uma boa quantia pros seus pastores cheios da granaaaa
Eric	6/12/2005 8:37 PM Mais imposto? Um computador Apple que vai ser revendido na Daslu paga mais de 86% de imposto para ser vendido no Brasil, de um preço original de menos de R\$1400 ele é vendido a R\$2800, isso porque no Brasil não existe nenhum modelo similar. Uma Mercedes 0KM C180 custa nos EUA +-US\$30000 no Brasil mais do que o dobro, isso porque o carro é fabricado aqui.
Sandro	concordo com o Luis de Santo André 6/13/2005 12:55 PM Eu acho que a dona da Daslu cumpre o papel dela, paga impostos (muitos!), gera empregos e ainda realiza trabalhos sociais que muitos de nós nem pensamos em fazer. Ok, tudo bem, tá certa! Agora o que ela se aproveita (e muito bem aproveitado) é dos que vão lá gastar, que não pensam duas vezes em ostentar luxo em um país onde tem gente que não tem onde morar! Depois reclamam da violência! É claro! São como os pobres que jogam lixo nas ruas e depois reclamam das enchentes... Eu acho assim, quer gastar o seu dinheiro, gaste onde quiser, mas que pelo menos tenha a consciência do país em que vive e pelo menos tente fazer algo para mudar essa situação. E se quiser ostentar, que depois não reclame da violência!
Murilo	6/13/2005 1:06 PM Sandro, concordo com quase tudo que você disse, só acho que não é a ostentação que gera a violência, hoje em dia a qualquer um está sujeito á ser assaltado ou até sequestrado, acoisa tá feia. Quanto a Daslu, eu acho que todo mundo, na verdade quase todo mundo tem vontade de andar bem vestido comprar belas roupas, mas eu tenho que procurar uma liquidação, ou juntar uma grana pra comprar uma ropinha mais à pampa, mas quem tem muito vai na Daslu mesmo, pra mim é a mesma coisa, quem tem que gaste.
Douglas	6/14/2005 10:32 PM quem tem, tem.. quem nao tem, corre atras... eu to correndo amanha para a loterica para jogar na megasena acumulada.. rs			

	first < previous next > last
Tulio	<p>6/14/2005 10:59 PM</p> <p>A história da Daslu é interessante, era uma lojinha familiar que acabou virando esse templo de consumo dos milionários. Até entendo criticar o consumismo exagerado num país com tantos miseráveis, mas também não dá pra jogar a culpa em cima da Daslu, a loja paga impostos, vende produtos legalizados e tem os seus funcionários. Dependendo da crítica dá a impressão que a dona fez mal em fazer o negócio dela dar certo, acho que querer a igualdade social é lutar pra que o padrão de vida de todos suba o máximo possível e não o contrário.</p>
Bernardo	<p>POD CRER !! 6/14/2005 10:27 PM</p> <p>DE FATO !! LUGARES COMO ESSE QUE PARTICULAMENTE É MUITO LOKO, GERAM EMPREGOS E NAO VAI FAZER O PAIS AFUNDAR E NADA DE MAL, O FATO DE PESSOAS RICAS IREM LA, NAO INDICA QUE ELAS NAO AJUDEM NINGUEM !! MUITAS AJUDAM E MUITOS NAO SABEM !! COMO NOSSO AMIGO AI EM CIMA DISSE !! QUEM NAO TEM NAO PODE FIKR PARADO, TEM Q CORRER ATRAZ !! AMANHA VOU JOGAR TMBM !! HEHE !! TO CORRENDO !!</p>
Carla	<p>6/15/2005 5:11 AM</p> <p>triste eh o pessoal da favela do lado pedindo curso de computação e emprego pra daslu, como se eles tivessem obrigação.... a loja não eh associação de caridade, não eh obrigada a ajudar ninguém! Não tenho nada contra a loja, frequenta quem quer (ou melhor, quem pode), mesmo se pudesse eu não jogaria meu dinheiro fora la dentro.</p>
José	<p>6/15/2005 5:34 AM</p> <p>creio que o problema em si não é a Daslu e sim as pessoas que irão lá ostentar seu luxo comprando roupas por preços absurdos enquanto poderiam fazer algo melhor com o dinheiro</p>
Ana	<p>6/15/2005 6:43 AM</p> <p>A nova daslu ficou muito bonita, mas n dá pra negar que as coisas lá são MUITO caras, sem condições de comprar mesmo</p>
Vinicius	<p>é isso ae 6/16/2005 3:35 PM</p> <p>é isso ae, chega de utopia!Qd for rico vou torrar minha grana lá!</p>

[Home](#) | [Friends](#) | [Messages](#) | [Communities](#) | [Search](#) | [What's New](#)

[girssa@gmail.com](#) | [Settings](#) | [Help](#) | [Logout](#)

search

- join
- view forum
- view polls
- view events
- invite friends
- report abuse

2001 - A Space Odyssey

description: comunidade dos admiradores deste magistral filme dirigido por Stanley Kubrick.

language: **Portuguese**

category: Arts & Entertainment

owner: [Roger](#)

type: public

forum: non-anonymous

location: Brazil

created: April 24, 2004 2:07 PM

members: 3,502

forum

topic	posts	last post
Site explicando.	1	8/14/07
Fiquei muito surpresa	4	8/11/07
Vc queria ser um monolito ou uma maquina HAL 9000?	32	8/10/07
O livro, aonde achar?	3	8/6/07
Qual a sua conclusão sobre o final?	4	8/5/07

[new topic](#) [view all topics](#)

vote on this poll

DEPOIS DISSO TUDO...

Depois de 2001 e 2010, podemos chegar a conclusão que Hal 9000 é;

Created by: [Henrique](#)

- ☐ Um ótimo computador
- ☐ um windos XP
- ☐ uma merda
- ☐ um mal educado
- ☐ o clone de Hitler
- ☐ um completo genocida

☒ My vote is currently visible to others

[vote](#) [show results and comments](#)

[new poll](#) [view all polls](#)

events

title	location	when
TEIA DE ARANHA DISCOS	SANTOS/SP	in 4 months

[new event](#) [view all events](#)

members (3,502)

[Marcelo \(124\)](#)

[DJ \(271\)](#)

[Wilson \(136\)](#)

[Eduardo \(406\)](#)

[Lucas \(276\)](#)

[Gabriel \(245\)](#)

[Amauri \(186\)](#)

[Bruno \(280\)](#)

[view members](#)

related communities

[Roger Jones \(81\)](#)

[Pink Floyd - Meddle \(1,131\)](#)

[Messias Machine \(74\)](#)

[Interestellar Overdrive \(347\)](#)

[Lucifer Sam \(862\)](#)

[Diário de Bordo \(336\)](#)

[Stanley Kubrick \(53,701\)](#)

[Xicara Maluca \(89\)](#)

[Júpiter Sol \(48\)](#)

in affiliation with Google

[About orkut](#) | [Safety center](#) | [Privacy](#) | [Terms](#)

	first < previous next > last
Leandro	Alguem sabe oq significa akele feto no filme? 12/28/2004 10:49 AM Por favor me digam!
Daniel	Significado 12/28/2004 3:11 PM Vc teve um renascimento de Bowman, representado pelo feto. Uma nova entidade, que pode ser a mistura de Bowman com algo, ou simplesmente um passo além do que foi David Bowman. Assim que vejo o feto no filme.
Alfredo	1/13/2005 8:44 PM Tenho uma interpretação semelhante. Para mim, o feto representa a transcendência da vida para a pós-vida do Bowman. A morte é o passo necessário para o humano chegar a sua evolução final. E no contexto odisséia, representa o Bowman retornando para casa (Terra) transformado pela viagem
Flávia	1/13/2005 9:48 PM Nossa, posso estar completamente louca, mas , pra mim, o feto representa uma espécie de “mudança de fase” para a humanidade como um todo, e não somente para o Dave...
Dario	1/14/2005 10:51 AM O feto assim como falou acima Alex, marca um novo início com algo a mais,oq pode ser comparado com (Morre um Homem, nasce um super-homem)de Nietzsche. Ele é o começo de um novo ciclo constante.
Anonymous	1/15/2005 3:26 PM o começo... A nave tem o formato de um espermatozoide... Quando ela atinge Jupiter e o infinito, ela “fecundada” e vira o feto... eh quando o tempo, o espaço deixam de existir, eh o nascimento do pensar, do ser em si... Não acredito que seja uma simples evolução assim num toque de magica, manja?? Acho que a evolução jah aconteceu... e ela eh o nascimento, a vida em si, comparavel com a existencia da humanidade todo, eh o um pelo todo e o todo pelo um. Representa a evolução de espirito de cada espectador que assiste a esse filme, uma renascimento nosso!!! Esse filme entra mais na alma do que qualquer outro, ele eh imensamente direcionado ao nosso interior individual... Quanto mais o entendemos mais entendemos a nos mesmos, que somos o um, o ser, o existir, o um pelo todo, o todo pelo um.

	first	< previous	next >	last
Mateus	<p>1/26/2005 2:52 PM</p> <p>Para mim, Bowman consegue subir a um novo estado de espírito ao viajar a velocidade da luz, tendo toda uma eternidade para refletir sobre o seu próprio ser. Após sua experiência, ele progrediu para uma nova dimensão (a quarta dimensão), onde consegue controlar o tempo, podendo assim se modificar para o estado de um idoso e depois virar um feto.</p> <p>Andei dando uma olhada na obra do escritor ARTHUR CHARLES CLARKE e vi que existem mais outros dois livros da série: 2061 e 3100; pretendo ler os dois em um futuro próximo, (não sei quando) mas andei vendo que no livro 2061, o astronauta Bowman continua vivo e recebe a suposta ajuda de alienígenas para consertar o computador HAL.</p> <p>P.S.: Posso estar viajando mas é o meu ponto de vista, quanto a última parte não tenho tanta certeza disso, pois faz tempo que eu li a sinopse do livro e não lembro aonde foi.</p>
Anderson	<p>2/3/2005 11:56 PM</p> <p>Eu tenho o Livro 3001 e nele tanto HAL e Bowman aparentemente ainda estão com o monolito.. exatamente como se fossem uma nova entidade....</p> <p>E no 3001 o Protagonista é nosso amigo Poole...q foi encontrado congelado...quase saindo do sistema solar... " pura sorte" por uma nave q caçava cometas...</p> <p>não li nenhum dos outros livros, mas o 3001 expandiu bastante a maneira de interpretar o 2001.... q eu simplesmente acho um dos melhores se não o melhor filme de FC de todos os tempos....sendo q ainda acho q o 2010 ~só não ficou no nível por causa da mudança de diretor!!!</p> <p>abraços</p>
Marco	<p>2/4/2005 12:09 AM</p> <p>Nenhuma interpretação é um ponto perfeito.</p> <p>Dave foi aparentemente "vítima" de um estudo pela entidade que supostamente plantou o monolito. Quem sabe eles não estivessem em outro plano, onde o tempo e o espaço não é da mesma natureza que o nosso. Ele foi observado, estudado, para que, talvez, fosse erificada a tolerância dele a viver num ambiente confinado, como num zoológico, de, quem sabe, possa ter sido clonado. O feto pode ser uma alegoria que representa para a existência humana, algo que tem um começo e um fim bem definidos, como se cada destino não fosse absolutamente definitivo.</p> <p>Sinceramente esse filme me causa tormentas mentais, nada é explicitado claramente...</p> <p>Eu o vi novamente na Globo esses dias, tipo foi muito diferente. O HAL parece ter sido influenciado, é bizarro...</p>
Anonymous	<p>é o bebê de Rosemere. 2/9/2005 1:27 PM</p> <p>A primeira vez que eu vi o filme foi durante a minha infância... e achava aquele feto bizarro, achava que era o bebê de Rosemere.</p>
Ronaldo	<p>Isto mesmo!! 2/15/2005 9:43 PM</p> <p>Todos estão certos em suas interpretações.</p> <p>como o filme é uma obra de arte, cabem várias interpretações, mas a maioria pegou a idéia. O que está no livro (eu recomendo, é muito bom e esclarecedor) é que Bowman une sua consciência ao monolito, que também é uma forma viva e consciente porém muito mais evoluída que a humana mas sem corpo biológico. Assim ele renasce como uma consciência também superior, porém "engatinhando" neste novo estágio.</p> <p>O feto próximo ao globo terrestre significa que ele voltou à Terra porque ainda tem muito que aprenderpor aqui mesmo.</p> <p>Tem muito mais coisas explicadas no livro que estão subjetivas no filme, vale a pena ler todos os 4 livros de Arthur C. Clarke: 2001, 2010, 2061 e 3001.</p> <p>E tem o filme continuação 2010 (mas sem a mesma imponência) com Roy Scheider o mesmo ator de Tubarão.</p>
Bruno	<p>ta na cara que e' UM CLONE 5/3/2005 8:08 PM</p> <p>o que mais poderia ser um ser humano voltando as origens????? um tema tao atual que foi retratado ha tanto tempo... simplesmente genial...</p>			

	first	< previous	next >	last
Diego	Evolução 5/4/2005 1:59 PM Bom pessoal, eu já assisti 9 vezes esse filme, nem preciso dizer que é um dos meus favoritos. O que eu entendi é que o filme trata da evolução do homem. Primeiro mostra os macacos, que acabam aprendendo a usar uma espécie de arma pra subjugar outro bando da mesma espécie que estavam em conflito entre si. Depois há aquele famoso salto cronológico(maior de todos), da era primitiva para o espaço. Nessa fase, o homem já chegou a sua evolução máxima e não tem pra onde evoluir. Assim, o homem cria um computador perfeito (Hal 9000), capaz de sentimentos, raciocínio e que nunca erra e por ser ou tentar ser superior acaba querendo manipular o homem e se acha dono da missão. Por fim, o astronauta o dasativa e acaba descobrindo o propósito da missão, pois foi descoberta vida em júpiter. Durante essa viagem psicodélica pelo espaço, ele envelhece e se vê cada vez mais velho até, através do monolito, que ninguém sabia pra que significava, ele evolui pra uma espécie superior ao homem, talvez alcançando até a vida eterna! ' Bom é isso que eu acho! See Ya Guys!
Jorge	o feto é o de menos 5/5/2005 3:44 AM Quando no quarto, ele se viu ficando mais velho. Como os seres que conduziram ele nessa "odisséia", ele percebeu que não precisava mais do corpo frágil e orgânico. No livro ele retrocedeu no tempo. Eu entendo que no filme o feto tem um poder simbólico de mostrar esse retrocesso, pois ele nem tinha mais corpo quando percebe que está orbitando o planeta terra. "Ficou esperando e reorganizando os seus pensamentos. Meditava a respeito de suas forças que ainda não tivera oportunidade de testar. Se bem que fosse o senhor do mundo, não sabia ainda o que fazer a seguir. Acabaria, porém, imaginando algo." recomendo o livro a todos
Aldo	Integração 5/13/2005 6:24 AM Na minha opinião, essa criança-estrela significa q o homem não está sozinho no universo,mais sim está em constante integração com ele.Bowman simboliza a humanidade e não um mero e simples astronauta.A idéia de Kubrick é de q "nasce uma criança na terra nasce uma estrela no universo".
Anonymous	5/16/2005 9:39 AM Assim como o Diego falou, eu acredito que seja a evolução em todos os sentidos: espiritual, material... E o feto representa a evolução espiritual, a reencarnação de David e o monolito representa Deus...Eu entendi isso...
Adalberto	5/21/2005 6:01 PM Recomendo a todos que leiam o livro. Extremamente esclarecedor! Minha interpretação é que, como o monolito tem o objetivo de semear inteligencia, e foi o monolito que acelerou o desenvolvimento dos macacos no começo do filme...o monolito desenvolveu a inteligência de bowman, elevando-o ao nível das entidades que o construíram(na verdade o monolito é o 'corpo' dessas entidades), de modo que bowman não estaria mais preso a espaço ou tempo algum...mas ainda tinha o que aprender sobre a terra, o universo e si mesmo, por isso a alegoria do feto.
Juliana	5/29/2005 7:06 AM Acho que se trata de um clone do Bowman. No livro, ele morre no Hotel Granimedes (naquele quarto todo branco, onde ele aparece velhinho, morrendo). O feto é a space child. O Monolito teria dado ao Bowman um novo corpo, conjugando nele as memórias do astronauta com as informações contidas no Monolito, ou seja, Bowman tornou-se um híbrido homem-máquina, mas não um cyborg: ele é biologicamente humano, sem chips, fios etc, mas geneticamente melhorado e dotado de memórias ainda quando feto. Acho que é isso, posso estar viajando muito, mas a culpa é do livro/filme, não minha, hehehe
Pietro	6/21/2005 8:45 PM Pessoal, tem uma coisa q vcs devem ter ouvido já. Ao menos em tese, dependendo da velocidade que a pessoa viaja no espaço, o tempo passa mais devagar do que na Terra. Ora, a nave chegou em apenas 18 meses em Júpiter, ou seja, uma velocidade mto alta. Então, no quarto, Dave poderia estar projetando a sua imagem terrestre, fatalmente mais velho... E o feto, pode ser um sinal de evolução, libertação. O filme 2010 fala sobre isso, mas eu ainda não o assisti... Qdo eu ver eu falo se traz alguma inovação...			

[Home](#) | [Friends](#) | [Messages](#) | [Communities](#) | [Search](#) | [What's New](#)

[girssa@gmail.com](#) | [Settings](#) | [Help](#) | [Logout](#)

search

- [join](#)
- [view forum](#)
- [view polls](#)
- [view events](#)
- [invite friends](#)
- [report abuse](#)

vegetarianos->?Perguntas?

description: Essa comunidade é feita especialmente para vegetarianos que não aguentam mais ouvir perguntas como:
- O que você come no natal?
- Vc come lasanha?
- se vc estivesse no deserto e não tivesse nada para comer, só uma vaca, vc comeria? (dã!!! A ultima coisa q teria num deserto é uma vaca!)
Se essas são perguntas frequentes em seu dia a dia, junte-se a nós!

language: **Portuguese**
category: Food, Drink & Wine
owner: [Kell](#)
type: public
forum: anonymous
location: Br, Brazil
created: July 24, 2004 2:55 AM
members: 1,811

forum

topic	posts	last post
ovo-lacto ??????????	58	8/14/07
Eu n kero ser vegetariana!!	35	8/13/07
Sanduíche com enpanado de vegetais no mc donalds	16	8/11/07
Que alimentos substitui a carne....?	6	8/10/07
se eu parar com o leite,	3	8/10/07

[new topic](#) [view all topics](#)

vote on this poll

Por que existem pessoas que não comem carne, mas se recusam a dizer que são vegetarianos?
Created by: [Maira](#)

☐ Não querem assumir a luta em defesa dos animais.

☐ Tem vergonha que pessoas saibam que se importa.

☐ Para abordar e convencer pessoas c/ preconceito.

☒ My vote is currently visible to others

[vote](#) [show results and comments](#)

[new poll](#) [view all polls](#)

events

none

[new event](#) [view all events](#)

members (1,811)

[Walmir \(292\)](#)

[Renata \(161\)](#)

[Mô \(98\)](#)

[\(167\)](#)

[Re \(112\)](#)

[Dark \(987\)](#)

[Abigail \(46\)](#)

[Leonardo \(269\)](#)

[view members](#)

related communities

[Vegetarianos no Ceará \(414\)](#)

[Brasil \(1,152,579\)](#)

[Ovolactovegetarianos \(3,253\)](#)

[PEA -Projeto Esperança Animal \(67,558\)](#)

[Receitas vegan/vegetarianas \(12,972\)](#)

[VEGETARIANOS \(16,679\)](#)

[Paulistanos Vegetarianos \(5,235\)](#)

in affiliation with Google

[About orkut](#) | [Safety center](#) | [Privacy](#) | [Terms](#)

	first	< previous	next >	last
Kátia	COMER OVO É “CRIME” ?? 12/27/2004 9:49 AM bom eu sou “vegete” por isso naum como frango carne talsmais e comer OVO ? pq pense o ovo é um pintinho que naum nasceu ! isso é um “crime” contra us franguinhos bebes ??? oq v6 acham ??? bjus =*
Raquel	Questão do ovo 12/27/2004 1:32 PM Depende do seu modo de pensar. Cada um vê as coisas de um jeito..Eu, particularmente, ainda sou só vegetariana; até gostaria de um dia chegar a ser vegan, mesmo. O que faço é seguir minha consciência, minhas convicções. Prefiro consumir ovos cujos produtores informem na embalagem que as galinhas foram criadas soltas, sem todos aqueles métodos de tortura aos quais submetem as galinhas poedeiras, na maior parte dos casos.
Rafael	Acho que o ponto é outro.. 12/28/2004 2:33 PM Eu não como ovo nem outros derivados de animais por questões simples.. na verdade uma palavra resume tudo.. RESPEITO. Não acho certo consumirmos ovos e tal.. mesmo que eles vivam “soltos”.. uma falsa liberdade que é dada com segundas intenções naum é mesmo?! “Deixo eles viverem livres e assim tenho direito de comê-los ou usar tudo o q eles podem fabricar..” ..pq essa troca é justa? Quem pediu permissão a eles..? Esse é o ponto.. não temos o direito de escravizar ninguém. Escravizar é tirar o poder de escolha.. a verdadeira liberdade.. a mesma q foi ignorada quando o homem acreditava ser normal forçar um povo a trabalhar pelo simples fato de serem diferentes..e inferiores por não serem brancos.. a mesma pela qual houveram conflitos na época da ditadura em todo o mundo onde o “escravizador” sentiu na pele o q é não poder ter sequer o direito de opinar.. E a história continua.. e percebemos como os olhos da humanidade estão se abrindo cada vez mais.. Hoje os negros não são mais os escravizados por serem diferentes.. Os “escravos” são galinhas.. vacas..e todos os outros animais que não possuem o direito de liberdade.. esse poder de escolher que os humanos valorizam tanto quando se trata da própria pele..e a “justiça” vai sendo feita de olhos vendados..
Gaby	12/28/2004 7:00 PM ainda nao consegui me livrar de comer ovos.. mas com toda a certeza eh um tipo de “crime”!.. fiquei sabensdo,nao sei se eh verdade, que os ovos indusrializados nunca poderiam se tornar pintinhos, pelas mudanças genéticas e talz.. mas mesmo assim isso nao deixa e ser uma forma de crime.. pq do mesmo jeito estaríamos explorando as galinhas, as quais botaram asqueles ovos.. as quais estão sendo escravizadas (como disse o Rafael)! mas de qlqr maneira se isso for verdade, estaremos cometendo um “crime” pela metade.. oq jah eh um avanço para aqles q ainda nao conseguiram se desvinciliar totalmente.. e ainda nao sao copleatamente veetarianos.. se alguem souber alguma coisa sobre essa mudança genetica nos ovos por favor fale aqui na comunidade.. seria ótimo saber se isso eh verdade ou nao!
Anonymous	Oi 12/29/2004 9:37 AM Não como ovo pq não é um bom alimento e também pq acho muito nojento!!!
Camila	vixii 12/30/2004 9:48 PM eu também pretendo ser Vegan um dia... desde que deixei de comer carne, larguei o Ovo em si também... não como ele propriamente... mas o consumo em bolos... também fico nessa dúvida... tipo, eu como e não como ao mesmo tempo! estranho né, rs mas eu vou parar, vou tomar vergonha na cara, haha :D
Vitória	12/30/2004 10:02 PM O difícil é largar os alimentos que levam ovo; já é meio complicado encontrar lojinhas de produtos vegans por aí, então, quando a gente tá na rua, nem sempre dá pra comer bolos ou massas que não levem ovos :(Mas assim, em casa, quebrar um ovo e fritar é realmente nojento, não rola mesmo.			

	first	< previous	next >	last
Vivian	1/1/2005 4:46 PM Sim, dá de 5 a 10 anos de cadeia, ou multa de R\$20,000 e trabalho forçado em uma granja. Não, brincadeira. O que eu acho é o seguinte: vc come o que quiser. Eu sou ovo-lacto, portanto como ovos e derivados de leite. Se eu tomasse vergonha na cara e virasse vegan, eu não comeria tais coisas. Tem todo o lance da ideologia vegetariana, mas vegetarianos são todos diferentes e abstém de carne por motivos diferentes, e nem sempre o motivo tem a ver com sofrimento animal. Vc pode simplesmente não curtir carne.
Raquel	1/3/2005 5:51 AM Creio que nem todos aqui sejam vegans; por isso, a única coisa que fiz foi tentar dar uma dica para aqueles que ainda não conseguiram abandonar ou mesmo não querem deixar de comer ovos. Afinal, devemos respeitar a todos se quisermos ser respeitados. E devemos lembrar que, embora o ideal seja parar de comer qualquer produto de origem animal, nem todos conseguem tão rapidamente e outros nem querem. Por isso, dei apenas uma dica que acho mais acertada para aqueles que comem ovos. Afinal, dos males o menor.
Hugo	2/28/2005 4:52 AM blz... jah que eh uma comuna de perguntas, vo logo ao ponto... isso implicaria então em nao comer massa ? ou existem receitas de massa que nao levam ovo ? vlw!
Juca	Eu não como 3/2/2005 7:10 AM Tipo assim eu não como ovo pq não gosto mesmo! Eu sou vegetariano desde que nasci e nunca gostei de ovo. Mas quanto questão de crime, eu acho que não seria crime não. É muita pretensão minha dizer que se eu não como ovo estarei salvando os pintinhos! Afinal se eu não comer outra pessoa vai comer!!! Sem contar com todas as outras coisas que são derivadas do ovo como o macarrão e bolo. Quem aqui seria contra uma macarronada ou um bolo de chocolate?
Paula	3/2/2005 9:24 AM Numa boa, mas falar em crime soa um pouco estranho pra mim. Eu diria “comer ovo é ético?”. Acho que ficaria melhor. Ainda sou ovo-lacto-vegetariana, mas pretendo quem sabe um dia tornar-me vegana. Mas no momento optei por consumir o mínimo possível de ovos e de preferência criados no sítio do meu amigo. Vou sempre lá e conheço a maneira como são criadas, praticamente livres. Quanto à pergunta do colega se existem massas, ou até bolos, tortas sem ovos, sim existem diversas receitas de quase tudo o que possam imaginar feito sem ovo. Participei de um congresso vegetariano mundial e estavam demonstrando uma série de receitas sem ovo. Muito interessante.
Hugo	3/2/2005 9:40 AM Paula, acho que é por isso (por ter um significado metafórico) é que a autora do post grafou “CRIME” entre aspas.
Rodolfo	macarronada ou um bolo de chocolate? 3/2/2005 2:33 PM “Quem aqui seria contra uma macarronada ou um bolo de chocolate?” Eu seria, se tiver ovo. Massa sem ovos se encontra em qualquer birosca de esquina. E tem mistura para bolo dessas prontas até sem ingrediente de origem animal (a de chocolate da Dr Oeteker é assim, por exemplo). É só fazer a receita da caixinha substituindo leite por leite de soja, manteiga por creme vegetal e cada ovo por 30 ml a mais de leite de soja. Fica perfeito. Logo, não há justificativa para comer ovo. Nem leite, aliás.
Márcia	3/4/2005 7:08 AM Comer ovo não é crime, mas uma opção alimentar. O fato de algumas pessoa pregarem o veganismo(nada derivado de animal) principalmente entre os defensores de animais se deve ao tratamento que as granjas dão as galinhas poedeiras. O ovo em si precisa estar fecundado para ser uma nova vida, o que normalmente não ocorre em granjas, afinal não há galos entre as poedeiras. Sem a fecundação o ovo se estraga sem gerar um novo animal. Aí o “crime” vai depender se você acha que torturam ou não os animais de granja.			

	first	< previous	next >	last
Cristina	4/29/2005 6:43 PM Crime eu acho que não, senão a punheta e a menstruação também seriam... mas pense bem, o ovo nada mais é do que o óvulo da galinha... urgh..
Edson	5/16/2005 10:57 AM Exatamente como dito acima. Os ovos de granja, como o caipira diz, naum são galados, ou seja, naum foram fecundados. E tb como dito, é a menstruação da galinha. A galinha vai produzir ovo de qq jeito, se vai ter um galo ou naum pra fecundar e aí sim nascer um pinto é outra história. E geralmente ovos de galinhas criadas soltas com galos são galados, quando elas estão no período fértil sempre tem um galo para "cobri-las". Por ser vida naum é necessário deixar de comer ovo. Por amor aos animais, pelo sacrifício nas granjas, pode ser. Por ser menstruação e haver implicações energéticas (as mulheres ciganas naum cozinham quando estão menstruadas pelo mesmo motivo) tudo bem. Só naum concordei com o argumento de q estamos impedindo a liberdade da galinha ao criá-la para pôr ovos. A galinha tb é um animal doméstico, q vive muito feliz em sítios ciscando e voltando ao anoitecer para o galinheiro, naum há crime nenhum. Ou ter gato e cachorro tb é impedir a liberdade deles?
Adriano	eu não como ovo, e nem seus derivados 5/16/2005 10:21 PM tomo leite, mel e carmim...
Priscila	7/19/2005 11:18 PM Nao acho q seja crime, pois o ovo ainda nao eh fecundado... eu comia ovo, MAS eu deixei de comer por nojo!! hehe... De qlquer forma aquilo vai dar origem a um animal ne... entao parei de comer.. mas comi por 17 anos!! hehe..
Peter	7/21/2005 12:03 PM o Problema não é só esse.. Nunca comi OVO... e acho muito Nojento... (Você teria coragem de beber sua menstruação?) o Outro fator importante é o fato de como os animais sao tratados para a produção do ovo.. olhem essas fotos e depois comentem ! http://www.vegetarianismo.com.br/pqv/animais.html http://www.vegetarianismo.com.br/pqv/Images/ChickBeingDebeaked.jpg na imagem acima cortam o bico dos pintinhos para que eles nao quebrem os ovos... Vcs não acham um crime ? Financiar essa tortura toda.. Eu acho.. Comer Ovo é Crime !!!!			

[Home](#) | [Friends](#) | [Messages](#) | [Communities](#) | [Search](#) | [What's New](#)

[girssa@gmail.com](#) | [Settings](#) | [Help](#) | [Logout](#)

search

[join](#)
[view forum](#)
[view polls](#)
[view events](#)
[invite friends](#)
[report abuse](#)

Crianças em situação de rua

description: Bem vindos à comunidade
Crianças em situação de Rua!
:)
CRIANÇA NA VILA
"O importante não é o bife, tia
O importante não é o pão
O importante é que um dia
uma tia me deu um banho e um beijo
e me botou no chão
e eu fui andando com esse beijo na cara
minha cara molhada de um clarão"
Renata

language: **Portuguese**
category: Government & Politics
owner: [Dani](#)
moderators: [Ronaldo](#), [Vanessa](#)
type: public
forum: non-anonymous
location: Brazil
created: August 1, 2004 3:43 PM
members: 2,511

topic	posts	last post
CONVITE	2	8/9/07
Cansei do racismo! E você?	1	8/3/07
Ajuda!	0
vamos fazer algo.....	1	7/27/07
ALG DO ESTADO DO RJ??	9	7/25/07

[new topic](#) [view all topics](#)

vote on this poll

Alguem acha que o nosso presidente esta fazendo alguma coisa pelas crianças do brasil?
Created by: [Qxoss](#)

☐ **sim**

☐ **não**

☐ **Devagar quase parando**

☒ My vote is currently visible to others

[vote](#) [show results and comments](#)

[new poll](#) [view all polls](#)

events

title	location	when
Comunidade Fundação Projeto Travessia	São Paulo	in 3 months

[new event](#) [view all events](#)

members (2,511)

[Lucia \(918\)](#)

[Pedro \(103\)](#)

[Patricia \(407\)](#)

[Luiz \(578\)](#)

[Laura \(558\)](#)

[Gabriel \(74\)](#)

[Heather \(196\)](#)

[Camila \(203\)](#)

[view members](#)

related communities

[O Berco da Desigualdade \(173\)](#)

[projeto reação Brasil \(25\)](#)

[SITUAÇÃO DE RISCO \(70\)](#)

[Filosofia para/com crianças \(1,724\)](#)

[Central de PROTEÇÃO À INFÂNCIA \(93\)](#)

[CRIANÇAS DESAPARECIDAS \(19,814\)](#)

[PAZ NO BRASIL \(468\)](#)

[Direito da Criança \(3,133\)](#)

in affiliation with Google

[About orkut](#) | [Safety center](#) | [Privacy](#) | [Terms](#)

	first	< previous	next >	last
Emilia	como lidar com elas 3/7/2005 12:39 PM Olá amigos Sou professora do ensino fundamentas, este ano estou com uma turma de 1ª série. Recebi uma aluna, que hoje, descobri ser moradora de rua. Mora com a mãe, não se sabe ainda onde. Estamos investindo. Ela tem 12 anos, não está alfabetizada, pois, segundo a mãe e ela mesma, nunca foi a escola!? Ficamos sabendo através do morador que cedeu a conta de luz para que a mãe matriculasse a menina, que moram embaixo de uma ponte e que tomam banho em sua casa e que a menina tem vida sexual. Que apanha dos mendigos, da mãe, do padrasto, aliás ela tem cicatrizes por todo o corpo, principalmente, no rosto. Nós, da escola, vamos acionar a quem de direito. O que preciso é saber como lidar com ela, pois nunca passei por uma situação semelhante. Tenho medo de assustá-la e ela deixar a escola, o que não quero, pois vejo a possibilidade de ajudar essa “criança”. Por favor, aguardo ajuda. Beijos no coração de todos
Felipe	3/7/2005 12:44 PM como ajudar? com lar, material escolar, roupas, etc?
Cintia	3/7/2005 2:45 PM Não entendo muito disso, mas será que a pessoa que emprestou a conta de luz não seria um bom canal? Ela deve ter confiança nessa pessoa. E é ela mesma (a menina) quem deve saber melhor do que ninguém do que ela está realmente precisando...
Felipe	3/7/2005 10:29 PM desculpe-me pelo radicalismo. mas o q me revolta mais é ver nossos políticos gordos e preguiçosos não fazendo nada para solucionar esses problemas. no mes passado “quebrei o pau” na secretaria de educação da minha cidade por causa de uma menina, tb de 12 anos, surda e muda, e q nunca havia frequentado uma escola. “- não temos estrutura para acolhê-la”, diziam eles. bastou mencionar q existe ministério público e já se conseguiu vaga para a menina. acho q nosso país só se move à porradas (desculpe-me pelo termo) do q bom senso.
Felipe	3/7/2005 10:32 PM acabei fugindo do tema, emilia. vc por acaso entrou em contato com o conselho tutelar e ver se há possibilidade de uma tutela provisória?
Emilia	3/9/2005 10:54 AM Oi Felipe Eu entendo a sua revolta. Eu tbem penso da mesma forma. Sobre procurar o conselho tutelar isso sem dúvida será feito. O que eu, como professora, quero é saber como lidar com ela. Eu não sou ingênua a ponto de pensar que só a afetividade (que tenho bastante) será suficiente, pois essa menina, como já disse, já tem vida sexual, e passa por muitas situações de agressões o que a faz, até por uma questão de sobrevivência, ser “mandrinha”. Então, como conversar com ela, como proceder para que ela não se sinta acuada e crie confiança em mim. Nós temos que acolhê-la, pois o fato dela procurar a escola pode ser uma luz no fim desse túnel tão escuro e cruel no qual ela vive. Pode ser que nessa comunidade tenha alguém que faça algum trabalho direto com essas crianças e possa me dar alguma dica. Abraços a todos.
Felipe	3/9/2005 10:39 PM não entendo muito de psicologia infantil mas já pensou q, não cessando a causa, o problema vai continuar? essa menina mora num péssimo meio e voltando prá lá, vai ser difícil conduzi-la. q adianta ela receber pouco carinho fora de casa se todos os dias tem q viver desumanamente? seria melhor arrumar um lar prá ela ou então investigar se não existe parentes q a acolha (meu portugues é horrível). abraços			

	first	< previous	next >	last
Emilia	3/12/2005 8:23 AM Oi Felipe Ache que vc tem toda a razão. O tempo fora da escola é muito maior. Vou conversar com minha coordenadora a esse respeito e dar essa sugestão, de verificar se existe algum parente que possa acolhê-la. Abraços
Felipe	oi, emilia! 3/17/2005 1:06 PM conseguiu algum progresso? e a menina está passando bem? abraços!
Emilia	3/21/2005 3:29 PM Oi Felipe Estamos dando “um tempo” para não assustá-la. Na semana q vem a coordenadora vai entrevistá-la e... tô esperando!! Abraços
Cintia	3/21/2005 5:53 PM Emilia, você viu que saiu na revista Nova Escola desse mês uma dica de um livro sobre como lidar com essas questões de abuso sexual?
Emilia	3/29/2005 1:12 PM Oi Cintia Brigadão pela dica. Vou olhar. Abraços
Aline	O amor é o caminho... 3/31/2005 3:25 PM penso que criança, além muito além do lado material, deve ser tratada com respeito, carinho e muuuuui-ta paciência. (25)
Emilia	4/15/2005 1:14 PM Oi Aline Vc tem razao. Paciencia ´´e a palavra. A menina tem 12 anos, estou lecionando para a 1ª serie, crianças de 6 e 7 anos e ela tem agido como uma criança de 7 anos. Briga com os outros alunos de igual pra igual, xinga muito, reclama dos colegas dizendo que estao fofocando dela. Se rola no chao com eles. Olha, nao esta facil.E, quando digo que ela ´´e uma “mocinha”(e ela ´e uma mocinha, tem seios fartos, quadris arredondados, tem minha altura 1,60)ela nao gosta nao. Ela quer ser tratada como uma criança, mas em outros momentos nao age como uma criança. Graças a Deus eu tenho bastante paciencia e tolerancia. Mas e´ bem dificil. Beijos
Eli	4/25/2005 10:40 PM Conselho Tutelar...			

	first	< previous	next >	last
Anonymous	<p>4/28/2005 8:30 AM</p> <p>Caramba, Emilia. Complicado!! Tb sou professora, e aconteceu comigo caso da criança ser obrigada a ter relação com o padrasto. Só que seu caso, é mt complicado porque ela mora na rua e não tem nenhuma referencia boa em casa. Sabe, acho que seria legal começar a trabalhar com as emoções dela. Explorar isso, por meio do desenho ou de algo que ela fizesse. Devagar, e se ela se mostrar aberta descobrir como ela sente e enxerga o que se passa com ela.</p>
Anonymous	<p>4/28/2005 8:38 AM</p> <p>Sem dúvida, a influencia maior é da rua, mas alguma coisa sua fica. Quanto a alfabetização, de repente, mesclar temas ou palavras geradoras de interesse não só da turma, mas dela. Fazer muito teatro pra que ela represente diferentes papéis. Se ela não quiser a principio, começa com outros alunos. E orientação sexual mesmo. Falar abertamente já que ela conhece os fatos, até para que ela possa se prevenir. Emilia, estou de fora da situação e sei que é muito fácil falar. Sua situação e delicada e inspira cuidados e ajuda de outros profissionais. De primeiro momento, ACHO, que tentaria o que citei; até porque existem os outros alunos que tb precisam de vc. Espero que tenha ajudado em algo.</p>
Anonymous	<p>4/28/2005 8:39 AM</p> <p>Se ela foi pra VOCÊ, é porque VOCÊ É A PESSOA IDEAL PRA ISSO!!!!!! Abração!!</p>
Emilia	<p>5/19/2005 4:16 PM</p> <p>Oi gente</p> <p>Desculpe a demora. Eli o conselho tutelar já foi acionado e adivinha...não compareceram á reunião marcada. Que frustração.</p> <p>Marina obrigada pelas dicas, vc é uma pessoa muito sensível. Sabe que eu estou sendo a pessoa ideal já há três anos. Mas não reclamo. Fiz com eles uma pecinha teatral e ela adorou e participou bem. Que tipo de peça vc me sugere para que eu consiga trabalhar seu emocional? Desculpe-me a ignorância, mas em quê isso irá ajudá-la? Quanto a orientação sexual eu tenho facilidade com isso, porém terá que ser apenas com ela, pois não sei se os pais irão se sentir confortáveis com seus filhos de 6 e 7 anos falarem sobre sexo em casa. Se bem que tenho aluno nessa idade praticando em sala de aula, pasmel, sexo oral. Outro caso complicado que tenho. O que esse menino está vendo? Não vá pensar que é uma sala problemática não, aliás, esse ano estou muito feliz, pois meus alunos, além de serem lindos, são muito espertos e já tenho mais de um terço da classe alfabetizada, tendo iniciado com apenas três alfabéticos.</p> <p>Um abraço</p>
Anonymous	<p>5/20/2005 8:36 PM</p> <p>Caramba, Emilia, três anos!!!!!! Vc realmente tem algo a trocar com ela. Interessante. Bom, falando do teatro, por meio dele, ela poderá externar as emoções, apreder a lidar com as dela e vivenciar diferentes papéis. O que ela poderá perceber que existem mundos diferentes do dela, e não tão ruins. Acho o teatro muito interessante, além de desenvolver a oralidade, segurança, auto-estima, expressão corporal e mais um tanto de coisa. O tema pode ser uma história que eles tenham gostado ou um assunto de interesse da turma. Nesse caso, vcs poderiam "construir" a história juntos.</p>			

[Home](#) | [Friends](#) | [Messages](#) | [Communities](#) | [Search](#) | [What's New](#)

[girsas@gmail.com](#) | [Settings](#) | [Help](#) | [Logout](#)

Música Clássica

description: Caros amigos,

Bem-vindos à Comunidade Música Clássica!!

Aqui discutimos livremente as escolas, tendências, idéias e ideais sobre os Mestres da Música Clássica (ou Erudita, como queiram) que mexeram e ainda mexem com nossos corações e almas.

Somos muitos (quase 4500 integrantes). Precisamos seguir alguns padrões:

- Por primarmos a troca de idéias e opiniões, é fundamental o respeito e cortesia mútuos;
- Para não perdemos o foco, propagandas serão permitidas, desde que relacionadas com o tema (Cd's, VHS's, DVD's e outras Comunidades);
- Antes de abrir um novo tópico, aproveite a vantagem de agora podermos buscar por palavra chave. Clique em "Ver todos os tópicos" e, no alto da página digite a palavra em "Pesquisar este fórum". Assim é melhor para acompanharmos o rumo da conversa.

No mais, espero que aproveitem esse espaço, que é todo nosso!

Compositor:
Alexandre-César-Léopold "Georges" Bizet
(25/10/1838 - 03/06/1875)

Foto: Domínio Público.

language: **Portuguese**

category: Music

owner: [Ronaldo](#)

type: moderated

forum: non-anonymous

location: Brazil

created: May 6, 2004 8:39 PM

members: 4,355

[join](#)

[view forum](#)

[view polls](#)

[view events](#)

[invite friends](#)

[report abuse](#)

members (4,355)

[Eliane \(490\)](#)

[ju \(166\)](#)

[Gabriel \(74\)](#)

[Silziane \(311\)](#)

[Need \(406\)](#)

[Bianca \(303\)](#)

[Bernardo \(135\)](#)

[Ivan \(306\)](#)

[view members](#)

related communities

[Villa Lobos \(10,735\)](#)

[Beethoven Brasil \(11,430\)](#)

[Audições Brasileiras \(196\)](#)

[Mozart Brasil \(1,993\)](#)

[Música Antiga \(5,043\)](#)

[Pianistas e Amantes do Piano! \(23,707\)](#)

[Bach \(26,687\)](#)

[Sala São Paulo \(2,282\)](#)

[Partituras \(39,872\)](#)

forum

topic	posts	last post
Orfeu vive ! Viva Tom, Vinícius e Niemeyer !!!	2	8/13/07
VEJA O VIOLINISTA BERNARDO BESSLER NO FANTÁSTICO!!	1	8/9/07
Qual é..O Concerto..Mais Bonito pra Violino	44	7/30/07
Comunidade "Musicalização para bebês"	1	7/23/07
Festival de Música das Esferas (Valsa Santarena)	1	7/16/07

[new topic](#) [view all topics](#)

polls

none

[new poll](#) [view all polls](#)

events

title	location	when
3º ENCONTRO DE CORAIS DE LINS	Lins - SP	in 1 month
Luigi		in 4 months

[new event](#) [view all events](#)

[in affiliation with Google](#)

[About orkut](#) | [Safety center](#) | [Privacy](#) | [Terms](#)

	first	< previous	next >	last
Lucia	Dá pra viver de música erudita??? 7/20/2004 11:41 PM Muitas pessoas acreditam que é impossível viver trabalhando com música erudita. Então, muitos alunos talentosos deixam de fazer faculdade de música para seguirem outras carreiras. Tem famílias que não apoiam tb. Porém, há os que fazem, os que tentam e acreditam ser possível. Como eu por exemplo. (To no 3º ano) O que vcs acham???
Ítalo	7/21/2004 1:58 AM Acho que a questão é mais ampla. Dá para viver como músico no Brasil? No caso da música erudita, especificamente, é pior ainda, pois o mercado é mais fechado.
Vanderlei	7/21/2004 2:13 AM Com certeza não é das profissões mais fáceis: A pressão é enorme, a responsabilidade é imediata, a dedicação deve ser rigorosa, a competição é cada vez maior, e o que se recebe em troca, financeiramente falando, é pouco (pelo menos aqui em Belo Horizonte). Agora o prazer de tocar uma peça de um grande compositor, de extrair daqueles simples pontos pretos uma verdadeira obra prima é incomensurável. E, por isso, se é o que você gosta, vale muito a pena tentar, afinal de contas conheço muita gente que se sustenta, de forma satisfatória, através da música erudita. Claro que se a intenção é ganhar muito dinheiro esta não é a melhor maneira.
Anonymous	Concordo com o Vanderlei. 7/21/2004 6:33 AM No Brasil, o músico deve se sobressair bastante para ter uma boa agenda de concertos e ainda complementar o orçamento com aulas e workshops. No exterior a remuneração é bem mais digna.
Victor	Eu acho que sim! 8/14/2004 5:03 PM Pelo menos em São Paulo (é a realidade que eu conheço), dá, sim! Há um nº considerável de orquestras e bandas sinfônicas (jovens e profissionais) e um campo de trabalho até que razoável. Sem contar que trabalhar com o que se gosta, é impagável!
Wiliam	8/15/2004 10:09 AM acho q como disse o Victor, em cidades maiores sim, mas creio q no interiorzão seja mesmo difícil
Erica	Dá, em uma grande cidade 8/15/2004 9:01 PM Deve dar, afinal conheço um monte de músico profissional e eles não parecem passar fome. Conheço, no mínimo, dois profissionais que largaram a profissão deles (um era advogado e ou outro médico) para se dedicarem exclusivamente à musica (que antes era um hobby) e estão vivendo razoavelmente bem com isso (eram talentos excepcionais), um deles ganhou uma bolsa para estudar na Inglaterra e está lá hoje.
Enio	Erica desculpe, mas discordo 8/5/2005 7:12 PM Fui Diretor de Marketing da OSB e conheço muito bem a \$ituação dos músicos...vivem na pindaíba....os que vivem melhor fazem "n" trabalho para gravações, populares, etc. Se não for um Antonio Menezes, um Nelson Freire ou um Arnaldo Cohen, é melhor procurar outra atividade!
Enio	Erica, no Brasil, ok? 8/5/2005 7:13 PM É claro que existem países onde os músicos são muito bem pagos, mas o nível de exigência e virtuosismo é MUITO maior!			

	first	< previous	next >	last
Sílvia	Enio 8/5/2005 11:17 PM Acredito que não seja tão ruim assim (se vc for um bom profissional, é lógico). Conheço profissionais dessa área e ao meu ver, nenhum deles passa fome. Ok, eles trabalham insana-mente fazendo concertos, comparecendo à ensaios, dando aulas em escolas, depois dando aulas particulares, etc. Mas quando vc gosta do q vc faz, a carga de trabalho nunca é um problema! Eu sou uma que no final do ano vou sair da faculdade na qual estudo atualmente e prestar vestibular pra uma faculdade de música. Acredito que para os bons profissionais (não estou falando somente de virtuo-sismo, mas tb de dedicação e amor ao trabalho), assim como em todas as outras áreas de trabalho, a recompensa é certa. Fazer o q vc ama não tem preço...
Ines	8/10/2005 8:40 AM Eu sei que não é fácil, mas eu tenho que acreditar que um dia vou viver só de música! É isso que motiva a estudar que nem uma louca, acordar sábado de manhã para fazer aula de teoria, etc... Eu posso até não ganhar muito dinheiro, mas eu serei muuuuito feliz no dia em que trabalhar com aquilo que eu amo: música erudita!
Enio	Prezada Sílvia 8/15/2005 3:40 PM Você tem razão quanto a fazer o que gosta. Todavia, o dinheiro, por mais que sejamos desprendidos, é muito importante. É, se você tocar, der aulas, participar de gravações, tiver um grupo bom para tocar música de câmara, etc, poderá ter um bom nível de vida. Mas, para viver de forma mais folgada, deverá tocar no exterior, não tenha dúvida! Na OSB existem alguns músicos excelentes, como Marcio Malard, David Chew e outros, que são muito acima do nível do mercado e estão sempre tocando em tudo para levar uma vida de classe média. Não me consta que andem de carro importado nem que morem em apartamentos na Sernambetiba. Não suporto acabar com os sonhos dos outros, mas isso é a realidade. Abraços
Enio	Prezada Tarja 8/15/2005 3:42 PM Desejo-lhe toda a sorte do mundo, ok? Abraços
Sílvia	Enio 8/15/2005 5:59 PM Uma coisa é passar fome, passar necessidade. Outra coisa ter muita grana como alguns grandes solis-tas. O meio-termo, que seria viver sem sobras e sem faltas, pode sim ser alcançado. Há grandes nomes como vc mesmo citou (David Chew por exemplo) que levam uma vida "normal" financeiramente, mas tb existem músicos aqui no Brasil que têm o mesmo padrão de vida sem terem um nome de peso. Tocar fora do país dá mais grana? Oras, então vamos estudar pra chegar lá! Eu não vou ficar sentada olhando e lamentando a dificuldade na carreira. E sonhos podem ser destruídos, mas objetivos jamais :)
Paulo	8/18/2005 10:19 PM eu acho que qualquer profissional que trabalhe realmente bem que seja muito esforçado vai conseguir seu destaque na profissão conheço uma cantora formada em canto pós graduada e talz que com aulas apresentações e talz vive muito bem obrigado.. e fazendo o que gosta... não anda de carro importando .. mas tbm quantos brasileiros andam..???? enfim ja vi muito povo formado em direito que se não passar no concurso da OAB não sabe nem o que vai fazer da vida...			

	first	< previous	next >	last
Julio Cesar	<p>8/19/2005 4:32 AM</p> <p>Realmente a cosia eh muitooo complicada...</p> <p>Bom, eu nao sei para que lado vou.</p> <p>Toco piano a 5 anos, e de acordo com meus professores, e pessoas que ja me viram tocar estou bem afrente do que deveria estar..</p> <p>Com certeza gostaria de fazer faculdade de musica, um bacharelado em piano, quem saber ser concertista...</p> <p>Mas ai vem muitas outras coisas...</p> <p>Por exemplo:</p> <p>Vejo problemas, sociais..</p> <p>Ja sou super timido, rsrs, e algum dia quero casar-me (se conseguir uma doida), e a dificuldade que encontro com o estilon de musica que toco é enorme, pq as pessoas nao gostam e as vezes criam um certo preconceito.</p> <p>Imagina trabalhar como concertista e sua esposa nao gosta do estilo de musica? Vc nunca vai ser completo assim.. Entao acaba-se indo para outra profissao, para nao sofrer e nao ficar sosinho...</p> <p>Pelo menos este eh um dos meus dilemas, bem como a concideração proficional, e os problemas financeiros..</p> <p>Como sobreviver num pais que escuta Funk, pagode, e sertanejo, tocando musica erudita???</p> <p>Como conseguir a felicidade unindo seus maiores sonhos, sendo que aparentemente tem que desistir de um para ter pelo menos alguma coisa????</p> <p>É complicado!!!!</p>
Silvia	<p>Julio Cesar 8/19/2005 9:20 AM</p> <p>Eu acho que se uma mulher gosta de vc pela pessoa que vc é, mas “desiste” por causa do estilo de música q vc toca, essa mulher não tem NADA na cabeça e nem gosta de vc de verdade!</p> <p>Se vc quer mto seguir carreira em música, vá em frente! Te garanto que tem mulher de monte que baba por pianistas</p> <p>Sobre ganhar dinheiro ou não, isso depende do seu talento não só para tocar mas tb para aproveitar boas oportunidades.</p>
Vini	<p>aqui no Rio de Janeiro ?? 8/19/2005 9:27 AM</p> <p>Olha, que eu saiba um músico do teatro municipal é funcionário do estado e a Rosinha paga mal.</p> <p>Além disso o cara tem que ser músico de varias orquestras ao mesmo tempo gerando grande confusão.</p> <p>Dá pra viver razoavelmente numa meia água na casa do sogro em Inhaúma e levar as crianças pra fazer piquenique na Quinta.</p>
Carlão	<p>Com certeza 8/20/2005 3:10 PM</p> <p>que não.</p>			

[Home](#)
[Scrapbook](#)
[Friends](#)
[Communities](#)

lirssa@gmail.com
 [Logout](#)

Diga Sim à Pena de Morte
(6,403 members)

[join](#)
[invite friends](#)

[forum](#)
[polls](#)
[events](#)
[members](#)
[report abuse](#)

Diga Sim à Pena de Morte
Home > Communities > Diga Sim à Pena de Morte

description: Alguns crimes não merecem perdão nem uma nova chance. Um cara que entra numa casa e mata uma criança, Assaltantes que depois de roubar ainda matam um pai de família, e principalmente estupradores tem que morrer. Direitos Humanos só servem pra proteger estes animais. Se vc é a Favor da Pena de Morte, este é o seu espaço no Orkut.

language: Portuguese
category: Government & Politics
owner: Pedro
moderators: Marcelo
type: public
forum: anonymous
location: United States
created: October 5, 2004 7:28 AM
members: 6,403

members (6403)

[view members](#)

related communities

forum

topic	posts	last post
molotov em policial no rio.	5	10/28/07
a beatificação dos mártires espanhóis	2	10/28/07
Pena de Morte contra corruptos?	8	10/28/07
que tal pena de morte para invasão de fazenda	11	10/28/07
pena de morte para açassinos	20	10/28/07

[view all topics](#) [new topic](#)

O que leva uma pensa ahh..
estrupear, matar e sequestra uma pessoa? fala o pq da alternativa marcada.
Created by: Doida

☐ trauma de infância?
☐ rebeldia?
☐ duente mental?
☐ pessoa sem sentimento?
☐ outros?

☒ My vote is currently visible to others

[show results and comments](#) [vote](#)

polls

	question	votes	closes
vote	Pra vc qual eh o pior tipo de crime(se eh q existe)	66	
vote	Você é a favor de um regime autoritário?	117	
vote	Você Gostaria de ver os assassinos que mataram os pais de um garoto de 7 anos Mortos ou Presos?	253	
vote	É tiro na nuca!	174	
vote	como os bandidos q mataram esta criança merecem morrer?	318	

[view all polls](#) [new poll](#)

[About orkut](#)
[Blog](#)
[Safety Center](#)
[Privacy](#)
[Terms](#)
[Help](#)

	first	< previous	next >	last
Pâmela	PENA DE MORTE 5/28/2005 4:51 PM PENA DE MORTE SIM!!!! Dizem os opositores que os membros dessa comunidade não tem nível de discussão. 1º Entram na comunidade A FAVOR DA PENA DE MORTE,sendo que eles são CONTRA. 2º Chegam desrespeitando nossa opinião,chamando os MEMBROS da comunidade de IGNORANTES. 3º Pena de morte para assassinos,assassinos em série,estupradores,ladrões,políticos corruptos,e por aí vai... 4º Assassinos e assassinos em série porque merecem piedade por suas vidas se eles não tiveram piedade pela vida de suas vítimas,torturando-as até a morte? 5º Estupradores porque merecem piedade por suas vidas,se causaram vários problemas tanto físico como mental,torturando a vítima,sem contar que pode ter transmitido doenças sexualmente transmitidas,ter machucado suas partes genitais,até mesmo ter engravidado a vítima,forçando-a para não ter um filho de um marginal desses,recorrer ao aborto,e ter trauma de homens,até mesmo de amigos,avô,pai,tios,etc. 6º Ter piedade de ladrões?Ah,façam-me um favor,eles roubaram bens de pessoas que suaram para poder ter dinheiro,e comprar.Enquanto eles,simplesmente levaram.Merecem pena de morte também,sim.Quem me garante que esse tipo de marginal,já não é assassino,ou vai virar?Afinal eles tem muito ódio,muita raiva de quem tem bens,porque eles não tem,assim tiram a vida das pessoas. 7º Porque políticos corruptos não merecem pena de morte também?Ora,merecem sim,roubaram nosso dinheiro,que é para termos educação,justiça,sáude.Usaram nosso dinheiro,seu povo,para seu benefício. Também não merecem piedade. 8º Direitos Humanos,são direitos de marginais,e não nossos,pois não nos defende,defende aos marginais. 9º No momento que assassinou,estuprou ou roubou não é mais gente,pessoa,ser humano,pois tirou a vida de outra pessoa,tirou o bem de outra pessoa.Assim não merece defesa também. 10º Crime com provas e em flagrante não merece defesa,deve ter a pena de morte o mais rápido possível,antes que destruam outras famílias com as barbaridades desumanas que esses marginais são capazes.
Pâmela	5/28/2005 5:09 PM 11º Sou CONTRA O DESARMAMENTO SIM.Uma arma que o cidadão pagou R\$1.500,00,querem que entregue por R\$50,00.Querem desarmar a população ordeira,e que não reaja aos assaltos.O marginal é claro que não entrega a arma,tendo a arma,e sabendo que a população ordeira está desarmada e que não vai reagir,ele assalta com tranqüilidade.E tem vezes que mata,mata por ódio,raiva da pessoa ter o que ele não tem,e por prazer. 12º Mentira a anedota "roubou por sobrevivência",pessoa com caráter,índole,não rouba de forma alguma.Se fosse assim,todos os pobres,todas as pessoas frustradas que não podem comprar tudo o que querem sairiam para roubar.E não batalhariam,procurariam pela vida fácil.O marginal virou ladrão porque quis,essa anedota "a sociedade que o fez assim" é mentira,todo mundo sabe o que é certo e o que é errado desde pequeno,e fazemos nossas escolhas,e então temos que saber arcar com as consequências. 13º Sou a FAVOR DO CONTROLE DE NATALIDADE.Ora,rico que é rico,tem um filho,dois no máximo.Pobre tem em média cinco filhos,fora os que tem oito,nove.É de dar indignação ver aqueles miseráveis,que não tem o que comer,e tem uns dezessete filhos,mas o que é isso?Estão colocando uma corja de ladrões,e "fazedores" de ladrões no mundo.Castrar os pobres depois que teve um filho,não tem o que comer,um filho já basta.E tentar ajudar esses milhões de pobres espalhados pelo Brasil. 14º Podem me chamar de comunista,que eu deveria morar na China,mas é verdade,os brasileiros não se conscientizam da gravidade das coisas que estão ocorrendo no nosso país,ainda comparam o Brasil,país subdesenvolvido,com países como a França,e outros países desenvolvidos.Sendo a favor do desarmamentos,contra o controle de natalidade,contra a pena de morte,para mim essas pessoas SÃO A FAVOR DA CRIMINALIDADE,A FAVOR DESSES MARGINAIS,afinal ELES DEFENDEM MESMO.Na maior cara de pau,com os "Direitos Humanos" = "Direitos dos Marginais".
Anonymous	Sim 5/28/2005 5:38 PM Eu concordo com você...absolutamente
Pâmela	5/30/2005 3:08 PM Eu acho que seria muito bom haver outras chacinas,como a do Carandiru,e é um absurdo julgarem os que matam os marginais seja em legítima defesa ou não.Um marginal a menos,tem mais é que agradecer.			

	first	< previous	next >	last
Diego	Concordo 5/30/2005 8:56 PM Pena capital para crimes hediondos e e aos "fregueses" de penitenciária. Desarmamento é palhaçada, bandido nunca é desarmado, e possui "desert eagle 9mm", .40, AR 15 e por aí afora. Controle de natalidade sim, a casa está enchendo, daqui há pouco vai jogar gente pelo ladrão (se já não estiver).
Fabiana	5/30/2005 8:31 PM Eu concordo com a pena de morte....ladrão não rouba porque seus filhos estão passando fome (o quet-bm não justifica este tipo de atitude) pois conheço várias pessoas que lutam e sentem orgulho disso... e sim porque são gananciosos...querem ter mais que todo mundo....um ladrão a menos é sim um alívio... não tem concerto...podem dizer que é falta de terem tido educação etc etc...mais quer dizer que quem paga por isso somos nós? O ladrão fica solto e nós ficamos presos em nossas casas? não vou concordar nunca...mesmo que as pessoas que sejam contra a pena de morte escrevam os melhores argumentos do mundo... No ano passado fui sequestrada no dia 2 de junho e passei 19 dias em cativeiro...amarrada...sendo ameaçada...no escuro sem saber se o pesadelo teria fim...qdo fui libertada vi que o pesadelo havia apenas começado...vai fazer 1 ano...e o pesadelo permanece... Por isso deixo aqui o meu desabafo...eu sei o que ouvi deles...e sei que não tem concerto....por isso SOU SIM A FAVOR DA PENA DE MORTE!!!!
Enrico	Direitos DESUMANOS!!!!!!! 5/31/2005 6:36 AM Enquanto um trabalhador da indústria luta para sobreviver com um salário mínimo ou quando muito chega a dois e com essa merreca tem que bancar alimentação, moradia, transporte, educação para os filhos, saúde e tudo o mais e ainda quando chega à fila do SUS o cara corre o risco de morrer na calçada conforme vocês devem ter assistido nos telejornais por aí. O Bandido, autor de crimes hediondos vai para a cadeia com direito á. 1. Alimentação (Inclusive com supervisão de nutricionista para o preso ter dieta balanceada) 2. Moradia (E se os filhos da puta queimam os colchões em rebelião vem um novinho). 3. Saúde (Vai ver se tem antibiótico na farmácia do Sus, mas no presídio tem). 4. Visita Intima (Essa mata, só no Brasil uma palhaçada desse tamanho) como diria Boris Casoi "Isso é uma VERGONHA"... 5. Indulto de Natal (Que, que é isso pessoal, desde quando assassino é religioso agora????) 6. Redução da Pena caso ele trabalhe dentro do presídio. (Putá que pariu, o cara tinha era que ter trabalho forçado, braçal, 16hr's por dia para pagar a comida que come). 7. Banho de Sol (essa é boa tbm, só falta levarem os caras para a praia... 8. Entretenimento (Esses dias vi uma reportagem onde um grupo de presos organizava um campeonato de futebol amador num presídio) 9. Entretenimento2 (Outro dia vi um grupo de teatro dentro de um presídio) 10. Entretenimento3, o mais cabuloso (Lembram daquela moça que posou nua para uma revista de dentro de um presídio??) 11. Comunicação (Ainda não resolveram a questão dos celulares nos presídios) Por essas e outras que eu sou a favor de matar tudo esse bando de filhos de uma puta, e acho que são literalmente filhos de uma puta. Por que se tem algum culpado nessa história é essa gente que enche o mundo de filhos e depois para não ter que agüentar o rojão de sustentar e educar deixa aí pelas ruas para que se formem novos bandidos. To revoltado hoje, juro que se eu tivesse um ("F15") com algumas bombas soltava em cima de tudo que é presídio que eu achasse.
Patrik	Vejamos do ponto de vista matemático 5/31/2005 6:01 PM Sendo uma sociedade dividida em cidadãos e criminosos, o desarmamento promove uma diminuição das armas em poder dos cidadãos (ou alguém acredita que um traficante irá entregar alguma arma??) Logo, a atual política de desarmamento é igual a uma política que fornecesse armas aos criminosos (desarmar um lado é igual a armar o outro) Portanto sou radicalmente contra o desarmamento e a favor da pena de morte sim. Talvez a pena de morte não acabe com a criminalidade, mas certamente o faz com a reincidência!
Diego	Sim 6/1/2005 4:17 AM Talvez a pena de morte não acabe com a criminalidade, mas, certamente, ACABA COM O CRIMINOSO!!!			

	first	< previous	next >	last
Dalton	minha opinião 6/3/2005 7:13 AM casos de pena de morte 24/5/2005 06:06 pessoal, gostaria de saber sua opinião... sou favorável à pena de morte, sem restrições para: 1 - traficantes de drogas e armas (desde que provado que não é usuário e trafica há algum tempo) 2 - ladrões de dinheiro público (inclusive estes que vivem posando de defensores dos cidadãos e de direitos humanos) 3 - sequestradores (o crime mais covarde que existe) aqui no Brasil, só se fala sobre os casos de homicídio, que na minha opinião, são muito discutíveis.
Karina	6/3/2005 5:29 PM “matem os bandidos, corruptos, assassinos, estupradores e merdas do gênero, antes que eles te matem” meu pai levou um tiro, e os direitos humanos foram é ver como tava o bandido, e não o meu pai, que tava quase morrendo numa cama de hospital. direitos humanos só funciona pra bandido puta que o pariu! que ódio!
Wilson	Regime talibã 6/3/2005 8:18 PM Sou a favor da implantação de um código penal talibã no Brasil. Estamos chegando a um ponto em que poderá não haver mais retorno. É imediata a necessidade de uma “limpeza” na sociedade brasileira. Coronel Ubiratan para presidente!!!
Pâmela	6/4/2005 7:11 PM Carmem é bem assim, mas que merda de “Direitos Humanos” é esse. Tem alguns pais que nem querem mais saber desses marginais que não tem mais conserto, até é um alívio para a família, que eles fiquem presos mesmo, e se forem mortos, melhor ainda para a sociedade. Tinha que acontecer uma chacina que nem a do Carandiru novamente, e olha, palhaçada trataram essas pessoas que nos fizeram o bem, aliás mataram marginais, entre eles, pode estar marginais que quando forem liberados, podem fazer algum mal para nós, ou até mesmo para alguém próximo... Pessoal, e muito obrigada pela atenção...
Milena	6/26/2005 2:59 PM Eu concordo plenamente com a pena de morte. Aliás, tenho uma ideia que considero perfeita para resolver o problema da superpopulação carcerária e dos altos índices de criminalidade: Quando o cara comete crimes de menor gravidade, que não atente contra a vida de outrem, da 1ª vez ele vai preso, mas é preso mesmo: situação de bola de aço no pé e pôr o vagabundo a trabalhar, e o dinheiro que for gerado com o trabalho dele, vai para a família que ele deixou lá fora, se esta quiser que mande roupa, comida e colchão para ele queimar, senão, vai depender da boa vontade dos outros presos. Em caso de reincidência, ou crimes chamados ediondos, é bala nele; é impossível alguém ser condenado duas vezes erroneamente, e se for, o cara é tão azarado que é melhor morrer mesmo; e é a família quem paga a munição. O Estado não tem que ter custo nenhum para bancar marginal. Duvido que isso não resolveria o problema!
Lucas	6/27/2005 6:58 AM Na verdade, esse é um tema muito intrigante. Sou a favor da pena de morte por entender que um cidadão que estupra bebês, velhinhas e até doentes mentais não têm salvação nem recuperação. Não merecem nada. E nada, é não fazer mais parte desse mundo, para que não faça mais famílias de bem sofrer, inclusive e muitas vezes, a dele próprio. Pergunte aos familiares de um “indivíduo” que estupra a própria filha, se quer que ele continue vivo? Direitos humanos, foi idealizado para defender os que são violados em seus direitos e essa esquerda burra, transformou em bandeira social. A sociedade, com o passar do tempo e com a inércia da justiça e o aumento desses falsos defensores dos direitos humanos, vai passar a fazer justiça com as próprias mãos, e aí será tarde para tomar providências. Ora, já pensaram se as pessoas vítimas desses delinquentes anormais resolverem pagar com a mesma moeda? Aí não será mais o órgão de defesa dos direitos humanos quem vai atuar, e sim, a sociedade proteora dos animais!!!			

	first < previous next > last
Régis	<p>6/27/2005 10:29 AM</p> <p>eu sou contra a Ditadura mas acho que ao ponto que a sociedade brasileira chegou seria bom que tivesse um regime desse temporal para reestabelecer a ordem da sociedade. A pena de morte seria um modo de inibir os assassinos antes de qualquer ato que ele venha cometer e caso cometa ser punido com a própria vida pois não estamos mais vivendo no meio de homens e sim de animais selvagens</p>
Tarso	<p>6/27/2005 11:07 AM</p> <p>Não sei se vai fazer outros bandidos pensarem duas vezes antes de cometer algum crime, mas com certeza vai fazer com que aqueles que já o fizeram sejam punidos de forma eficaz, diminuindo o contingente prisional e as despesas dispensáveis que nossos impostos pagam.</p>
Tarso	<p>6/27/2005 7:20 PM</p> <p>Mas eu não tou falando do Brasil... Eu estou falando do cidadão HONESTO brasileiro que não tem que sustentar o seu próprio câncer.</p>
Caio	<p>DIREITOS HUMANOS 6/27/2005 10:00 PM</p> <p>todo mundo têm seus direitos reservados até infringir o direito alheio, quem viola o direito alheio perde o seu direito. Simples assim.</p>
Éverton	<p>6/28/2005 12:30 AM</p> <p>vê-se que alguém aprendeu lição de direitos humanos com desenhos animados</p>

[Home](#) | [Friends](#) | [Messages](#) | [Communities](#) | [Search](#) | [What's New](#)

[girssa@gmail.com](#) | [Settings](#) | [Help](#) | [Logout](#)

[join](#)
[view forum](#)
[view polls](#)
[view events](#)
[invite friends](#)
[report abuse](#)

Eu não tenho religião

description: Para vc que não tem nada contra as religiões, respeita todas, mas que não tem uma específica, ou seja, para vc q é espiritual e acredita em Deus apenas ou não.

language: **Portuguese**
category: Religion & Beliefs
owner: [Mistress](#)
type: public
forum: non-anonymous
location: Brazil
created: September 1, 2004 12:52 AM
members: 3,885

forum

topic	posts	last post
Quem come carne na Sexta-feira Santa?	34	8/7/07
dEUS	1	8/5/07
Quem acredita em Deus?	65	8/2/07
TESTE: Qual a sua religião?	44	7/29/07
PORQUE?	4	7/28/07

[new topic](#) [view all topics](#)

vote on this poll

QUAL A RELIGIÃO QUE MAIS ALIENA A HUMANIDADE?

Created by: [DarthCorvo](#)

- ☐ CATOLICISMO
- ☐ PROTESTANTISMO
- ☐ ESPIRITISMO
- ☐ TODAS
- ☐ NENHUMA
- ☐ OUTRAS (DIA QUAL NO COMENTARIO)

☒ My vote is currently visible to others

[vote](#) [show results and comments](#)

[new poll](#) [view all polls](#)

events

title	location	when
As 4 Incriveis 2007	SP	in 1 week

[new event](#) [view all events](#)

members (3,885)

[Alan \(496\)](#)
[Jussara \(33\)](#)
[Thiago \(424\)](#)
[Guiqo \(90\)](#)

[Rodrigo \(80\)](#)
[Ariane \(134\)](#)
[tap \(262\)](#)
[Lara \(260\)](#)

[view members](#)

related communities

[Homem se pisa com salto fino.. \(8\)](#)
[Eu quero uma vaca de coca!!!! \(406\)](#)
[Eu pego sotaque dos outros! \(99\)](#)

[Ninguém morre disso!!! \(135\)](#)
[Só eu sei o que eu passo... \(16\)](#)
[Foda-se que coca desentope pia \(126\)](#)

[Eu sou de todas as cores \(137\)](#)
[Tenho pegada desde que nasci \(5\)](#)
[Me leva com vc? \(5\)](#)

[in affiliation with Google](#)

[About orkut](#) | [Safety center](#) | [Privacy](#) | [Terms](#)

	first	< previous	next >	last
Marcelo	Pq vc num tem religião? 7/6/2005 9:43 PM Eu num tenho pq eu tenho minha p'pria tese, tenho um conhecimento da bíblia tento seguir o q está nela!
Cláudio	oo*_*oo 7/7/2005 2:29 PM EU NUNCA FUI MUITO COM A CARA D SEGUIR ALGUMA COISA!!!! PREFIRO ACREDITAR NO Q EU QUISER SEM FIK SEGUINDO REGRA NENHUMA!!!! EU AXO Q RELIGIAUM E IGREJA EH MEIO Q UM JEITO D CONTROLAR AS PESSOAS!!!!
Débora	Sem regras 7/9/2005 3:16 PM Não acho que preciso seguir regras ou deixar de fazer algo que gosto para que Deus ou outro ente de determinada crença cuide ou me ajude nas horas apertadas... Além do mais... muitas carolas, muitos padres, muitos líderes religiosos fazem tanta safadeza e ainda querem que nos espelhemos neles e ficam nos julgando... Não sigo nenhuma religião... mas sei que sou limpinha!!!
Vanessa	7/10/2005 6:59 AM Concorde com a Débora. E prefiro fazer as coisas do meu modo, acreditar no que eu quiser e como quiser,sem regras. Eu ã tenho religião, mas "bebo de todas as fontes" gosto por exemplo, de filosofia do budismo, dos santos do catolicismo (mas ã da maneira como apresentam eles,mas da MINHA MANEIRA) ,da união do judaísmo, nas tradição das afro,como a umbanda, enfim acho que todas tem algo bom, mas em contrapartida tem uita coisa que ã dá, né...Ñ vou seguir nenhuma, mas respeito todas,CONTANTO QUE ME RESPEITEM...tenho minhas próprias crenças e pronto!
Renata	simples... 7/10/2005 11:54 AM Eu era católica... mas nunca fui mto assídua às missas e eventos da igreja... enfim... era oq todo mundo chama d "católico não praticante" ... Até q um dia, fiz um retiro (mto bom por sinal).. no qual o padre falou q ã existia essa d "não praticante"... entaum decidi: Se ã pratico não sou e pronto! Acredito mto em Deus e nas coisas boas e isso pra mim, desde então tem sido suficiente! Não sigo nehuma outra regra além d : cultivar o bem sempre q possível! :) Um grande bjo!
Ariel	7/10/2005 9:15 PM Pq a religião é o método mais fácil de ser manipulado desde a forma de pensar até seu jeito de agir
Bianca	7/11/2005 6:34 PM Pra mim,crer em D's e ama-Lo é o suficiente,n gosto de normas,preceitos...tenho minha espiritualidade,eileo a bíblia,converso com D's em fim,to feliz assim
Juju	Religião, pra que?? 7/13/2005 6:15 PM sempre fui católica e minha família acha que ainda sou.... + um dia comecei a perceber que a grande maioria das religiões eram extremamente contraditórias e estavam sempre arrumando uma nova desculpa para manipular os fiés e algumas Igrejas até pedem dinheiro e posses, isso eh um absurdo!!! Hoje, acredito que o ser humano não eh nd para afirmar que as coisas devem ser assim ou assado, e que pode-se intepretar as mesma coisa de 1001 formas... o melhor eh viver a vida normalmente sem se preocupar com qualquer religião...
Marina	7/14/2005 11:48 AM Eu defino essa tese da seguinte forma. não tenho religião porque a religião estraga as pessoas, destroi famílias, afasta enti queridos e amigos, elas ficam abitoladas, so querem viver pra isso. Resumindo axo q a religião afasta as pessoas da verdade que é Deus, Jesus e Espirito Santo, só acredito na trintade, e já a oportunidade d conhecer todos os lados da religião, estou falando daquilo que vivenciei. Essa é minha opinião e respeito quem pensa d forma contrária a minha.			

	first	< previous	next >	last
Beatriz	7/15/2005 12:56 AM Religiao serve p/ manipular as pessoas p/ amar a DEus e seguir seus mandamentos naum e precisu ir a igreja x, e sim areditar....em partes da biblia Deus s refer em igreja mas,na minha opiniaum a igreja d Deus e nossu espiritu e nosso coração naum 1 monte d tijolo e pessoas ditadaum o q v deve ow naum fazer
Sílvia	7/15/2005 11:36 PM Eu fui criado numa família muito católica (daquelas bem chatas mesmo). Fiz catecismo e até me crismei. Inclusivem foi durante a crisma que a Igreja Católica começou a ruir pra mim. Até então eu não tinha pensado muito sobre Deus e tal, mas aí comecei a me interessar mais depois de ler um livro de Paulo Coelho q tinha umas colocações muito interessantes. levei (todo inocente) uma mensagem dele para a crisma. Aí a muié me fala q não podia levar em conta pq ele não era da nossa religião. Aí em pensei: Porra! Mas que coisa ridícula! Se Deus é um, q importa se quem esteja falando Dele seja dessa ou dakela religião? Crismei, para fazer imagem na família e nunca mais me considerei católico, fui procurar uma ideologia mais de acordo com as minhas idéias. Frequentei a Umbanda e lá me recomendaram ler os livros o Espiritismo. Gosto das duas, mas não me considero parte delas, pq há coisas nelas q eu não concordo 100%.
Zé Paulo	7/16/2005 10:26 AM Seguinte, não tenho religião porque não concordo com as ideologias de nenhuma delas. Eu acredito em algo maior que é Deus, eu converso com ele e isso me basta. Não existe essa de o padre ser o representante de Deus na terra, todos tem os mesmos direitos e deveres. A religião, ou melhor, uma igreja ideal, seria aquela em que houvesse uma mesa redonda onde todos debateriam problemas, conversassem, igualmente, sem lideres e corjas.
Daniela	pq... 7/16/2005 3:41 PM Bom p/ começah, eu amo a Deus + ateh hj não axei nehuma religião que satisfaça o meu pensamento pq eu credito qre Deus eh uma força benígna , + não acredito nas coisas de tpw Noé, Moisés e talz, intaum eu naum tenhu religião + antes eu ia na igreja Adventista, muito boa tb, + tinha mtas coisas que eu não concordava... soh...
Clarisse	7/16/2005 6:31 PM eu naum tenho religião pq naum acredito em deus da maneira em q mtas religiões colocam..acedito apenas na existencia d uma força maior e naum dou essa força o nome de 'deus'..
Marcela	eu naum tenho religião pq... 7/17/2005 7:54 PM isso naum qr dizer nd... Oq adianta ter religião, soh pra dizer q tem? naum gosto de crenças e axo q a igreja católica eh a pior, sempre qrendo manipular as pessoas, tentando por medo nelas, usando o nome de Deus... Acredito em Deus e isso eh o suficiente, por que ninguém além dele tem poder de nd... essas crenças são td conversa... mais nd contra!!!
Alan	Efeito Borboleta 7/18/2005 7:11 AM Por ironia do destino chamo-me Alan Cardeque. Não tenho religião simplesmente porque prefiro neutralizar-me de todo esse preconceito que todas elas carregam. Outro detalhe, é que todas as religiões convergem para o lado financeiro de alguma forma. Elas pregam o desapego as questões materiais, e no entanto, formam verdadeiros conglomerados comerciais. Prefiro acreditar na lei do retorno, e suas consequências: Causa e efeito. Experimentem criar seus filhos com amor e dedicação, que vcs compreenderão o que eu estou tentando dizer. Não obstante, infelizmente, fé é toda certeza que dispensa provas. Engraçado: Dizem que não se deve discutir religião, mas já pararam para pensar que isso não tivesse ocorrido, todos nós seríamos católicos...e a internet, celular, etc... jamais teria existido?
Fabiano	7/19/2005 11:08 AM Deus não teve religião, por isso eu não tenho nenhuma!!!!!!! DEUS É MINHA RELIGIÃO			

	first	< previous	next >	last
Fabiano	7/19/2005 12:05 PM Deus não teve religião, por isso eu não tenho nenhuma!!!!!!!! DEUS É MINHA RELIGIÃO
Richard	7/23/2005 10:48 PM porque ã me iporto com isso

- join
- view forum
- view polls
- view events
- invite friends
- report abuse

AYRTON SENNA ETERNAMENTE!!!

description: ESSA COMUNIDADE É MINHA HOMENAGEM AO MELHOR PILOTO DE FÓRMULA 1 DE TODOS OS TEMPOS...
AYRTON SENNA FOI E SEMPRE SERÁ O MELHOR!!!

language: **English (US)**

category: Cities & Neighborhoods

owner: [Michelle](#)

type: public

forum: anonymous

location: 132051, Brazil

created: July 9, 2005 12:27 PM

members: 564

forum

topic	posts	last post
FESTA JULINA CENTRO BRITÂNICO E FERMATA!!!	1	6/27/07
ENTREVISTA E ALMOÇO COM BANDA NX ZERO!!!	1	6/19/07
Acidente com o grupo RBD !!	1	6/12/07
Sobrinho de Senna pilotará Ferrari..!!	1	6/10/07
Fotos exclusivas de F1	1	5/11/07

[new topic](#)[view all topics](#)

vote on this poll

Quem é (era) o melhor piloto de F1?

Quem é ou foi o melhor piloto de Fórmula 1 de todos os tempos?

Created by: [Carlos](#)

- ☐ **Aytonr Senna**
- ☐ **Michael Schumacher**
- ☐ **Allan Prost**
- ☐ **rsrsrsrsrs Rubinho pé de Chinelo**
- ☐ **Fernando Alonso**
- ☐ **Juan Manoel Fangio**
- ☐ **Outro**

☒ My vote is currently visible to others

[vote](#)[show results and comments](#)[new poll](#)[view all polls](#)

events

title	location	when
Provedor gratuito paga EM DINHEIRO pra você usar	Internet	in 4 months

[new event](#)[view all events](#)

members (564)

[view members](#)

related communities

	first	< previous	next >	last
Paulo	Que piloto supera ou iguala a Ayrton Senna? 7/14/2005 8:26 PM Nunca nenhum superou e nem se igualou a Ayrton, e dificilmente irá se igualar, e afirmo nunca nenhum irá superar.
Gustavo	Galera nossa geração.. 7/14/2005 9:53 PM Galera tem gente que vem ao mundo, passa na velocidade de um raio e desaparece.. Senna foi um desses, nossa geração não vai ver mais um cara desse tipo, na fórmula um..... quando isso acontecer todos nós aqui não estaremos mais vivos pra saber.. Quem sabe nossos filhos, possam vêr algo assim ou parecido!!!! Abraço a todos!!!
Igor	Q? 7/14/2005 8:59 PM Vei q pergunta absurda! Ninguém pow ninguem Senna era o mestre dos carros... o mestre veiii... o kra ganhou um corrida quase dando retadatalio no 2º colocado fato inedito e inuca na Historia da F1 pelo amor d deus q o resto do pessoal n faça mais um comentariu deses.... Nunca sera Igual... o melhor até hj recodista d Polis Senna ia pa vencer... ele n é q nem rubinho q se contenta com 2º e 3º n! ele so olhava po 1º senna era ousado Nunca ninguém Igual
Vitor	Schummy, sem dúvida. 7/14/2005 10:32 PM Dá para questionar? 7 título mundiais, melhor média de corridas/vitórias da F1, 85 vitórias(acho que é isso pois já perdi a conta) e por aí vai. Admiro o Senna, será sempre o meu maior ídolo, fez corridas mais espetaculares que o Schummy, mas, infelizmente, não dá para comparar. A realidade é que, provavelmente, nenhum outro piloto vai atingir os números do cara.
Fernando	cara, que schumacher o q!!! 7/15/2005 1:24 AM cara, o Senna morreu cara, se ele tivesse vivo provavelmente o shummy ia ser um rubinho ou um irvine, o cara conseguiu chegar aonde chegou pq teve o melhor carro, quando naum tem veja o que acontece, o Senna venceu corrida com 2 marchas, ele naum ganhou só na McLaren, vê se o schumacher venceu quando estreou na f1, Senna é incomparável, ele tinha raça, o schumacher nunca chegará perto do que o Senna foi... ainda mais pq Raikkonen ta chegando pra dominar a f1.
Fernando	Ahhh 7/15/2005 2:25 AM eskeci de dizer... o schumacher naum tem cárater...
João	Senna é Senna 7/15/2005 2:02 AM Schumacher só ganhou o que ganhou pq quase sempre teve o melhor carro, a melhor equipe e NÃO TEVE adversários à altura dele... Senna correu contra Mansell, Prost, Piquet... caras que são lendas vivas e campeões (com méritos) da F1. Schumacher correu contra quem? Damon Hill? Villeneuve? Hakkinen? E vejam só....se ele é TÃO BOM quanto dizem, pq não foi campeão contra esses caras? Pq ele precisa TRAPACEAR e jogar o carro contra o adversário pra ganhar? Pq ele precisa de uma equipe toda a favor dele pra prejudicar seu companheiro de equipe? E o caráter dele, precisa comentar??? Acho que já dá pra perceber que ele, apesar de ostentar títulos e recordes, nunca vai ser o que o Senna foi.			

	first	< previous	next >	last
Junior	Até hoje nenhum 7/15/2005 4:43 AM E acho difícil alguém superar. Momento bom de ver será quando as novas regras da Fórmula 1 entrarem em vigor. Entre elas: 1. Fim do controle de tração 2. Câmbio fora do volante (antigo manual) 3. Embreagem no pé 4. Um único fornecedor de pneu Pilotar na Fórmula 1 de hoje é fácil em relação aos tempos de Senna, Prost, Piquet, Mansell, etc.
Carlos	senna? 7/15/2005 5:24 AM o unico piloto q pode chegar na grandeza de senna nao anda de carro! é valentino rosse! pelos titulos forma com q parte pa dentro entre outras qualidades! abracos
Alberto	7/15/2005 4:33 AM O Carlos falou tudo, só o Rossi mesmo. Queria ver o Schummy ganhando tudo q nem ganha na época de Senna, Prost, Mansell, Piquet e outros.
Marcelo	Vitor... 7/15/2005 5:06 AM Números são números... "carreras son carreras", como diria Fangio... e que grandes carreras construíram a carreira do Ayrton não?
Anonymous	Senna 7/15/2005 5:11 AM Um vencedor não se faz por recocordes, mas sim por caráter, por competencia, e principalmente garra. O Senna correu numa época em que os carros eram levados praticamente só no braço, hoje a tecnologia ajuda muito. O Schumacher é um piloto muito bom, só que teve melhor equipamento, melhor estrategista, melhor pneu, e inclusive o melhor companheiro de equipe que fazia o possível pro alemão ganhar... e o Senna quando ganhou na Lotus? Quando correu com duas marchas? Quando teve um companheiro de equipe ele abriu mão de ser o 1º piloto? O seu companheiro era Prost e eles brigaram cada volta para alcançarem a vitória. Com quem o schumacher concorria nos anos em que foi campeão? Pois é, pra superar o Senna não basta ter títulos e recordes, tem que SER UMA LENDA!!!
Fábio	NUNCA 7/15/2005 5:18 AM NUNCA PODEREMOS DIZER QUE ALGUÉM É MELHOR OU IGUAL AO SENNA, CADA PILOTO TEM SUA ÉPOCA.... MAS O SENNA COM CERTEZA É INSUPERÁVEL, O MELHOR PILOTO QUE JA EXISTIU E NUNCA TEREMOS A CERTEZA DE QUE ALGUM OUTRO É MELHOR... O SHUMACHER ? BEM... ESTE É BOM, MAS IMAGINEM O SENNA COM A FERRARI DO SHUMI.... NEM IA DAR GRAÇA !!! SENNA É IMORTAL, INCOMPARÁVEL, ÍDOLO, MITO !!! SENNA NÃO MORREU !!!
Luciano	incomparavel 7/15/2005 3:35 PM Ninguém se iguala a ele, nem mesmo esse alemão é melhor!!quero ver se o alemão ganharia todas aquelas q ganhou!!
Flávio	dúvida!! 7/15/2005 7:38 PM sem duvida...Ayrton Senna por vários motivos: entendia tudo sobre macânica de carro, tinha braço pra pilotar quando o carro em sua época quebrava mais do q hj, era líder e respeitado por todos os adversários, até hj é recordista de pole position e quem mais ganhou em mônaco, na chuva fazia miséria, correu contra grandes campeões e venceu, só não foi tetra pq o prost o tirou da pista, etc, etc, etc... agora os amigos me respondam: CITEM 03 (EU DISSE APENAS 03) GRANDES ULTRPASSAGENS (NA PISTA)DO FARSANTE SCHUMACHER EM SUA CARREIRA?			

	first	< previous	next >	last
Alexandre	boa Flávio! 7/15/2005 7:35 PM eh...o schumacher so ganha pq tinha um carro muuuuuuito superior ao dos outros...mas lembrem q na época de senna ele tinha um carro mto inferior do q a williams imbatível de Nigel Mansell...e mesmo assim ganhou! eh...senna eh incomparável! um genio! um mito! nao teve nem terá ningm igual a ele!depois dele vem.. 2º Allan Prost(ganhou 1 campeonato no roubo diga-se por passagem) 3º Nigel Mansell 4º Piquet 5º Juan Manoel Fangel(eh assim q escreve?) 6º Schumacher ...e por ai vai...desculpa se me esqueci de algm ta?
Roberto	7/15/2005 8:00 PM Shumacher ganhou tudo...Hepta mundial
Tiago	Sim Houveram pilotos 7/15/2005 8:13 PM No nível de Ayrton Senna.. Alain Prost foi um deles...
Caio	Pra mim só um... 7/15/2005 11:19 PM ...chegou perto, foi Allan Prost, como o Senna esse francês tb fazia (mas não com tanta constância) "misérias" em algumas corridas. Mas além de Senna ser sempre excessivamente rápido em pista seca, na chuva ele ridicularizava qq oponente, até mesmo o Shummi (lembra de Donnington Park em 93) que muitos dos colegas, que creio não acompanharem com frequência provas da F1, tentam colocá-lo no mesmo nível que nosso Ayrton. À estes, sugiro comecem a se interar mais sobre o assunto, consultar fontes, ver opiniões de pilotos, especialistas e público (na Inglaterra, Itália e até Alemanha o Senna ganhou em pesquisas de opinião pública) e por fim assistir mais assiduamente F1 e procurar vídeos de corridas do Senna antes de escrever algo tão absurdo. Abrç a todos.
Vitor	Mito 7/15/2005 11:08 PM Com certeza o mito ficou, pois morreu na pista. Acompanhar Caio, eu acompanho, leio e tenho todo tipo de informação disponível para opinar sobre F1 e qualquer categoria de automobilismo. Comparar é difícil, mesmo porque o Shumacher estava iniciando sua trajetória ascendente na F1 quando o Senna morreu. O único período em que os dois tiveram carros de ponta (1994), o Senna faleceu na 4a. corrida do ano. Mesmo assim, o alemão já estava 3x0 no Senna. Vale lembrar que quem precipitou a aposentadoria de um dos maiores pilotos de todos os tempos - Nelson Piquet - foi ele, na própria Benetton. Como eu disse anteriormente, Senna foi genial, meu maior ídolo no esporte, mas sem dúvida nenhuma, o alemão, se tivesse corrido na mesma época de Mansel, Senna, Prost, Piquet e Lauda, ia fazer frente. Com certeza, não teria a quantidade de recordes que tem hoje, mas certamente seria lembrado como todos os citados. Se a época de seu domínio foi de pilotos medíocres, sorte a dele, mas dar uma patriotada, esquecendo, inclusive de mencionar Emerson, que foi com a cara e a coragem para a Europa, em uma época em que a F1 não tinha 10% da segurança que existe hoje, abrindo as portas do automobilismo europeu para o Brasil, ganhando de feras como Jim Clark, como todos acima fizeram, aí beira a falta de bom senso. Abs.			